

AUTOR DA ACLAMADA SÉRIE
"AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO"

GEORGE R.R.
MARTIN

A MORTE DA LUZ

leYa



GEORGE R. R. MARTIN

A MORTE DA LUZ

Tradução Marcia Blasques

LeYa
2012

Prólogo

Um planeta errante, um viajante sem objetivo, um pária da criação; esse mundo era todas essas coisas.

Havia incontáveis séculos ele seguia, sozinho, sem propósito, entre os frios e solitários espaços entre os sóis. Gerações de estrelas haviam sucedido umas às outras em imponentes enxames que preenchiam seu céu desolado. Ele não pertencia a ninguém. Era um mundo em si mesmo, inteiro. Em certo sentido, não era nem mesmo parte da galáxia; seu percurso irregular atravessava o plano galáctico como um prego introduzido em uma mesa de madeira redonda. Não fazia parte de nada.

E o nada estava bem perto. Na aurora da história humana, o planeta errante perfurou uma cortina de poeira interestelar que cobria uma área minúscula perto da borda superior das grandes lentes da galáxia. Um punhado de estrelas estava além - trinta ou quase isso, um mero punhado. Em seguida, o vazio, uma noite maior do que qualquer mundo errante já conheceria. Ali, passando por aquela sombria região de fronteira, ele se deparou com os povos devastados.

Os Imperiais da Terra o encontraram primeiro, no auge de sua vertiginosa embriaguez expansionista, quando o Império Federal da Antiga Terra ainda estava tentando governar todos os mundos povoados pelo homem através de abismos imensos e impossíveis. Um bombardeio chamado Mao Tse-tung, avariado durante uma incursão contra os hranganos, com a tripulação morta em seus postos, os motores ligando e desligando alternadamente, tornou-se a primeira nave do reino humano a seguir à deriva para além do Véu do Tentador. O Mao era uma nave abandonada, sem ar e cheia de cadáveres grotescos que tombavam sem rumo pelos corredores e esbarravam nos anteparos a cada século; mas os computadores

ainda funcionavam e cumpriam obstinadamente seus rituais, esquadrinhando bem o bastante para notar o planeta errante em seus gráficos quando a nave-fantasma passou a poucos minutos-luz dele. Quase sete séculos mais tarde, um cargueiro de Tober tropeçou no Mao Tse-tung e nessa anotação. Mas então isso não era novidade; o mundo já havia sido encontrado novamente.

Célia Marcyan foi a segunda descobridora. Seu Perseguidor de Sombras circulou o planeta escuro por um dia inteiro, durante a geração do interregno que se seguiu ao Colapso. Mas o planeta errante não tinha nada para Célia, apenas rocha, gelo e uma noite sem-fim, então não levou muito tempo até que ela seguisse seu caminho. No entanto, era aficionada por nomes, e antes de partir batizou o novo mundo. Worlorn, ela o chamou. Nunca disse o motivo ou o significado, mas assim o nomeou. E Célia seguiu para outros mundos e outras histórias.

Kleronomas foi o visitante seguinte, em di-46. Sua nave de reconhecimento fez uma passagem rápida e mapeou as extensões desertas desse mundo. O planeta revelou seus segredos aos sensores; era maior e mais rico do que a maioria, Kleronomas descobriu, com oceanos congelados e uma atmosfera congelada esperando para ser libertada.

Alguns dizem que Tomo e Walberg foram os primeiros a pousar em Worlorn, em di-97, em sua louca empreitada de atravessar a galáxia. Verdade? Provavelmente não. Cada mundo do reino humano tinha uma história sobre os dois exploradores, mas o Puta Sonhadora nunca retornou, então quem pode saber onde pousaram?

Os avistamentos posteriores foram mais realistas e menos legendários. Sem estrelas, inútil e apenas marginalmente interessante, Worlorn tornou-se uma notação comum nos mapas estelares da Orla, aquela dispersão de mundos escassamente colonizados entre a escura nuvem de gases do Véu do Tentador e o Grande Mar Negro.

Então, em di-446, um astrônomo da Tocadolobo fez de Worlorn o objeto de seus estudos, e pela primeira vez alguém se preocupou em juntar todas as coordenadas. Foi quando as coisas mudaram. O nome do astrônomo lupino era Ingo Haapala, e ele saiu da sala de computadores

incontrolavelmente excitado, do jeito que os lupinos freqüentemente ficam. Pois Worlorn teria um dia - um longo e brilhante dia.

A constelação chamada Roda de Fogo ardia nos céus de cada mundo exterior, uma maravilha notória tanto dentro quanto fora da Antiga Terra. O centro da formação era a supergigante vermelha, chamada por uma dúzia de nomes, tais como o Centro, o Olho do Inferno, o Satã Gordo. Em órbita ao redor dela, equidistantes e dispostas ordenadamente como seis bolas de fogo amarelo rolando em um único sulco, estavam as outras: os Sóis Troianos, os Filhos de Satã, a Coroa do Inferno. Os nomes não importavam. O que importava era a própria Roda, seis estrelas de tamanho médio que rendiam homenagem ao seu vasto mestre vermelho, ao mesmo tempo o mais improvável e mais estável sistema de estrelas múltiplas já descoberto. A Roda foi um sucesso passageiro, um novo mistério para a humanidade cansada dos mistérios antigos. Nos mundos cientificamente mais desenvolvidos, cientistas fizeram teorias para explicá-la; além do Véu do Tentador, um culto cresceu ao redor dela, e homens e mulheres falavam de uma raça desaparecida de engenheiros estelares que haviam movido sóis inteiros para construir um monumento para eles mesmos. Tanto especulação científica quanto veneração supersticiosa se propagaram febrilmente por algumas décadas e então começaram a perder força; o assunto acabou esquecido em pouco tempo.

O lupino Haapala anunciou que Worlorn se deslocaria ao redor da Roda de Fogo uma vez, em uma larga e lenta hipérbole, nunca entrando no sistema propriamente dito mas chegando perto o suficiente. Cinquenta anos-padrão de luz do sol; então sairia novamente para a escuridão da Orla, além das Últimas Estrelas, para dentro do Grande Mar Negro do vazio intergaláctico.

Aqueles eram os séculos turbulentos, quando o Alto Kavalaan e os outros mundos exteriores provavam o gosto do orgulho pela primeira vez e ficavam cada vez mais ansiosos para encontrar um lugar nas histórias devastadas da humanidade. E todo mundo sabe o que aconteceu. A Roda de Fogo sempre fora a glória dos mundos exteriores, mas era uma glória sem planetas - até agora.

Foi um século de tempestades enquanto Worlorn se aproximava da luz: anos de gelos derretendo, atividade vulcânica e terremotos. Uma atmosfera congelada despertava para a vida paulatinamente, e ventos devastadores uivavam como monstros infantis. Tudo isso os povos dos mundos exteriores encararam e combateram.

Os terraformadores vieram de Tober-no-Véu, os guardiões do clima de Escuralba, e havia equipes de Tocadolobo, de Kimdiss, de di-Emerel e do Mundo do Oceano Vinhonegro. Os homens de Alto Kavalaan supervisionavam tudo, uma vez que o mundo reivindicara para si o planeta errante. A luta durou mais de um século, e aqueles que morreram ainda são mito para as crianças da Orla. Mas finalmente Worlorn foi amansado. E então cidades cresceram, estranhas florestas floresceram sob a luz da Roda e animais foram soltos para dar vida ao planeta.

Em di-589, o Festival da Orla foi inaugurado, com o Satã Gordo enchendo um quarto do céu e seus filhos brilhando ao seu redor. Naquele primeiro dia, os toberianos fizeram brilhar seu estratoescudo, então as nuvens e a luz do sol se contorceram em padrões caleidoscópicos. Outros dias se seguiram, e as naves vieram; oriundas de todos os mundos exteriores e dos mundos além, de Tara e Daronne, do outro lado do Véu, de Ávalon e do Mundo de Jamison, de lugares tão distantes quanto Nova Holme e Antiga Poseidon, e até mesmo da Antiga Terra. Por cinco anos-padrão, Worlorn moveu-se na direção do periélio, por cinco anos se afastou. Em di-599 o Festival foi encerrado. Worlorn entrou no crepúsculo e se deslocou em direção à noite.

Capítulo 1

Do outro lado da janela, a água batia contra as estacas do caminho de madeira ao longo do canal. Dirk t'Larien olhou para fora e viu uma barça baixa negra passando lentamente sob a luz da lua. Uma figura solitária estava parada na popa, recostada em um fino poste escuro. Tudo se destacava com nitidez, pois a lua de Braque estava sobre suas cabeças, do tamanho de um punho, muito brilhante.

Atrás dela estavam o silêncio e a escuridão esfumaçada, uma cortina imóvel que escondia as estrelas mais distantes. Uma nuvem de pó e gases, ele pensou. O Véu do Tentador.

O começo veio muito depois do fim: uma jóia-sussurrante.

Estava enrolada em camadas de folhas prateadas e suave veludo escuro, do mesmo jeito que ele a presenteara anos atrás. Desfez o pacote naquela noite, sentado diante da janela do quarto que dava para o largo canal turvo onde mercadores conduziam barças de frutas sem parar, para cima e para baixo. A gema era exatamente como Dirk se lembrava: de um vermelho profundo, com finas linhas negras e o formato de uma lágrima. Recordava-se do dia em que o ésher talhara a pedra para ele, ainda em Ávalon. Tocou-a depois de um longo tempo.

Era suave e muito fria em contato com a ponta do dedo, e, bem fundo em seu cérebro, ela sussurrou lembranças e promessas que não havia esquecido.

Ele não estava em Braque por alguma razão em particular, e nunca soube como o encontraram. Mas encontraram, e Dirk t'Larien estava com a jóia novamente.

- Gwen - disse em silêncio, para si mesmo, apenas para pronunciar a palavra novamente e sentir o calor familiar na língua. Sua Jenny, sua Guinevere, senhora de sonhos abandonados.

Fora sete anos-padrão atrás, ele pensou, enquanto seu dedo acariciava a

joia fria, fria. Mas parecia que haviam se passado sete vidas. E tudo estava acabado. O que ela poderia querer com ele agora? O homem que a amara, aquele outro Dirk t'Larien, um fazedor de promessas e presenteador de jóias, estava morto.

Dirk ergueu a mão para empurrar uma mecha de cabelo castanho-grisalho para longe dos olhos. E, repentinamente, sem querer, lembrou-se de como Gwen afastava o cabelo dele sempre que pretendia beijá-lo. Sentiu-se então cansado e muito perdido.

O cinismo que cuidadosamente alimentara estremeceu, e um peso caiu sobre seus ombros, um peso fantasma, o peso da pessoa que havia sido certa vez e que já não era mais. Ele havia realmente mudado ao longo dos anos e chamara isso de "ficar mais sábio", mas, agora, toda a sabedoria pareceu azedar abruptamente. Seus pensamentos errantes o levaram a todas as promessas que quebrara, aos sonhos que adiara e então deixara de lado, aos ideais comprometidos, ao futuro brilhante perdido para o tédio e para a podridão.

Por que ela o fazia se lembrar? Muito tempo passara, muita coisa acontecera com ele - provavelmente com ambos. Além disso, ele nunca quis realmente que ela usasse a joia-sussurrante. Fora um gesto estúpido, a atitude típica de um jovem romântico. Nenhum adulto razoável poderia levar a sério um juramento tão absurdo. Ele não podia ir, é claro. Mal encontrava tempo para ver Braque, tinha sua própria vida e coisas importantes para fazer. Depois de todo esse tempo, Gwen não podia esperar que ele embarcasse para os mundos exteriores.

Ressentido, estendeu a mão, pegou a jóia e fechou o punho com força ao redor da pequena pedra. Poderia jogá-la pela janela - decidiu -, dentro das águas escuras do canal, para bem longe, com tudo o que ela significava. Mas uma vez dentro de sua mão, a gema era um inferno de gelo, e as lembranças eram facas. ... porque ela precisa de você, a jóia sussurrava. Porque você prometeu. Sua mão não se moveu. Seu punho permaneceu fechado. O frio contra sua palma foi além da dor, até a dormência.

O outro Dirk, o jovem, o Dirk de Gwen. Ele prometera. Mas ela também, ele se lembrou. Havia muito tempo, em Ávalon. O velho ésher, um

emereliano enrugado com um talento menor e cabelos vermelho-dourados, havia talhado duas jóias. Ele lera Dirk t'Larien, sentira todo o amor que Dirk tinha por sua Jenny, e colocara tanto disso na gema quanto seus pobres poderes psiônicos o permitiram fazer. Mais tarde, fizera o mesmo para Gwen. Então eles trocaram as jóias.

Fora idéia de Dirk. Pode não ser sempre assim, dissera para ela, citando um antigo poema. Então ambos prometeram: Envie esta lembrança, e eu virei. Não importa onde eu esteja, ou quando, ou o que tiver se passado entre nós. Eu virei, e não farei perguntas.

Mas era uma promessa quebrada. Seis meses depois que ela o deixara, Dirk lhe enviou sua joia. Ela não veio. Depois disso, jamais esperou que invocasse a promessa dele. Mesmo assim, agora ela o fez. Ela realmente esperava que ele fosse?

E ele sabia, com tristeza, que o homem que fora naquela época, aquele homem iria até ela, não importava o quê, mesmo o quanto pudesse odiá-la - ou amá-la. Mas aquele tolo fora enterrado havia muito tempo. O tempo e Gwen o haviam matado.

Mas ainda ouvia a jóia, e sentia seus antigos sentimentos e seu novo cansaço. E, finalmente, ergueu os olhos e pensou, Bem, apesar de tudo, talvez não seja tarde demais.

Há muitas maneiras de se mover entre as estrelas, algumas são mais rápidas do que a luz, outras não, mas todas são lentas. Leva quase a vida inteira para viajar de um extremo do reino humano ao outro, e o reino humano - os mundos dispersos da humanidade e o grande vazio entre eles - é a menor parte da galáxia. Mas Braque estava perto do Véu e dos mundos exteriores além dele, e havia algum comércio indo e vindo, então Dirk pôde encontrar uma nave.

Chamava-se Tremor de Inimigos Esquecidos, ia de Braque para Tara, depois pelo Véu até Tocadolobo e então para Kimdiss e, finalmente, para Worlorn. A viagem, ainda que a velocidades MRL, levou mais de três meses-padrão. Depois de Worlorn, Dirk sabia, o Tremor partiria para Alto Kavalaan, di-Emerel e para as Últimas Estrelas, antes de voltar e começar a

traçar novamente sua rota tediosa.

O porto espacial fora construído para abrigar vinte naves por dia; agora recebia talvez uma por mês. A maior parte do lugar estava fechada, escura, abandonada. O Tremor aterrissou no meio de uma pequena parte que ainda funcionava, gigantesco perto de um grupo de naves privadas e de um cargueiro toberiano parcialmente desmantelado.

Uma parte do vasto terminal automatizado e sem vida estava ainda bastante iluminada, mas Dirk atravessou-o apressadamente, em direção à noite, uma noite vazia do mundo exterior, que clamava pela falta de estrelas. Estavam ali, esperando por ele, atrás das portas principais, mais ou menos como Dirk imaginara. O capitão do Tremor havia anunciado sua chegada assim que a nave saíra do hiperespaço.

Gwen Delvano veio ao encontro dele, como ele pedira a ela que fizesse. Mas não estava sozinha. Gwen e o homem que trouxera consigo estavam conversando entre si em voz baixa e cautelosa quando ele saiu do terminal. Dirk parou assim que cruzou a porta, sorriu tão facilmente quanto conseguiu e deixou cair a única mala leve que trazia.

- Ei - disse, suavemente. - Ouvi dizer que há um Festival por aqui.

Ela se virou ao som da voz dele e começou a rir, uma tão bem lembrada risada.

- Não - ela respondeu. - Você está dez anos atrasado.

Dirk fez uma careta e balançou a cabeça.

- Que inferno - disse; então sorriu novamente. Ela foi até ele, e se abraçaram. O outro homem, o estranho, ficou parado, observando impassível.

Foi um abraço curto. Nem bem Dirk a rodeou com os braços e Gwen se afastou. Depois de se separarem, permaneceram muito próximos, olhando um para o outro para ver o que os anos haviam feito.

Ela estava mais velha, mas ainda era a mesma, e as mudanças que ele via eram provavelmente apenas falhas da sua memória. Os grandes olhos verdes não eram tão verdes nem tão grandes quanto ele lembrava, e ela era um pouco mais alta do que ele recordava, e talvez um pouco mais pesada. Mas as diferenças não eram muitas; ela sorria do mesmo jeito, e o cabelo

dela era o mesmo, fino e escuro, caindo pelos ombros em uma cintilante cascata mais escura do que a noite no mundo exterior. Estava vestida com um pulôver branco de gola alta e calças de um grosso tecido-camaleão, agora negro como a noite, e uma tiara grossa, como gostava de usar em Avalon. Usava um bracelete também, e isso era novo. Ou talvez o nome correto fosse braçadeira. Era uma coisa maciça, de prata incrustada com jade, que cobria metade de seu antebraço esquerdo. A manga do pulôver estava enrolada para mostrar o objeto.

- Você está mais magro, Dirk - ela disse.

Ele deu de ombros e afundou as mãos nos bolsos da jaqueta.

- Sim - respondeu. Na verdade, ele estava quase esquelético, e tinha os ombros encurvados por não erguer bem as costas. Os anos também o haviam envelhecido em outros aspectos; agora seu cabelo era mais cinzento do que marrom, quando antigamente era ao contrário, e ele o usava tão comprido quanto o de Gwen, embora o dele fosse uma massa de cachos emaranhados.

- Faz muito tempo. - Gwen comentou.

- Sete anos-padrão - ele respondeu, concordando. - Não pensei que...

O outro homem, o estranho que estava esperando, tossiu, como que para lembrá-los de que não estavam sozinhos. Dirk levantou a cabeça e Gwen se virou. O homem se adiantou e inclinou a cabeça educadamente. Baixo, rechonchudo e muito loiro - de cabelo quase branco -, vestia um traje de seda brilhante colorida, verde e amarela, e um pequeno gorro negro de tricô que permanecia no lugar, a despeito de sua inclinação.

- Arkin Ruark - apresentou-se para Dirk.

- Dirk t'Larien.

- Arkin está trabalhando comigo no projeto. - Gwen explicou.

- Projeto?

Ela piscou.

- Você nem sabe por que estou aqui?

Ele não sabia. A jóia-sussurrante fora enviada de Worlorn, então ele não sabia muito mais do que onde encontrá-la.

- Você era uma ecologista - ele disse. - Em Ávalon...

- Sim. No Instituto. Há muito tempo. Terminei lá, recebi minhas credenciais e estive em Alto Kavalaan desde então. Até que me enviaram para cá.

- Gwen está com o grupo Jadeferro - Ruark falou. Ele tinha um leve sorriso no rosto. - Já eu represento a Academia da Cidade de Impril. Kimdiss. Conhece?

Dirk assentiu. Ruark era um kimdissiano então, um habitante de um mundo exterior, de uma das universidades de lá.

- Impril e Jadeferro, bem, estão atrás da mesma coisa, sabe? Pesquisa sobre a interação ecológica em Worlorn. Isso nunca foi feito de verdade durante o Festival. Os mundos exteriores não são muito fortes em ecologia, nenhum deles. Uma ciência di-esquecida, como os emerelianos dizem. Mas esse é o projeto. Gwen e eu nos conhecíamos desde antes disso, então pensamos: "Bem, estamos aqui pela mesma razão, é sensato que trabalhemos juntos e aprendamos tudo o que pudermos".

- Imagino que sim - Dirk disse. Não estava realmente muito interessado no projeto em si. Queria conversar com Gwen. Olhou para ela. - Você vai me falar tudo sobre isso mais tarde. Quando conversarmos. Imagino que você queira conversar.

Ela lhe deu um olhar estranho.

- Sim, é claro. Temos muito o que falar.

Ele pegou a mala.

- Para onde vamos? - perguntou. - Eu ficaria satisfeito com um banho e alguma coisa para comer.

Gwen trocou olhares com Ruark.

- Arkin e eu estávamos justamente falando sobre isso. Ele pode alojá-lo. Estamos no mesmo prédio. Apenas alguns andares de diferença.

Ruark assentiu.

- É claro, é claro. E um prazer receber os amigos, e ambos somos amigos de Gwen, não somos?

- Oh - disse Dirk. - Pensei, de algum modo, que ficaria com você, Gwen.

Ela não conseguiu olhar para ele por um tempo. Olhou para Ruark, para o chão, para o céu negro, antes que seus olhos finalmente encontrassem os

dele.

- Talvez - ela disse, sem sorrir agora, com uma voz cautelosa. - Mas não agora. Não acho que seria bom, não imediatamente. Mas iremos para casa, é claro. Estamos de carro.

- Por aqui. - Ruark indicou, antes que Dirk pudesse articular uma resposta. Algo estava muito estranho. Ele imaginara a cena do reencontro uma centena de vezes a bordo do Tremor, ao longo dos meses de viagem. Algumas vezes imaginara-a delicada e amorosa, noutras um confronto zangado e, freqüentemente, lacrimoso - mas nunca assim, embaraçoso, com abordagens esquisitas, e uma presença estranha durante o tempo todo. Começou a se perguntar quem exatamente Arkin Ruark era e se o relacionamento dele com Gwen era mesmo o que dissera. Mas eles dificilmente tinham falado alguma coisa de concreto. Sem saber o que dizer ou o que pensar, Dirk deu de ombros e os seguiu até o aeromóvel.

A caminhada foi curta. Quando se aproximaram do carro, Dirk ficou surpreso. Já vira vários tipos de aeromóveis em suas viagens, mas nenhum como este; imenso e de aço cinzento, com asas curvas e musculosas, parecia quase vivo, como uma gigantesca arraia voadora feita de metal. Um pequeno habitáculo com quatro lugares ficava entre as asas, e, embaixo de suas pontas, ele viu tubos sinistros.

Olhou para Gwen e apontou.

- São lasers?

Ela assentiu, sorrindo levemente.

- Em que diabos você está voando? - Dirk perguntou. - Parece uma máquina de guerra. Vamos ser assaltados por hranganos? Não vejo algo assim desde que visitamos os museus do Instituto em Ávalon.

Gwen riu, pegou a mala dele e a jogou no banco de trás.

- Entre - disse para Dirk. - É um aeromóvel perfeitamente normal, fabricado em Alto Kavalaan. Começaram a produzi-lo recentemente. Deveria parecer um animal, o banshee negro. Um predador voador, também a besta-irmã do grupo Jadeferro. Muito importante no folclore deles, um tipo de totem.

Gwen sentou-se atrás dos controles, e Ruark a seguiu um pouco

desajeitadamente, debruçando-se sobre a asa armada para subir na parte de trás. Dirk não se moveu.

- Mas tem lasers! - insistiu.

Gwen suspirou.

- Não estão carregados, e nunca estiveram. Todo carro feito em Alto Kavalaan tem algum tipo de arma. A cultura exige isso. E não estou me referindo só aos Jadeferro. Os grupos Açorrubro, Braith e Shanagate são todos iguais.

Dirk deu a volta no carro e subiu ao lado de Gwen, mas o rosto dela estava sem expressão.

- O que foi?

- Esses são os quatro clãs-coalizão - ela explicou. - Pense neles como pequenas nações, ou grandes famílias. São um pouco de ambos.

- Mas por que os lasers?

- Alto Kavalaan é um planeta violento. - Gwen respondeu.

Ruark deu um riso rouco.

- Ah, Gwen - disse. - Isso está tudo errado, tudo!

- Errado? - ela exclamou.

- Muito - disse Ruark. - Sim, tudo errado, porque você está perto da verdade. Meias-verdades são piores do que mentiras inteiras.

Dirk virou-se em seu assento para encarar o gorducho kimdissiano loiro.

- O quê?

- Alto Kavalaan era um planeta violento, é verdade. Mas agora, verdade seja dita, violentos são os kavalarianos. Um povo hostil, cada um deles, freqüentemente xenófobos, racistas. Orgulhosos e ciumentos. Com suas altas-guerras e seus códigos de honra, sim, e é por isso que carros kavalarianos vêm com armas. Para lutar no ar! Eu o previno, t'Larien...

- Arkin! - Gwen disse entre os dentes, e Dirk não deixou de notar a ponta de raiva em sua voz. Ela ligou o controle de gravidade repentinamente, mexeu nos controles, e o aeromóvel arrancou para a frente e deixou o solo com um gemido de protesto, erguendo-se rapidamente. O porto sob eles brilhava onde o Tremor pelos Inimigos Esquecidos estava parado entre espaçonaves menores, deixando todas elas encobertas pelas sombras. Ao

redor, a escuridão cobria o horizonte invisível, onde o solo negro se confundia com o céu mais negro ainda. Apenas um pequeno grupo de estrelas iluminava a noite sobre eles. Era a Orla, com o espaço intergaláctico acima e a obscura cortina do Véu do Tentador abaixo, e o mundo parecia mais solitário do que Dirk jamais imaginara.

Ruark recostou-se, resmungando, e um silêncio pesado caiu sobre o carro por um longo momento.

- Arkin é de Kimdiss - Gwen disse finalmente, e forçou uma risada. Dirk a conhecia bem demais para ser enganado, contudo ela não estava mais tão tensa como quando vociferara com Ruark um momento antes.

- Não entendo - Dirk disse, sentindo-se muito estúpido, pois todos pareciam pensar que ele deveria entender.

- Você não é um habitante de um mundo exterior - Ruark disse. - Avalon, Baldur, qualquer que seja o mundo, não importa. Vocês de dentro do Véu não conhecem os kavalarianos.

- Ou os kimdissianos - Gwen completou, um pouco mais calma.

Ruark grunhiu.

- Isso foi sarcasmo - explicou para Dirk. - Kimdissianos e kavalarianos, não nos damos bem, sabe? Então Gwen está lhe dizendo que sou preconceituoso e que não deve acreditar em mim.

- Sim, Arkin - ela respondeu. - Dirk, você não conhece Alto Kavalaan, não entende a cultura ou o povo desse planeta. Como todos os kimdissianos, Arkin lhe dirá apenas o pior, mas tudo é mais complexo do que ele está disposto a admitir. Então, lembre-se disso quando este patife loquaz começar a tratar com você. Deve ser fácil. Nos velhos tempos, você sempre me dizia que toda questão tem trinta lados.

Dirk riu.

- É justo - disse - e é verdade. Embora, nestes últimos anos, tenha começado a achar que trinta é muito pouco. Mas ainda não entendo do que trata isto tudo. Este carro, por exemplo... veio com o trabalho? Ou você tem que voar em algo assim porque trabalha para o grupo Jadeferro?

- Ah - Ruark disse em voz alta. - Não se trabalha para o grupo Jadeferro, Dirk. Não, você é um deles ou não é... há apenas duas opções. Se você não

é de Jadeferro, você não trabalha para Jadeferro!

- Sim - disse Gwen, sua voz esfriando novamente. - E eu sou Jadeferro. Gostaria que se lembrasse disso, Arkin. Algumas vezes você me aborrece.

- Gwen, Gwen - falou Ruark, parecendo muito agitado. - Você é uma amiga, uma alma gêmea de verdade. Enfrentamos grandes problemas, nós dois juntos. Nunca a ofenderia, não era minha intenção. Além do mais, você não é uma kavalariana, nunca. Primeiro, você é muito mulher, uma mulher de verdade, não uma mera eyn-kethi ou uma betheyn.

- Não? Não sou? Uso o vínculo de jade-e-prata no entanto. - Ela olhou para Dirk e abaixou a voz. - Por Jaan. - falou. - Este é o carro dele, na verdade, e é por isso que estou voando nele, para responder sua pergunta original. Por Jaan.

Silêncio. O vento era o único ruído, mo vendo-se ao redor deles enquanto subiam para a escuridão, agitando os longos cabelos lisos de Gwen e o emaranhado de Dirk. O frio penetrava na fina roupa braquiana, e Dirk se perguntava por que o aeromóvel não tinha capota, apenas um pequeno para-brisa de pouca utilidade. Então cruzou os braços, apertando-os contra o peito, e afundou-se no assento.

- Jaan? - perguntou calmamente. Uma pergunta. A resposta viria, ele sabia, e a temia apenas pelo jeito que Gwen dissera o nome, com um tipo de estranho desafio.

- Ele não sabe - Ruark disse.

Gwen suspirou, e Dirk viu que ela ficou tensa.

- Sinto muito, Dirk. Achei que soubesse. Já faz muito tempo. Pensei... bem, que um dos conhecidos em comum que temos em Ávalon, que um deles certamente teria contado para você.

- Nunca mais vi ninguém - Dirk falou cautelosamente. - Aqueles que conhecemos juntos. Você sabe. Viajo bastante. Braque, Prometeus, Mundo de Jamison - sua voz soava oca e frágil aos próprios ouvidos. Fez uma pausa e engoliu em seco. - Quem é Jaan?

- Jaantony Riv Lobo Alto-Jadeferro Vikary - disse Ruark.

- Jaan é meu... - Ela hesitou. - Não é fácil explicar. Sou betheyn de Jaan, cro-betheyn de seu teyn, Garse. - Tirou rapidamente os olhos do painel de

instrumentos, olhou para ele e voltou a encarar o equipamento. Não havia compreensão no rosto de Dirk. - Marido - ela disse, então, dando de ombros. - Sinto muito, Dirk. Não é exatamente isso, mas é o mais perto que consigo chegar com uma única palavra. Jaan é meu marido.

Dirk, afundado no assento com os braços cruzados, não disse nada. Estava com frio e magoado, e se perguntava por que estava ali. Lembrou-se da joia-sussurro, e ainda assim se questionou. Gwen tivera alguma razão para enviar a gema para ele, certamente, e no devido tempo ela lhe contaria. E, na verdade, dificilmente teria esperado que ela estivesse sozinha. No porto, havia pensado, ainda que brevemente, que talvez Ruark... e aquilo não o incomodara.

Quando ele ficou em silêncio por tempo demais, Gwen o olhou novamente.

- Sinto muito - repetiu. - Dirk. De verdade. Você nunca devia ter vindo.

E ele pensou, ela está certa.

Os três seguiram voos sem falar. Palavras haviam sido ditas, e não as palavras que Dirk teria desejado, mas palavras que não mudavam nada. Ele estava ali, em Worlorn, e Gwen ainda estava ao seu lado, embora repentinamente fosse uma estranha. Eram ambos estranhos. Ele afundou-se ainda mais no assento, sozinho com seus pensamentos, enquanto um vento frio castigava seu rosto.

Em Braque, de algum modo, pensara que a joia-sussurrante significava que ela o estava chamando de volta, que ela o queria novamente. A única questão que importava para ele era se deveria ir, se poderia voltar para ela, se Dirk t'Larien ainda poderia amar e ser amado. Não era nada daquilo, ele sabia agora.

Mande esta lembrança e eu virei, e não haverá perguntas. Essa era a promessa, a única promessa. Nada mais.

Ele ficou zangado. Por que ela estava fazendo aquilo com ele? Ela havia guardado a joia e sentido os sentimentos dele. Ela podia ter adivinhado. Nenhuma necessidade dela podia pagar o preço das recordações dele.

Então, finalmente, a calma retornou a Dirk t'Larien. Ao fechar os olhos com força, pôde ver o canal em Braque novamente e a barcaça negra e

solitária que, por um breve momento, parecera tão importante. E lembrou-se da decisão de tentar novamente, de ser como havia sido, de ir até ela e lhe dar o que pudesse dar, o que quer que ela pudesse precisar - por ele, tanto quanto por ela.

Endireitou-se com esforço, descruzou os braços, abriu os olhos e sentou-se de frente para o vento cortante. Então, deliberadamente, olhou para Gwen e exibiu seu velho sorriso tímido.

- Ah, Jenny - ele disse -, sinto muito, também. Mas não importa. Eu não sabia, mas isso não importa. Estou feliz de ter vindo, e você deveria estar contente também. Sete anos é muito tempo, certo?

Ela olhou de relance para ele, então novamente para os instrumentos e passou a língua sobre os lábios de modo nervoso.

- Sim. Sete anos é muito tempo, Dirk.

- Vou conhecer Jaan?

Ela assentiu.

- E Garse também, seu teyn.

Embaixo, em algum lugar, ele ouvia barulho de água, um rio perdido na escuridão. Sumiu rapidamente; estavam movendo-se em alta velocidade. Dirk espiou para baixo pelo lado do aeromóvel, para avistar a escuridão além das asas, depois olhou para cima.

- Vocês precisam de mais estrelas - disse pensativamente. - Sinto como se estivesse ficando cego.

- Sei o que quer dizer. - Gwen respondeu. Ela sorriu, e quase repentinamente Dirk se sentiu melhor do que se sentira havia muito tempo.

- Lembra-se do céu em Ávalon? - ele perguntou.

- Sim. É claro.

- Montes de estrelas. Era um mundo bonito.

- Worlorn tem sua beleza também - ela comentou. - Quanto você conhece daqui?

- Pouco. - Dirk respondeu, ainda olhando para ela. - Sei sobre o Festival, que o planeta é errante, e não muito mais. Uma mulher na espaçonave me disse que Tomo e Walberg descobriram o lugar ao viajarem para o extremo

da galáxia.

- Não exatamente - disse Gwen. - Mas a história tem um certo charme. De qualquer modo, tudo o que você vê é parte do Festival. O planeta inteiro é. Todos os mundos da Orla participaram, e a cultura de cada um deles está refletida aqui, em uma das cidades. Há catorze cidades, para os catorze mundos da Orla. Entre elas, está o Porto Espacial e a Comuna, que é um tipo de parque. Estamos passando sobre ela agora. A Comuna não é muito interessante, nem durante o dia. Havia festas e jogos ali nos anos do Festival.

- Onde é seu projeto?

- No deserto - contou Ruark. - Além das cidades e da cadeia montanhosa.

Gwen disse:

- Olhe.

Dirk olhou. No horizonte, podia perceber vagamente uma fileira de montanhas, uma barreira negra e dentada que surgia a partir da Comuna para apagar as estrelas mais baixas. Uma chispa de luz sanguinolenta brilhava no alto de um dos picos e crescia conforme se aproximavam. Ficou maior e mais alta, embora não mais brilhante; a cor permanecia sendo um vermelho sombrio e ameaçador que, de algum modo, fazia Dirk se lembrar da jóia-sussurrante.

- Estamos em casa. - Gwen anunciou, enquanto a luz ficava mais inchada. - A cidade Larteyn. Lar é antigo kavalariano para céu. Esta é a cidade de Alto Kavalaan. Algumas pessoas a chamam de Fortaleza de Fogo.

Ele pôde ver o motivo num relance. Construída no rebordo da montanha, com rocha embaixo e dos lados, a cidade kavalariana era também uma fortaleza quadrada e compacta, com muralhas maciças e janelas basculantes. Mesmo as torres que se erguiam atrás das muralhas da cidade eram pesadas e sólidas. E baixas; a Montanha assomava-se sobre elas, sua pedra escura com manchas cor de sangue causadas pela luz refletida nela. Mas as luzes da cidade em si não eram refletidas; as paredes e ruas de Larteyn queimavam com um fogo próprio, monótono e carrancudo.

- Pedrardente - Gwen disse para ele, em resposta à pergunta não formulada.

- Absorve a luz durante o dia e a devolve durante a noite. Em Alto

Kavalaan, era usada para joalheria, mas foi extraída às toneladas e embarcada para Worlorn, para o Festival.

- Barroco impressionante - Ruark disse. - Kavalariano impressionante.

Dirk apenas assentiu.

- Você devia ter visto antigamente. - Gwen comentou. - Larteyn bebia dos sete sóis durante o dia e iluminava a cordilheira à noite. Como uma adaga de fogo. As pedras estão se apagando agora... a Roda fica mais distante a cada hora. Em mais uma década a cidade ficará escura como uma brasa queimada.

- Não parece muito grande - Dirk falou. - Quantas pessoas vivem aí?

- Um milhão, antigamente. Você está vendo apenas a ponta do iceberg. A cidade está construída dentro da montanha.

- Muito kavalariano - Ruark disse. - Uma fortaleza profunda, entalhada na pedra. Mas vazia, agora. Vinte pessoas, pela última contagem, incluindo nós.

O aeromóvel passou sobre a muralha externa e se alinhou com a borda da larga saliência da montanha, para passar em linha reta diante da rocha e da pedrardente. Embaixo deles, Dirk viu largos passeios, fileiras de flâmulas movendo-se lentamente e grandes gárgulas escavadas com olhos de pedrardente queimando. As construções eram de pedra branca e madeira de ébano, e nos flancos o fogo das rochas era refletido em longas estrias vermelhas, como feridas abertas de alguma besta escura e gigantesca. Sobrevoaram torres, cúpulas e ruas, becos sinuosos e amplas avenidas, pátios abertos e um imenso teatro ao ar livre.

Vazio, tudo vazio. Nem uma figura se movia nos caminhos avermelhados de Larteyn.

Gwen desceu em espiral sobre uma negra torre quadrada. Conforme ela desligava, o controle de gravidade lentamente terminou a aterrissagem. Dirk notou dois outros carros na pista: um lustroso amarelo em formato de lágrima e um velho e formidável artefato militar com a aparência de uma centena de anos gastos em guerra. Era verde-oliva, quadrado e blindado, com canhão de laser na cabine dianteira e tubos de pulso na traseira.

Ela aterrissou entre os dois carros, e eles desceram do aeromóvel. Quando

chegaram à área de elevadores, Gwen virou o rosto para ele, a face corada e estranha sob aquela melancólica luz avermelhada.

- É tarde - ela disse. - É melhor que todos descansemos.

Dirk não questionou a despedida.

- E Jaan? - perguntou.

- Você o conhecerá amanhã - ela respondeu. - Preciso de uma oportunidade para falar com ele primeiro.

- Por quê? - ele perguntou, mas Gwen já tinha se virado e se dirigia às escadas. Então o elevador chegou, Ruark colocou uma mão no ombro dele e o empurrou para dentro.

Desceram para dormir e sonhar.

Capítulo 2

Dirk descansou muito pouco naquela noite. Cada vez que começava a dormir, seus sonhos o despertavam: visões incertas misturadas com veneno, das quais recordava vagamente quando acordava vez após outra durante a noite. Finalmente desistiu. Em vez de dormir, começou a remexer em seus pertences até encontrar a joia envolta em prata e veludo e sentou-se com ela na escuridão para beber suas frias promessas.

As horas se passaram. Então Dirk se levantou e se vestiu, guardou a jóia no bolso e saiu sozinho para ver a Roda despontar. Ruark estava profundamente adormecido, mas havia dado o código da porta para Dirk, então não era um problema entrar ou sair. Tomou o elevador de volta ao telhado e esperou nas últimas borras da noite, sentado na fria asa de metal do aeromóvel cinzento.

Era um amanhecer estranho, opaco e ameaçador, e o dia nascia sombrio. No princípio, apenas um fulgor vago e nebuloso se insinuou no horizonte, uma mancha vermelho-negra que refletiu fracamente nas pedrardentes da cidade. Então o primeiro sol nasceu: uma pequena bola amarela que Dirk observou a olho nu. Minutos mais tarde, uma segunda esfera apareceu, um pouco maior e mais brilhante, em outra parte do horizonte. Mas as duas juntas, embora reconhecidamente mais fortes do que estrelas, ainda forneciam menos luz do que a lua cheia de Braque.

Pouco tempo depois, o Cubo começou a se erguer sobre a Comuna. No início, era uma linha opaca vermelha, perdida entre a luz ordinária do amanhecer, mas foi ficando cada vez mais brilhante, até que finalmente Dirk viu que não era um reflexo, mas a coroa de um vasto sol vermelho. O mundo tornava-se carmesim enquanto ele se elevava.

Dirk olhou para as ruas abaixo. As pedras de Larteyn estavam todas opacas agora; apenas onde as sombras caíam o brilho ainda era visto, ainda que desvanecido. A melancolia se abateu sobre a cidade como um manto cinzento ligeiramente tingido com um vermelho desbotado. Na luz fria e

pálida, todos os reflexos noturnos haviam desaparecido, e as ruas silenciosas ecoavam morte e desolação.

O dia de Worlorn. Mas ainda era crepúsculo.

- Era mais claro no passado - disse uma voz atrás dele. - Agora, cada dia é mais escuro, mais frio. Das seis estrelas da Coroa do Inferno, duas estão escondidas, agora, atrás do Satã Gordo e não têm nenhum uso para nós. As outras ficam cada vez menores e mais distantes. O próprio Satã ainda olha para Worlorn, mas sua luz é muito vermelha e cada vez mais tênue. Então, Worlorn vive um lento entardecer. Alguns anos mais e os sete sóis vão encolher até se tornarem sete estrelas, e o gelo virá novamente.

Seu interlocutor permaneceu muito quieto enquanto contemplava o amanhecer, as botas ligeiramente separadas e as mãos nos quadris. Era um homem alto, magro e musculoso, com o torso nu mesmo no frio da manhã. Sua pele acobreada ficava ainda mais vermelha sob a luz do Satã Gordo. Tinha pômulos altos e angulosos, queixo pesado e quadrado, e um cabelo ralo na altura do ombro tão negro quanto o de Gwen. E, nos antebraços - antebraços escuros recobertos de finos pelos negros -, usava dois braceletes, igualmente maciços. Jade e prata no braço esquerdo, ferro negro e pedrardente no direito.

Dirk não se moveu da asa da arraia voadora. O homem o encarou.

- Você é Dirk t'Larien e, certa vez, foi amante de Gwen.

- E você é Jaan.

- Jaan Vikary, do grupo Jadeferro - o outro respondeu. Deu um passo adiante e ergueu as mãos, com as palmas para fora e abertas.

Dirk conhecia o gesto de algum lugar. Levantou-se e pressionou as palmas de suas próprias mãos contra as do kavalariano. Quando fez isso, notou algo mais. Jaan usava um cinto de metal negro lustroso, e uma pistola de laser pendia ao do lado de seu corpo.

Vikary notou seu olhar e sorriu.

- Todos os kavalarianos andam armados. É um costume... um que valorizamos. Espero que você não fique tão chocada e impressionada quanto o amigo de Gwen, o kimdissiano. Se ficar, é sua culpa, não nossa. Larteyn é parte de Alto Kavalaan, e não esperamos que nossa cultura se

adapte à sua.

Dirk sentou-se novamente.

- Não. Talvez eu devesse esperar por isso, pelo que ouvi noite passada. Mas acho estranho. Há guerra em algum lugar?

Vikary deu um sorriso muito ténue, um quase deliberado mostrar de dentes.

- Sempre há guerra em algum lugar, t'Larien. A vida em si é uma guerra. - Fez uma pausa. - Seu nome: t'Larien. Incomum. Nunca tinha ouvido antes, nem meu teyn, Garse. Qual é seu mundo natal?

- Baldur. Muito longe daqui, do outro lado da Antiga Terra. Mas eu mal me lembro dele. Meus pais foram para Ávalon quando eu era muito jovem.

Vikary assentiu.

- E você tem viajado, Gwen me contou. Que mundos viu?

Dirk deu de ombros.

- Prometeus, Rhiannon, Estarrocha, Mundo de Jamison, entre outros. Ávalon, é claro. Uma dúzia no total, a maioria lugares mais primitivos do que Ávalon, onde meu conhecimento é necessário. Normalmente é fácil encontrar trabalho se você esteve no Instituto, mesmo para quem não é especialmente habilidoso ou talentoso. Bom para mim. Gosto de viajar.

- Mesmo assim, nunca esteve além do Véu do Tentador até agora. Apenas nos devascados, e nunca nos mundos exteriores. Encontrará coisas diferentes aqui, t'Larien.

Dirk franziu o cenho.

- Qual a palavra que você usou? Devascados?

- Os devascados - Vikary repetiu. - Ah, gíria lupina. Os mundos devascados, os mundos devastados, como você preferir. Uma expressão que peguei dos vários lupinos que estavam entre meus amigos durante meus estudos em Ávalon. Refere-se à esfera estelar entre os mundos exteriores e a primeira e segunda gerações de colônias próximas da Antiga Terra. Foi nos devascados que os hranganos saturaram as estrelas, governaram seus mundos- -escravos e lutaram contra os Imperiais da Terra. A maioria dos planetas que você nomeou era conhecida, então, e foi duramente afetada pela antiga guerra e devastada até o colapso. A própria Ávalon é uma

colônia de segunda geração, antigamente a capital do setor. Há alguma distinção, você crê, para um mundo tão distante nestes séculos destruídos após o interregno?

Dirk acenou com a cabeça em concordância.

- Sim. Conheço a história, um pouco dela. Você parece conhecer bastante.

- Sou historiador. - Vikary respondeu. - A maior parte do meu trabalho foi devotada a separar a história dos mitos em meu próprio mundo, Alto Kavalaan. Jadeferro me mandou para Ávalon com grande custo para pesquisar os bancos de dados dos antigos computadores com esse exato propósito. Mesmo tendo passado dois anos de estudos lá, tinha muito tempo livre e desenvolvi um interesse na história mais ampla do homem.

Dirk não falou nada, mas olhou novamente para o amanhecer. O disco vermelho do Satã Gordo estava meio erguido agora, e uma terceira estrela amarela podia ser vista. Estava um pouco mais ao norte do que as demais e era apenas uma estrela.

- A estrela vermelha é uma supergigante - Dirk murmurou -, mas daqui parece apenas um pouco maior do que o sol de Ávalon. Deve estar muito longe. Devia estar mais frio, o gelo devia estar aqui agora. Mas está apenas fresco.

- Isso é feito nosso - Vikary lhe contou com algum orgulho. - Não de Alto Kavalaan, na verdade, mas trabalho do mundo exterior mesmo assim. Os toberianos preservaram muito da tecnologia do escudo de força dos Imperiais da Terra, perdida durante o Colapso, e a incrementaram ao longo dos séculos. Sem o escudo deles, nenhum Festival poderia ter sido feito. No perié-lio, o calor da Coroa do Inferno e do Satã Gordo teria queimado a atmosfera de Worlorn e fervido o mar, mas o escudo de Tober bloqueou essa fúria e tivemos um longo e brilhante verão. Agora, da mesma maneira, ele ajuda a manter o calor. Mesmo assim, tem seus limites, como tudo mais. O frio virá.

- Não pensei que fôssemos nos conhecer assim. - Dirk comentou. - Por que veio aqui em cima?

- Uma possibilidade. Há muitos anos, Gwen me contou que você gostava de assistir ao amanhecer. E outras coisas também, Dirk t'Larien. Sei mais

sobre você do que você sobre mim.

Dirk riu.

- Bem, isso é verdade. Não sabia da sua existência até a noite passada.

O rosto de Jaan Vikary estava duro e sério.

- Mas eu existo. Lembre-se disso, e poderemos ser amigos. Esperava encontrá-lo sozinho e conversar com você antes que os demais acordassem. Aqui não é Ávalon, t'Larien, e hoje não é ontem. Este é um mundo agonizante, um mundo sem códigos, então cada um de nós deve se segurar firmemente a qualquer que seja o código que tenha consigo. Não teste o meu. Desde meus anos em Ávalon, tentei pensar em mim mesmo como Jaan Vikary, mas ainda sou um kavalariano. Não me obrigue a ser Jaantony Riv Lobo Alto-Jadeferro Vikary.

Dirk se levantou.

- Não estou certo sobre o que você quer dizer - falou. - Mas acho que posso ser cordial o suficiente. Certamente não tenho nada contra você, Jaan.

Aquilo pareceu satisfazer Vikary. Ele assentiu lentamente e colocou a mão no bolso da calça.

- Um emblema da minha amizade e apreço por você - disse. Em sua mão estava um broche de metal negro, uma pequena arraia. - Usará enquanto estiver aqui?

Dirk pegou o presente de sua mão.

- Se é o que deseja - disse, sorrindo para o outro formalmente. Colocou o broche no colarinho.

- O amanhecer é triste aqui - Vikary comentou -, e o dia não é muito melhor. Vamos descer até nossos aposentos. Despertarei os outros e poderemos comer.

O apartamento que Gwen dividia com os dois kavalarianos era imenso. A sala de estar de pé direito alto era dominada por uma lareira de dois metros de altura e duas vezes esse comprimento, e acima havia uma cornija de ardósia onde furiosas gárgulas empoleiradas vigiavam as cinzas. Vikary fez Dirk passar por elas, cruzando um extenso tapete negro, até uma sala de jantar que era quase tão grande quanto a anterior. Dirk sentou-se em uma cadeira de madeira de espaldar alto, uma entre doze que estavam ao redor

da grande mesa, enquanto seu anfitrião foi buscar comida e companhia. Voltou em pouco tempo, trazendo uma travessa de carne fatiada em tiras finas e uma cesta de biscoitos frios. Colocou-as diante de Dirk, virou-se e partiu novamente.

Nem bem ele se foi, outra porta se abriu, e Gwen entrou sorrindo sonolentemente. Ela vestia uma velha tiara, calças desbotadas e uma blusa verde folgada com amplas mangas. Ele podia ver o brilho de seu pesado bracelete jade-e-prata, apertado em seu braço esquerdo. Com ela, um passo atrás, vinha outro homem, quase tão alto quanto Vikary, mas muitos anos mais jovem e muito mais esbelto, vestido com um macacão de mangas curtas de tecido-camaleão marrom-avermelhado. Ele olhou para Dirk com intensos olhos azuis, os olhos mais azuis que Dirk já vira, incrustados em um rosto delgado e de traços finos sob uma abundante barba ruiva.

Gwen se sentou. O barba ruiva parou na frente da cadeira de Dirk.

- Sou Garse Jadeferro Janacek - disse. Ofereceu suas palmas. Dirk levantou-se para pressioná-las.

Garse Jadeferro Janacek, Dirk reparou, usava uma pistola laser na cintura, pendurada em um coldre de couro em um cinto de malha de aço prateado. Ao redor de seu antebraço direito estava um bracelete negro, gêmeo do de ferro de Vikary, e que parecia ser pedrardente.

- Você provavelmente sabe quem sou - Dirk falou.

- Realmente - Janacek respondeu. Tinha um sorriso malicioso. Ambos se sentaram.

Gwen já estava mastigando um biscoito. Quando Dirk retornou ao seu assento, ela se esticou por cima da mesa e tocou o pequeno broche de arraia no colarinho dele, sorrindo com ar divertido.

- Vejo que você e Jaan já se encontraram - comentou.

- Mais ou menos - Dirk respondeu, e nesse momento Vikary retornou, a mão direita segurando desajeitadamente as asas de quatro canecas de estanho, e a mão esquerda segurando um jarro de cerveja escura. Colocou tudo no centro da mesa, então fez uma última viagem à cozinha para buscar pratos, talheres e uma jarra esmaltada com uma calda doce e amarela que disse para Dirk colocar sobre os biscoitos.

Quando Vikary saiu, Janacek empurrou as canecas pela mesa para Gwen.

- Sirva - disse para ela, em um tom bastante peremptório, antes de voltar sua atenção novamente para Dirk. - Me contaram que você foi o primeiro homem que ela conheceu - disse, enquanto Gwen estava servindo. - Você a deixou com um grande número de hábitos vis - disse, sorrindo friamente. - Estou tentado a tomar isso como ofensa e tomar satisfações.

Dirk o encarou, perplexo.

Gwen havia enchido três das quatro canecas com cerveja e espuma. Colocou uma diante do lugar de Vikary a segunda para Dirk e tomou um longo gole da terceira. Então limpou os lábios com as costas da mão, sorriu para Janacek e lhe passou a caneca vazia.

- Se vai ameaçar o pobre Dirk por causa dos meus hábitos - disse-lhe -, então suponho que devo desafiar Jaan por todos os anos que venho sofrendo com os seus.

Janacek virou a caneca de cerveja vazia em suas mãos e fez uma careta.

- Cadela betheyn - disse em um tom de voz natural. Serviu sua própria cerveja.

Vikary estava de volta no instante seguinte. Sentou-se, tomou um gole de sua caneca e começaram a comer. Dirk descobriu bem rápido que gostava de cerveja no desjejum. Os biscoitos, untados com uma grossa camada da calda doce, também eram excelentes. A carne estava um pouco seca.

Janacek e Vikary o interrogaram durante a refeição, enquanto Gwen recostada na cadeira, falava pouco e parecia se divertir. Os dois kavalarianos eram um exemplo de contrastes. Jaan Vikary inclinava-se para a frente quando falava (ainda estava com o torso desnudo e, de vez em quando, bocejava e se coçava com ar ausente) e mantinha o tom de amigável interesse geral, sorrindo com frequência, parecendo muito mais tranquilo do que estivera no telhado. Mesmo assim, Dirk notou certa deliberação, de um homem tenso que estava fazendo um esforço consciente para se soltar; mesmo suas informalidades - os sorrisos, as coçadas - pareciam estudadas e formais. Garse Janacek, por sua vez, sentava-se mais ereto do que Vikary, nunca se coçava e tinha todos os maneirismos formais do discurso kavalariano. Mesmo assim, parecia mais

genuinamente relaxado, como um homem que apreciava as restrições que sua sociedade lhe impunha e nunca pensaria em se livrar delas. Seu discurso era animado e abrasivo; disparava um insulto atrás do outro, a maioria deles direcionada a Gwen. Ela rebatia alguns, mas debilmente; Janacek era muito melhor no jogo do que ela. Muitos dos ataques pareciam casuais, afetuosos, mas muitas vezes Dirk pensou ter captado uma ponta de hostilidade verdadeira. Vikary tendia a franzir o cenho a cada afrontamento.

Quando Dirk mencionou seu ano em Prometeus, Janacek não desperdiçou a oportunidade.

- Diga-me, t'Larien - falou -, você considera humanos os Homens Alterados?

- É claro - Dirk respondeu. - Eles são. Estabelecidos pelos Imperiais da Terra durante a guerra. Os modernos prometenses são apenas descendentes do antigo Comando da Guerra Ecológica.

- É verdade. - Janacek replicou. - Mesmo assim, devo discordar de sua conclusão. Seus genes foram manipulados em tal grau que eles perderam totalmente o direito de serem chamados humanos, na minha opinião. Homens-libélula, homens-submarino, homens que respiram veneno, homens que podem ver na escuridão como hruuns, homens com quatro braços, hermafroditas, soldados sem estômago, porcas de reprodução sem consciência... essas criaturas não são humanas. São não humanas, mais precisamente.

- Não - Dirk falou. - Já ouvi o termo não humano. É uma terminologia comum em vários mundos, mas significa estoque humano que sofreu tanta mutação que não pode mais cruzar com o básico. Os prometenses tiveram o cuidado de evitar isso. Os líderes são bastante normais, tiveram apenas alterações mínimas de longevidade e bem-estar. Bem, os líderes fazem incursões regulares a Rhiannon e Estarrocha, você sabe. Em busca de humanos terrestres normais...

- Mas mesmo a Terra é menos terrestre normal passados estes poucos séculos. - Janacek interrompeu. Então deu de ombros. - Eu não deveria interrompê-lo, não é? A Antiga Terra está muito longe, em todo caso.

Apenas ouvimos rumores seculares. Continue.

- Já dei minha opinião - Dirk falou, - Os Homens Alterados ainda são humanos. Mesmo nas castas mais baixas, os mais grotescos, os experimentos falhados e descartados pelos cirurgiões... todos eles podem cruzar. É por isso que são esterilizados, eles têm medo da prole.

Janacek tomou um gole de cerveja e o presenteou com seus intensos olhos azuis.

- Eles podem cruzar, então? - sorriu. - Diga-me, t'Larien, durante seu ano naquele mundo você teve ocasião de testar isso pessoalmente?

Dirk enrubesceu e se pegou olhando de soslaio para Gwen, como se de algum modo fosse tudo culpa dela.

- Não fiquei no celibato estes sete anos, se é isso que quer dizer - rebateu.

Janacek recompensou sua resposta com um sorriso irônico e olhou para Gwen.

- Interessante - disse para ela. - O homem passa vários anos em sua cama e então imediatamente se volta para a bestialidade.

A raiva cruzou o rosto dela; Dirk ainda a conhecia bem o bastante para reconhecer aquilo. Jaan Vikary não pareceu satisfeito tampouco.

- Garse - disse em advertência.

Janacek mudou o tom.

- Minhas desculpas, Gwen - disse. - Não pretendia insultá-la. Certamente t'Larien pegou gosto por sereias e mulheres-inseto independentemente de você.

- Vai percorrer os bosques de Worlorn, t'Larien? - Vikary perguntou em voz alta, deliberadamente intervindo na conversa do outro kavalariano.

- Não sei - Dirk respondeu, saboreando sua cerveja. - Deveria?

- Eu nunca me perdoaria se você não fizesse isso - Gwen disse, sorrindo.

- Então irei. O que tem de tão interessante?

- O ecossistema. Está se formando e morrendo, tudo ao mesmo tempo. A ecologia foi uma ciência esquecida na Orla durante muito tempo. Mesmo agora, os habitantes dos mundos exteriores possuem menos de uma dúzia de engenheiros ambientais treinados entre eles. Quando o Festival começou, Worlorn foi semeado com formas de vida de catorze mundos

distintos, com quase nenhum planejamento sobre a interação entre elas. Na verdade, mais do que catorze mundos estiveram envolvidos, se contar múltiplos transplantes: animais trazidos da Terra para Nova Holme, para Ávalon, para Tocadolobo, e desses lugares para Worlorn, esse tipo de coisa, O que Arkin e eu estamos fazendo é um estudo de como essas coisas se desenvolveram. Já estamos nisso há alguns anos, e há trabalho suficiente ainda para nos manter ocupados por mais uma década. Os resultados podem ter um interesse particular para fazendeiros em todos os mundos exteriores. Eles saberão quais espécies da flora e da fauna da Orla podem introduzir com segurança em seus planetas natais e sob quais condições, e quais são danosos para um ecossistema.

- Os animais de Kimdiss estão se mostrando particularmente danosos. - Janacek rosnou. - Tanto quanto aqueles que os trouxeram.

Gwen sorriu para ele com sarcasmo.

- Garse está aborrecido porque parece que o banshee negro está à beira da extinção - disse para Dirk. - E uma vergonha, realmente. Em Alto Kavalaan, eles foram caçados até o ponto em que a espécie ficou claramente em perigo, e esperava-se que os espécimes soltos aqui há vinte anos pudessem se estabelecer e se multiplicar, então poderiam ser recapturados e levados de volta para Alto Kavalaan antes que o frio viesse. Não funcionou desse jeito. O banshee é um predador temível, mas em sua terra natal não pode competir com os homens, e, em Worlorn, sua reserva foi infestada por espectros arbóreos de Kimdiss.

- A maioria dos kavalarianos pensa nos banshees apenas como uma praga e uma ameaça. - Jaan Vikary explicou. - Em seu habitat, é um freqüente matador de homens, e os caçadores de Braith, Açorrubro e do grupo Shanagate pensam na caça ao banshee como a última palavra em competição, com uma única exceção. Jadeferro sempre foi diferente. Há um mito antigo, do tempo em que Kay Ferro-Ferreiro e seu teyn Roland Lobo-Jade lutavam sozinhos contra um exército de demônios das Colinas de Lameraan. Kay havia caído, e Roland, de pé ao seu lado, estava se enfraquecendo, quando os banshees vieram por sobre as colinas, muitos deles voando juntos, negros e numerosos o suficiente para bloquear o sol.

Lançaram-se avidamente sobre o exército de demônios e devoraram todos eles, um por um, deixando Kay e Roland vivos. Mais tarde, quando aquele teyn-e-teyn encontrou sua cova de mulheres e estabeleceu o primeiro grupo Jadeferro, o banshee tornou-se sua besta-irmã e emblema. Nenhum Jadeferro jamais matou um banshee, e as lendas dizem que sempre que um homem do grupo está correndo perigo de vida, um banshee aparecerá para guiá-lo e protegê-lo.

- Uma bela história - Dirk falou.

- É mais do que uma história - Janacek disse. - Há um laço entre Jadeferro e os banshees, t'Larien. Talvez seja psiônico, talvez as coisas sejam sencientes, talvez seja puro instinto. Não pretendo saber. Mesmo assim, o laço existe.

- Superstição - comentou Gwen. - Você realmente não deve pensar tão mal de Garse. Não é culpa dele que não teve muita educação.

Dirk espalhou calda sobre um biscoito e olhou para Janacek.

- Jaan mencionou que era historiador, e eu sei o que Gwen faz - disse. - E você? O que você faz?

Os olhos azuis o encararam friamente. Janacek não disse nada.

- Tenho a impressão - Dirk falou, continuando - de que você não é um ecologista.

Gwen riu.

- Essa impressão é assustadoramente correta, t'Larien - Janacek respondeu.

- O que está fazendo em Worlorn, então? E, falando nisso - voltou seu olhar para Jaan Vikary -, o que um historiador pode encontrar em um lugar como este?

Vikary envolveu sua caneca de cerveja com as grandes mãos e bebeu pensativamente.

- Isso é bastante simples - disse. - Sou um alto-senhor kavalariano do grupo Jadeferro, ligado a Gwen Delvano por jade-e-prata. Minha betheyn foi mandada para Worlorn pelo voto do conselho dos altos-senhores, então é natural que eu esteja aqui também, e meu teyn. Entende?

- Acho que sim. Vocês fazem companhia para Gwen, então?

Janacek aparentou muita hostilidade.

- Nós protegemos Gwen - disse friamente. - Normalmente, das próprias tolices. Ela não devia estar aqui, mesmo assim está, então devemos ficar aqui também. Quanto à sua questão anterior, t'Larien, sou um Jadeferro, teyn de Jaantony Alto-Jadeferro. Posso fazer qualquer coisa que meu grupo exija de mim: caçar, plantar, duelar, guerrear contra nossos inimigos, fazer bebês na barriga de nossas eyn-kethi. É isso o que eu faço. O que eu sou você já sabe. Eu lhe disse meu nome.

Vikary o olhou de soslaio e o fez se calar com um curto movimento de sua mão direita.

- Pense em nós como turistas atrasados. - falou para Dirk. - Estudamos e andamos por aí, percorremos os bosques e as cidades mortas, nos divertimos. Podíamos engaiolar banshees para mandá-los de volta a Alto Kavalaan, mas ainda não fomos capazes de encontrar nenhum. - Ergueu-se e terminou de tomar sua cerveja. - O dia passa e continuamos sentados - disse, depois de colocar a caneca na mesa. - Se vocês querem ir para os bosques, devem sair logo. Leva tempo cruzar as montanhas, mesmo no aeromóvel, e não é sábio permanecer por lá depois que escurece.

- Não? - Dirk terminou sua cerveja e limpou a boca com as costas da mão. Guardanapos não pareciam fazer parte do serviço de mesa de um kavalariano.

- Os banshees nunca foram os únicos predadores em Worlorn - Vikary contou. - Há animais assassinos e assediadores de catorze mundos nos bosques, e eles são o menor perigo. Os piores são os humanos. Worlorn é um mundo fácil e vazio hoje, e suas sombras e desertos estão cheios de estranhezas.

- Seria melhor se estivessem armados - Janacek falou. - Ou, melhor ainda, Jaan e eu podemos ir com vocês, para o bem da sua segurança.

Mas Vikary sacudiu a cabeça.

- Não, Garse. Eles devem ir sozinhos e conversar. É melhor desse jeito, entende? É meu desejo. - Então pegou alguns pratos e caminhou em direção à cozinha. Mas, perto da porta, parou e olhou sobre os ombros, e seus olhos encontraram rapidamente os de Dirk.

E Dirk lembrou-se de suas palavras, lá fora, no teto, ao amanhecer. Eu

existo, Jaan dissera. Lembre-se disso.

- Há quanto tempo você não voa em um aeropatinete? - Gwen lhe perguntou pouco tempo depois, quando se encontraram no telhado. Ela vestira um macacão de tecido-camaleão, uma vestimenta cinturada que a cobria de um escuro vermelho-acinzentado das botas ao pescoço. A tiara que mantinha seus cabelos negros no lugar era do mesmo tecido.

- Não ando nisso desde que era criança, em Ávalon - Dirk respondeu. Sua própria roupa era gêmea da dela; Gwen lhe dera para que pudessem se camuflar na floresta. - Mas tenho vontade de tentar. Eu costumava ser muito bom.

- Vamos nessa, então - Gwen falou. - Não seremos capazes de ir muito longe ou muito rápido, mas isso não importa. - Ela abriu o baú de carga do aeromóvel cinza em formato de arraia e tirou dois pequenos pacotes prateados e dois pares de botas.

Dirk sentou-se na asa do aeromóvel novamente, enquanto colocava as novas botas e amarrava-as. Gwen desdobrou os patinetes, duas pequenas plataformas metálicas brandas e finas, largas o suficiente para apoiar os pés. Quando colocou as plataformas no chão, Dirk pôde seguir com a vista os cabos entrecruzados dos controles de gravidade localizados na parte inferior. Subiu em um deles, posicionou os pés cuidadosamente, e as solas de metal de suas botas se travaram firmemente no lugar, enquanto a plataforma ficava rígida. Gwen lhe deu o dispositivo de controle, e ele o prendeu à cintura, de modo que ficasse ao alcance da palma da mão.

- Arkin e eu usamos os patinetes para andar pelos bosques. - Gwen lhe contou enquanto se agachava para prender as próprias botas. - Um aeromóvel tem uma velocidade dez vezes maior, é claro, mas nem sempre é fácil encontrar uma clareira grande o suficiente para pousar. Os patinetes são bons para trabalhos que exigem aproximação maior, desde que não tentemos levar muito equipamento nem tenhamos muita pressa. Garse diz que são brinquedos, mas... - Ela se levantou, subiu na plataforma e sorriu. - Pronto?

- Pode apostar - Dirk respondeu, e seu dedo roçou no disco prateado na palma de sua mão direita com um pouco mais de força do que deveria. O

patinete saiu disparado para cima, arrastando-o pelos pés e balançando-o de um lado para o outro de cabeça para baixo, quando o resto de seu corpo ficou para trás. Ele mal conseguiu evitar de bater a cabeça no telhado enquanto virava e subia para o céu pendurado sob sua plataforma, rindo descontroladamente.

Gwen veio atrás dele, permanecendo na própria plataforma e subindo pelo vento do crepúsculo com a habilidade adquirida de longa prática, como um gênio montado em um tapete prateado. Quando alcançou Dirk, ele havia brincado com os controles tempo suficiente para endireitar-se, embora ainda estivesse bamboleando para trás e para a frente, em um esforço feroz para manter o equilíbrio. Ao contrário de aeromóveis, aeropatinetes não tinham giroscópio.

- Eeeeeee - ele gritou quando ela se aproximou. Rindo, Gwen foi para trás dele e lhe deu um vigoroso tapa nas costas. Era tudo o que precisava para girar novamente, e ele começou a rodopiar pelos céus de Larteyn em um louco carrossel.

Gwen estava atrás dele, gritando alguma coisa. Dirk piscou e notou que estava prestes a se chocar contra a lateral de uma alta torre de ébano. Mexeu nos controles e se elevou bruscamente, ainda lutando para se estabilizar.

Estava bem acima da cidade e em pé sobre a plataforma quando ela o alcançou.

- Fique longe - avisou-a com um sorriso, sentindo-se estúpido, desajeitado e brincalhão. - Me golpeie assim novamente e eu vou até o tanque voador e apago você dos céus com o laser, mulher! - Inclinou-se de lado e, para compensar e manter o equilíbrio, balançou para o lado oposto.

- Você está bêbado. - Gwen gritou para ele através do vento cortante. - Cerveja demais no desjejum. - Ela estava acima dele, agora, braços cruzados no peito, observando seus esforços com desaprovação zombeteira.

- Estas coisas parecem muito mais estáveis quando você está de cabeça para baixo - Dirk falou. Finalmente conseguira um aparente equilíbrio, embora pelo jeito que estendia os braços para os dois lados ficava claro que estava na dúvida de ser capaz de manter-se assim.

Gwen desceu ao mesmo nível que ele e ficou ao seu lado, bem estável e confiante, seus cabelos escuros agitando-se atrás dela como um negro estandarte selvagem.

- Como está indo? - ela gritou, enquanto voavam lado a lado.

- Acho que consegui - Dirk anunciou. Ainda estava em pé.

- Bom. Olhe para baixo!

Ele fez o que ela mandou, para além da escassa segurança da plataforma sob seus pés. Larteyn, com suas torres escuras e ruas de pedrardente apagadas, não estava mais embaixo deles. Em vez disso, havia uma longa, longa queda através do vazio céu crepuscular até a Comuna bem abaixo. Ele vislumbrou um rio ali, um fio de águas escuras serpenteando no verde pouco iluminado. Então sua cabeça rodou vertiginosamente, suas mãos se apertaram, e ele virou de novo.

Dessa vez, Gwen mergulhou embaixo dele quando Dirk ficou de cabeça para baixo. Cruzou os braços novamente e sorriu para ele.

- Você é incorrigível, t'Larien - disse-lhe. - Por que não voa de cabeça para cima?

Ele rosnou para ela, ou tentou rosnar, mas o vento tirou seu fôlego e só conseguiu fazer uma careta. Então virou-se novamente. Suas pernas estavam ficando doloridas com tudo isso.

- Ali! - ele gritou e olhou para baixo desafiadoramente para provar que a altura não o afetaria pela segunda vez.

Gwen estava ao seu lado outra vez. Olhava para ele e balançava a cabeça.

- Você é a desgraça das crianças de Ávalon e dos aeropatina- dores de todos os lugares - disse. - Mas provavelmente sobreviverá. Agora, quer ver o bosque?

- Leve-me até lá, Jenny!

- Então se vire. Está indo para o lado errado. Temos que cruzar as montanhas. - Ela estendeu a mão livre, tomou a de Dirk, e viraram juntos em uma larga espiral, para cima e para trás, de frente para Larteyn e a cadeia montanhosa. A cidade parecia cinza e desbotada a distância, com orgulhosas pedrardentes opacas pelo sol. As montanhas eram uma escuridão iminente.

Voaram juntos em direção a elas, ganhando altitude paulatinamente até que ficaram bem acima da Fortaleza de Fogo, alto o suficiente para atravessar os picos. Era quase a altitude máxima para os aeropatinetes; um aeromóvel, é claro, poderia subir muito mais. Mas era alto o suficiente para Dirk. Os macacões de tecido-camaleão que vestiam tinham ficado totalmente cinza e branco, e ele era grato pelo calor das roupas; o vento estava frio e o indeciso dia de Worlorn não era muito mais quente do que a noite.

De mãos dadas e gritando comentários ocasionais, voando por aqui e por ali ao vento, Gwen e Dirk passaram sobre a montanha e logo depois desceram a encosta até um vale sombrio e rochoso. Então voaram para cima e para baixo novamente, e ainda mais uma vez, passando por afloramentos de rocha verde e negra afiados como punhais, por altas e estreitas cachoeiras e por precipícios ainda mais altos. Em certo ponto, Gwen o desafiou a uma corrida, e ele gritou aceitando, então dispararam adiante tão rápido quanto os patinetes e suas habilidades permitiam, até que finalmente Gwen ficou com pena dele e voltou para segurar sua mão outra vez.

A cadeia descia tão repentinamente a oeste como se erguia no leste, formando uma barreira alta para proteger o bosque da luz da Roda, que ainda se erguia.

- Para baixo - Gwen falou, e ele assentiu, e então começaram uma lenta descida em direção às folhagens escuras misturadas abaixo. Fazia mais de uma hora que estavam voando; Dirk estava meio entorpecido pelo forte vento de Worlorn, e a maior parte de seu corpo protestava desse maltrato. Pousaram bem dentro da floresta, ao lado de um lago que haviam visto enquanto desciam. Gwen aterrissou, traçando graciosamente uma curva suave que a deixou parada em uma praia musgosa ao lado da água. Dirk, com medo de se estatelar no chão e quebrar uma perna, desligou o controle um pouco cedo demais e despencou o último metro.

Gwen o ajudou a soltar suas botas do aeropatinete, e, juntos, sacudiram a areia e o musgo das roupas e dos cabelos. Então sentou-se ao lado dele e sorriu. Ele retribuiu o sorriso e a beijou.

Ou tentou. Quando se aproximou para colocar o braço ao redor dela, Gwen se afastou. Ele compreendeu e deixou as mãos caírem, e sombras cruzaram seu rosto.

- Sinto muito - ele murmurou. Desviou o rosto e olhou para o lago. A água era de um verde lustroso, e ilhas de fungos pontilhavam a superfície parada. O único movimento era dos enxames de insetos agitando-se nas águas rasas próximas. A floresta era ainda mais escura do que a cidade, pois as montanhas ocultavam a maior parte do disco do Satã Gordo.

Gwen esticou a mão e o tocou no ombro.

- Não - ela disse suavemente. - Eu sinto muito. Esqueci também. Era quase como em Ávalon.

Ele olhou para ela e forçou um sorriso lânguido, sentindo-se perdido.

- Sim. Quase. Senti sua falta, Gwen, apesar de tudo. Ou não deveria dizer isso?

- Provavelmente, não - ela respondeu. Seus olhos evitaram os dele novamente e vagaram para o outro lado do lago.

A margem oposta estava perdida na neblina. Ela contemplou a distância por um longo tempo, sem se mover, exceto uma vez, quando tremeu de frio. Dirk observou a própria roupa adquirir lentamente um tom manchado de branco e cinza, para combinar com a cor da terra sobre a qual se sentara.

Finalmente ele estendeu a mão para tocá-la, ainda inseguro. Ela se afastou.

- Não - falou.

Dirk suspirou e apanhou um punhado de areia fria, deixando escorrer entre os dedos enquanto pensava.

- Gwen. - Hesitou. - Jenny, não sei...

Ela olhou de relance para ele e franziu o cenho.

- Esse não é meu nome, Dirk. Nunca foi. Ninguém jamais me chamou assim, exceto você.

Ele estremeceu, consternado.

- Mas por que...

- Porque não sou eu!

- E ninguém mais - ele disse. - Simplesmente me ocorreu, em Ávalon, que

combinava com você, e eu a chamei assim. Achei que gostasse.

Ela abanou a cabeça.

- Antigamente. Você não entende. Você nunca entendeu. Chegou a significar mais para mim do que a princípio, Dirk. Mais e mais e mais, e as coisas que esse nome representa para mim não são coisas boas. Tentei falar para você, até mesmo naquela época. Mas foi há muito tempo. Eu era mais jovem, uma criança. Não tinha as palavras adequadas para explicar.

- E agora? - A voz dele estava crispada de irritação. - Você tem as palavras agora, Gwen?

- Sim. Por você, Dirk. Mais palavras do que posso usar. - Ela sorriu de alguma piada secreta e sacudiu a cabeça, então seu cabelo se espalhou ao vento. - Ouça, nomes privados são bons. Podem ser algo especial para se compartilhar. Com Jaan é assim. Os altos-senhores têm longos nomes porque cumprem muitas funções. Ele pode ser Jaan Vikary para um amigo lupino em Ávalon, e Alto-Jadeferro nos conselhos do grupo, e ainda Riv no culto, Lobo na alta-guerra, ou mesmo ter outro nome na cama, um nome privado. E isso está certo, porque todos esses nomes são ele. Eu reconheço isso. Gosto de algumas partes mais do que de outras, gosto de Jaan mais do que do Lobo ou do Alto-Jadeferro, mas esses nomes são todos verdadeiros para ele. Os kavalarianos têm um ditado, que um homem é a soma de todos os seus nomes. Nomes são muito importantes em Alto Kavalaan. Nomes são muito importantes em todos os lugares, mas os kavalarianos conhecem essa verdade melhor do que a maioria. Uma coisa sem nome não tem substância. Se algo existe, tem um nome. E, da mesma forma, se você der uma nome para alguma coisa, de algum modo, em algum nível, a coisa nomeada ainda existe, chegará a ser. Esse é outro ditado kavalariano. Você entende, Dirk?

- Não.

Ela riu.

- Você é tão confuso quanto sempre. Ouça, quando Jaan foi para Ávalon, ele era Jaantony Jadeferro Vikary. Esse era seu nome, seu nome inteiro. As duas primeiras palavras eram a parte mais importante dele: Jaantony, seu nome verdadeiro, seu nome de nascimento, e Jadeferro é seu grupo e sua

aliança. Vikary é um nome inventado que ele assumiu na puberdade. Todos os kavalarianos usam esses nomes, em geral nomes de altos-senhores que admiram, ou figuras míticas, ou heróis pessoais. Vários sobrenomes da Antiga Terra sobreviveram desse jeito. A idéia é que, ao tomar o nome de um herói, o garoto adquirirá algumas das qualidades do homem. Em Alto Kavalaan, isso realmente parece funcionar. O nome que Jaan escolheu, Vikary, é um pouco incomum em vários aspectos. Soa como um clichê da Antiga Terra, mas não é. Pelo que se conta, Jaan era um menino estranho e sonhador, muito melancólico e introspectivo demais. Quando era muito pequeno, gostava de ouvir canções das eyn-kethi e de contar histórias, o que não é bom para um garoto kavalariano. As eyn-kethi são as mulheres para reprodução, as mães perpétuas dos grupos, e uma criança normal não deve ficar com elas mais do que o necessário. Quando Jaan ficou mais velho, passava o tempo sozinho, explorando cavernas e minas abandonadas nas montanhas. Mantinha uma distância segura de seus irmãos de grupo. Não o culpo. Era sempre atormentado pelos demais e praticamente não tivera amigos, até que conheceu Garse. Que é muito mais jovem, mas ainda assim acabou como protetor de Jaan nas etapas posteriores de sua infância. Eventualmente, tudo isso mudou. Quando Jaan se aproximou da idade em que deveria se sujeitar ao código de honra, voltou sua atenção para as armas e as dominou muito rapidamente. Ele fez realmente um estudo fantástico: hoje é terrivelmente rápido, e o consideram letal, melhor ainda do que Garse, cuja habilidade é em grande parte instintiva. Não foi sempre assim, no entanto. De qualquer forma, quando chegou a hora de Jaantony escolher um nome, ele tinha dois grandes heróis, mas não se atrevia a mencionar nenhum deles para os altos-senhores. Nenhum deles era Jadeferro, e, pior, ambos eram quase párias, vilões da história kavalariana, líderes carismáticos cujas causas foram perdidas e que haviam sido sujeitados a gerações de difamações. Então Jaan meio que juntou seus nomes e manipulou os sons até que o produto parecesse um antigo nome familiar importado da Terra. Os altos-senhores aceitaram sem pestanejar. Era apenas seu nome escolhido, a parte menos importante de sua identidade. É a parte que vem no final, depois de tudo.

Ela franziu o cenho e prosseguiu:

- Esse é o ponto central de toda a história. Jaantony Jadeferro Vikary foi para Ávalon, e era, em grande parte, Jaantony Jadeferro. Só que Ávalon é um mundo muito sensível aos sobrenomes, e lá ele descobriu que era em grande parte Vikary. A Academia o registrou com esse nome, seus instrutores o chamavam de Vikary, e esse foi o nome com o qual viveu por dois anos. Logo se transformou em Jaan Vikary, além de ser Jaantony Jadeferro. Acho que gostava disso. Desde essa época, tentou ser sempre Jaan Vikary, embora não tenha sido fácil depois que voltou para Alto Kavalaan. Para os kavalarianos, ele sempre será Jaantony.

- Onde ele conseguiu todos os outros nomes? - Dirk pegou-se perguntando, a despeito de si mesmo. A história o fascinava e parecia jogar novas luzes sobre o que Jaan Vikary lhe dissera no telhado.

- Quando nos casamos, ele me levou para Jadeferro e tornou- -se um alto-senhor, automaticamente um membro do conselho dos altos-senhores - ela explicou. - Aquilo colocou um "alto" no nome dele, e lhe deu o direito de ter propriedades privadas, independentemente do grupo, de fazer sacrifícios religiosos e de liderar seu kethi, seus irmãos de grupo, na guerra. Então ele ganhou um nome de guerra, uma espécie de grau, e um nome religioso. Antigamente, esses tipos de nome eram muito importantes. Não tanto hoje em dia, mas o costume permanece.

- Entendo - disse Dirk, embora não entendesse, não completamente. Os kavalarianos pareciam dar uma relevância excepcional ao casamento. - E isso tem algo a ver conosco?

- Muito - Gwen falou, ficando muito séria novamente. - Quando Jaan chegou a Ávalon e as pessoas começaram a chamá-lo de Vikary, ele mudou. Tornou-se Vikary, um híbrido de seus próprios ídolos iconoclásticos. É isso o que os nomes podem fazer, Dirk. É o que foi nossa ruína. Eu amava você, sim. Muito. Eu amava você, e você amava Jenny.

- Você era Jenny!

- Sim e não. Sua Jenny, sua Guinevere. Você dizia isso, uma vez, outra e mais outra. Você me chamava desses nomes com tanta frequência quanto me chamava de Gwen, mas você estava certo. Esses eram seus nomes. Sim,

eu gostava disso. O que eu sabia de nomes ou de nomear algo? Jenny é muito bonito, e Guinevere tem o brilho da lenda. O que eu sabia? Mas aprendi, mesmo que nunca tenha tido as palavras para explicar. O problema era que você amava Jenny... só que eu não era Jenny. Ela era baseada em mim, talvez, mas em grande parte era um fantasma, um desejo, um sonho que você desenhou todo para si. Você a fixou em mim e amou nós duas, e, com o tempo, me surpreendi me transformando em Jenny. Dê um nome para uma coisa e ela, de algum modo, passará a existir. Toda a verdade está nos nomes, e todas as mentiras também, pois nada distorce tanto quanto um nome falso, um nome falso que muda a realidade assim como as aparências. Eu queria que você me amasse, não a ela. Eu era Gwen Delvano, e queria ser a melhor Gwen Delvano que pudesse ser, mas ainda eu mesma. Lutei para ser Jenny, e você lutou para mantê-la e nunca entendeu. E foi por isso que deixei você. - Terminou em uma voz fria, o rosto uma máscara, e desviou o olhar dele novamente.

E ele entendeu, finalmente. Por sete anos nunca fora capaz de compreender, mas agora, de maneira fugaz, pôde vislumbrar. Então foi por isso, ele pensou, foi por isso que ela enviou a jóia-sussurrante. Não para chamá-lo de volta, não, não por isso. Mas para dizer-lhe, finalmente, porque o mandara embora. E havia sentido nisso. Sua raiva desapareceu repentinamente em uma cansada melancolia. A areia corria fria e despercebida entre os dedos dele.

Ela viu o rosto dele, e a voz dela ficou mais suave.

- Sinto muito, Dirk - falou. - Mas você me chamou de Jenny novamente. E eu tinha que lhe contar a verdade. Nunca esqueci, e não posso imaginar que você tenha esquecido, e pensei nisso por todos estes anos. Foi tão bom, quando era bom, eu ficava pensando. Como pôde dar errado? Isso me assustava, Dirk. Isso realmente me assustava. Eu pensava, "se nós demos errado, Dirk e eu, então nada é certo, nada pode ter consistência". O medo me aleijou por dois anos. Mas finalmente, com Jaan, eu entendi. E agora veio à tona, a resposta que encontrei. Sinto se é uma resposta muito dolorosa para você. Mas você tinha que saber.

- Eu esperava...

- Não - ela avisou. - Não comece, Dirk. Não novamente. Nem mesmo tente. O nosso relacionamento terminou. Reconheça isso. Mataríamos a nós mesmos se tentássemos.

Ele suspirou, totalmente desarmado. Durante toda a longa conversa, não a tocara nenhuma vez. Sentia-se impotente.

- Devo supor que Jaan não a chama de Jenny? - ele perguntou finalmente, com um sorriso amargo.

- Não - Gwen respondeu, sorrindo. - Como kavalariana, tenho um nome secreto, e ele me chama por esse nome. Mas eu escolhi o nome, então não tem problema. É o meu nome.

Ele apenas deu de ombros.

- Você está feliz, então?

Gwen se levantou e sacudiu a areia das pernas.

- Jaan e eu... bem, há muita coisa que é difícil explicar. Você foi meu amigo antigamente, Dirk, e talvez tenha sido meu melhor amigo. Mas estive longe por um longo tempo. Não pressione demais. Neste exato momento preciso de um amigo. Falo com Arkin, e ele ouve e tenta compreender, mas não pode ajudar muito. Está muito envolvido, muito cego sobre os kavalarianos e a cultura deles. Jaan, Garse e eu temos problemas, sim, se é o que está perguntando. Mas é difícil falar sobre eles. Me dê um tempo. Espere, se puder, e seja meu amigo novamente.

O lago estava muito quieto no perpétuo pôr do sol vermelho- acinzentado. Ele observou a água, espessa com as crostas de fungos espalhadas, e lembrou-se novamente do canal em Braque. Então ela precisava dele, pensou. Talvez não como ele esperava, mas ainda havia algo que podia lhe dar. Agarrou-se a isso com força: ele queria dar, tinha que dar.

- Como seja - disse, enquanto se levantava. - Há muita coisa que não entendo, Gwen. Muita coisa. Fico pensando que metade da conversa de ontem foi incompreensível para mim, e não sei as perguntas certas que devem ser feitas. Mas posso tentar. Devo isso a você, acho. Devo isso, de um modo ou de outro.

- Você esperará?

- E ouvirei, quando a hora chegar.

- Então estou feliz que tenha vindo - ela disse. - Preciso de alguém, de alguém de fora. Você chegou bem a tempo, Dirk. Uma sorte.

Que estranho, ele pensou, mandar buscar a sorte. Mas não disse nada.

-E agora?

- Agora me mostre o bosque. Viemos para isso, no fim das contas.

Pegaram os aeropatinetes e se afastaram do lago silencioso, em direção da espessa floresta. Não havia trilha a ser seguida, mas o mato não era fechado e a caminhada era fácil, com muitos caminhos a serem escolhidos. Dirk estava quieto, estudando as árvores ao redor, com os ombros caídos e as mãos enfiadas no fundo dos bolsos. Gwen falou o pouco que havia para ser falado. Quando falava, sua voz era baixa e reverente como o sussurro de uma criança em uma grande catedral. Mas, na maior parte das vezes, ela simplesmente apontava e o deixava olhar.

As árvores ao redor do lago eram todas velhas conhecidas que Dirk vira milhares de vezes antes. Por isso era chamada de floresta de casa, as árvores que os homens carregaram consigo de sol em sol e plantaram em todos os mundos em que chegavam. A floresta de casa tinha suas raízes na Antiga Terra, mas não era totalmente da Terra. Em cada novo planeta, a humanidade encontrava novas favoritas, plantas e árvores que logo eram tão parte da linhagem quanto aquelas que vieram da Terra no início. E quando as naves espaciais partiam, mudas daqueles mundos seguiam com as duas vezes desenraizadas netas da Terra, e então a floresta de casa crescia.

Dirk e Gwen passearam por aquela floresta lentamente, como outros caminharam pela mesma floresta em uma dúzia de outros mundos. E conheciam as árvores. Bordos doces, bordos ardentes, pseudocarvalho e carvalhos verdadeiros, árvores-prata, pinheiros venenosos e ásters. Os habitantes dos mundos exteriores trouxeram essas plantas até ali como seus ancestrais as levaram para a Orla, para adicionar um toque do lar, onde quer que o lar pudesse estar.

Mas, ali, as árvores pareciam diferentes.

Era a luz, Dirk percebeu depois de um tempo. A luz fraca que vazava tão escassa do céu, o brilho vermelho pálido que passava pelo dia de Worlorn.

Essa era uma floresta crepuscular. Na lentidão do tempo - em um outono muito estendido -, estava morrendo.

Olhou mais de perto e viu que os bordos doces estavam todos nus, as folhas caídas aos seus pés. Não ficariam verdes novamente. Os carvalhos estavam secos também. Parou e puxou uma folha de um bordo ardente, e viu que as finas veias vermelhas haviam se tornado negras. E as árvores-prata estavam, na verdade, de um cinza empoeirado.

A podridão viria em breve.

Em partes da floresta, a podridão já chegara. Em um vale desolado, onde o húmus estava mais grosso e mais negro do que em qualquer outro lugar, Dirk notou o odor. Olhou para Gwen, perguntando. Ela se agachou e levou um punhado de matéria negra ao nariz dele. Dirk virou o rosto.

- Era uma cama de musgo - contou para ele, melancólica. - Trouxeram de Eshellin. Um ano atrás estava verde e escarlate, viva, com florzinhas. O negro se espalhou rapidamente.

Adentraram ainda mais na floresta, mais distantes do lago e da cadeia montanhosa. Os sóis estavam quase a pino agora; o Satã Gordo, opaco e borrado como uma lua ensangüentada, com uma aurora irregular de quatro pequenos sóis-estrelas. Worlorn havia retrocedido demais e na direção errada: os efeitos da Roda estavam perdidos.

Estavam caminhando há mais de uma hora, quando a característica da vegetação ao redor deles começou a mudar. Lentamente, sutilmente, a mudança se acentuou de modo tão gradual que Dirk quase não notou. Mas Gwen lhe mostrou. O aroma familiar da floresta de casa estava sumindo, rendendo-se para algo mais estranho, algo único, algo mais selvagem. Esbeltas árvores negras com folhas cinzentas, altas muralhas de urze de pontas vermelhas, musgos pendurados de um azul-claro fosforescente, grandes formas bulbosas infestadas com escuras manchas lascadas; para cada uma delas Gwen apontava e dava um nome. Um tipo tornava-se mais e mais comum: um arbusto amarelado e alto do qual brotavam ramos intrincados de toda a superfície do tronco céreo, e galhos ainda menores desses ramos, e ainda menores desses últimos, até transformar-se em um sólido labirinto de madeira.

- Estranguladores - Gwen chamou a planta, e Dirk logo soube o motivo. Ali, nas profundezas do bosque, um dos estranguladores crescera ao lado de uma esbelta árvore-prata, e seus ramos sinuosos e amarelados se misturaram aos outros, retos, cinzentos e espigados, enterrando raízes sobre e ao redor da outra árvore, asfixiando a rival em um abraço cada vez mais apertado. E agora a árvore-prata mal podia ser vista: uma estaca alta e morta, perdida entre galhos e raízes do estrangulador.

- Os estranguladores são nativos de Tober - contou Gwen. - Estão tomando a floresta aqui, exatamente como fizeram lá. Poderíamos ter dito a eles que isso aconteceria, mas não teriam se importado. As florestas estão todas condenadas, de qualquer maneira, e antes mesmo de terem sido plantadas. Mesmo os estranguladores morrerão, mesmo sendo os últimos a desaparecer.

Seguiram caminhando, e os estranguladores ficaram cada vez mais freqüentes, até que logo dominaram toda a floresta. Aqui a mata era mais densa, mais escura; a passagem era mais difícil. Raízes semienterradas faziam-nos tropeçar, enquanto ramos emaranhados se interligavam sobre eles como os braços estendidos de lutadores gigantes. Onde dois, três ou mais estranguladores cresciam próximos, eles pareciam se misturar em um único nó retorcido, e Gwen e Dirk eram forçados a desviar. Outras plantas vivas eram escassas, exceto leitos de cogumelos negros e roxos próximos aos pés das árvores amarelas, e cipós parasitas.

Mas havia animais.

Dirk via-os se moverem através das escuras sinuosidades dos estranguladores e ouvia seus chamados agudos e trêmulos. Finalmente viu um. Parado bem acima de suas cabeças em um inchado galho amarelo, olhando para baixo: do tamanho de um punho, imóvel como um morto e, de algum modo, transparente.

Dirk tocou o ombro de Gwen e acenou com a cabeça para cima. Mas ela apenas sorriu para ele e depois riu levemente. Então estendeu o braço até onde a pequena criatura estava e a triturou entre os dedos. Quando abriu a mão diante de Dirk, sua palma tinha apenas pó e tecido morto.

- Há um ninho de espectros arbóreos aqui perto - ela explicou. - Eles

trocam de pele quatro ou cinco vezes antes da maturidade e deixam a casca como guardiões, para espantar outros predadores. - Ela apontou. - Ali há um vivo, se estiver interessado.

Dirk olhou e teve um vislumbre fugaz de uma pequena coisa amarela saltitante, com dentes afiados e enormes olhos castanhos.

- Eles voam também - contou Gwen. - Têm uma membrana que vai do braço até a perna e permite que parem entre as árvores. Predadores, você sabe. Caçam em grupos, podem capturar criaturas centenas de vezes seu tamanho. Mas geralmente não atacam humanos, a menos que seja para defender seu ninho.

O espectro arbóreo havia partido agora, perdido entre o labirinto de galhos do estrangulador, mas Dirk achou ter visto outro brevemente, com o canto do olho. Estudou as árvores ao seu redor. As cascas de pele transparente estavam por todos os lados, vigiando o crepúsculo com ar feroz, todos pequenos e carrancu- dos fantasmas.

- São essas coisas que deixam Janacek tão aborrecido, não são? - perguntou. Gwen assentiu.

- Os espectros são uma peste em Kimdiss, mas aqui eles realmente encontraram seu elemento. Combinam perfeitamente com os estranguladores, e podem se mover entre os emaranhados mais rápido do que qualquer outra coisa que eu tenha visto. Nós os estudamos muito bem. Estão devastando as florestas. Com o tempo, matariam todas as espécies e morreriam de fome, mas não terão tempo para isso. O escudo falhará antes, e o frio virá. - Encolheu os ombros um pouco cansada e apoiou o antebraço em um ramo baixo e arqueado. Os macacões de ambos há muito haviam se tornado da mesma cor amarela suja que as árvores ao redor deles, mas a manga dela deslizou para cima quando encostou no ramo, e Dirk viu o brilho fosco do jade-e-prata brilhando contra o estrangulador.

- Ainda há muita vida animal?

- Bastante - ela disse. A clara luz vermelha dava à prata um brilho estranho.

- Não tanta quanto costumava haver, é claro. A maioria da vida selvagem abandonou a floresta de casa. As árvores estão morrendo, e os animais sabem isso. Mas as árvores dos mundos exteriores são mais resistentes, de

algum modo. Onde florestas da Orla foram plantadas, você encontrará vida, ainda forte, ainda sobrevivendo. Os estranguladores, as árvores-fantasma, os viúvos azuis... florescerão até o fim. E terão seus inquilinos, velhos e novos, até que o frio venha.

Gwen movia o braço à toa, para este lado e para aquele, e o bracelete piscava para ele, gritava para ele. Um vínculo, uma lembrança e uma negação, tudo de uma vez, amor jurado em jade-e-prata. E ele tinha apenas uma pequena jóia-sussurrante no formato de uma lágrima, repleta de memórias que se desvaneciam.

Levantou os olhos, passando por um intrincado cruzamento de ramos amarelos dos estranguladores, até onde o Olho do Inferno estava parado em uma fatia do céu escuro, parecendo mais cansado do que infernal, mais compassivo do que satânico. E estremeceu.

- Vamos voltar - pediu para Gwen. - Este lugar me deprime.

Ela não se opôs. Encontraram uma clareira a uma certa distância dos estranguladores que os cercavam, um lugar para estender as plataformas metálicas de seus patinetes. Então subiram juntos para começar o longo voo de volta a Larteyn.

Capítulo 3

Ao voarem de volta por cima das montanhas, Dirk se saiu melhor do que da primeira vez, perdendo por menos do que antes. Mas o progresso não melhorou seu humor. Na maior parte da cansativa viagem, voaram em silêncio, separados, com Gwen alguns metros à frente dele. Seguiram de costas para a quebrada e muda Roda de Fogo, e a silhueta de Gwen parecia a de uma bruxa vagamente delineada contra o céu e sempre fora de alcance. A melancolia das florestas moribundas de Worlorn tinha penetrado na carne dele, e ele via Gwen com um olhar contaminado, a figura de uma boneca em uma roupa tão desbotada quanto o desespero, seu cabelo negro lustroso sob a luz vermelha. Os pensamentos vinham em um

caos colorido, enquanto o vento passava por ele, e um deles era mais freqüente do que os demais. Ela não era sua Jenny, e nunca havia sido.

Duas vezes durante o voo, Dirk viu - ou pensou ter visto - o jade-e-prata brilhando, atormentando-o, como acontecera na floresta. Desviou os olhos ambas as vezes e observou as nuvens negras, longas e finas deslizarem pelo céu vazio e estéril.

O aeromóvel cinza em forma de arraia e a máquina de guerra verde-oliva não estavam no telhado quando o casal chegou a Larteyn. Apenas o carro amarelo de Ruark, em formato de lágrima, estava estacionado. Aterrissaram perto - o pouso de Dirk foi outro tropeço desajeitado, agora estranhamente sem graça, apenas estúpido - e deixaram os aeropatinetes e as botas de voo no telhado, no lugar em que as tiraram. Perto dos elevadores, conversaram brevemente, mas Dirk esqueceu as palavras assim que as disse. Então Gwen se despediu.

Em seus aposentos na base da torre, Arkin Ruark esperava pacientemente. Dirk encontrou um divã entre as paredes tom pastel, as esculturas e os vasos de plantas kimdissianas. Recostou-se nele, esperando apenas descansar e não pensar, mas Ruark estava ali, rindo e sacudindo a cabeça, fazendo os cabelos loiros platinados dançarem, empurrando uma taça verde alta em suas mãos. Dirk pegou e sentou-se novamente. A taça era de cristal fino e elegante, liso e sem adornos, exceto por uma pequena crosta de gelo derretido. Ele bebeu, e o vinho era muito verde e frio, e um sabor de incenso e canela desceu por sua garganta.

- Você parece muito cansado - falou o kimdissiano, depois de pegar uma bebida para si e largar-se em uma rede sob a sombra de uma planta negra inclinada. As folhas em formato de lança lançavam faixas de sombras em seu rosto gorducho e sorridente. Ele tomou um gole, sugando o líquido ruidosamente, e, por um breve instante, Dirk o desprezou.

- Um longo dia - comentou, vagamente.

- Verdade. - Ruark concordou. - Um dia com kavalarianos, né? É sempre longo. A doce Gwen, Jaantony e, por fim, Garsinho... o suficiente para fazer um dia durar uma eternidade. O que me diz?

Dirk não disse nada.

- Mas agora - Ruark continuou, sorrindo - você já viu. De minha parte, eu queria isso, que você visse. Antes que eu lhe contasse. Mas eu havia jurado contar para você, um juramento para mim mesmo. Gwen tem conversado comigo. A gente conversa, você sabe, como amigos, e eu a conheço e a Jaan desde Ávalon. Mas aqui nos aproximamos. Ela não consegue falar sobre isso facilmente, mas fala comigo, ou falava, e eu posso lhe contar. Nenhuma violação de confiança. Você é quem deve saber, creio.

A bebida tocou seu peito com dedos gelados, e Dirk sentiu o cansaço se dissipar. Era como se tivesse estado adormecido, como se Ruark estivesse falando por um longo tempo e ele tivesse perdido tudo.

- Sobre o que você está falando? - ele perguntou. - O que eu deveria saber?

- Por que Gwen precisa de você - respondeu Ruark. - Por que ela mandou... a coisa. A lágrima vermelha. Você sabe. Eu sei. Ela me contou.

Repentinamente Dirk estava bastante alerta, interessado e intrigado.

- Ela contou para você - ele começou, e então parou. Gwen lhe pedira para esperar, e havia muito tempo ele fizera uma promessa... mas se encaixava. Talvez tivesse que escutar, talvez fosse difícil demais para ela lhe dizer. Ruark saberia. Era amigo dela, Gwen dissera na floresta, o único com quem podia falar. - O que ela lhe contou?

- Você tem que ajudá-la, Dirk t'Larien, de algum modo. Só não sei como.

- Ajudá-la a fazer o quê?

- A ser livre. A escapar.

Dirk colocou a bebida na mesa e coçou a cabeça.

- De quem?

- Dos kavalarianos.

Ele franziu o cenho.

- De Jaan, quer dizer? Eu o conheci esta manhã, ele e Janacek. Ela ama Jaan. Eu não entendo. - Ruark riu, tomou sua bebida e riu novamente. O kimdissiano estava vestido com um traje de três peças com quadros alternados marrons e verdes, como a roupa de um bobo da corte, e estava sentado disparando coisas sem sentido. Dirk se perguntou se o pequeno ecologista era realmente um tolo.

- Amá-lo, sim, ela disse isso? - Ruark perguntou. - Você está seguro disso,

não está? Então?

Dirk hesitou, tentando lembrar as palavras da conversa que haviam tido no lago verde e parado.

- Não tenho certeza - admitiu. - Mas falou algo nesse sentido. Ela é... O que ela é dele?

- Bethelyn? - Ruark sugeriu.

Dirk assentiu.

- Sim, bethelyn, esposa.

Ruark gargalhou.

- Não, totalmente errado. No carro, eu ouvi. Gwen disse errado. Bem, não realmente, mas você ficou com a impressão errada. Bethelyn não é esposa. A parte verdadeira da maior mentira de todas, lembra? O que você acha que é um teyn?

A palavra o fez refletir. Teyn. Ouvira-a uma centena de vezes em Worlorn.

- Amigo? - sugeriu, sem saber o significado.

- Bethelyn está mais próximo de esposa do que teyn de amigo - Ruark falou.

- Conheça melhor os mundos exteriores, Dirk. Não. Bethelyn é, em antigo kavalariano, uma "mulher de um homem", uma esposa ligada por jade-e-prata. Agora, pode haver muita afeição no jade-e-prata, muito amor, sim. Embora, você sabe, a palavra usada para isso, a palavra-padrão terrestre, não tenha equivalente no antigo kavalariano. Interessante, né? Eles podem amar sem uma palavra para isso, amigo t'Larien?

Dirk não respondeu. Ruark deu de ombros, tomou um gole e continuou.

- Bem, não importa, mas pense nisso. Eu falei em jade-e-prata, e, sim, freqüentemente os kavalarianos têm amor nesse laço, amor de bethelyn para o alto-senhor, e algumas vezes do alto-senhor para bethelyn. Ou afeição, se não amor. Mas nem sempre, e não necessariamente! Entende?

Dirk acenou com a cabeça.

- Laços kavalarianos são baseados em costumes e obrigações - Ruark disse, inclinando-se para a frente dramaticamente -, e o amor vem depois, como um acidente. Povo violento, eu disse para você. Leia a história, leia as lendas. Gwen conheceu Jaan em Ávalon, você sabe, e ela não tinha lido.

Não o suficiente. Ele era Jaan Vikary de Alto Kavalaan, e o que era isso, algum planeta? Ela nunca soube. Verdade. Então o afeto entre eles cresceu. Chame isso de amor, talvez. O sexo aconteceu, e ele ofereceu para ela o jade-e-prata forjado com o emblema dele. E repentinamente ela era betheyn dele, mesmo sem saber muito bem. Presa.

- Pesa? Pesa como?

- Leia a história! A violência em Alto Kavalaan é antiga, a cultura não mudou. Gwen é betheyn de Jaan Vikary, esposa cativa betheyn, mulher dele, sim, além de amante, e mais. Propriedade e escrava, ela é isso também, e um presente. Ela é um presente para o grupo Jadeferro e carrega os sobrenomes dele, sim. Deve ter filhos se ele ordenar, quer ela queira, quer não. Deve tomar Garse como amante também, quer queira, quer não. Se Jaan morrer em um duelo com um homem de outro grupo que não o Jadeferro, um Braith ou um Açorrubro, Gwen passa a ser deste homem, como uma bagagem, uma propriedade... torna-se betheyn dele, ou uma mera eyn-kethi, se o vitorioso já usar jade-e-prata. Se Jaan morrer de causas naturais, ou em um duelo com outro Jadeferro, Gwen fica para Garse. O desejo dela não entra em questão. Quem se importa se ela o odiar? Não os kavalarianos. E quando Garsinho morrer, heim? Bem, quando isso acontecer, ela se torna uma eyn-kethi, uma parideira do grupo, degradada para sempre, livre para ser usada por qualquer kethi. Kethi significa "irmãos do grupo", mais ou menos, os homens da família. O grupo Jadeferro é uma imensa família, milhares e milhares de famílias, e qualquer um poderia tê-la. Do que ela chama Jaan? Esposo? Não. Carcereiro. É isso o que ele é, ele e Garse, carcereiros que a amam, talvez, se você pensar que isso pode se conciliar com nossa idéia de amor. Jaantony honra nossa Gwen, e deve, pois ele é Alto-Jadeferro agora, ela é sua presente-betheyn, e se ela morrer ou deixá-lo, ele será um Fre-Jadeferro, um velho, zombado, sem armas, sem voz no conselho. Mas ele a escraviza, não a ama, e ela está a anos de Ávalon, agora, está mais velha e mais sábia, e agora ela sabe. - Ruark pronunciou as últimas palavras com uma fúria entrecortada, com os lábios apertados.

Dirk hesitou.

- Ele não a ama, então?

- Como você ama sua propriedade, assim é entre um alto-senhor e sua betheyn. É um laço apertado, jade-e-prata, para nunca ser quebrado, mas é um laço de obrigação e possessão. Não amor. Amor está em outro lugar, se é que os kavalarianos têm isso, e é encontrado no irmão escolhido, o gêmeo que é escudo, alma gêmea, amante e guerreiro, o sempre leal provedor de prazer, tomador de golpes e aguentador de dores, o vínculo por toda a vida.

- Teyn - Dirk falou, um pouco aturdido, a mente correndo adiante.

- Teyn! - Ruark assentiu. - Os kavalarianos, tão violentos como são, têm uma grande poesia. Muitas celebram o teyn, o laço de ferro-e-pedrardente, nenhuma fala do jade-e-prata.

As coisas pareciam se encaixar sem esforço.

- Você está dizendo - Dirk começou - que ela e Jaan não se amam, que Gwen não é mais do que uma escrava. Mesmo assim, ela não parte?

O rosto gorducho de Ruark ficou corado.

- Partir? Um total absurdo! Eles a trariam de volta. Um alto-senhor precisa manter e proteger sua betheyn. E matar todos aqueles que tentarem roubá-la.

- E ela me mandou a joia...

- Gwen conversa comigo, eu sei. Que outra esperança ela tinha? Os kavalarianos? Jaantony já matou três vezes em duelo. Nenhum kavalariano tocaria nela, e que bem faria se tocasse? Eu? Eu por acaso sou uma esperança? - Suas mãos suaves escorregaram pelo próprio corpo, e ele se descartou com desprezo. - Você, t'Larien, você é a esperança de Gwen. Você, que deve algo a ela. Você, que a amou certa vez.

Dirk ouviu a própria voz, como se estivesse distante.

- Ainda a amo - disse.

- Bom. Eu acho, você sabe, que Gwen... embora ela nunca tenha dito isso, mesmo assim, eu acho... que ela ainda sente. O mesmo que sentia. O que jamais chegou a sentir por Jaantony Riv Lobo Alto-Jadeferro Vikary.

A bebida, o estranho vinho verde, o tocara mais do que ele poderia imaginar. Apenas uma taça, uma simples taça alta, e o curioso aposento

começou a rodar em torno dele. Dirk se ergueu com esforço, ouvira coisas impossíveis, e começou a divagar. O que Ruark dizia não fazia sentido, pensou, mas, na verdade, fazia sentido. Isso explicava tudo, realmente, e era tudo tão brilhantemente claro, assim como era claro o que Dirk deveria fazer. Era mesmo? A sala ondulava, ficava mais escura e depois mais clara novamente, escura e clara, e Dirk estava seguro em um segundo e totalmente inseguro no segundo seguinte. O que devia fazer? Alguma coisa, alguma coisa por Gwen. Tinha que descobrir a verdade das coisas, e então...

Levou a mão à testa. Sob as mechas de cabelo castanho-cinzento, tinha o rosto coberto de suor. Ruark levantou-se repentinamente, com uma expressão de alarme.

- Oh! - o kimdissiano exclamou - o vinho fez mal para você! Que tremendo tolo sou! E minha culpa. Vinho do mundo exterior e um estômago de Ávalon, é isso o que dá. Comida o ajudará, você sabe. Comida. - Saiu correndo, esbarrando nos vasos de planta, deixando as lanças negras agitando-se e dançando atrás de si.

Dirk sentou-se bem ereto. Bem ao longe, ouviu um bater de pratos e travessas, mas não prestou atenção. Ainda suando, sua testa estava enrugada pelos pensamentos, mas era estranhamente difícil pensar. A lógica parecia fugir dele, e as coisas mais claras se desvaneciam quando tentava se aferrar a elas. Tremeu, enquanto sonhos mortos despertavam para uma nova vida, enquanto bosques de estranguladores murchavam em sua mente, e a Roda ardia inclemente sobre os recém-floridos bosques de meio-dia de Worlorn. Ele podia fazer acontecer, forçar isso, despertar isso, colocar um fim no longo pôr do sol, e ter Jenny, sua Guinevere, para sempre ao seu lado. Sim. Sim!

Quando Ruark voltou com garfos e tigelas de queijo suave, tubérculos vermelhos e carne quente, Dirk estava mais calmo, tranqüilo novamente. Pegou uma tigela e comeu, em uma espécie de transe, enquanto seu anfitrião tagarelava. Amanhã, prometeu a si mesmo. Ele os veria no desjejum, falaria com eles, descobriria a verdade que pudesse. Então poderia agir. Amanhã.

- ... não pretendo insultá-lo - Vikary dizia na manhã seguinte. - Você não é tolo, Lorimaar, mas nisso acho que você age tolamente.

Dirk parou na porta de entrada, a pesada porta de madeira que abrira sem pensar oscilando diante dele. Todos viraram para olhá-lo, quatro pares de olhos, Vikary por último, e não até que terminasse o que estava dizendo. Gwen lhe havia dito que viesse para o desjejum quando se separaram na noite anterior (ele somente, já que Ruark e os kavalarianos preferiam se evitar sempre que possível), e esta era a hora apropriada, um pouco depois do amanhecer. Mas a cena não era a que esperava ao entrar.

Havia quatro pessoas na cavernosa sala de estar. Gwen, des- penteada e com os olhos sonolentos, estava sentada na ponta de um sofá baixo de madeira e couro que ficava diante da lareira e das gárgulas. Garse Janacek estava parado bem ao lado dela, com os braços cruzados e o cenho franzido, enquanto Vikary e um estranho estavam cara a cara perto da cornija. Os três homens estavam vestidos formalmente e armados. Janacek usava calça e camisa de um suave cinza-carvão, com colarinho alto e fileiras duplas de botões de ferro negro correndo pelo peito. A manga direita da camisa fora cortada para mostrar o pesado bracelete de ferro e pedrardentes vagamente em chamas. Vikary também estava de cinza, mas sem a fileira de botões; na frente de sua camisa havia um V cujo vértice quase chegava ao seu cinturão e, contra o pelo escuro de seu peito, um medalhão de jade pendurado em uma corrente de ferro.

O visitante, o estranho, foi o primeiro a se dirigir a Dirk. Estava de costas para a porta, mas virou-se quando os outros olharam naquela direção e franziu o cenho. Uma cabeça mais alto do que Vikary e Janacek, o homem era muito maior do que Dirk, mesmo a vários metros de distância. Sua pele era castanho-escura, contrastando com o traje branco-leite que vestia sob as pregas de uma capa violeta curta. Cabelos grisalhos, já mais para brancos, caíam por seus ombros largos, e seus olhos - pedras de obsidiana incrustadas em um rosto marrom com uma centena de linhas e rugas - não eram amigáveis. Nem sua voz. Olhou rapidamente para Dirk, então disse, simplesmente:

- Vá embora.

- O quê? - Nenhuma resposta podia ser mais estúpida do que esta, Dirk pensou assim que falou, mas nada mais lhe veio à mente.

- Eu disse para ir embora. - O gigante de branco repetiu. Como Vikary, os dois antebraços dele estavam nus para mostrar os braceletes, os quase-gêmeos de jade-e-prata no braço esquerdo e ferro-e-fogo no direito. Mas os padrões e desenhos dos braceletes do estranho eram muito diferentes. A única coisa que era igual, exatamente igual, era a arma em sua cintura.

Vikary cruzou os braços, exatamente como Janacek fizera.

- Esta é minha casa, Lorimaar Alto-Braith. Você não tem o direito de ser rude com aqueles que vêm até aqui a meu convite.

- Um convite que você mesmo não tem, Braith. - Janacek completou, com um sorrisinho insidioso.

Vikary olhou para seu teyn por cima do ombro e balançou a cabeça energeticamente. Não. Mas para quê? Dirk se perguntou.

- Venho até você em alto agravo, Jaantony Alto-Jadeferro, para uma conversa séria - o kavalariano vestido de branco retumbou. - Devemos tratar diante de um forasteiro? - Olhou de relance para Dirk novamente, ainda de cenho franzido. - Um quase-homem, por tudo o que sei.

A voz de Vikary era serena, mas firme, quando respondeu.

- Terminamos nossa conversa, amigo. Já lhe dei minha resposta. Minha betheyn tem minha proteção, e o kimdissiano e este homem também - indicou Dirk com um aceno de mão, então cruzou os braços novamente -, e se levar qualquer um deles, então se prepare para me levar também.

Janacek sorriu.

-Além do mais, ele não é um quase-homem - o esbelto kavalariano de barba ruiva disse. - Este é Dirk t'Larien, korariel de Jadeferro, quer você goste ou não. - Janacek virou-se ligeiramente na direção de Dirk e apontou para o estranho de branco. - t'Larien, este é Lorimaar Reln Raposadeinverno Alto-Braith Arkellor.

- Um vizinho nosso - Gwen disse do sofá, falando pela primeira vez. - Ele vive em Larteyn também.

- Longe de vocês, Jadeferros - o outro kavalariano disse. Não estava feliz. A prega em sua testa estava bem funda, e seus olhos negros moviam-se de um

para outro, cheios de fria raiva, antes de encararem Vikary. - Você é mais jovem do que eu, Jaantony Alto-Jadeferro, e seu teyn é mais jovem ainda, e eu não estaria disposto a encarar você e os seus em duelo. Mas o código tem suas exigências, como você e eu sabemos, e nenhum de nós deve forçar as coisas. Vocês, jovens altos-senhores, costumam forçar os limites com frequência, sinto, e os altos-senhores de Jadeferro mais do que todos, e...

- ... e eu mais do que todos os altos-senhores de Jadeferro - Vikary disse, interrompendo o outro.

Arkellor balançou a cabeça.

- Antigamente, quando eu não era mais do que uma criança desmamada no grupo de Braith, acabava em duelo se um interrompesse o outro, como você fez comigo agora. Na verdade, os velhos tempos já se foram. Os homens de Alto Kavalaan ficaram moles demais para meu gosto.

- Acha que sou mole? - Vikary perguntou sem se alterar.

- Sim e não, Alto-Jadeferro. Você é um estranho. Tem uma dureza que ninguém pode negar, e isso é bom, mas Ávalon colocou o fedor de quase-homem em você, tocando-o com a fraqueza e a tolice. Não gosto de sua cadela betheyn e não gosto de seus "amigos". Eu gostaria de ser mais jovem. Viria até você com fúria e o ensinaria novamente a antiga sabedoria dos grupos, as coisas que você esqueceu tão facilmente.

- Está nos chamando para um duelo? - Janacek perguntou. - Suas palavras são fortes.

Vikary descruzou os braços e acenou casualmente com a mão.

- Não, Garse. Lorimaar Alto-Braith não está nos chamando para um duelo. Está, amigo alto-senhor?

Arkellor esperou vários segundos antes de dar a resposta.

- Não - disse. - Não, Jaantony Alto-Jadeferro, não desejo insultá-lo.

- Nem tomarei suas palavras como insulto - Vikary disse, sorrindo.

O alto-senhor Braith não sorriu.

- Boa sorte - disse a contragosto. Dirigiu-se para a porta em passos largos, parando apenas o tempo necessário para Dirk sair do caminho apressadamente, então continuou para fora em direção à escada do telhado.

A porta fechou-se atrás dele.

Dirk caminhou na direção dos outros, mas a cena já se dissolvia. Janacek, com a testa franzida e um aceno de mão, virou-se e saiu rapidamente para o outro cômodo. Gwen levantou-se, pálida e trêmula, e Vikary deu um passo na direção de Dirk.

- Não foi uma coisa boa para você presenciar - o kavalariano disse. - Mas talvez isso aclare as coisas para você. Ainda assim, lamento sua presença. Não gostaria que você pensasse sobre Alto Kavalaan da mesma maneira que o kimdissiano pensa.

- Não entendi nada - Dirk confessou. Vikary colocou um braço ao redor de seu ombro e o levou em direção à sala de jantar, com Gwen atrás deles. - Sobre o que ele estava falando?

- Ah, de muitas coisas. Eu explicarei. Mas devo dizer que há uma segunda coisa pela qual lamento: o desjejum que prometemos a você não está pronto. - Sorriu.

- Posso esperar. - Foram para a sala de jantar e se sentaram. Gwen ainda estava silenciosa e preocupada. - Do que Garse me chamou? - Dirk perguntou. - Kora-alguma coisa, o que significa?

Vikary pareceu hesitar.

- A palavra é korariel. É uma palavra em antigo kavalariano. O significado tem mudado ao longo dos séculos. Hoje, aqui neste lugar, quando usado por Garse ou por mim, significa protegido. Protegido por nós, protegido por Jadeferro.

- Isso é o que você gostaria que significasse, Jaan - Gwen disse, sua voz crispada e furiosa. - Conte a ele o real significado!

Dirk esperou. Vikary cruzou os braços e seus olhos passaram de um para o outro.

- Muito bem, Gwen, se é o que você quer. - Virou-se para Dirk. - O significado completo, mais antigo, é propriedade sob proteção. Só posso esperar que não considere isso um insulto. Não é nossa intenção. Korariel é uma palavra para pessoas que não fazem parte do grupo, mas mesmo assim são guardadas e valiosas.

Dirk lembrou-se das coisas que Ruark lhe contara na noite anterior, as

palavras vagamente percebidas através de uma névoa do vinho verde. Sentiu a raiva subindo como uma maré vermelha por seu pescoço, e lutou para reprimi-la.

- Não estou acostumado a ser propriedade de ninguém - disse, amargamente -, não importa de quão alto valor. E contra quem se supõe que vocês estão me protegendo?

- Lorimaar e seu teyn, Saanel - Vikary respondeu. Inclinou-se por sobre a mesa e pegou o braço de Dirk apertado. - Garse pode ter usado a palavra de maneira apressada, t'Larien. Mesmo assim, para ele, sem dúvida pareceu correta naquele momento, uma palavra antiga para um conceito antigo. Errada, sim, eu reconheço o erro. Errada porque você é um humano, uma pessoa, não a propriedade de alguém. Mesmo assim, foi a palavra adequada para usar com alguém como Lorimaar Alto-Braith, que entende essas coisas e pouco além disso. Se isso o incomoda tanto, como sei que o conceito incomoda Gwen, então realmente sinto muito que meu teyn a tenha usado.

- Bem - Dirk ponderou, tentando ser razoável. - Agradeço pelas desculpas, mas não é o suficiente. Ainda não sei o que está acontecendo. Quem é Lorimaar? O que ele queria? E por que tenho que ser protegido contra ele? Vikary suspirou e soltou o braço de Dirk.

- Não é tão simples responder a essas questões. Teria que lhe contar a história do meu povo, o pouco que sei e o muito que conjecturei. - Virou-se para Gwen. - Podemos comer enquanto conversamos, se ninguém faz objeção a isso. Você pode nos trazer a comida?

Ela assentiu e partiu, retornando alguns minutos depois, carregando uma grande bandeja com pilhas altas de pão preto, três tipos de queijo e ovos cozidos em brilhantes cascas azuis. E cerveja, é claro. Vikary inclinou-se para a frente e descansou os cotovelos na mesa. Começou a falar enquanto os outros comiam.

- Alto Kavalaan tem sido um mundo violento - disse. - E o mais antigo dos mundos exteriores, com exceção da Colônia Esquecida, e todas as suas longas histórias falam sobre batalhas. Infelizmente, essas histórias são também em grande parte invenções ou lendas, repletas de mentiras

etnocêntricas. Mesmo assim, esses contos foram considerados verdadeiros até o momento em que as naves estelares regressaram, depois do interregno. Nas famílias do grupo Jadeferro, por exemplo, ensinam aos meninos que o universo tem apenas trinta estrelas, e Alto Kavalaan está no centro delas. A humanidade se originou ali, quando Kay Ferro-Ferreiro e seu teyn Roland Lobo-Jade nasceram da cópula entre um vulcão e uma tempestade. Saíram fumegantes dos lábios do vulcão, para um mundo cheio de demônios e monstros, e, por muitos anos, vagaram de um lado a outro, protagonizando várias aventuras. Finalmente se depararam com uma profunda caverna ao pé de uma montanha e dentro dela encontraram uma dúzia de mulheres, as primeiras mulheres do mundo. As mulheres tinham medo dos demônios e não queriam sair. Então Kay e Roland ficaram, tomaram as mulheres à força e fizeram delas suas eyn-kethi. A caverna tornou-se sua fortaleza, as mulheres deram à luz muitos filhos, e assim começou a civilização kavalariana. O caminho para fora da caverna não era fácil, dizem as histórias. Os meninos nascidos das eyn-kethi eram todos da semente de Kay e Roland, fogosos, perigosos e autoritários. Havia muitas brigas. Um filho, o astuto e maligno John Carvão- -Negro, costumava matar seus kethi, seus irmãos de grupo, por inveja, porque não caçava tão bem quanto eles. Então, esperando conseguir alguma de suas habilidades e força, começou a comer o corpo dos mortos. Certo dia, Roland o encontrou em meio a um desses banquetes, e perseguiu o filho através das montanhas, batendo nele com um grande mangual. Depois disso, John não voltou para Jadeferro, mas começou seu próprio grupo em uma mina de carvão e tomou um demônio como teyn. Essa foi a origem dos altos-senhores canibais das Moradas do Carvão Profundo. Outros grupos foram fundados da mesma maneira, embora as histórias Jadeferro simpatizem muito mais com outros rebeldes do que com John Negro. Roland e Kay eram mestres severos, não era fácil viver com eles. Shan, o Espadachim, por exemplo, era um garoto bom e forte que partiu com seu teyn e com sua betheyn depois de uma violenta luta com Kay, que não respeitou sua jade-e-prata. Shan foi o fundador do grupo Shanagate. Jadeferro reconhece sua linhagem como totalmente humana, e sempre foi

assim. Da mesma maneira com a maioria dos grandes grupos. Aqueles que desapareceram, como a Morada do Carvão Profundo, não se saíram tão bem nas lendas. Essas lendas são muito extensas, e muitas são esclarecedoras. Há um conto do kethi desobediente, por exemplo. O primeiro Jadeferro soube que o único lar adequado para um homem era nas profundezas da rocha, na solidez da pedra, em uma caverna ou mina. Mesmo assim, aqueles que vieram depois não acreditaram; as planícies pareciam abertas e convidativas aos seus olhos ingênuos. Então saíram, com suas eyn-kethi e filhos, e erigiram altas cidades. Foi uma insensatez. Fogos caíram do céu e os destruíram, derretendo e retorcendo as torres que haviam levantado, queimando as cidades dos homens, mandando os sobreviventes correndo de volta ao subsolo, aterrorizados, para onde as chamas não podiam alcançá-los. E então as eyn-kethi deram à luz, e as crianças eram demônios, nenhum era humano. Algumas vezes comiam seu caminho para fora do útero.

Vikary fez uma pausa e tomou um gole de sua caneca. Dirk, quase no fim de seu desjejum, empurrou alguns pedaços de queijo em seu prato e franziu o cenho.

- Tudo isso é fascinante - disse -, mas temo que não vejo a relevância.

Vikary bebeu novamente e mordiscou um pedaço de queijo.

- Tenha paciência - disse.

- Dirk - Gwen disse secamente -, as histórias dos quatro grupos-coalizão sobreviventes diferem em vários aspectos, mas há dois grandes eventos com os quais todos concordam. São os embasamentos dos mitos kavalarianos. Todos eles têm uma versão desta última história: a queima das cidades. É chamado Tempo do Fogo e dos Demônios. Uma história mais tardia, a Praga Dolorosa, também é repetida praticamente palavra por palavra em cada grupo.

- É verdade - Vikary concordou. - Mas essas histórias são os únicos relatos dos dias antigos que me foram dados para trabalhar. Na época do meu nascimento, nenhum kavalariano em sã consciência acreditava nelas. - Gwen tossiu polidamente. Vikary olhou de relance para ela e sorriu. - Sim, Gwen me corrige - disse. - Poucos kavalarianos em sã consciência

acreditavam nisso. - Prosseguiu. - Mesmo assim, os que duvidavam não tinham nada mais em que acreditar, nenhuma verdade alternativa para professar. A maioria deles não estava particularmente interessada nisso. Quando as viagens estelares começaram, e os lupinos, os toberianos e, mais tarde, os kimdissianos foram para Alto Kavalaan, encontraram-nos ávidos em aprender as artes perdidas da tecnologia, e foi isso que nos ensinaram em troca de nossas pedras preciosas e metais pesados. Em pouco tempo tínhamos naves espaciais, mas ainda não tínhamos história. - Sorriu. - Encontrei as verdades que temos agora durante meus estudos em Ávalon. Era bem pouco, mas suficiente. Escondidos nos grandes bancos de dados da Academia, achei os registros da colonização original de Alto Kavalaan. Foi quase no final da Guerra Dupla. Um grupo de colonos partiu de Tara para um mundo além do Véu do Tentador, onde esperavam ficar seguros dos ataques dos hranganos e das raças-escravas dos hranganos. Os computadores indicam que por um tempo conseguiram seu objetivo. Descobriram um planeta inóspito e estranho, mas rico. Rapidamente construíram uma colônia de alto nível, baseada na mineração. Há registros de comércio entre Tara e a colônia por quase vinte anos, então o planeta além do Véu abruptamente desapareceu da história humana. Tara quase nem notou. Esses eram os anos mais cruéis da guerra.

- E você acha que esse planeta era Alto Kavalaan? - Dirk perguntou.

- É sabido por um fato - Vikary respondeu. - As coordenadas combinam, e outros fascinantes fragmentos de dados também. A colônia chamava-se Cavanaugh, por exemplo. Talvez até mesmo mais intrigante, a líder da primeira expedição era uma capitã de nave estelar chamada Kay Ferreiro. Uma mulher.

Gwen sorriu ao ouvir aquilo.

- Tem mais uma coisa que descobri, também - Vikary continuou -, quase por acaso. Você deve se lembrar que a maioria dos mundos exteriores nunca esteve envolvida na Guerra Dupla. As civilizações da Orla são filhas do Colapso, ou ainda do Pós-Colapso. Nenhum kavalariano jamais tinha visto um hrangano, muito menos uma de suas várias raças-escravas. Eu não tinha, até ir para Ávalon e me interessar pelos aspectos amplos da história

humana. Então, em um relato do conflito nas devascadas, vi ilustrações dos vários escravos semissencientes que os hranganos usavam como tropa de choque nos mundos que não julgavam dignos de sua própria atenção imediata. Sem dúvida, sendo um humano nas devascadas, você conhece essas raças estranhas, Dirk. Os noturnos hruuns, guerreiros de alta gravidade e imensa força e selvageria, que enxergam bem no infravermelho. Dactiloides alados, cujo nome veio de alguma semelhança com uma besta da pré-história humana. E, os piores de todos, os githyanki, os sugadores de alma, com seus terríveis poderes psiônicos.

Dirk estava assentindo.

- Já vi um ou dois hruuns durante minhas viagens. Essas outras raças estão há muito extintas, não estão?

- Talvez - Vikary disse. - Olhei para as ilustrações que encontrei por muito tempo e voltei a elas várias e várias vezes. Havia alguma coisa nelas que me perturbava. Finalmente, desvendei a verdade. Os hruuns, os dactiloides, os githyanki... cada um deles tinha uma vaga semelhança com as gárgulas que se sentam nas portas de toda fortaleza kavalariana. Eles eram os demônios dos nossos ciclos míticos, Dirk! - Vikary levantou-se e começou a andar lentamente para um lado e para o outro da sala, ainda falando, sua voz ainda controlada, sua excitação demonstrada somente pelo ato de caminhar. - Quando Gwen e eu voltamos para Jadeferro, expus minha teoria, baseado nas velhas lendas, no ciclo de Canções do Demônio, do grande poeta aventureiro Jamis-Leão Taal, e nos bancos de dados da Academia. Considere a verdade: a colônia Cavanaugh se estabelece, com suas cidades nos planaltos e suas escavações nas minas. Os hranganos sobrevoam a cidade com um bombardeio nuclear. Sobreviventes vivem apenas nos abrigos das profundezas e nas minas do deserto. Para tomar o planeta, os hranganos também enviam para terra firme um contingente de suas raças-escravas. Então partem e não retornam por um século. As minas se tornam as primeiras fortalezas dos grupos, outras são construídas mais tarde, escavadas profundamente na pedra. Suas cidades desaparecem, e os mineiros retornam a um nível mais primitivo de tecnologia, e logo estabelecem uma rígida cultura voltada para a sobrevivência. Ao mesmo

tempo, sob as ruínas radioativas das cidades, mutações humanas começam a surgir...

Dessa vez foi Dirk quem se levantou.

- Jaan - disse.

Vikary parou de caminhar, virou-se e franziu o cenho.

- Tenho sido bastante paciente - Dirk falou. - Entendo que tudo isso tem grande importância para você. E seu trabalho. Mas quero algumas respostas, e quero agora. - Levantou a mão e começou a contar as perguntas nos dedos. - Quem é Lorimaar? O que ele quer? E por que preciso ser protegido contra ele?

Gwen se levantou também.

- Dirk - disse -, Jaan está apenas lhe dando o pano de fundo que você precisa para entender. Não seja tão...

- Não! - Vikary a calou com um movimento da mão. - Não, t'Larien está correto, eu fico muito entusiasmado quando falo sobre esses assuntos. - Para Dirk, disse: - Eu lhe darei uma resposta direta, então. Lorimaar é um kavalariano muito tradicional, tão tradicional que está fora de lugar até mesmo em Alto Kavalaan. É uma criatura de outra era. Você se lembra que, ontem de manhã, quando lhe dei meu broche para usar, Garse e eu expressamos preocupações sobre sua segurança depois que escurecesse?

Dirk assentiu. Ergueu a mão e tocou o pequeno broche cuidadosamente preso em seu colarinho.

- Sim.

- Lorimaar Alto-Braith e outros como ele são a causa de nossa preocupação, t'Larien. As razões não são fáceis de explicar.

- Permita-me - Gwen falou. - Dirk, ouça. Os altos-senhores kavalarianos, o povo dos grupos, sempre respeitaram uns aos outros ao longo dos séculos... Oh, eles lutaram e guerrearam tanto que mais de vinte antigos grupos e coalizões foram completamente destruídos, deixando apenas os quatro grandes grupos sobreviventes dos tempos modernos. Ainda assim, eles reconhecem uns aos outros como humanos, sujeitos às regras da alta-guerra e ao código de honra kavalariano. Mas havia outros, veja você, pessoas solitárias nas montanhas, pessoas que moravam sob as cidades

arruinadas, fazendeiros. São apenas suposições, minhas e de Jaan, mas o ponto é que tais pessoas existiram, sobreviventes do lado de fora dos acampamentos nas minas que se tornaram as fortalezas dos grupos. Os altos- -senhores não reconhecem esses sobreviventes como homens e mulheres. Jaan omitiu certos detalhes da história, como pode ver... Oh, não se incomode assim. Sei que era uma longa história, mas era importante. Você se lembra que as raças-escravas dos hranganos correspondiam aos três demônios do mito kavalariano? Bem, o único problema é que há três raças-escravas, mas quatro tipos de demônios. O pior e o mais maligno de todos os demônios eram os quase-homens.

Dirk franziu o cenho.

- Quase-homens. Lorimaar me chamou de quase-homem. Pensei que era algo como não humano, mais ou menos.

- Não - Gwen respondeu. - Não humano é um termo comum, quase-homem existe apenas em Alto Kavalaan. Multimorfos, a lenda diz, marginais e mentirosos. Podem assumir qualquer forma, mas com mais frequência a de humanos, e querem se infiltrar nos grupos. Uma vez dentro, disfarçados como humanos, podem secretamente atacar e matar. Esses outros sobreviventes, os fazendeiros, as famílias das montanhas, os mutantes e os desafortunados, os outros humanos de Cavanaugh, esses são os quase-homens, o povo marginal. Não lhes era permitido se render, as regras da alta-guerra não se aplicavam a eles. Os kavalarianos os exterminavam, sem nunca acreditar que alguns deles eram humanos. Eram animais alienígenas. Depois de séculos, os que sobraram eram caçados por esporte. Os homens dos grupos sempre caçaram em duplas, teyn-e-teyn, para que cada um pudesse jurar sobre a humanidade do outro quando retornassem.

Dirk olhou horrorizado.

- Isso ainda continua?

Gwen deu de ombros.

- Raramente. Os kavalarianos modernos admitem os pecados de sua história. Depois que as naves espaciais vieram, os grupos Jadeferro e Açorrubro, as coalizões mais progressistas, proibiram a captura dos quase-

homens. Os caçadores tinham um costume. Quando não queriam matar um quase-homem imediatamente, por qualquer que fosse a razão, mas queriam mantê-lo como uma presa pessoal para mais tarde, podiam nomeá-lo korariel, e ninguém tocaria nele, sob pena de duelo. Os kethi Jadeferro e Açorrubro saíram e capturaram todos os quase-homens que conseguiram, colocaram-nos em vilas e tentaram trazê-los para a civilização, tirando-os da selvageria na qual haviam caído. E seus cativos foram nomeados korariel. Houve uma breve guerra por causa disso, entre Jadeferro e Shanagate. Jadeferro venceu, e korariel ganhou um novo significado, propriedade sob proteção.

- E Lorimaar? - Dirk exigiu saber. - Como ele se encaixa nisso?

Ela sorriu maliciosamente por um segundo, fazendo Dirk se lembrar de Janacek.

- Em qualquer cultura, alguns teimosos restam, crentes sinceros e fundamentalistas. Braith é a coalizão mais conservadora, e quase um décimo deles, segundo estimativa de Jaan, ainda acredita nos quase-homens. A maioria é de caçadores, que querem acreditar, e quase todos eles de Braith. Lorimaar, seu teyn e um punhado de seus kethi estão aqui para caçar. A disputa é mais variada do que em Alto Kavalaan, e ninguém impõe regras restritivas. De fato, não há leis. Os pactos do Festival terminaram há muito tempo. Lorimaar pode matar qualquer coisa que quiser.

- Incluindo humanos. - Dirk comentou.

- Se os encontrar - ela disse. - Larteyn tem vinte habitantes, creio. Vinte e um com você. Nós, um poeta chamado Kirak Açorrubro Cavis, que vive em uma antiga torre de observação, e um par de legítimos caçadores de Shanagate. Os demais são Braiths. Caçando quase-homens e qualquer outra coisa que quiserem quando não encontram quase-homens. Uma geração mais velha do que Jaan, principalmente, e bastante sedentos de sangue. Sem contar as histórias que ouviram em seus grupos, e talvez por uma ou outra caçada humana ilícita nas colinas de Lameraan, eles não sabem nada das antigas caçadas, exceto as lendas. Todos estão estourando de tradição e frustração. - Ela sorriu.

- E isso continua? Ninguém faz nada?

Jaan Vikary cruzou os braços.

- Tenho uma confissão a fazer, t'Larien - disse gravemente. - Mentimos para você ontem, Garse e eu, quando perguntou o motivo de estarmos aqui. Na verdade, fui eu quem mentiu. Garse disse ao menos a verdade parcial: devemos proteger Gwen. Ela pertence a outro mundo, não é kavalariana, e os Braiths a matariam alegremente como uma quase-homem, sem o escudo de Jadeferro. O mesmo vale para Arkin Ruark, que não sabe nada sobre isso, nem mesmo que está sob nossa proteção. Mesmo assim, ele está. Ele também é korariel de Jadeferro. Nossas razões para estar aqui vão além disso, no entanto. Era vital que eu deixasse Alto Kavalaan na época que saí. Quando assumi meus altos-nomes e publiquei minhas teorias, tornei-me imediatamente muito poderoso e celebrado no conselho dos altos-senhores, e muito odiado. Muitos homens religiosos tomaram como insulto pessoal minha tese de que Kay Ferro-Ferreiro era uma mulher. Fui desafiado seis vezes apenas por causa dessa história. No último duelo, Garse matou um homem, enquanto eu feri seu teyn tão gravemente que ele nunca andarà novamente. Não quis continuar naquela situação. Worlorn estava vazio de inimigos, parecia. Ao meu pedido, o conselho Jadeferro enviou Gwen em seu projeto ecológico. Ao mesmo tempo, fiquei sabendo das atividades de Lorimaar por aqui. Ele já conseguira seu primeiro troféu, e a notícia alcançou Braith e chegou até nós. Garse e eu discutimos o assunto e resolvemos acabar com isso. A situação é explosiva ao extremo. Se os kimdissianos soubessem que os kavalarianos estão caçando quase-homens novamente, a notícia se espalharia rapidamente por todos os mundos exteriores. Resta pouco amor entre Kimdiss e Alto Kavalaan, como você deve saber. Não tememos os kimdissianos em si, que professam uma religião e uma filosofia de não violência como os emerelianos. Mas outros mundos da Orla são mais perigosos. Os lupinos são sempre voláteis e erráticos; os toberianos podem encerrar seus acordos comerciais se souberem que kavalarianos estão caçando seus turistas atrasados. Talvez até mesmo Ávalon se voltasse contra nós, se as notícias chegassem além do Véu, e seríamos expulsos da Academia. Esses riscos não

podem ser corridos. Lorimaar e seus companheiros não se importam, e o conselho dos grupos não pode fazer nada. Não tem autoridade aqui, e apenas os Jadeferros têm a mínima preocupação com acontecimentos a anos-luz de distância, em um mundo moribundo. De modo que Garse e eu agimos contra os caçadores Braith sozinhos. Até agora, não tivemos conflitos abertos. Viajamos o mais longe que podemos, visitando cada uma das cidades, procurando por aqueles que permaneceram em Worlorn. Qualquer um que encontramos, transformamos em korariel. Encontramos apenas uns poucos: uma criança selvagem perdida durante o Festival, uns poucos lupinos que permaneceram na cidade de Haapala, um caçador cornoferro de Tara. Para cada um deles eu dei um símbolo da minha estima - sorriu - um pequeno broche de ferro negro com o formato de um banshee. E um farol de proximidade, para avisar um caçador que chegue perto demais. Se tocarem em qualquer um usando esse broche, qualquer korariel meu, isso seria uma ofensa de duelo. Lorimaar pode grunhir e protestar, mas não duelará conosco. Isso seria a morte para ele.

- Entendo - disse Dirk. Alcançou seu colarinho, tirou o pequeno broche de ferro e o jogou na mesa entre os restos do desjejum. - Bem, isso é adorável, mas você pode ficar com seu brochinho. Não sou propriedade de ninguém. Venho tomando conta de mim mesmo por um longo tempo, e posso continuar fazendo isso sozinho.

Vikary franziu o cenho.

- Gwen - disse -, você pode convencê-lo de que é mais seguro se...

- Não - ela disse asperamente. - Aprecio o que você está tentando fazer, Jaan, sabe disso. Mas entendo os sentimentos de Dirk. Não gosto de ser protegida tampouco e me recuso a ser propriedade. - A voz dela era brusca, resoluta.

Vikary olhou para os dois, impotente.

- Muito bem - cedeu. Pegou o broche que Dirk descartou. - Devo lhe dizer uma coisa, t'Larien. Temos mais sorte em encontrar pessoas do que os Braiths, simplesmente porque procuramos nas cidades, enquanto eles caçam nas florestas, lamentavelmente escravizados por velhos costumes. Eles raramente encontram alguém nos bosques. Até agora não tinham

idéia do que Garse e eu estivemos fazendo. Mas, nesta manhã, Lorimaar Alto-Braith veio a mim em agravo porque, no dia anterior, havia topado com uma presa, quando saiu para caçar com seu teyn, e algo o impediu de persegui-la. A presa que ele perseguia era um homem em um aeropatinete, voando sozinho sobre as montanhas. - Ele segurou o broche com formato de banshee. - Sem isso - disse -, ele teria obrigado você a descer ou o teria atingido no céu com o laser, depois teria perseguido você mata adentro e finalmente o teria matado. - Colocou o broche no bolso, encarou Dirk significativamente por um minuto, e então saiu da sala.

Capítulo 4

- Foi um azar que você tenha tropeçado em Lorimaar hoje de manhã - Gwen disse, depois que Jaan saiu da sala. - Não havia razão para envolver você nisso, e eu tinha esperanças de poupá-lo desses detalhes sórdidos. Espero que mantenha esta história confidencial quando deixar Worlorn. Deixe Jaan e Garse tomarem conta dos Braiths. Ninguém mais fará nada, de qualquer maneira, exceto comentar sobre o assunto e difamar inocentes de Alto Kavalaan. Sobretudo, não diga nada a Arkin! Ele despreza os kavalarianos e partiria para Kimdiss no mesmo instante. - Ela se levantou.

- Neste momento, sugiro que falemos de coisas mais agradáveis. Temos pouco tempo juntos; eu só posso ser sua guia enquanto não tiver que voltar ao trabalho. Não há razão para deixar esses açougueiros Braiths estragarem os poucos dias que temos.

- Como quiser - Dirk respondeu, ansioso para agradar, mas ainda chocado por toda a história de Lorimaar e seus quase-homens. - Você tem algo planejado?

- Eu poderia levá-lo novamente à floresta - Gwen lhe disse. - Ela segue ininterruptamente, e há centenas de coisas fascinantes para se ver nos bosques: lagos cheios de peixes maiores do que nós dois, montes de terra mais altos do que este edifício, feitos por insetos menores do que a unha do seu dedo, um incrível sistema de cavernas que Jaan descobriu além da cadeia de montanhas... Jaan nasceu em uma caverna. Mesmo assim, hoje acho que devemos agir com segurança. Não queremos colocar muito sal na ferida de Lorimaar, ou ele e seu gordo teyn poderiam nos caçar, e Jaan estaria condenado. Hoje, mostrarei as cidades para você. Elas também são fascinantes, e têm um tipo macabro de beleza. Como Jaan disse, Lorimaar ainda não pensa em caçar lá.

- Tudo bem - Dirk concordou, com pouco entusiasmo.

Gwen vestiu-se rapidamente e levou-o para o telhado. Os aeropatinetes ainda estavam no mesmo lugar em que tinham sido deixados no dia

anterior. Dirk agachou-se para pegá-los, mas Gwen tirou as plataformas da mão dele e atirou-as na traseira do aeromóvel cinzento em formato de arraia. Depois pegou as botas de vôo e os controles e os guardou também.

- Não usaremos os patinetes hoje - disse. - Cobriremos muito terreno.

Dirk assentiu, e os dois subiram por sobre as asas do carro até os assentos dianteiros. O céu de Worlorn o fazia sentir-se como se estivesse voltando de uma expedição, em vez de se preparando para partir.

O vento gritava ao redor do carro selvagemmente, e por um breve tempo Dirk pegou o controle para que Gwen pudesse prender seus longos cabelos negros. Seu próprio cabelo castanho-acinzentado chicoteava em loucas convulsões enquanto percorriam o céu, mas estava abstraído demais para notar, muito menos para se incomodar com isso.

Gwen os manteve bem alto sobre a cadeia de montanhas e na direção sul. A plácida Comuna, com suas gentis colinas cobertas de relva e rios sinuosos, prolongava-se para a direita deles, até a linha do horizonte. Na distante esquerda, onde as montanhas terminavam, podiam ver a extremidade dos bosques. As áreas infestadas de estranguladores eram óbvias mesmo dessa altitude: cânceres amarelos brotando entre o verde-escuro.

Por quase uma hora voaram em silêncio, Dirk perdido em seus pensamentos, tentando ligar uma coisa à outra, e falhando. Até que finalmente Gwen olhou para ele com um sorriso.

- Gosto de voar em aeromóveis - disse. - Mesmo neste. Faz com que me sinta livre e limpa, livre de todos os problemas. Sabe o que quero dizer?

Dirk assentiu.

- Sim. Você não é a primeira a dizer isso. Várias pessoas se sentem assim. Eu incluído.

- Sim - ela concordou. - Eu costumava levá-lo para voar, lembra? Em Ávalon? Voávamos por horas e horas, do amanhecer até o pôr do sol, e você ficava sentado com um braço para fora da janela, encarando a distância com esse olhar sonhador no rosto. - Sorriu novamente.

Ele se lembrava. Aquelas viagens tinham sido muito especiais. Eles nunca falavam muito, só olhavam um para o outro de tempos em tempos e,

sempre que seus olhos se encontravam, sorriam. Era inevitável; não importava o quanto ele lutasse contra, aquele sorriso sempre vinha. Mas agora parecia terrivelmente longe e perdido.

- O que a fez pensar nisso? - ele perguntou.

- Você - ela respondeu, e fez um gesto. - Sentado aí, largado, com uma mão pendurada do lado. Ah, Dirk. Você é um trapaceiro, sabia? Acho que fez isso deliberadamente, para me fazer lembrar de Ávalon e sorrir, e querer abraçá-lo de novo. Bah.

E riram juntos.

E Dirk, quase sem pensar, deslizou em seu assento e colocou o braço ao redor dela. Ela olhou rapidamente para o rosto dele, então deu um ligeiro encolher de ombros, seu cenho franzido se desfez em um suspiro de resignação e, finalmente, em um sorriso relutante. E não se afastou dele.

Foram ver as cidades.

A cidade da manhã era uma tênue visão pastel incrustada em um amplo vale verde. Gwen aterrissou o aeromóvel no centro de uma de suas praças quadradas, e passearam por suas grandes avenidas por quase uma hora. Era uma cidade graciosa, esculpida em um delicado mármore rosado e pedra clara. As ruas eram largas e tinham curvas sinuosas, as construções baixas e de estruturas aparentemente frágeis de madeira polida e vidro tingido. Por todos os lados encontravam pequenos parques e grandes centros comerciais, e todo tipo de arte: esculturas, pinturas, murais nas calçadas e nas laterais das construções, jardins de pedra e árvores que eram esculturas vivas.

Mas agora os parques estavam desolados e encobertos, a grama azul-esverdeada crescia descontrolada. Trepadeiras negras serpenteavam pelas calçadas, os rodapés laterais estavam vazios, as esculturas arbóreas mais resistentes haviam adquirido formas grotescas com as quais seus criadores jamais sonharam.

Um rio azul que se movia lentamente dividia e subdividia a cidade, serpenteando de um lado para o outro em um curso tão sinuoso e tortuoso quanto as ruas que o margeavam. Gwen e Dirk sentaram-se perto da água por um momento, sob a sombra de uma passarela de madeira

ornamentada, e observaram o reflexo do Satã Gordo flutuando vermelho e preguiçoso na água. E enquanto ficaram ali, ela contou para ele como a cidade fora um dia, na época do Festival, antes que qualquer um deles tivesse ido para Worlorn. O povo de Kimdiss construíra aquele lugar, ela disse, e o chamaram de Décimo-Segundo Sonho.

Talvez a cidade estivesse sonhando agora. Se fosse assim, este era seu último sono. Os salões abobadados ecoavam vazios, os jardins eram selvas lúgubres, próximas de se tornarem tumbas. Onde o riso certa vez enchera as ruas, agora só restava o sussurro farfalhante das folhas mortas sopradas pelo vento. Se Larteyn era uma cidade moribunda, Dirk refletiu enquanto estava sentado sob a passarela, então Décimo-Segundo Sonho era uma cidade morta.

- Era aqui que Arkin queria estabelecer nossa base de operações - Gwen contou. - Nós o vetamos, no entanto. Se ele e eu íamos trabalhar juntos, era nitidamente melhor que vivêssemos na mesma cidade, e Arkin queria que fosse em Décimo-Segundo Sonho. Eu me neguei, e não sei se ele já me perdoou. Se os kavalarianos construíram Larteyn como uma fortaleza, os kimdissianos fizeram sua cidade como uma obra de arte. Já foi mais bonita nos tempos antigos, entendo. Eles desmancharam as melhores construções e levaram as mais belas esculturas das praças quando o Festival acabou.

- Você votou por Larteyn? - Dirk perguntou. - Para viver lá?

Ela balançou a cabeça. Seu cabelo, solto agora, ondulou suavemente. Deu um sorriso para ele.

- Não - respondeu. - Jaan queria isso, e Garse. Eu... bem, eu não votaria por Décimo-Segundo Sonho tampouco, temo. Eu nunca poderia viver aqui. O aroma de decadência é muito forte. Concorde com Keats, você sabe. Nada é tão melancólico quanto a morte da beleza. Há mais beleza aqui do que em Larteyn, embora Jaan rosnasse se me ouvisse dizer isso. Então este é um lugar mais triste. Além disso, em Larteyn temos alguma companhia, ao menos, ainda que seja Lorimaar e os seus. Aqui não há ninguém além de fantasmas.

Dirk contemplou a água, onde o grande sol vermelho, esgotado e capturado, balançava assustadoramente para cima e para baixo no lento

deslizar das ondas. E quase pôde ver os fantasmas dos quais ela falava, espectros que se apinhavam nas duas margens do rio e cantavam lamentos por coisas havia muito perdidas. E outro também, este um fantasma único: um barqueiro de Braque, avançando rio abaixo, empurrando um longo remo negro. Aquele barqueiro estava vindo por Dirk, se aproximando cada vez mais. E o barco negro que ele navegava estava baixo na água, repleto de vazio.

Então Dirk se levantou e puxou Gwen consigo, dizendo apenas que queria caminhar. E correram dos fantasmas, de volta à praça onde o aeromóvel cinzento aguardava.

Então partiram novamente, para um segundo interlúdio de vento, céu e silêncio pensativo. Gwen voou mais longe para o sul, e então para leste, e Dirk observava, meditava e permanecia quieto, e em intervalos ela olhava para ele e, sem nunca se dar conta, sorria.

Finalmente chegaram ao mar.

A cidade da tarde era construída ao longo da costa de uma baía recortada, onde as ondas verde-escuras rompiam contra um cais em decomposição. Antigamente era chamada de Musquel-Junto-ao-Mar, Gwen contou enquanto circundavam o local, em espirais lentas e contínuas. Embora tivesse sido erguida com as outras cidades de Worlorn, havia um ar mais antigo aqui. As ruas de Musquel eram serpentes com a espinha quebrada, ruas estreitas de paralelepípedos que se contorciam entre torres inclinadas de tijolos multicoloridos. Era uma cidade de tijolos. Tijolos azuis, tijolos vermelhos, amarelos, verdes, cor de laranja, tijolos pintados, listrados e malhados, tijolos unidos com uma argamassa negra como obsidiana, ou vermelha como o Satã sobre eles, unidos em loucos padrões conflitantes. Ainda mais vistosos eram os toldos de lona tingida nas bancas dos mercadores, que ainda se alinhavam nas ruas tortuosas e permaneciam tão abandonados quanto os píeres de madeira nos quais se encontravam.

Pousaram no píer que pareceu mais forte do que a maioria, escutando as ondas por um momento, e então entraram na cidade. Totalmente vazia e empoeirada. As ruas eram varridas pelo vento, as cúpulas e as torres esféricas estavam desertas; a poeira estava por todos os lados, multicolorida

e sufocante. Musquel não era uma cidade de construção sólida, e agora estava tão morta quanto Décimo-Segundo Sonho.

- É primitiva - comentou Dirk, entre as ruínas. Estavam parados no cruzamento de duas ruas estreitas, onde um poço profundo havia sido cavado e cercado com pedra. Água negra brotava embaixo. - A sensação é pré-espacial, e os sinais dizem o mesmo sobre a cultura. Braque é assim, mas não neste grau. Eles têm um pouco de tecnologia antiga, pedaços aqui e outros ali que não são proibidos pela religião. Musquel dá a impressão de que nem isso teve.

Ela assentiu, passando a mão suavemente pela boca do poço, fazendo um monte de pó e pedregulhos despencar na escuridão. O jade-e-prata brilhou vermelho opaco em seu braço esquerdo, capturando o olhar de Dirk e fazendo-o estremecer e se questionar mais uma vez. O que era aquilo? Uma marca de escravo, ou um símbolo de amor, o quê? Mas colocou o pensamento de lado, relutante em considerá-lo.

- As pessoas que construíram Musquel tinham muito pouco conhecimento - ela estava dizendo. - Vieram da Colônia Esquecida, que algumas vezes é chamada de Cidade Esquecida pelos habitantes dos mundos exteriores, e sempre foi chamada de Terra por seu próprio povo. Em Alto Kavalaan, essas pessoas são chamadas de Povo Perdido. Quem são eles, como chegaram ao seu mundo, de onde vieram... - ela sorriu e deu de ombros. - Ninguém sabe. Sem dúvida, estavam aqui antes dos kavalarianos, e possivelmente antes do Mao Tse-tung, que, segundo a história, foi a primeira nave estelar humana a romper o Véu do Tentador. Os kavalarianos tradicionais certamente acreditam que todos do Povo Perdido são quase-homens e demônios hranganos, mas eles provaram que podem cruzar com outras espécies humanas de mundos mais conhecidos. Mas a Colônia Esquecida é, em grande parte, um globo solitário, sem muito interesse para o resto do espaço. Têm uma cultura da Idade do Bronze, pescadores em grande parte, que cuidam de si mesmos.

- Estou surpreso de que tenham vindo até aqui - Dirk falou -, ou se incomodado em construir uma cidade.

- Ah - ela respondeu, sorrindo e empurrando mais alguns pedregulhos

soltos para dentro do poço em pequenos salpicos de água. - Mas todo mundo teve que construir uma cidade, todas as catorze culturas do mundo exterior. Essa era a idéia. Tocadolobo encontrou a Colônia Esquecida há alguns séculos, então Tocadolobo e Tober arrastaram algumas pessoas do Povo Perdido para cá. Eles nem tinham naves estelares próprias. Eram pescadores em seu planeta natal, então se tornaram pescadores aqui. Novamente foi Tocadolobo, com o Mundo do Oceano Vinhonegro, quem reservou os mares para eles. Pescavam com redes em pequenas embarcações, pequenos homens e mulheres negros, nus da cintura para cima, e fritavam os peixes em fossas abertas para os visitantes. Tinham bardos e cantores de rua para trazer alegria aos seus becos. Todos paravam em Musquel durante o Festival para ouvir seus estranhos mitos, comer peixe frito e alugar barcos. Mas não acho que o Povo Esquecido gostava muito da cidade. Menos de um mês após o término do Festival, e todos haviam partido. Nem mesmo desarmaram os toldos, e ainda é possível encontrar facas de peixe, roupas e um ou outro osso se você vasculhar nas construções.

- Você já encontrou algo?

- Não. Mas ouvi histórias. Kirak Açorrubro Cavis, o poeta que vive em Larteyn, ficou aqui uma vez, vagou pela cidade e escreveu algumas canções.

Dirk olhou ao seu redor, mas não havia nada para ver. Tijolos desbotados e ruas vazias, janelas sem vidro como as órbitas de milhares de olhos cegos, toldos pintados que batiam ruidosamente com o vento. Nada.

- Outra cidade de fantasmas - ele comentou.

- Não - Gwen discordou. - Não, eu não acho. O Povo Perdido nunca deu sua alma para Musquel, ou para Worlorn. Seus fantasmas foram para casa com eles.

Dirk estremeceu, e a cidade repentinamente pareceu mais vazia do que no momento anterior. Mais vazia do que vazia. Era uma idéia estranha.

- Larteyn é a única cidade que ainda é habitada? - perguntou.

- Não - ela respondeu, afastando-se do poço. Andaram juntos por uma rua estreita, em direção à costa. - Não, eu lhe mostrarei vida agora, se você

quiser. Vamos.

De volta ao ar, seguiram em direção à penumbra crescente. Haviam consumido a maior parte da tarde para chegar a Musquel e andar por lá; o Satã Gordo estava baixo no horizonte ocidental, e um de seus quatro assistentes amarelos já tinha mergulhado fora da vista. Era crepúsculo novamente, de fato tanto quando em aparência.

Muito inquieto, Dirk assumiu os controles dessa vez, enquanto Gwen permaneceu sentada ao seu lado, com o braço repousando suavemente sobre o dele, dando orientações breves. A maior parte do dia já se fora, e ele tinha tanto a dizer, tanto a perguntar, tantas coisas para decidir. Mesmo assim, não fizera nada disso. Em breve, no entanto, prometeu a si mesmo enquanto voavam. Em breve.

O aeromóvel ronronava suavemente, quase inaudível, sob seu toque gentil. O solo ficava mais escuro embaixo deles, e os quilômetros passavam velozes. Vida, Gwen lhe dissera, seria encontrada adiante, a oeste, muito a oeste, na direção do pôr do sol.

A cidade do entardecer era uma única construção prateada, com a base fincada nas colinas muito abaixo deles, e o topo nas nuvens dois quilômetros acima. Era uma cidade de luz, com flancos metálicos, sem janelas e que irradiava um brilho branco com tons rubros. Cintilando, piscando, a luz escalava a parede curva em ondas, começando bem lá embaixo, onde a cidade estava profundamente ancorada na rocha primordial, então subia e ganhava resplendor e intensidade ao mesmo tempo em que a cidade se erguia e se estreitava, como uma imensa agulha. Mais rápida e mais alta, a onda de luz ascendia por toda aquela incrível altura, até alcançar o topo prateado coberto de nuvens e um estalido de glória ofuscante. E, então, três ondas atrasadas já começavam a fazer o mesmo percurso.

- Desafio - Gwen nomeou a cidade enquanto se aproximavam. Seu nome e sua intenção. Fora construída por todos os urbanistas de di-Emerel, cujas cidades natais eram torres de aço negro fincadas em planícies ondulantes. Cada cidade emereliana era uma nação-estado, cada uma delas em uma única torre, e a maioria dos emerelianos nunca deixava o prédio em que

havia nascido (embora aqueles que o fizessem, disse Gwen, freqüentemente se tornassem os maiores andarilhos de todo o espaço). Desafio era todas aquelas torres emerelianas em uma só, branco-prateada, em vez de negra, duas vezes mais ativa e três vezes mais alta, a filosofia arcológica de di-Emerel encarnada em metal e plástico, movida à fusão nuclear, automática, computadorizada e autorreparadora. Os emerilianos se vangloriavam de que a cidade era imortal, a prova final de que as glórias da tecnologia da Orla (ou da tecnologia emereliana, em todo caso) brilhavam com não menos fulgor do que as de Nova Holme, de Ávalon, ou mesmo da própria Antiga Terra.

Havia escuras ranhuras horizontais no corpo da cidade - pistas de aterrissagem, separadas por dez níveis de distância umas das outras. Dirk se dirigiu para uma delas, e, quando se aproximou, a ranhura negra se iluminou. A abertura estava facilmente localizada a dez metros de altura; ele não teve problemas para pousar na espaçosa pista do centésimo nível.

Quando desceram do aeromóvel, uma voz profunda e suave falou de lugar algum.

- Bem-vindos - disse. - Sou a Voz do Desafio. Posso ajudar vocês?

Dirk olhou de relance por sobre o ombro, e Gwen riu para ele.

- O cérebro da cidade - ela explicou. - Um supercomputador. Eu lhe disse que esta cidade ainda vivia.

- Posso ajudar vocês? - a Voz repetiu. Vinha das paredes.

- Talvez - Dirk se aventurou. - Acho que estamos provavelmente com fome. Pode nos alimentar?

A Voz não respondeu, mas um painel deslizou em uma parede a vários metros e um silencioso veículo acolchoado saiu pela abertura e parou diante deles. Eles entraram no veículo, que se moveu em direção a outra prestativa parede.

Foram levados em suaves pneus-balão através de uma sucessão de imaculados corredores brancos, passando por incontáveis fileiras de portas numeradas, enquanto uma música tocava serenamente em volta deles. Dirk notou rapidamente que as luzes brancas faziam um brusco contraste com o opaco céu crepuscular de Worlorn, e instantaneamente os

corredores se tornaram de um azul suave e calmo.

O carro de gordos pneus os deixou em um restaurante, e um robô-garçom que soava muito parecido à Voz lhes ofereceu os cardápios e as cartas de vinho. As duas seleções eram extensas, não limitadas à culinária de di-Emerel ou mesmo dos mundos exteriores, mas incluía famosos pratos e vinhos antigos de todos os mundos devastados do reino humano, até mesmo alguns que Dirk nunca ouvira falar. No menu, cada prato tinha seu mundo de origem impresso em letras pequenas. Refletiram sobre a seleção por um longo tempo. Finalmente, Dirk escolheu dragão de areia fervido em manteiga, do Mundo de Jamison, e Gwen pediu ovas azuis com queijo, da Antiga Poseidon.

O vinho que escolheram era límpido e branco. O robô o trouxe congelado em um cubo de gelo, então quebrou a pedra diante deles e, de alguma forma, a bebida já estava líquida e ainda bem gelada. É assim que deve ser servido, a Voz insistiu. O jantar veio em pratos quentes de prata e ossos. Dirk puxou uma perna com garras de sua entrada, tirou a casca, e provou a carne branca e tenra.

- Está incrível - disse, acenando com a cabeça em direção ao prato. - Vivi no Mundo de Jamison por um tempo, e aqueles jamisianos realmente amam seus dragões de areia recém-fervidos, e este está tão bom quanto qualquer um de lá. Congelado? Congelado e trazido para cá? Diabos, os emerelianos devem ter precisado de uma frota para trazer toda a comida que necessitavam para este lugar.

- Não é congelada - veio a resposta. Não era Gwen, embora ela o encarasse com um sorriso divertido. A Voz respondeu para ele. - Antes do Festival, o navio mercantil Placa Azul, de di-Emerel, visitou todos os mundos que conseguiu alcançar, coletando e preservando amostras de seus alimentos mais finos. A viagem, longamente planejada, levou quarenta e três anos-padrão, comandada por quatro capitães e a mesma quantidade de tripulações. Finalmente, o navio veio para Worlorn, e nas cozinhas e biotanques do Desafio as amostras coletadas foram clonadas e reclonadas para alimentar as multidões. Assim, os peixes e os pães foram multiplicados, não por um falso profeta, mas pelos cientistas de di-Emerel.

- Soa muito convencido. - Gwen comentou com uma risadinha.

- Soa como um discurso padrão - Dirk respondeu. Então deu de ombros e voltou para seu jantar, assim como Gwen. Os dois estavam sozinhos, exceto pelo robô-garçom e pela Voz, no centro do restaurante construído para comportar centenas de pessoas. Tudo ao redor deles estava vazio mas imaculado, outras mesas esperando com toalhas vermelho-escuras e jogos de jantar de prata brilhante. Os clientes haviam partido havia décadas; mas a Voz e a cidade tinham uma paciência infinita.

Depois, enquanto tomavam café (negro e grosso, com creme e especiarias, uma mistura de Ávalon e memórias agradáveis), Dirk sentiu-se tranquilo e relaxado, talvez mais confortável do que estivera desde que chegara a Worlorn. Jaan Vikary e o jade-e-prata - que brilhava escuro e belo sob as luzes tênues do restaurante, primorosamente trabalhado, mas estranhamente drenado de sua ameaça e significado - haviam diminuído de importância agora que estava novamente com Gwen. Diante dele, enquanto bebia de uma xícara de porcelana branca e sorria com uma expressão sonhadora e distante, ela parecia muito acessível, muito com a Jenny que ele conhecera e amara certa vez, a dama de sua joia-sussurrante.

- Agradável - ele comentou, com um aceno de cabeça que indicava tudo ao redor deles.

E Gwen acenou de volta para ele.

- Agradável - concordou, sorrindo.

Dirk a desejava, a Guinevere dos grandes olhos verdes e do cabelo negro sem-fim, aquela que havia amado, sua alma-gêmea perdida.

Ele se inclinou para a frente e encarou sua xícara. Não havia presságios no café. Tinha que falar com ela.

- Está sendo uma noite agradável - disse. - Como em Ávalon. - Quando ela murmurou, concordando novamente, ele continuou. - Sobrou alguma coisa, Gwen?

Ela o olhou fixamente e tomou um gole do café.

- Não é uma pergunta justa, Dirk, você sabe. Sempre sobra alguma coisa. Se o que você teve era real, para começar. Se não, bem, então não importa. Mas, se era real, então resta alguma coisa, um pouco de amor, uma taça de

ódio, desespero, ressentimento, luxúria. O que quer que seja. Mas alguma coisa.

- Não sei - Dirk t'Larien disse, suspirando. Baixou o olhar, introspectivo. - Talvez você seja a única realidade que tive, então.

- Triste - ela disse.

- Sim - respondeu. - Acho que sim. - Ergueu os olhos. - Para mim sobrou muita coisa, Gwen. Amor, ódio, ressentimento, tudo isso. Como você disse. Luxúria. - Deu uma risada.

Gwen apenas sorriu.

- Triste - ela disse novamente.

Ele não estava disposto a deixar para lá.

- E você? Alguma coisa, Gwen?

- Sim. Não posso negar isso. Alguma coisa. E tem aumentado.

- Amor?

- Você está me pressionando - ela disse gentilmente, abaixando sua xícara. O robô-garçom ao seu lado encheu-a novamente com café, sempre cremoso e com especiarias. - Pedi para não fazer isso.

- Tenho que fazer - ele disse. - Já é difícil o suficiente ficar tão perto de você e falar sobre Worlorn ou sobre os costumes kavalarianos ou mesmo sobre caçadores. Não é sobre isso que quero falar!

- Eu sei. Dois antigos amantes juntos, conversando. É uma situação comum e uma tensão comum. Ambos assustados, sem saber se devem tentar abrir velhos portões novamente, sem saber se o outro quer despertar esses sentimentos adormecidos ou se prefere deixar para lá. Cada vez que lembro de alguma coisa de Ávalon e estou prestes a fazer algum comentário sobre isso, eu me pergunto, ele quer que eu fale sobre isso, ou está rezando para que eu não faça?

- Imagino que depende do que você vai dizer. Uma vez tentei começar tudo de novo. Você se lembra? Logo depois que terminamos. Enviei minha jóia-sussurrante para você. Você nunca respondeu, nunca veio. - Sua voz era equilibrada, com um leve toque de reprovação e arrependimento, mas sem raiva. De alguma forma, sua raiva havia se dissipado nesse exato momento.

- Você já imaginou por quê? - Gwen falou. - Eu recebi a joia e chorei.

Ainda estava sozinha naquela época, não tinha conhecido Jaan, e queria alguém desesperadamente. Eu teria voltado para você se me chamasse.

- Eu chamei você. E você não veio.

Um sorriso triste.

- Ah, Dirk. A jóia-sussurrante veio em uma caixinha, e junto dela havia um bilhete. "Por favor", o bilhete dizia, "volte para mim agora. Preciso de você, Jenny". Era isso que estava escrito. Eu chorei e chorei. Se você estivesse escrito "Gwen", se você apenas amasse Gwen, a mim. Mas não, era sempre Jenny, mesmo depois de tudo, mesmo então.

Dirk se lembrou e fez uma careta.

- Sim - admitiu depois de um curto silêncio. - Acho que escrevi isso. Sinto muito. Nunca entendi. Mas agora entendo. É tarde demais?

- Eu disse isso. No bosque. É tarde demais, Dirk, está tudo morto. Você nos machucará se pressionar.

- Tudo morto? Você disse que restou algo e que está crescendo. Disse isso agora mesmo. Decida, Gwen. Não quero ferir você ou eu. Mas quero...

- Eu sei o que você quer. Não pode ser. Acabou.

- Por quê? - ele perguntou. Apontou através da mesa, para o bracelete dela.

- Por causa disso? Jade-e-prata por todo o sempre, é isso?

- Talvez - ela disse. Sua voz vacilou, insegura. - Não sei. Nós... isso é, eu...

Dirk se lembrou de todas as coisas que Ruark lhe contara.

- Sei que não é fácil falar sobre isso - ele falou cuidadosa e gentilmente. - E eu prometi esperar. Mas algumas coisas não podem esperar. Você diz que Jaan é seu marido, certo? O que é Garse? O que betheyn significa?

- Esposa-escrava - ela disse. - Mas você não entende. Jaan é diferente dos outros kavalarianos, mais forte, mais sábio e mais decente. Ele está mudando as coisas, sozinho. Os velhos vínculos, de betheyn com o alto-senhor, nossos vínculos não são assim. Jaan não acredita nisso, não mais do que acredita em caçar quase-homens.

- Ele acredita em Alto Kavalaan - Dirk lembrou - e no código de honra. Talvez ele seja atípico, mas ainda é um kavalariano.

Foi a coisa errada para se dizer. Gwen apenas sorriu para ele se recompôs.

- Nossa - ela disse. - Agora você falou como Arkin.

- Falei? Talvez Arkin esteja certo, no entanto. Uma outra coisa. Você diz que Jaan não acredita em vários dos antigos costumes, certo?

Gwen assentiu.

- Muito bem. E quanto a Garse, então? Não tive muita chance de falar com ele. Devo supor que Garse é igualmente esclarecido?

Aquilo a fez parar.

- Garse... - começou. Então parou e balançou a cabeça em dúvida. - Bem, Garse é mais conservador.

- Sim - disse Dirk. Repentinamente pareceu compreender tudo. - Sim, acho que é, e essa é grande parte do seu problema, não é? Em Alto Kavalaan, não é homem e mulher. Não, é homem e homem, e talvez mulher, mas mesmo então ela não é tão terrivelmente importante. Você ama Jaan, mas não se importa o mesmo tanto com Garse Janacek, se importa?

- Tenho muita afeição por...

- Tem?

O rosto de Gwen endureceu.

- Pare - ela disse.

A voz dela o assustou. Ele recuou, repentina e doentamente consciente da maneira que estava inclinado sobre a mesa, pressionando, empurrando, apontando, atacando e insultando-a, ele que viera para cuidar dela e ajudá-la.

- Sinto muito - murmurou.

Silêncio. Ela o olhava fixamente, o lábio inferior tremendo, enquanto se recompunha e recuperava as forças.

- Você está certo - ela finalmente falou. - Em parte, ao menos. Eu não... bem... não estou inteiramente feliz com meu grupo. - Forçou uma gargalhada irônica. - Acho que me engano muito. Uma má idéia, enganar a si mesmo. Todo mundo faz isso, no entanto, todo mundo. Eu visto o jade-e-prata e digo para mim mesma que sou mais do que uma esposa-escrava, mais do que outra mulher kavalariana. Por quê? Só por que Jaan me diz isso? Jaan Vikary é um bom homem, Dirk, ele realmente é, de muitas maneiras é o melhor homem que já conheci. Eu o amava, talvez ainda o ame. Não sei. Estou muito confusa agora. Mas, amando-o ou não, eu devo a

ele. Dívidas e obrigações, esses são os laços kavalarianos. Amor é apenas algum que Jaan conheceu em Ávalon, e não estou certa se já aprendeu a dominar bem esse sentimento. Eu teria sido seu teyn, se pudesse. Mas ele já tinha um teyn. Além disso, nem mesmo Jaan iria tão longe contra os costumes de seu mundo. Você ouviu o que ele disse sobre os duelos, e tudo porque ele fez uma pesquisa em alguns bancos de dados de computadores antigos e descobriu que um dos heróis populares kavalarianos tinha tetas. - Sorriu sombriamente. - Imagine o que teria acontecido se ele me tomasse como teyn! Ele teria perdido tudo, absolutamente tudo. Jadeferro é relativamente tolerante, sim, mas ainda serão necessários séculos até que o grupo esteja pronto para isso. Nenhuma mulher jamais usou ferro-e-pedrardente.

- Por quê? - Dirk falou. - Não entendo. Todos vocês ficam fazendo esses comentários... sobre mulheres parideiras, esposas- -escravas e mulheres escondidas nas cavernas com medo de sair para fora, toda essa coisa. E eu continuo sem acreditar nelas. Como Alto Kavalaan pode estar tão distorcido? O que eles têm contra as mulheres? Por que é tão crítico que a fundadora de Jadeferro seja uma mulher?

Gwen lhe deu um sorriso amarelo e esfregou as têmporas gentilmente com as pontas dos dedos, como se tivesse uma dor de cabeça que quisesse espantar.

- Você devia ter deixado Jaan terminar a história - ela respondeu. - Então saberia tanto quanto nós. Ele estava apenas se aquecendo. Nem chegou até a Praga Dolorosa - suspirou. - É tudo uma história muito longa, Dirk, e neste momento não tenho a maldita energia para isso. Espere até voltarmos para Larteyn. Eu encontrarei uma cópia da tese de Jaan e você poderá lê-la com seus próprios olhos.

- Tudo bem - Dirk concordou. - Mas há algumas coisas que não serei capaz de ler em nenhuma tese. Há alguns minutos você disse que não tinha certeza se ainda amava Jaan. Você certamente não ama Alto Kavalaan. Acho que odeia Garse. Então, por que está fazendo tudo isso consigo mesma?

- Você leva jeito para fazer perguntas desagradáveis - ela disse

amargamente. - Mas antes de lhe responder, deixe-me corrigi-lo em alguns pontos. Posso odiar Garse, como você diz. Algumas vezes tenho quase certeza de que odeio Garse, embora creia que Jaan morreria se me ouvisse dizer isso. Em outras vezes, contudo... eu não estava mentindo antes, quando disse para você que tenho uma considerável afeição por ele. Assim que cheguei a Alto Kavalaan, era totalmente cega, inocente e vulnerável. Jaan havia me explicado tudo de antemão, é claro, muito pacientemente, muito minuciosamente, e eu havia aceitado. Eu era de Ávalon, afinal de contas, e ninguém pode ser mais sofisticado do que em Ávalon, pode? Não, a menos que você seja um terráqueo. Eu estudara todas as estranhas culturas que a humanidade espalhara entre as estrelas e sabia que qualquer um que entrava em uma nave espacial devia estar preparado para se adaptar a sistemas sociais e moralidades completamente diferentes dos seus. Eu sabia que costumes sexuais-familiares variam e que Ávalon não é necessariamente mais sábio do que Alto Kavalaan nesta área. Eu era muito esperta, pensava. Mas não estava pronta para os kavalarianos, oh, não. Por mais que viva, jamais me esquecerei por um segundo do medo e do trauma do meu primeiro dia e da minha primeira noite nas fortalezas de Jadeferro, como betheyn de Jaan Vikary. Especialmente a primeira noite. - Ela riu. - Jaan tinha me avisado, é claro, e... que inferno, eu não estava pronta para ser partilhada. O que posso dizer? Foi ruim, mas sobrevivi. Garse me ajudou. Ele estava honestamente preocupado comigo, e muito mais com Jaan. Seria possível dizer que foi terno. Confiei nele; ele escutou e foi cuidadoso. E, na manhã seguinte, o abuso verbal começou. Eu fiquei assustada e machucada; Jaan ficou desconcertado e incrivelmente zangado. Mandou Garse com um empurrão para o outro lado da sala da primeira vez que ele me chamou de cadela betheyn. Garse ficou quieto por um tempo depois disso. Ele me dá trégua com freqüência, mas nunca para. Ele é verdadeiramente notável, de certa forma. Teria desafiado e matado qualquer kavalariano que me insultasse a metade do que ele faz. Sabe que suas piadas irritam Jaan e provocam terríveis brigas... ou pelo menos provocavam. A essa altura, Jaan se tornou indiferente a tudo isso. Mesmo assim, Garse persiste. Talvez não possa evitar, ou talvez me deteste

realmente, ou talvez simplesmente goste de provocar dor. Se for isso, não lhe dei muitas alegrias nos últimos anos. Uma das primeiras coisas que decidi foi que não o deixaria me fazer chorar novamente. E não deixei. Mesmo quando ele chega e diz alguma coisa que me faz querer arrancar sua cabeça com um machado, eu apenas sorrio, mostrando os dentes, e tento pensar em algo desagradável para responder para ele. Uma ou duas vezes consegui tirá-lo dos trilhos. Normalmente, fico me sentindo como um inseto esmagado. Mesmo assim, a despeito de tudo isso, há outros momentos também. Tréguas, pequenos cessar-fogo em nossa guerra sem-fim, momentos de assombroso calor e compaixão. Muitos deles à noite. Esses momentos sempre me surpreendem quando acontecem. São muito intensos. Uma vez, acredite ou não, disse a Garse que o amava. Ele riu de mim. Ele não me amava, disse em voz alta, eu simplesmente era sua cro-betheyn e ele me tratava como era obrigado a tratar pelos laços que existiam entre nós. Essa foi a última vez que quase chorei. Lutei, lutei e venci. Não chorei. Apenas gritei alguma coisa para ele e saí correndo pelo corredor. Vivemos no subsolo, você sabe. Todo mundo vive no subsolo em Alto Kavalaan. Não estava vestindo muita coisa além do meu bracelete, e corri como louca, e finalmente um homem tentou me parar... um bêbado, um idiota, um cego que não pôde ver o jade-e-prata, não sei. Eu estava tão furiosa que puxei sua arma do coldre e esmaguei seu rosto com um golpe, era a primeira vez que batia em outro ser humano com raiva, e bem quando Jaan e Garse chegaram. Jaan parecia calmo, mas estava muito transtornado. Garse estava quase feliz, e pedindo por uma briga. Como se o homem que eu havia derrotado não tivesse sido insultado o suficiente, Garse ainda me disse para pegar todos os dentes que eu arrancara para devolvê-los, pois eu já tinha dentes suficientes. Tiveram sorte de que esse comentário não deu origem a um duelo.

- Como inferno você se envolveu em uma situação dessas, Gwen? - Dirk quis saber. Estava se esforçando para que sua voz não se quebrasse. Estava zangado com ela, ferido por ela e, mesmo assim, estranhamente (ou talvez não tão estranhamente) exultante. Era tudo verdade, tudo o que Ruark lhe dissera. O kimdissiano era um bom amigo dela e seu confidente; apesar

disso, ela tinha buscado por ele. Sua vida era uma miséria, ela era uma escrava, e ele podia consertá-la, ele. - Você devia ter uma idéia de como seria.

Ela deu de ombros.

- Menti para mim mesma - disse - e deixei Jaan mentir para mim, embora acho que ele honestamente acredita em todas as falsidades amorosas que me diz. Se pudesse começar de novo... mas não posso. Eu estava pronta para ele, Dirk, precisava dele e o amei. Ele não tinha ferro-e-pedrardente para me dar. Isso ele já dera para outra pessoa, então me deu jade-e-prata, e eu aceitei só para ficar perto dele, com apenas uma vaga noção do que isso significava. Eu perdera você havia não muito tempo. Não queria que Jaan se fosse também. Então coloquei o belo braceletinho e disse em voz bem alta: "sou mais do que uma betheyn", como se fizesse diferença. Dê um nome a uma coisa e de algum modo ela se transformará naquilo. Para Garse, sou betheyn de Jaan e sua cro-betheyn, e isso é tudo. Os nomes definem os laços e as obrigações. O que mais poderia haver? Para qualquer outro kavalariano é a mesma coisa. Quando tento sair disso, ultrapassar esse nome, Garse está ali, zangado, gritando betheyn! Para mim. Jaan é diferente, apenas Jaan, e algumas vezes não posso evitar e começo a me perguntar como ele realmente se sente. - Colocou as mãos sobre a toalha da mesa e fechou os punhos, lado a lado. - A mesma maldita coisa, Dirk. Você queria me transformar em Jenny, e eu me salvei rejeitando o nome. Mas, como uma tola, aceitei o jade-e-prata, e agora sou esposa-escrava e nenhuma das minhas negações pode mudar isso. A mesma maldita coisa! - A voz dela estava estridente, seus punhos fechados com tanta força que as juntas dos dedos estavam ficando brancas.

- Podemos mudar isso - Dirk disse rapidamente. - Volte comigo. - Ele soou vazio, sem esperança, desesperado, triunfante, preocupado; seu tom era tudo isso ao mesmo tempo.

No início, Gwen não respondeu. Dedo por dedo, muito lentamente, ela abriu as mãos, e encarou-as solenemente, respirando profundamente, virando as mãos uma vez e outra, como se fossem algum estranho artefato colocado diante dela para inspeção. Então as espalmou na mesa e

empurrou, ficando em pé.

- Por quê? - perguntou, e o calmo controle retornara à sua voz. - Por quê, Dirk? Para que você possa me transformar em Jenny novamente? É por isso? Porque que eu o amei uma vez, porque algo pode ter ficado?

- Sim! Não, quero dizer. Você me confunde. - Ele também se levantou.

Ela sorriu.

- Ah, mas eu também amei Jaan certa vez, mais recentemente do que você. E com ele, agora, há outros laços, todas as obrigações de jade-e-prata. Com você, bem, apenas lembranças, Dirk.

Quando ele não respondeu - ficou parado, esperando -, Gwen se dirigiu para a porta. Ele a seguiu.

O robô-garçom os interceptou e bloqueou o caminho deles, com seu rosto de metal ovoide e sem expressão.

- A conta - ele disse. - Preciso do número de suas contas do Festival.

Gwen franziu o cenho.

- Conta Larteyn, Jadeferro 797-742-677 - replicou. - Registre as duas refeições neste número.

- Registrado - o robô disse, enquanto saía do caminho.

Atrás deles, o restaurante ficou escuro.

A Voz deixara o carro esperando por eles. Gwen lhe disse para levá-los de volta à pista de aterrissagem, e o veículo começou a se mover por corredores que repentinamente se inundaram de cores vivas e música alegre.

- O maldito computador registrou a tensão em nossa voz - ela disse, um pouco zangada. - Agora está tentando nos animar.

- Não está fazendo um trabalho muito bom - Dirk respondeu com um sorriso. Então completou - Obrigado pela refeição. Converti meus padrões para moeda do Festival antes de chegar, mas temo não ter ganhado muito com o câmbio.

- Jadeferro não é pobre - Gwen disse. - E não há muito que ser pago em Worlorn de qualquer modo.

- Humm. Sim. Nunca pensei que houvesse, até agora.

- Programas do Festival - Gwen explicou. - Esta é a única cidade que ainda

funciona desta maneira. Todas as outras estão fechadas. Uma vez por ano, di-Emerel manda um enviado para limpar todas as contas dos bancos. Embora logo chegue ao ponto de que a viagem custará mais do que ele arrecada.

- Estou surpreso de que ainda não tenha acontecido.

- Voz! - ela disse. - Quantas pessoas vivem em Desafio hoje?

As paredes responderam.

- Atualmente tenho trezentos e nove residentes legais e quarenta e dois convidados, incluindo vocês. Vocês podem, se quiserem, se tornar residentes. Os preços são bastante razoáveis.

- Trezentos e nove? - Dirk surpreendeu-se. - Onde?

- Desafio foi construída para abrigar vinte milhões - Gwen explicou. - Você dificilmente pode esperar dar de cara com um deles, mas estão aqui. Nas outras cidades também, embora não tantos quanto em Desafio. A vida é mais fácil aqui. A morte seria fácil também, se os altos-senhores de Braith alguma vez pensassem em começar a caçar nas cidades, em vez de nos bosques. Esse sempre foi o grande medo de Jaan.

- Quem são eles? - Dirk quis saber, curioso. - Como vivem? Não entendo. Desafio não perde uma fortuna a cada dia?

- Sim. Uma fortuna em energia, jogada no lixo, desperdiçada. Mas esse é o ponto central de Desafio, de Larteyn e de todo o Festival. Desperdício, um desperdício descomunal, para provar que a Orla era rica e forte, desperdício em uma escala que o reino humano jamais conhecera antes, um planeta inteiro moldado e então abandonado. Você vê? Quanto a Desafio, bem, verdade seja dita, a vida da cidade é um movimento vazio, agora. Ela se auto-alimenta de reatores de fusão e descarrega energia em fogos de artifício que ninguém vê. Colhe toneladas de comida todos os dias, com suas imensas máquinas agrícolas, mas ninguém come, exceto um punhado de ermitões, fanáticos religiosos, crianças perdidas que se tornaram selvagens, qualquer que seja a escória que sobrou do Festival. A cidade envia um barco para Musquel todos os dias, para buscar peixe. Não há peixe algum, é claro.

- A Voz não reescreve o programa?

- Ah, o xis da questão! A Voz é idiota. Não pensa realmente, não consegue programar a si mesma. Oh, sim, os emerelianos queriam impressionar as pessoas, e a Voz é imponente, é claro. Mas, na realidade, é muito primitiva se comparada aos computadores da Academia, em Ávalon, ou às Inteligências Artificiais da Antiga Terra. Não pode pensar, ou fazer mudanças. Faz o que lhe foi dito para fazer, e os emerelianos lhe disseram para seguir em frente, para suportar o frio o máximo que for capaz. E o computador fará isso. - Ela olhou para Dirk. - Como você. Insiste muito depois que sua persistência perdeu todo o sentido e o significado, segue em frente, para nada, depois que tudo está morto.

- Oh - exclamou Dirk. - Mas até que tudo esteja morto, você tem que seguir. Este é o ponto, Gwen. Não há outro jeito, há? Prefiro admirar a cidade, mesmo que ela seja a grande insensatez que você diz.

Ela balançou a cabeça.

- Você devia mesmo.

- E ainda há mais - ele continuou. - Você enterra tudo rápido demais, Gwen. Worlorn pode estar morrendo, mas ainda não está morto. E nós, bem, não temos que estar mortos também. O que você disse no restaurante, sobre Jaan e eu, acho que deveria pensar sobre isso. Decida o que sobrou para mim, para ele. Quão pesado este bracelete é no seu braço - ele apontou para a peça de jade-e-prata - e de que nome você gosta mais, ou mesmo quem tem mais possibilidade para dar a você seu próprio nome. Vê? Então, depois me diga o que está vivo e o que está morto!

Ele se sentiu muito satisfeito com seu pequeno discurso. Certamente, pensou, ela veria que ele podia deixar Jenny de lado e deixá-la ser Gwen com mais facilidade do que Jaantony Vikary poderia torná-la uma teyn feminina, em vez de uma mera betheyn. Parecia muito claro. Mas ela apenas olhou para ele, sem dizer nada, até que chegaram ao aeromóvel.

Então ela saiu do veículo acolchoado.

- Quando nós quatro escolhemos onde viveríamos em Worlorn, Garse e Jaan votaram por Larteyn, e Arkin por Décimo-Segundo Sonho - ela disse.

- Eu não votei por nenhuma das duas. Nem por Desafio, apesar de toda a sua vitalidade. Não gosto de viver em um labirinto. Quer saber o que está

morto e o que está vivo? Venha, então, vou lhe mostrar minha cidade.

Foram para fora mais uma vez, Gwen lacônica e silenciosa atrás dos controles, o repentino frio do ar da noite ao redor deles, a brilhante agulha de Desafio desaparecendo atrás deles. Agora era a profunda escuridão novamente, como havia sido na noite em que o Tremor de Inimigos Esquecidos trouxera Dirk t'Larien para Worlorn. Apenas uma dúzia de estrelas solitárias balançava no céu, e metade delas estava oculta por nuvens turbulentas. Todos os sóis haviam se posto.

A cidade da noite era vasta e intrincada, com apenas algumas luzes dispersas rasgando a escuridão que caía sobre ela, como se uma pálida joia tivesse sido colocada em um macio feltro negro. Entre todas as cidades, era a única construída nos bosques além da cadeia de montanhas, e pertencia àquele lugar, entre as florestas de estranguladores, árvores-fantasmas e viúvos azuis. A partir da escuridão da mata, suas finas torres brancas se levantavam como espectros em direção às estrelas, ligadas por graciosas pontes penseis que reluziam como teias de aranhas congeladas. Cúpulas baixas se erguiam como vigias solitários entre uma rede de canais cujas águas capturavam as luzes das torres e o brilho das raras estrelas distantes, e circulando a cidade havia uma série de construções estranhas que pareciam mãos descarnadas e angulosas tentando agarrar o céu. As árvores - e como havia árvores - eram do mundo exterior; não havia grama, apenas grossos tapetes de musgo fosforescente que irradiavam um fulgor opaco.

E a cidade tinha uma canção.

Não era como nenhuma música que Dirk já ouvira. Era inquietante, selvagem e quase inumana, e se elevava, caía e deslocava-se constantemente. Era uma escura sinfonia do vazio, das noites sem estrelas e dos sonhos conturbados. Era feita de gemidos, sussurros e uivos, e uma estranha nota baixa que só podia ser o som da tristeza. Com tudo isso, era música.

Dirk olhou para Gwen, maravilhado.

- Como?

Ela escutava enquanto dirigia, mas a pergunta dele arrancou-a de seus acordes flutuantes e a fez sorrir de leve.

- Escuralba construiu esta cidade, e os escuralbinos são um povo estranho. Há um vão nas montanhas. Os guardiões do tempo fizeram os ventos soprarem por ele. Então construíram as torres, e em cima de cada uma delas há uma abertura. O vento toca a cidade como um instrumento. A mesma canção, uma vez e outra. Os aparelhos de controle do tempo guiam os ventos e, a cada mudança, algumas torres soam suas notas, enquanto outras ficam em silêncio. A música é uma sinfonia escrita em Escuralba há muitos séculos, por uma compositora chamada Lamiya-Bailis. Um computador a toca, eles dizem, fazendo funcionar as máquinas de vento. A coisa estranha nisso tudo é que os escuralbinos nunca usaram muito os computadores e têm pouca tecnologia. Outra história era popular durante os dias do Festival. Uma lenda, dizem. Ela afirma que Escuralba era um mundo sempre perigosamente no limite da sanidade, e que a música de Lamiya-Bailis, a maior das sonhadoras de Escuralba, empurrou a cultura inteira para a loucura e o desespero. Em punição, dizem, o cérebro da compositora foi mantido vivo, e pode agora ser encontrado nas profundezas sob as montanhas de Worlorn, conectado às máquinas de vento e tocando sua própria obra-prima uma vez após a outra, para sempre. - Ela estremeceu. - Ou, pelo menos, até que a atmosfera congele. Nem mesmo os guardiões do tempo de Escuralba podem parar isso.

- Isso... - Dirk, perdido na canção, não conseguia encontrar as palavras. - Isso se encaixa, de algum modo - disse, finalmente. - Uma canção para Worlorn.

- Se encaixa agora. - Gwen concordou. - É uma canção do crepúsculo e da noite que chega, com nenhum amanhecer novamente, jamais. Uma canção de finais. No auge dos dias do Festival, a música estava fora de lugar. Kryne Lamiya (este é o nome da cidade, Kryne Lamiya, embora seja freqüentemente chamada de Cidade Sereia, do mesmo modo que Larteyn era chamada de Fortaleza de Fogo), bem, nunca foi um lugar popular. Parece grande, mas na realidade não é. Foi construída para abrigar apenas cem pessoas, e nunca esteve com mais de um quarto de sua lotação. Como a própria Escuralba, suponho. Quantos viajantes já foram para Escuralba, bem na margem do Grande Mar Negro? E quantos vão para lá no inverno,

quando o céu de Escuralba é quase totalmente vazio, com nada para ver além da luz de algumas galáxias muito distantes? Não muitos. É necessário um tipo de gente muito peculiar para isso. Aqui também, para amar Kryne Lamiya. As pessoas dizem que a música as perturba. E nunca para. Os escuralbinos não fizeram nem quartos de dormir à prova de som.

Dirk não disse nada. Estava olhando para as mágicas torres e as escutava cantar.

- Quer descer? - Gwen perguntou.

Ele assentiu, e ela fez uma espiral em direção ao solo. Encontraram uma clareira ao lado de uma das torres. Ao contrário das pistas de aterrissagem de Desafio e de Décimo-Segundo Sonho, esta não estava completamente vazia. Dois outros aeromóveis descansavam ali, um modelo esportivo vermelho de asas curtas e um pequeno negro e prateado com forma de lágrima, ambos havia muito abandonados. A poeira soprada pelo vento formava uma camada grossa em suas cabines e tetos, e os estofados dentro do modelo esportivo já haviam começado a apodrecer. Só por curiosidade, Dirk experimentou os dois veículos. O esportivo estava morto, queimado, sua energia esvaída havia anos. Mas o pequeno aeromóvel em forma de lágrima ainda ligava sob seu toque, e o painel de controle se acendeu e piscou, mostrando que uma pequena reserva de energia ainda sobrava. A imensa arraia cinzenta de Alto Kavalaan era maior e mais pesada do que os dois objetos abandonados juntos.

Da pista de pouso, foram por uma longa galeria, onde painéis luminosos cinza e brancos oscilavam e giravam em formas opacas que acompanhavam o ritmo da música. Então subiram até um balcão que haviam visto quando chegaram.

Do lado de fora, a música estava por todas as partes, chamando-os com vozes sobrenaturais, tocando-os e brincando com seus cabelos, aumentando e reverberando como um trovão da paixão. Dirk pegou a mão de Gwen e ficou ouvindo, enquanto lançava um olhar perdido para além das torres, cúpulas e canais, em direção à floresta e às montanhas depois dela. A música do vento parecia arrastá-lo. Era como se falasse com ele suavemente, instando-o a pular, a acabar com tudo, com toda a tolice,

indignidade e insignificante futilidade que ele chamava de vida.

Gwen viu em seus olhos. Apertou a mão dele e, quando ele olhou para ela, disse:

- Durante o Festival, mais de duzentas pessoas cometeram suicídio em Kryne Lamiya. Dez vezes o número de qualquer outra cidade. E isso apesar de que esta cidade tinha a menor população de todas.

Dirk assentiu.

- Sim. Posso sentir. A música.

- A celebração da morte - Gwen falou. - Sim, você sabe, a Cidade Sereia não está morta, não como Musquel ou Décimo-Segundo Sonho. Ela ainda vive, teimosamente, apenas para exaltar o desespero e glorificar o vazio da vida ao qual ela mesma se aferra. Estranho, não?

- Por que construíram tal lugar? É bonito, mas...

- Tenho uma teoria - Gwen respondeu. - Os escuralbinos são niilistas de humor negro, antes de tudo, e acho que Kryne Lamiya é sua piada amarga para Alto Kavalaan, Tocadolobo, Tober e os outros mundos que se esforçaram tanto pelo Festival na Orla. Os escuralbinos vieram, tudo bem, e construíram uma cidade que diz que tudo é sem valor. Tudo sem valor: o Festival, a civilização humana, a vida em si. Pense nisso! Que armadilha para um turista desprevenido! - Jogou a cabeça para trás e começou a gargalhar descontroladamente, e por um breve momento Dirk sentiu um súbito medo irracional, como se Gwen tivesse enlouquecido.

- E você queria viver aqui? - ele perguntou.

Sua gargalhada morreu tão abruptamente quanto começara; o vento a levou embora. Longe, à direita deles, uma torre espigada emitia uma nota breve e penetrante que vagava como o uivo de um animal em dor. A torre em que estavam respondia com um triste gemido baixo de uma buzina, lento e interminável. A música rodopiava ao redor deles. Bem ao longe, Dirk pensou ter ouvido o bater de um único tambor, golpes graves e contundentes, uniformemente espaçados.

- Sim - Gwen confirmou. - Eu queria viver aqui. - A buzina desapareceu; quatro torres avermelhadas do outro lado do canal, unidas por pontes pênséis, começaram a ulular selvagememente, cada nota mais alta do que a

anterior, até que finalmente se tornaram inaudíveis. O tambor continuou, imutável: bum, bum, bum.

Dirk suspirou.

- Entendo - disse, em uma voz muito cansada. - Eu teria vivido aqui também, suponho, embora me pergunte quanto tempo viveria se fizesse isso. Braque era um pouco assim, o mais suave dos ecos, especialmente à noite. Talvez fosse por isso que eu vivesse lá. Estava muito cansado, Gwen. Muito. Acho que tinha desistido. Nos velhos tempos, você sabe, eu estava sempre procurando... por amor, por dinheiro fácil, pelos segredos do universo, pelo que quer que fosse. Mas depois que você me deixou... não sei, tudo dava errado, me deixava um gosto amargo na boca. E quando alguma coisa dava certo, eu achava que não importava, não fazia nenhuma diferença. Era tudo vazio. Tentei e tentei, mas tudo o que consegui foi me cansar, me tornar apático e cínico. Talvez tenha sido por isso que vim até aqui. Você... bem, eu era melhor naquela época. Se eu encontrasse você de novo, talvez conseguisse me encontrar novamente também. Não funcionou bem desse jeito. Não sei se funcionou de algum jeito.

- Ouça Lamiya-Bailis - Gwen falou -, e a música da cidade lhe dirá que nada funciona, que nada significa coisa alguma. Eu queria viver aqui, você sabe. Eu votei... bem, não planejava votar desse jeito, mas estávamos conversando sobre isso quando chegamos aqui pela primeira vez, e simplesmente saiu. Isso me assustou. Talvez você e eu ainda tenhamos muito em comum, Dirk. Fiquei cansada também. Em geral, não demonstro. Tenho meu trabalho para me manter ocupada, Arkin é meu amigo, e Jaan me ama. Mas quando venho aqui... ou algumas vezes simplesmente paro e começo a pensar demais, então me questiono. As coisas que tenho não são suficientes. Não é o que eu queria. - Ela se virou na direção dele e pegou sua mão. - Sim, eu tenho pensado em você. Tenho pensado que as coisas eram melhores quando você e eu estávamos juntos em Ávalon, e tenho pensado que talvez ainda seja você quem eu amo, e não Jaan, e tenho pensado que você e eu podíamos trazer a magia de volta, fazer tudo ter sentido outra vez. Mas você não vê? Não é assim, Dirk, e toda a sua pressão não vai fazer com que seja. Ouça a cidade, ouça Kryne

Lamiya. Eis a sua verdade. Você pensa em mim, e algumas vezes eu penso em você, apenas porque a morte está entre nós. Esta é a única razão pela qual parece melhor. Felicidade ontem e felicidade amanhã, mas nunca hoje, Dirk. Não pode ser, porque tudo é apenas ilusão no final das contas, e ilusões só parecem reais a distância. A nossa terminou, meu amor perdido e sonhador terminou, e isso é o melhor de tudo, porque é a única coisa que o faz ser bom.

Ela estava chorando; as lágrimas escorriam lentamente por seu rosto. Kryne Lamiya chorava com ela, as torres pranteando o lamento deles. Mas a cidade zombava dela também, como se dissesse, "Sim, vejo sua dor, mas a dor não tem mais significado do que todo o resto, a dor é tão vazia quanto o prazer". As torres gemiam, grades finas riam insanamente, e o som baixo do tambor continuava: bum, bum, bum.

Novamente, mais forte dessa vez, Dirk quis saltar do balcão, em direção à pedra clara e aos canais escuros embaixo deles. Uma queda vertiginosa, e então o descanso finalmente. Mas a cidade cantava para ele como para um tolo: Descanso?, cantava, não há descanso na morte. Apenas o nada. Nada. Nada. O tambor, os ventos, os gemidos. Ele tremeu, ainda segurando as mãos de Gwen. Olhou em direção ao solo abaixo.

Algo avançava pelo canal. Balançando e flutuando, facilmente à deriva, vindo na direção dele. Um barco negro, com um remador solitário.

- Não - ele disse.

Gwen pestanejou.

- Não? - repetiu.

E repentinamente as palavras vieram, as palavras que o outro Dirk t'Larien teria dito para sua Jenny, e as palavras estavam na ponta de sua língua, embora não tivesse certeza se podia acreditar nelas, e pegou a si mesmo dizendo tudo mesmo assim.

- Não! - exclamou, gritando para a cidade, sentindo uma raiva súbita pela música zombeteira de Kryne Lamiya. - Maldição, Gwen, todos temos algo desta cidade em nós mesmos, sim. O teste é como enfrentamos isso. Tudo isto é assustador - soltou as mãos dela para gesticular em direção à escuridão, o gesto de sua mão abarcando tudo - o que a cidade diz é

assustador, e o pior é o medo que você sente quando parte de sua alma concorda, quando você sente que é tudo verdade, que você pertence a este lugar. Mas o que você faz a esse respeito? Se você é fraco, ignora. Finge que não existe, entende? E talvez isso vá embora. Ocupa-se durante todo o dia com tarefas triviais e nunca pensa na escuridão lá fora. E, deste modo, você a deixa ganhar, Gwen. No fim, a cidade engole você e todas as suas coisas triviais, e você e outros tolos mentem uns para os outros reciprocamente e aceitam isso. Não pode ser assim, Gwen, você não pode ser assim. Tem que tentar. Você é uma ecologista, certo? E sobre o que a ecologia trata? De vida! Você tem que estar do lado da vida, tudo o que você é diz isso. Esta cidade, esta maldita cidade branca como ossos, com seu hino morto, é a negação de tudo o que acredita, de tudo o que você é. Se você é forte, encara isso, luta, chama-a pelo nome. Desafia isso.

Gwen parara de chorar.

- Isso é inútil - ela disse, balançando a cabeça.

- Você está errada - ele respondeu. - Sobre esta cidade, sobre nós. Está tudo entrelaçado, percebe? Você diz que quer viver aqui? Muito bem! Viva aqui! Viver nesta cidade seria uma vitória em si mesma, uma vitória filosófica. Mas viva aqui porque você sabe que a vida refuta Lamiya-Bailis, viva aqui e ria desta absurda música dela, não viva aqui e concorde com este maldito lamento mentiroso. - Pegou a mão dela novamente.

- Não sei - ela disse.

- Você sabe - ele refutou, mentindo.

- Você realmente acha que... que poderíamos fazer dar certo novamente? Melhor do que antes?

- Você não será Jenny - ele prometeu. - Nunca mais.

- Não sei - ela repetiu, num sussurro.

Ele pegou o rosto dela com as duas mãos e levantou-o, para que os olhos dela encontrassem os dele. Beijou-a muito suavemente, apenas roçando os lábios nos dela. A cidade gemia. A buzina soava profunda e queixosa ao redor deles, as torres distantes gritavam e lamentavam, e o tambor solitário continuava a tocar seu bumbo sem sentido.

Depois do beijo, ficaram parados em meio à música, encarando um ao

outro.

- Gwen - ele finalmente disse, em uma voz nem tão forte ou tão segura quanto tinha estado alguns momentos antes - , eu também não sei, acho. Mas, talvez, possa valer a pena tentar...

- Talvez - ela respondeu, desviando e baixando os grandes olhos verdes. - Seria difícil, Dirk. E há Jaan para se considerar, e Garse, tantos problemas. E nem mesmo sabemos se valeria a pena. Não sabemos se fará a mínima diferença.

- Não, não sabemos - ele concordou. - Muitas vezes, nestes poucos últimos anos, decidi que não importava, que não valia a pena tentar. Não me senti bem, então, apenas cansado, infinitamente cansado. Gwen, se não tentarmos, nunca saberemos.

Ela assentiu.

- Talvez - disse, e nada mais. O vento soprava frio e forte; a música da loucura escuralbina se ergueu e baixou novamente. Foram para dentro, então desceram as escadas do balcão, passaram pelos painéis opacos e tremulantes de luzes cinza e brancas, para onde a sólida sanidade do aeromóvel os esperava para levá-los de volta a Larteyn.

Capítulo 5

Voaram das altas torres brancas de Kryne Lamiya até as fogueiras desvanecidas de Larteyn em um silêncio solitário, sem se tocarem, ambos perdidos nos próprios pensamentos. Gwen deixou o aeromóvel no lugar costumeiro do telhado, e Dirk a seguiu escada abaixo até a porta do apartamento dela.

- Espere - Gwen disse em um rápido sussurro, quando ele achou que ela fosse dizer boa noite. Ela desapareceu lá dentro; Dirk esperou, intrigado. Havia barulho do outro lado da porta, vozes, então, abruptamente Gwen voltou, empurrando um grosso manuscrito nas mãos dele, uma massa de papel impressionantemente pesada, encapada à mão com couro negro. - Leia - sussurrou, inclinando-se porta afora. - Venha amanhã de manhã e conversaremos mais.

Beijou-o levemente no rosto e fechou a porta pesada com um pequeno estalo. Dirk ficou parado por um momento, inspecionando o manuscrito encadernado, então virou-se em direção aos elevadores.

Havia dado apenas alguns passos quando ouviu o primeiro grito. Então, de alguma maneira, não pôde continuar; os sons o levaram de volta, e ele ficou parado ouvindo através da porta de Gwen.

As paredes eram grossas, e muito pouco do que era dito passava por elas. Não entendia as palavras, nem o que significavam, mas o tom das vozes dizia bastante. A voz de Gwen predominava: alta, mordaz - às vezes ela gritava -, próxima da histeria. Em sua mente, Dirk podia vê-la caminhando pela sala de estar, diante das gárgulas, do jeito que sempre fazia quando estava zangada. Os dois kavalarianos deviam estar presentes, repreendendo-a, pois Dirk tinha certeza de ter ouvido mais duas vozes: uma calma e segura, sem raiva, questionando implacavelmente. Essa tinha que ser a voz de Jaan Vikary. Sua cadência o entregava, as marcações de seu discurso podiam ser distinguidas mesmo através da parede. A terceira

voz, Garse Janacek, falava pouco no início, então mais e mais, com crescente volume e ira. Depois de um tempo, a primeira voz masculina calma estava praticamente em silêncio, enquanto Gwen e Garse gritavam um com o outro. Então ouviu-se alguma coisa, uma ordem forte. E Dirk ouviu um barulho, uma pancada surda. Um golpe. Alguém tinha batido em alguém, não podia ser outra coisa.

Finalmente Vikary começou a dar ordens, e, a seguir, o silêncio. A luz se apagou dentro do aposento.

Dirk ficou parado quieto, segurando o manuscrito de Vikary e se perguntando como agir. Não parecia ter nada que pudesse fazer, exceto conversar com Gwen na manhã seguinte e descobrir quem batera em quem, e por quê. Devia ser Janacek, pensou.

Ignorando os elevadores, decidiu descer as escadas até os aposentos de Ruark.

Uma vez na cama, Dirk descobriu que estava imensamente cansado e profundamente abalado pelos eventos do dia. Era muita coisa ao mesmo tempo, e ele mal conseguia lidar com isso. Os caçadores kavalarianos e seus quase-homens, a estranha e amarga vida que Gwen levava com Vikary e Janacek, a súbita e desconcertante possibilidade de ela voltar para ele. Incapaz de dormir, pensou em tudo isso por um longo tempo. Ruark já estava dormindo; não havia ninguém com quem conversar. Finalmente, Dirk pegou o grosso manuscrito que Gwen lhe dera e começou a folhear as primeiras páginas. Não havia nada melhor do que um sisudo trabalho acadêmico para colocar um homem para dormir, refletiu.

Quatro horas e meia dúzia de xícaras de café mais tarde, ele baixou o manuscrito, bocejando e esfregando os olhos. Então desligou a luz e encarou a escuridão.

A tese de Jaan Vikary - Mito e história: origens da sociedade dos grupos baseada na interpretação do ciclo de Canções do Demônio de Jamis-Leão Taal - era uma acusação contra seu povo pior do que qualquer coisa que Arkin Ruark pudesse dizer, Dirk pensou. Ele tinha colocado tudo para fora, com fontes e documentos dos bancos de dados dos computadores de Ávalon, longas citações da poesia de Jamis-Leão Taal e ainda mais longas

dissertações sobre o que Jamis Taal queria dizer. Todas as coisas que Jaan e Gwen haviam contado para Dirk naquela manhã estavam ali, em detalhes. Vikary fornecia teorias sobre teorias, tentando explicar tudo. Explicara até mesmo os quase-homens, mais ou menos. Argumentava que, durante o Tempo do Fogo e dos Demônios, alguns sobreviventes das cidades haviam alcançado os acampamentos de mineração e buscaram abrigo. Uma vez lá dentro, no entanto, provaram-se perigosos. Alguns eram vítimas de doenças causadas pela radiação; morriam lentamente e de forma horrível, e possivelmente contaminavam aqueles que cuidavam deles. Outros, parecendo saudáveis, viveram e se tornaram parte dos protogrupos, até que se casaram e geraram crianças. Então os efeitos da radiação se mostraram. Eram tudo conjecturas da parte de Jaan, com nada além de uma linha ou duas de apoio de Jamis-Leão, mesmo assim parecia uma racionalização possível e plausível do mito dos quase-homens.

Vikary também dedicava várias páginas para o evento que os kavalarianos chamavam de Praga Dolorosa, e que ele cuidadosamente chamou de "a substituição dos padrões sexuais-familiares dos kavalarianos contemporâneos".

Segundo sua hipótese, os hranganos voltaram a Alto Kavalaan aproximadamente um século após a primeira incursão. As cidades que haviam bombardeado ainda eram entulhos; não havia sinais de novas construções por parte de humanos. Apesar disso, as três raças-escravas que haviam deixado para povoar o planeta não estavam em evidência em nenhum lugar: dizimados, extintos. Sem dúvida, a Mente Hranganana em comando concluiu que alguns dos humanos ainda viviam. Para efetuar a limpeza final, os hranganos jogaram bombas bacteriológicas. Esta era a teoria de Vikary.

Os poemas de Jamis-Leão não faziam menção aos hranganos, mas havia muitas referências às doenças. Todos os relatos dos kavalarianos sobreviventes concordavam com isso. Houve uma Praga Dolorosa, um longo período em que uma horrível epidemia após a outra arrasou com os grupos. Cada mudança de estação originava uma doença nova e mais devastadora. Era o maior demônio de todos, um que os kavalarianos não conseguiam combater ou matar.

Noventa homens morriam em cada cem. Noventa homens e noventa e nove mulheres.

Uma das muitas pragas, parecia, atacava seletivamente as mulheres. Os médicos-especialistas que Vikary consultou em Ávalon lhe disseram, baseados na pequena evidência que lhes fora dada - alguns poemas e canções antigos -, que parecia provável que os hormônios femininos agissem como catalisador da doença. Jamis-Leão Taal escrevera que jovens donzelas eram poupadas da perda de sangue por causa de sua inocência, enquanto as eyn-kethi no cio eram horivelmente atingidas e morriam em convulsões espasmódicas. Vikary interpretou que as garotas na pré-puberdade não se contagiavam, enquanto as mulheres maduras sexualmente ativas eram devastadas. Uma geração inteira foi eliminada. Pior, a doença persistiu; nem bem as meninas chegavam à puberdade e a praga as atacava. Jamis-Leão fez disso uma verdade de vasto significado religioso.

Algumas mulheres, imunes por natureza, escaparam. Muito poucas no início. Depois mais; como viviam, produziam filhos e filhas, muitos dos quais também eram imunes, enquanto os que não compartilhavam da mesma resistência morriam na puberdade. Afinal, todos os kavalarianos se tornaram imunes, com raras exceções. E a Praga Dolorosa acabou.

Mas o dano já estava feito. Grupos inteiros haviam desaparecido; os sobreviventes viam suas populações declinarem muito abaixo do número necessário para manter uma sociedade viável. E a estrutura social e os papéis sexuais haviam se separado irremediavelmente do igualitarismo monogâmico dos primeiros colonos de Tara. Gerações chegavam à maturidade, nas quais os homens superavam as mulheres em um total de dez para uma; garotinhas viviam toda a infância sabendo que a puberdade significaria a morte. Eram tempos funestos. Disso, tanto Jaan Vikary quanto Jamis-Leão Taal falavam em uníssono.

Jamis-Leão escrevera que o pecado finalmente deixara Alto Kavalaan quando as eyn-kethi foram trancadas em segurança longe da luz do sol, de volta às cavernas de onde haviam saído, onde sua vergonha não podia ser vista. Vikary escrevera que os sobreviventes kavalarianos haviam resistido

da melhor maneira possível. Não tinham mais as habilidades tecnológicas para construir câmaras herméticas esterilizadas; mas sem dúvida o rumor sobre a existência de tais lugares se difundira entre eles ao longo dos anos, e ainda tinham esperança de que tais lugares pudessem ser eficazes contra a enfermidade. Então as mulheres sobreviventes foram encarceradas em hospitais que pareciam prisões, nas profundezas do solo, no local mais seguro das fortalezas dos grupos, o mais afastado possível do vento contaminado, da chuva e da água. Homens que antes exploravam, caçavam e guerreavam com as esposas ao lado agora o faziam com outros homens, ambos lamentando as parceiras perdidas. Para aliviar as tensões sexuais - e manter o grupo genético o melhor possível, se é que entendiam dessas coisas -, os homens que sobreviveram à Praga Dolorosa transformaram suas mulheres em propriedade sexual de todos. Para garantir tantas crianças quanto fosse possível, eles as transformaram em parideiras perpétuas, que viviam suas vidas longe do perigo, em gravidez constante. Os grupos que não adotaram tais medidas não conseguiram sobreviver; os demais passaram adiante uma herança cultural.

Outras mudanças se enraizaram também. Tara havia sido um mundo religioso, lar da Igreja Católica Romana Reformada, e o desejo de monogamia era difícil de morrer. Os padrões se mantiveram em duas formas mutantes; os fortes laços emocionais que cresceram entre os parceiros de caça masculinos se tornaram a base da relação total e intensa de teyn-e-teyn, enquanto aqueles homens que desejavam um laço semiexclusivo com uma mulher criaram as betheyns, capturando fêmeas de outros grupos. Os líderes encorajavam tais incursões, Jaan Vikary afirmava; novas mulheres significavam sangue novo, mais crianças, uma população maior e, portanto, uma chance melhor de sobrevivência. Era impensável que qualquer homem tomasse posse exclusiva de uma das eyn-kethi; mas um homem que trazia uma mulher de fora era recompensado com honras, um assento no conselho de liderança e, talvez o mais importante, com a própria mulher.

Esses foram os prováveis eventos, Vikary argumentava, as verdades evidentes que produziram a moderna sociedade kavalariana. Jamis-Leão

Taal, ao vagar pela face do mundo muitas gerações mais tarde, havia sido tão filho de sua cultura que era incapaz de conceber um mundo no qual as mulheres tivessem um status diferente daquele que ele via; e quando foi forçado a pensar de outra maneira pelo folclore que coletara, achou a idéia perversamente intolerável. Assim que reescreveu toda a literatura oral que reuniu em seu ciclo de Canções de Demônio, transformou Kay Ferro-Ferreiro em um gigante colérico, fez da Praga Dolorosa uma balada sobre a perversidade das eyn-kethi e criou a impressão generalizada de que o mundo sempre fora como ele o conhecia. Poetas posteriores edificaram sobre as fundações que ele deixou.

As forças que produziram a sociedade dos grupos em Alto Kavalaan desapareceram havia muito tempo. No presente, havia mulheres e homens em quantidades iguais, as epidemias eram apenas fábulas terríveis, e a maioria dos perigos da superfície do planeta já havia sido derrotada. Não obstante, os grupos-coalizões continuaram. Os homens lutavam em duelos, estudavam a nova tecnologia, trabalhavam em fazendas e em fábricas, viajavam em naves estelares kavalarianas, enquanto as eyn-kethi viviam em vastas barracas subterrâneas, como parceiras sexuais para todos os homens do grupo, trabalhando em qualquer que fosse a tarefa que o conselho dos altos-senhores julgasse segura e adequada, e dando à luz, embora agora com menos frequência. A população kavalariana era estritamente controlada. Outras mulheres viviam uma vida um pouco mais livre, sob a proteção do jade-e-prata, mas não muitas. Uma betheyn tinha que vir de fora do grupo, o que, na prática, significava que todo jovem ambicioso tinha que desafiar e matar um alto-senhor de outra coalizão, ou mesmo reclamar uma das eyn-kethi em um grupo inimigo e encarar um defensor escolhido pelo conselho. Essa segunda opção raramente dava bons resultados; o conselho de altos-senhores invariavelmente escolhia o mais habilidoso duelista para defender a eyn-kethi. De fato, a designação era uma honra singular. Um homem que conseguisse ganhar uma betheyn imediatamente ganhava seus altos-nomes e seu lugar entre os governantes. Dizia-se que havia dado a seus kethi o presente de dois sangues - o sangue da morte, um inimigo morto, e o sangue da vida, uma nova mulher. A

mulher desfrutava o status de jade-e-prata até que seu altos-senhor fosse morto. Se ele fosse assassinado por alguém do próprio grupo, ela se tornava uma eyn-kethi; se o assassino fosse de fora, ela passaria para ele.

Esse era o status que Gwen Delvano assumiria quando colocara o bracelete de Jaan ao redor de seu punho.

Dirk ficou acordado por muito tempo, pensando em tudo o que lera e encarando o teto, ficando mais e mais zangado conforme pensava. Quando a primeira luz do amanhecer começou a ser suavemente filtrada pela janela sob sua cabeça, já havia decidido. Em certo sentido, não importava muito se Gwen voltaria ou não para ele, desde que deixasse Vikary, Janacek e toda a doentia sociedade de Alto Kavalaan. Mas, sozinha, ela não conseguiria romper com isso, por mais que desejasse. Muito bem, então Arkin Ruark estava certo; ele podia ajudá-la. Ele a ajudaria a ser livre. E, depois, teriam tempo para considerar sua própria relação.

Finalmente, com a resolução firme na mente, Dirk adormeceu.

Era quase meio-dia quando acordou repentinamente, com uma sensação de culpa. Sentou-se, pestanejou e se lembrou de que prometera a Gwen que passaria por lá naquela manhã, e a manhã já havia passado e ele perdera a hora. Apressadamente, levantou-se e vestiu-se, procurando rapidamente por Ruark - o kimdissiano se fora, sem nenhuma pista de onde havia ido, ou por quanto tempo - e, então, subiu ao apartamento de Gwen. A tese de Vikary estava firmemente embaixo de seu braço.

Garse Janacek atendeu a porta.

- Sim? - o kavalariano de barba ruiva disse, franzindo o cenho. Estava nu até a cintura, vestido apenas com calças negras folgadas e o eterno bracelete de ferro-e-pedrardente no braço direito. Dirk percebeu imediatamente por que Janacek não usava aquelas camisas de gola em V que Vikary parecia gostar tanto; do lado esquerdo de seu peito, da axila até o peito, havia uma longa cicatriz curva, lisa e dura.

Janacek sentiu-se observado.

- Um duelo que deu errado - retrucou. - Eu era muito jovem. Não acontecerá novamente. Agora, o que você quer?

Dirk corou.

- Quero ver Gwen - respondeu.

- Ela não está aqui - Janacek disse, seus olhos gelados, duros e pouco amistosos. Começou a fechar a porta.

- Espere. - Dirk segurou a porta com a mão.

- Que mais você quer?

- Gwen. Eu devia me encontrar com ela. Onde ela está?

- Nos bosques, t'Larien. Eu ficaria satisfeito se você se lembrasse que ela é uma ecologista, enviada para cá pelos altos-senhores de Jadeferro para fazer um trabalho importante. Ela negligenciou esse trabalho por dois dias inteiros para levar você para cima e para baixo. Agora, como é apropriado, ela voltou a trabalhar. Ela e Arkin Ruark pegaram seus instrumentos e partiram para as florestas.

- Ela não me disse nada noite passada. - Dirk insistiu.

- Ela não precisa informar você dos planos dela - Janacek respondeu. - Nem deve ter sua permissão para nada. Não há laços entre vocês.

Lembrando-se da discussão que ouvira na noite anterior, Dirk ficou repentinamente desconfiado.

- Posso entrar? - falou. - Quero devolver isso para Jaan, conversar com ele sobre algumas coisas que li - acrescentou, mostrando para Garse a tese encadernada em couro. Na verdade, esperava procurar por Gwen, descobrir se ela estava sendo mantida afastada dele. Mas dificilmente teria sido educado dizer isso; Janacek destilava hostilidade, e uma tentativa de empurrá-lo poderia ser muito imprudente.

- Jaan não está em casa agora. Não há ninguém além de mim. E estou prestes a sair - estendeu o braço e arrancou a tese das mãos de Dirk. - Ficarei com isto, no entanto. Gwen nunca deveria ter dado isto a você.

- Ei! - Dirk falou. E teve um impulso. - A história é muito interessante - disse, repentinamente. - Posso entrar e conversar com você sobre isso? Um segundo ou dois, não vou prendê-lo por muito tempo.

Abruptamente, Janacek pareceu mudar. Sorriu e abriu passagem, convidando Dirk para entrar no apartamento.

Dirk olhou ao redor rapidamente. A sala de estar estava deserta, a lareira, fria; nada parecia errado ou fora de lugar. A sala de jantar, visível através

da arcada aberta, estava vazia também. O apartamento inteiro estava tranqüilo. Nenhum sinal de Gwen ou Jaan. Pelo que podia ver, parecia que Janacek estava falando a verdade.

Incerto, Dirk vagou pela sala, parando diante da cornija e suas gárgulas. Janacek o observava sem dizer uma palavra, então se virou e saiu, voltando logo depois. Havia colocado o cinto de malha de aço com o pesado coldre e estava abotoando a frente de uma camisa preta desbotada quando retornou.

- O que você está fazendo? - Dirk perguntou.

- Saindo - Janacek respondeu com um vago sorriso. Soltou o coldre e tirou a pistola laser, conferindo o indicador de carga na coronha, então colocou a arma de volta e sacou-a novamente com um suave movimento da mão direita... e olhou para Dirk. - Eu assusto você? - perguntou.

- Sim - Dirk respondeu, afastando-se da cornija.

Janacek sorriu novamente. Deslizou a pistola para dentro do coldre.

- Sou muito bom em um duelo com laser - disse -, embora, na verdade, meu teyn seja melhor. É claro, eu tenho que usar apenas o braço direito. O esquerdo ainda me dói. O tecido da cicatriz repuxa, então os músculos do peito deste lado não conseguem se mover com tanta facilidade quanto do lado direito. Mas isso não tem muita importância. Faço tudo com a mão direita. O braço direito sempre vale mais do que o esquerdo, você sabe. - Sua mão direita descansava sobre a pistola laser enquanto ele falava, e as pedrardentes no conjunto de ferro negro brilhavam como opacos olhos vermelhos ao longo de seu antebraço.

- E uma pena que o feriram.

- Eu cometi um erro, t'Larien. Era muito jovem, talvez, mas meu erro não foi menos sério por causa da minha idade. Tais erros podem ser coisas muito sérias, e de certo modo escapei com facilidade. - Estava olhando fixamente para Dirk. - Devemos ter cuidado para não cometer erros.

- Verdade. - Dirk fingiu um sorriso inocente.

Por um tempo, Janacek não respondeu. Então, finalmente disse:

- Acho que você sabe sobre o que estou falando.

-Sei?

- Sim. Você não é um homem sem inteligência, t'Larien. Nem eu. Suas artimanhas infantis não me divertem. Você não tem nada para conversar comigo, por exemplo. Simplesmente queria entrar nesta casa por algum outro motivo.

O sorriso de Dirk desapareceu. Ele assentiu.

- Está certo. Uma artimanha imbecil, sem dúvida, já que você a percebeu de imediato. Eu queria procurar por Gwen.

- Eu lhe disse que ela estava nos bosques, trabalhando.

- Não acreditei em você. - Dirk confessou. - Ela teria me dito algo ontem. Você a está mantendo afastada de mim. Por quê? O que está acontecendo?

- Nada que precise preocupar você - Janacek falou. - Me entenda, t'Larien, se puder. Talvez para você, assim como para Arkin Ruark, eu pareça um homem mau. Você pode pensar isso de mim. Não me importo nem um pouco. Mas não sou um homem mau. E por isso que o avisei a respeito dos erros. É por isso que deixei você entrar, mesmo sabendo que não tinha nada para me dizer. Pois eu tenho algumas coisas para dizer para você.

Dirk se reclinou contra o encosto do sofá e assentiu.

- Tudo bem, Janacek. Vá em frente.

Janacek franziu o cenho.

- Seu problema, t'Larien, é que você sabe pouco e entende menos ainda sobre Jaan, sobre mim e nosso mundo.

- Sei mais do que você pensa.

- Sabe? Você leu os escritos de Jaan sobre as Canções do Demônio, e, certamente, as pessoas falaram coisas para você. Mesmo assim, o que é isso? Você não é kavalariano. Você não entende os kavalarianos, eu diria, mas você está aqui, e vejo julgamento em seus olhos. Com que direito? Quem é você para nos julgar? Você mal nos conhece. Vou lhe dar um exemplo. Há um segundo você me chamou de Janacek.

- Esse é seu nome, não é?

- Essa é parte do meu nome, a última parte, a menos importante e a menor parte de quem sou. É meu nome-escolhido, o nome de um antigo herói do grupo Jadeferro que viveu uma longa e frutífera vida, por muitas vezes defendendo honradamente o grupo e seus kethi em altas-guerras. Sei

porque você o usa, é claro. Em seu mundo, e de acordo com seu sistema de nomes, costuma-se interpelar a quem se trata com distância e hostilidade pelo último componente do nome... a alguém íntimo você chama pelo primeiro nome, não é?

Dirk assentiu.

- Mais ou menos. Não é tão simples assim, mas você está bem perto.

Janacek esboçou um sorriso; seus olhos azuis pareciam brilhar.

- Vê? Eu entendo seu povo muito bem. E lhe dou o benefício de seus próprios costumes. Eu o chamo de t'Larien porque sou hostil a você, e isso é correto. Você não é recíproco, no entanto. Você se dirige a mim como Janacek, sem um instante de consideração ou preocupação, me impondo quase deliberadamente seu próprio sistema de nomes.

- Como eu deveria chamá-lo? Garse?

Janacek fez um gesto brusco e impaciente.

- Garse é meu nome verdadeiro, mas não é adequado para você. Segundo o costume kavalariano, o uso do nome sozinho indica um relacionamento que não existe de fato entre nós. Garse é um nome para meu teyn, para minha cro-betheyn e para meus kethi, não para alguém de outro mundo. A rigor, você deveria me chamar de Garse Jadeferro, e meu teyn de Jaantony Alto-Jadeferro. Essas são as formas tradicionais e corretas de um igual, um kavalariano de outra casa com quem estou conversando. Eu lhe dou o benefício de muitas dúvidas. - Sorriu. - Agora entenda, t'Larien, que isso que lhe contei é apenas um exemplo. Eu me importo muito pouco se você me chama de Garse, de Garse Jadeferro, ou de Senhor Janacek. Me chame do que deixar seu coração mais feliz, e não tomarei isso como insulto. O kimdissiano Arkin Ruark sempre me chamou de Garsinho, mas eu resisti à vontade de furá-lo para ver se ele arrebenta. Quanto a essas questões de cortesia e etiqueta, não preciso que Jaan me diga que são coisas antigas, legados de dias mais elaborados e mais primitivos, moribundos nestes tempos modernos. Hoje os kavalarianos viajam em naves de uma estrela a outra, conversam e negociam com criaturas que antigamente teríamos exterminado como demônios, até mesmo moldam planetas, como moldamos Worlorn. O antigo kavalariano, a língua dos grupos por

milhares de seus anos-padrão, mal é falada agora, embora alguns poucos termos permaneçam e continuarão a permanecer, desde que apontem realidades que podem ser nomeadas apenas desajeitadamente ou que não possam completamente ser nomeadas nas línguas dos viajantes estelares... realidades que logo desaparecerão se desistirmos de seus nomes, dos termos em antigo kavalariano. Tudo mudou, mesmo nós de

Alto Kavalaan, e Jaan diz que deveremos mudar ainda mais se quisermos cumprir nosso destino na história dos homens. Assim, as velhas regras de nomes e de nomes de laço se quebram, e mesmo os altos-senhores ficam mais ambíguos em seus discursos, e Jaantony Alto-Jadeferro passa a se chamar Jaan Vikary.

- Se isso não importa - Dirk falou -, aonde quer chegar?

- Tudo isso era um exemplo, t'Larien, uma simples e elegante ilustração do quanto sua própria cultura tem erroneamente a pretensão de fazer parte da nossa, de como você coloca seus julgamentos e seus valores em nós a cada palavra e ato. Esse é o ponto. Há coisas mais importantes em jogo, mas o padrão é o mesmo; você comete o mesmo erro, um erro que não devia cometer. O preço pode ser maior do que você é capaz de pagar. Acha que não sei o que está tentando fazer?

- O que estou tentando fazer?

Janacek sorriu novamente, seus olhos apertados e duros, pequenas rugas formando-se nos cantos.

- Está tentando tirar Gwen Delvano do meu teyn. Verdade?

Dirk não disse nada.

- É verdade - Janacek falou. - E é errado. Entenda que isso nunca será permitido. Eu não permitirei. Sou ligado por ferro-e-fogo a Jaantony Alto-Jadeferro e não me esqueci disso. Somos teyn-e-teyn, nós dois. Nenhum laço que você já conheceu é mais forte.

Dirk pegou a si mesmo pensando em Gwen e em uma gota de lágrima profundamente vermelha, cheia de lembranças e promessas. Pensou que era uma pena que não pudesse dar a jóia-sussurrante para que Janacek a segurasse por um momento, para que o arrogante kavalariano pudesse experimentar o quão forte era o laço que Dirk tinha com sua Jenny. Mas

tal gesto seria inútil. A mente de Janacek não teria ressonâncias com os padrões que o éssper havia talhado na pedra; seria apenas uma gema para ele.

- Eu amei Gwen - disse bruscamente. - Duvido que qualquer um de seus laços seja mais forte do que esse.

- Duvida? Bem, você não é kavalariano, não mais do que Gwen é, você não entende o ferro-e-fogo. Conheci Jaan quando ambos éramos muito jovens. Eu era mais jovem do que ele, na verdade. Ele gostava de brincar com crianças mais novas, em vez de ficar com os de sua idade, e vinha freqüentemente até nossa creche. Eu o tomei em grande estima logo de início, como apenas um garoto é capaz, porque ele era mais velho do que eu e, portanto, lhe faltava menos para ser um alto-senhor, e porque ele me levava em aventuras por estranhos corredores e cavernas, e porque ele me contava histórias fascinantes. Quando fiquei mais velho, me interei do motivo pelo qual Jaantony ficava com tanta freqüência entre as crianças mais novas e fiquei chocado e envergonhado. Ele tinha medo dos de sua idade, porque eles o insultavam e freqüentemente batiam nele. Mas, quando descobri isso, já havia um laço entre nós. Você poderia chamar isso de amizade, mas estaria errado; estaria impondo seus próprios conceitos em nossa vida mais uma vez. Era mais do que sua amizade de outros mundos, já havia ferro entre nós, embora ainda não fôssemos teyn-e-teyn. Da próxima vez que Jaan e eu fomos explorar juntos (estávamos bem longe da fortaleza do nosso grupo, em uma caverna que conhecíamos bem), eu o surpreendi e bati nele até que cada parte de seu corpo estivesse com hematomas e inchada. Ele não apareceu na barraca das crianças da minha idade durante todo o inverno, mesmo assim, um dia retornou. Não havia amargura entre nós. Começamos a explorar e a caçar juntos mais uma vez, e ele me contou mais histórias, mitos ou não. De minha parte, eu o atacava nos momentos mais inesperados, sempre pegando-o desprevenido e derrotando-o. Com o tempo, ele começou a revidar, e bem. Com o tempo, não consegui mais surpreendê-lo com meus punhos. Um dia escondi uma faca de Jadeferro sob minha camisa e cortei Jaan com ela. Então, ambos começamos a carregar facas. Quando ele chegou à adolescência, a idade

que deveria adotar seus nomes-escolhidos e tornar-se sujeito ao código de honra, Jaantony já deixara de ser um sujeito facilmente insultável. Ele sempre foi impopular. Você deve entender que ele sempre foi um tipo questionador, que fazia perguntas incômodas e com opiniões pouco ortodoxas, um amante da história, mas com um desprezo aberto em relação à religião, com um interesse pouco saudável nos outros mundos que se moviam entre nós. Por isso, foi desafiado uma vez após outra naquele primeiro ano em que atingiu a idade para duelar. E sempre venceu. Quando eu cheguei à adolescência alguns anos depois, e nós nos tornamos teyn-e-teyn, eu dificilmente conseguia alguém com quem lutar. Jaantony pusera medo em todos eles, então não nos desafiavam. Fiquei muito desapontado. Desde essa época, duelamos juntos muitas vezes. Estamos ligados por toda a vida, e passamos por muitas coisas, e não me importo em ouvir você jorrar comparações com esse "amor" sem significado que encanta tanto vocês de outros mundos, esse laço quase-humano que vem e vai de acordo com o momento. O próprio Jaantony foi muito corrompido por esse conceito durante seus anos em Ávalon, e isso, de certa maneira, foi minha culpa, porque eu o deixei sozinho. Era verdade que em Ávalon eu não teria função ou lugar, mesmo assim, eu deveria ter ido para lá. Falhei com Jaan nisso. Nunca mais falharei de novo. Sou teyn dele e sempre serei seu teyn, e não permitirei que ninguém o mate, o machuque, deturpe sua mente ou manche seu nome. Essas coisas são parte de meu laço e de meu dever. Hoje em dia, Jaan permite com frequência que o nome dele seja ameaçado por tipos como você e Ruark. De muitas maneiras, Jaan é um homem perverso e perigoso, e os equívocos da mente dele em geral nos colocam em perigo. Mesmo os heróis dele... Um dia me lembrei de algumas das histórias que ele havia me contado quando eu era criança, e me surpreendi com o fato de que todos os heróis favoritos de Jaan eram homens solitários que finalmente foram derrotados. Aryn Alto-Pedrardente, por exemplo, que dominou toda uma época da história. Ele governou, pela força de sua personalidade, o mais poderoso grupo que Alto Kavalaan já conheceu, a Montanha Pedrardente; e quando seus inimigos se uniram em uma alta-guerra e todas as mãos se ergueram contra ele, ele

colocou espadas e escudos nos braços de suas eyn-kethi e mandou-as para a batalha, para engrossar as fileiras de seu exército. Seus inimigos foram desbaratados e humilhados, segundo a versão que Jaan me contou da história. Mais tarde, descobri que Aryn Alto-Pedrardente não conseguiu vitória alguma. Tantas eyn-kethi de seu grupo foram mortas naquele dia, que poucas sobraram para dar à luz novos guerreiros. O poder e a população de Montanha Pedrardente declinaram paulatinamente, e quarenta anos depois do ousado golpe de Aryn, os Pedrardentes caíram, e os altos-senhores de Taal, de Jadeferro e de Punho de Bronze tomaram suas mulheres e crianças, deixando a fortaleza do grupo abandonada. A verdade é que Aryn Alto-Pedrardente era um fracassado e um tolo, um dos párias da história. E tais tipos são os loucos heróis de Jaan.

- Aryn parece bem heroico para mim - Dirk comentou asperamente. - Em Ávalon, lhe daríamos crédito por libertar as escravas, mesmo se não tivesse vencido.

Janacek olhou para ele com raiva, seus olhos azuis brilhando no rosto anguloso. Puxou a barba ruiva, aborrecido.

- t'Larien, esse comentário é exatamente sobre o que lhe avisei. As eyn-kethi não são escravas, elas são eyn-kethi. Você julga erroneamente, e sua interpretação é falsa.

- Segundo você - Dirk respondeu. - Segundo Ruark...

- Ruark - o tom de Janacek era depreciativo. - O kimdissiano é a fonte de toda a sua informação sobre Alto Kavalaan? Vejo que desperdicei tempo e palavras com você, t'Larien. Você já está envenenado e não tem interesse em compreender. É um instrumento dos manipuladores de Kimdiss. Não explicarei mais nada a você.

- Tudo bem - Dirk falou. - Apenas me diga onde está Gwen.

- Já lhe disse.

- Então quando ela voltará?

- Mais tarde, e então estará cansada. Estou certo de que ela não vai querer ver você.

- Vocês a estão mantendo longe de mim!

Janacek ficou em silêncio por um momento.

- Sim - disse, finalmente, torcendo a boca. - É o melhor a fazer, t'Larien, para o seu bem e para o dela, embora não espere que acredite nisso.

- Você não tem o direito.

- Na sua cultura. Tenho todo o direito na minha. Você não ficará sozinho com ela novamente.

- Gwen não é parte da sua maldita cultura kavalariana doentia - Dirk falou.

- Ela não nasceu dentro dela, é verdade, mesmo assim aceitou o jade-e-prata e o nome de betheyn. Agora ela é kavalariana.

Dirk estava tremendo, descontrolado.

- O que ela diz sobre isso? - quis saber, aproximando-se de Janacek. - O que ela disse noite passada? Ameaçou partir? - apontou acusadoramente para o kavalariano. - Ela disse que iria embora comigo, foi isso? E você bateu nela e a arrastou?

Janacek franziu o cenho e empurrou a mão de Dirk com força.

- Então você nos espiona também. Não faz isso direito, t'Larien, mas é ofensivo da mesma maneira. Um segundo erro. O primeiro foi de Jaan, dizendo para você as coisas que ele disse, confiando em você e colocando você sob a proteção dele.

- Não preciso da proteção de ninguém!

- Assim você diz. Um orgulho inoportuno de um idiota. Apenas os fortes devem rejeitar a proteção dada aos fracos; os que são fracos realmente precisam dela. - Ele se virou. — Não perderei mais tempo com você - disse, andando em direção à sala de jantar. Sobre a mesa havia uma pequena maleta negra. Janacek a abriu, destravando as duas fechaduras ao mesmo tempo. Dentro, Dirk viu cinco fileiras do broche de ferro negro com o formato de banshee presos em feltro vermelho. Janacek pegou um. - Está seguro de que não quer um desses? Korariel?

- Ele sorriu.

Dirk cruzou os braços e não se dignou a responder.

Janacek esperou pela resposta por um momento. Quando nenhuma veio, colocou o broche de banshee no lugar e fechou a maleta.

- Os filhos da lesma não são tão exigentes quanto você - disse.

- Agora, preciso levar esses broches para Jaan. Saia daqui.

Era começo da tarde. O Cubo ardia fracamente no meio do céu, com as pequenas luzes esparsas dos quatro Sóis Troianos visíveis brilhando irregularmente ao seu redor. Um forte vento soprava do leste e parecia anunciar uma tormenta. O pó rodopiava pelos becos cinzentos e escarlates. Dirk sentou-se no canto do telhado, com as pernas penduradas em direção à rua, meditando sobre suas possibilidades.

Seguira Garse Janacek até a pista de aterrissagem e o vira partir, levando a mala de banshees e voando em sua maciça relíquia quadrada com a armadura verde-oliva. Os outros dois aeromóveis, a arraia cinza e a brilhante lágrima amarela, haviam partido também. Ele estava encalhado ali em Larteyn, sem idéia de onde Gwen estava ou o que estavam fazendo com ela. Desejou brevemente que Ruark estivesse em algum lugar por ali.

Desejou ter seu próprio aeromóvel. Sem dúvida, poderia ter alugado um em Desafio, se tivesse pensado nisso, ou mesmo no porto espacial, na noite em que chegara. Em vez disso, estava sozinho e desamparado; até mesmo os aeropatinetes haviam desaparecido. O mundo era vermelho e cinza e monótono. Ele se perguntava o que fazer.

Enquanto pensava nos aeromóveis, abruptamente teve uma idéia. As cidades do Festival que vira eram todas muito diferentes, mas tinham uma coisa em comum: nenhuma tinha espaço de aterrissagem suficiente para acomodar uma população de aeromóveis igual à população humana. O que significava que as cidades deviam estar interligadas por algum outro tipo de rede de transporte. O que significava que talvez ele tivesse alguma liberdade de ação apesar de tudo.

Levantou-se, pegou o elevador e desceu até o apartamento de Ruark, na base da torre. Entre dois vasos com plantas negras da altura do teto, havia uma tela na parede, exatamente como se lembrava de ter visto, escura e desligada, como estivera desde que Dirk chegara; restavam poucas pessoas em Worlorn para chamar ou serem chamados. Mas, sem dúvida, havia um circuito de informações. Estudou as duas fileiras de botões no pé da tela, escolheu um e apertou. A escuridão deu lugar a uma suave luz azul, e Dirk recuperou um pouco o fôlego; a rede de comunicações ao menos ainda era operacional.

Um dos botões estava marcado com um ponto de interrogação. Experimentou-o e foi recompensado. A luz azul ficou mais clara, e de repente a tela estava cheia de pequenos caracteres, uma centena de números para uma centena de serviços básicos, tudo, desde ajuda médica e informações religiosas, até notícias de outros planetas.

Ele apertou a sequência para "transporte de visitante". Figuras fluíam através da tela, e, uma por uma, as esperanças de Dirk murcharam. Havia serviços de aluguel de aeromóveis no porto espacial e em dez das catorze cidades. Todos fechados. Os veículos funcionais haviam partido de Worlorn com as multidões do Festival. Outras cidades ofereciam alugueis de veículos movidos à hélice ou colchões de ar. Não mais. Em Musquel-Junto-ao-Mar, os visitantes podiam velejar pela costa em um genuíno veleiro da Colônia Esquecida. Serviço fora de operação. A linha de aerobus intercidades estava fechada, as estratonaves de propulsão nuclear de Tober e os dirigíveis de hélio de Eshellin haviam sido levados embora. A tela da parede mostrou para ele o mapa dos metrô de alta velocidade que iam do porto espacial até cada uma das cidades, mas o mapa estava todo pintado de vermelho, e a legenda embaixo explicava que isso significava "fora de serviço".

Não havia outro meio de transporte para sair de Worlorn, exceto andando, pelo que parecia. Além disso, todos os outros visitantes tardios traziam os próprios veículos.

Dirk fez uma careta e fechou a imagem do mapa. Estava prestes a desligar a tela quando outra idéia lhe ocorreu. Teclou "Biblioteca" e conseguiu um ponto de interrogação e instruções. Então digitou "filhos da lesma" e "define". Esperou.

Foi uma espera curta, e dificilmente precisaria de toda a vasta informação que a biblioteca lhe forneceu, os detalhes da história, geografia e filosofia. Separou rapidamente a informação importante e descartou o resto. "Filhos da lesma", aparentemente, era um apelido comum para os seguidores de um culto pseudo-religioso baseado em drogas do Mundo do Oceano Vinhonegro. Eram chamados dessa maneira porque passavam anos vivendo no interior úmido e cavernoso de lesmas quilométricas que

rastejavam com lentidão infinita no fundo dos mares. Os devotos chamavam as criaturas de Mães. As Mães alimentavam seus filhos com doces secreções alucinógenas, e acreditava-se que elas eram semi-sencientes. A crença, Dirk percebeu, não impedia os filhos da lesma de matarem as hospedeiras quando a qualidade de sua secreção de sonhos começava a declinar, o que invariavelmente ocorria quando as lesmas envelheciam. Livres de uma Mãe, os filhos da lesma iam atrás de outra.

Rapidamente Dirk limpou o tema dos dados e consultou a biblioteca novamente. O Mundo de Vinhonegro tinha uma cidade em Worlorn. Ficava sob um lago artificial de cinqüenta quilômetros de diâmetro, embaixo das mesmas águas escuras e férteis que cobriam a superfície do planeta natal dos vinhonegrinos. Era chamada de Cidade do Tanque sem Estrelas, e o lago ao redor era cheio de formas de vida trazidas para o Festival da Orla. Incluindo Mães, sem dúvida.

Por curiosidade, Dirk encontrou a cidade no mapa de Worlorn. Não tinha como ir até lá, é claro. Desligou a tela da parede e foi até a cozinha preparar uma bebida. Enquanto bebia - era um leite espesso e meio amarelado de algum animal kimdissiano, muito gelado, amargo mas refrescante -, tamborilava com os dedos impacientemente no balcão. A inquietude aumentava dentro dele, a urgência de fazer alguma coisa. Sentia-se preso ali, esperando que alguém retornasse, sem saber quem seria ou o que aconteceria em seguida. Tinha a impressão de que estivera se movendo para a frente e para trás ao capricho dos demais desde que descera do Tremor dos Inimigos Esquecidos. Nem sequer havia vindo por vontade própria; Gwen o chamara com a jóia- sussurrante, ainda que a recepção dela não tivesse sido muito calorosa quando ele chegou. Isso, ao menos, Dirk começara a entender. Ela estava presa em uma teia muito complexa, uma teia que era política e emocional ao mesmo tempo; e ele aparentemente tinha sido arrastado com ela, para observar impotente enquanto tempestades semi-compreendidas de tensão psicossocial e cultural giravam ao redor dele. Estava muito cansado de observar impotente.

Abruptamente lembrou-se de Kryne Lamiya. Na pista varrida pelos ventos,

dois veículos estavam abandonados. Dirk colocou o copo no balcão pensativamente, secando os lábios com as costas da mão, e voltou para o painel da parede.

Era uma simples questão de encontrar a localização de todas as pistas de aterrissagem de Larteyn. Havia instalações no topo de todas as largas torres residenciais e uma grande garagem pública nas profundezas da rocha sob a cidade. A garagem, o diretório da cidade informava, podia ser acessada por qualquer um dos doze elevadores subterrâneos espalhados por Larteyn; as portas ocultas estavam no meio do penhasco escarpado que se erguia sobre a Comuna. Se os kavalarianos haviam deixado algum aeromóvel na cidade, era ali que poderia encontrá-lo.

Pegou o elevador, desceu até o térreo e foi para a rua. O Satã Gordo já ultrapassara o zênite e mergulhava em direção ao horizonte. As ruas de pedrardente estavam desbotadas e negras onde o brilho vermelho caía, mas quando atravessou as sombras entre as torres quadradas de ébano, Dirk pôde ver os fogos frios da cidade sob seus pés, o suave brilho vermelho da pedra, débil, mas ainda persistente. Nos espaços abertos, ele mesmo projetava sombras, espectros escuros e frágeis que se empilhavam desajeitadamente uns sobre os outros - quase mas não totalmente coincidentes - e afundavam rapidamente em seus calcanhares para despertar a pedrardente adormecida. Não viu ninguém durante o percurso, embora se perguntasse inquieto sobre os Braiths e, em determinado momento, tenha passado por algo que devia ser uma residência. Era uma construção quadrada com um telhado abobadado e pilares de ferro negro na porta. Acorrentado a um desses pilares estava um cão de caça que parecia mais alto do que Dirk, com brilhantes olhos vermelhos e um focinho comprido e sem pelos que o fazia lembrar um rato. A criatura estava roendo um osso, mas parou quando ele passou e rosnou profundamente. Quem quer que vivesse naquela construção claramente não apreciava a idéia de visitantes.

Os elevadores subterrâneos ainda funcionavam. Dirk entrou em um deles, a luz do dia desapareceu, e chegou às passagens inferiores, onde Larteyn tinha grande semelhança com as fortalezas dos grupos em Alto Kavalaan:

salas de pedra ecoantes com cortinas de ferro forjado, portas de metal em todos os lugares, câmaras dentro de câmaras. Um forte de pedra, Ruark dissera certa vez. Um forte, sem nenhuma parte que pudesse ser facilmente tomada. Mas agora estava abandonado.

A garagem tinha dez níveis e era fracamente iluminada, com espaço suficiente para mil aeromóveis em cada andar. Dirk vagou pela poeira por meia hora antes de encontrar um veículo. Era inútil para ele. Outro carro com forma de animal, decorado com metal azul-marinho que lhe dava a aparência grotesca de um morcego gigante, mais realista e assustador do que a arraia-banshee estilizada do veículo de Jaan Vikary. Mas era um casco vazio. Uma das asas ornamentadas estava torcida e semi-derretida, e do próprio aeromóvel restava apenas o corpo. As instalações interiores, a fonte de alimentação e o armamento haviam desaparecido, e Dirk suspeitava que o controle de gravidade também estivesse faltando, embora não pudesse ver a parte inferior do veículo. Deu uma volta ao redor da carcaça e seguiu adiante.

O segundo aeromóvel que encontrou estava ainda em condições piores. Na verdade, aquilo dificilmente poderia ser chamado carro. Não restava nada além de uma armação de metal nu e quatro assentos apodrecidos recostados no esqueleto de tubulação completamente destruído. Dirk passou por esse também.

Os próximos dois destroços estavam intactos, mas eram fantasmas. Ele podia apenas supor que seus proprietários haviam morrido em Worlorn, e que os veículos ficaram aguardando nas profundezas da cidade muito tempo depois de terem sido esquecidos, até que sua fonte de energia se esgotasse. Experimentou ambos, mas nenhum respondeu ao seu toque e tentativas de conserto.

O quinto carro - encontrado ao fim de uma hora de buscas - respondeu imediatamente.

Tipicamente kavalariano, o atarracado carro de dois lugares tinha asas curtas e triangulares que pareciam ainda mais inúteis do que as asas dos outros aeromóveis produzidos em Alto Kavalaan. Era esmaltado de prata e branco, e a cabine metálica tinha um formato que lembrava a cabeça de

um lobo. Canhões de laser haviam sido colocados nos dois lados da fuselagem. O veículo não estava trancado; Dirk empurrou a escotilha da cabine, que se abriu com facilidade. Entrou, fechou a cabine e olhou para fora dos grandes olhos do lobo com um sorriso irônico no rosto. Então experimentou os controles. O aeromóvel ainda tinha toda a energia.

Franzindo o cenho, desligou a força novamente e recostou-se no assento para pensar. Encontrara o meio de transporte que estava procurando, se ousasse pegá-lo. Mas não podia se enganar: este carro não era uma ruína como os outros que encontrara. Estava em condições muito boas. Sem dúvida, pertencia a um dos outros kavalarianos que ainda estavam em Larteyn. Se as cores significavam alguma coisa - ele não tinha certeza disso -, então o veículo provavelmente pertencia a Lorimaar ou um dos outros Braiths. Definitivamente, pegá-lo não era o caminho mais seguro a se escolher.

Dirk reconheceu o perigo e o considerou. A espera não tinha apelo algum para ele, mas nem a perspectiva do perigo. Com Jaan Vikary ou sem Jaan Vikary, roubar um aeromóvel poderia ser a desculpa para os Braiths entrarem em ação.

Relutante, saiu da cabine e desceu do veículo, mas nem bem fez isso e ouviu vozes. Baixou a escotilha da cabine e a fechou com um estalido baixo mas ainda assim audível. Dirk se agachou, buscando a segurança das sombras a alguns metros de distância do carro-lobo.

Pôde ouvir os kavalarianos conversando, e seus passos ecoando barulhentos, muito antes de vê-los; eram apenas dois, mas soavam como dez. Quando chegaram ao espaço iluminado próximo ao aeromóvel, Dirk estava se espremendo contra um nicho na parede da garagem, uma pequena cavidade cheia de ganchos que antigamente eram usados para pendurar ferramentas. Não tinha muita certeza do motivo de estar se escondendo, mas estava contente por passar despercebido. As coisas que Gwen e Jaan lhe contaram sobre os outros residentes de Larteyn não eram muito tranquilizadoras.

- Você tem certeza de tudo isso, Bretan? - um deles, o mais alto, estava dizendo quando chegaram à vista de Dirk. Não era Lorimaar, mas a

semelhança era extraordinária: este homem tinha a mesma altura imponente, a mesma pele curtida e enrugada. Mas era mais gordo do que Lorimaar Alto-Braith, seu cabelo era completamente branco - ao contrário do outro, que era a maior parte grisalho - e tinha um bigode "escovinha". Tanto ele quanto seu companheiro usavam um casaco branco sobre calça e camisa de tecido-camaleão que estavam quase negros na pouca luz da garagem. E ambos carregavam lasers.

- Roseph não brincaria comigo - o segundo kavalariano disse em uma voz áspera e arenosa. Era muito mais baixo do que o outro homem, quase da altura de Dirk, e mais jovem e mais esbelto também. Seu casaco tinha as mangas cortadas para mostrar poderosos braços marrons e um grosso bracelete de ferro-e-pedrardente. Conforme se moveu na direção do aeromóvel, ficou totalmente sob a luz por um instante e pareceu encarar a escuridão onde Dirk estava escondido. Tinha apenas metade do rosto: o resto estava deformado por cicatrizes. Seu "olho" esquerdo se movia sem cessar quando seu rosto se virava, e Dirk não demorou para entender o motivo: uma pedrardente preenchia a órbita vazia.

- Como você sabe isso? - o homem mais velho disse quando os dois pararam por um tempo ao lado do carro-lobo. - Roseph gosta de brincadeiras.

- Eu não gosto - disse o outro, o que fora chamado de Bretan. - Roseph pode brincar com você, com Lorimaar ou mesmo com Pyr, mas não ousa brincar comigo. - A voz dele era horivelmente desagradável; havia uma aspereza sibilante que ofendia o ouvido, mas com cicatrizes tão grossas cobrindo seu pescoço, Dirk achou surpreendente que o homem ainda conseguisse falar.

O kavalariano mais alto apertou o lado da cabeça do lobo, mas a cabine não se abriu.

- Bem, se isso é verdade, temos que nos apressar - disse, queixosamente. - A fechadura, Bretan, a fechadura!

O caolho Bretan fez um barulho estranho, algo entre um grunhido e um rosnado. Tentou abrir a cabine.

- Meu teyn - falou com a voz áspera. - Deixei a cabine entreaberta... eu... levei só um momento para subir e me encontrar com você.

Nas sombras, Dirk pressionou o corpo contra a parede, e os ganchos se cravaram dolorosamente em suas costas, entre as omoplatas. Bretan franziu o cenho e se ajoelhou, enquanto seu companheiro mais velho ficou parado e parecia intrigado.

Então, repentinamente, o Braith ficou em pé novamente, e sua pistola laser estava empunhada em sua mão direita, apontada para Dirk. Seu olho de pedrardente brilhava opacamente.

-Saia e mostre-nos quem você é - exclamou. - O rastro que deixou no pó é muito claro de se ver.

Dirk, em silêncio, ergueu as mãos sobre a cabeça e saiu de seu esconderijo.

- Um quase-homem - o kavalariano mais alto se surpreendeu. - Aqui embaixo!

-Não - Dirk respondeu cuidadosamente. - Dirk t'Larien.

O homem alto o ignorou.

- Isso é que é ter sorte - comentou para seu companheiro com o laser. - Aqueles filhos da lesma de Roseph não teriam sido presas interessantes. Esse aí parece adequado.

Seu jovem teyn fez o barulho estranho novamente, e o lado esquerdo de seu rosto teve um espasmo. Mas o laser em sua mão ainda estava apontado.

- Não - disse para o outro Braith. - Infelizmente, não acho que podemos caçá-lo. Esse só pode ser aquele sobre quem Lorimaar falou. - Deslizou a pistola laser para dentro do coldre e acenou com a cabeça para Dirk, um movimento tão suave que mais parecia um dar de ombros. - Você é grosseiramente negligente. A cabine se tranca automaticamente quando é totalmente fechada. Pode ser aberta pelo lado de dentro, mas...

- Percebo isso agora - Dirk respondeu. Abaixou as mãos. - Eu estava apenas procurando por um carro abandonado. Preciso de transporte.

- Então tentou roubar nosso aeromóvel.

-Não.

- Sim. - A voz do kavalariano transformava cada palavra em um esforço doloroso. - Você é korariel de Jadeferro?

Dirk hesitou, com a negativa presa na garganta. Qualquer resposta que desse podia deixá-lo em apuros.

- Não tem resposta para isso? - disse o homem coberto de cicatrizes.

- Bretan - o outro advertiu. - As palavras do quase-homem não importam para nós. Se Jaantony Alto-Jadeferro o declarou korariel, então é verdade. Tais animais não têm voz sobre seu status. Ainda que dissesse que não, não pode mudar seu nome, então a realidade é a mesma independentemente disso. Se o matarmos, teremos roubado propriedade de Jadeferro e eles certamente exigirão duelo.

- Peço que considere as possibilidades, Chell - Bretan disse. - Este aí, este Dirk t'Larien pode ser homem ou quase-homem, korariel de Jadeferro ou não. Verdade?

- Verdade. Mas ele não é homem de verdade. Ouça-me, meu teyn. Você é jovem, e eu sei dessas coisas de kethi mortos há muito tempo.

- Considere mesmo assim. Se ele é quase-homem e os Jade-ferros o declararam korariel, então ele é korariel quer admita, quer não. Mas, se isso é verdade, Chell, então você e eu devemos ir contra os Jadeferros em duelo. Ele estava tentando roubar de nós, lembre-se disso. Se ele é propriedade Jadeferro, então é um ladrão Jadeferro.

O grande homem de cabelos brancos assentiu lentamente, relutante.

- Se é quase-homem, mas não korariel, então não temos problema - Bretan continuou -, então pode ser caçado. E se ele é um homem de verdade, humano como os altos-senhores, e não um quase-homem?

Chell era muito mais lento do que seu teyn. O kavalariano mais velho franziu o cenho pensativamente e disse:

- Bem, ele não é fêmea, então não pode ser tomado. Mas se ele é humano, deve ter direitos de homem e um nome de homem.

- Verdade - Bretan concordou. - Mas ele não pode ser korariel, então o crime é responsabilidade exclusiva dele. Eu duelaria com ele, não com Jaantony Alto-Jadeferro. - O Braith deu o estranho grunhido-rosnado novamente.

Chell assentiu, e Dirk estava quase estarelecido. O mais jovem dos dois caçadores parecia ter acertado as coisas com uma desagradável precisão. Dirk dissera tanto a Vikary quanto a Janacek, em termos inequívocos, que rejeitava o escudo contaminado da proteção de Jadeferro. Naquele

momento, havia sido uma coisa fácil de fazer. Em mundos sãos, como Ávalon, teria sido inquestionavelmente a coisa certa a se fazer. Em Worlorn, as coisas não eram tão claras.

- Aonde o levaremos? - Chell perguntou. Os dois Braiths falavam como se Dirk não tivesse mais vontade do que o aeromóvel.

- Devemos levá-lo para Jaantony Alto-Jadeferro e seu teyn - Bretan disse em sua voz áspera. - Conheço a torre deles de vista.

Por um breve instante, Dirk pensou em sair correndo. Não parecia viável. Eram dois deles, com armas e até mesmo um aeromóvel. Ele não iria longe.

- Eu irei - disse quando vieram em sua direção. - Posso mostrar o caminho.

- Poderia ganhar algum tempo para pensar, em todo caso; os Braiths não pareciam saber que Vikary e Janacek já estavam na Cidade do Tanque sem Estrelas, sem dúvida tentando proteger os desvalidos filhos da lesma de outros caçadores.

- Mostre-nos, então - Chell falou. E Dirk, sem saber o que mais fazer, levou-os em direção aos elevadores subterrâneos. Durante a subida, refletiu amargamente que tudo aquilo acontecera porque estava cansado de esperar. E agora, parecia, teria que esperar de qualquer jeito.

Capítulo 6

No começo, a espera foi um inferno.

Eles o levaram para a pista de aterrissagem no topo da torre vazia, depois que descobriram que os Jadeferro não podiam ser encontrados, e o forçaram a sentar no canto do telhado varrido pelo vento. O pânico tomava conta de Dirk, e seu estômago tinha um nó dolorido.

- Bretan... - Dirk começou, em uma voz que beirava à histeria, mas o kavalariano apenas se virou para ele e desferiu um tapa em sua boca.

- Não sou "Bretan" para você - disse. - Me chame de Bretan Braith se tiver que se dirigir a mim, quase-homem.

Depois disso, Dirk ficou em silêncio. A quebrada Roda de Fogo mancava lentamente pelos céus de Worlorn, e enquanto a observava se arrastar, Dirk sentia que estava muito perto de ter um ataque de nervos. Tudo o que lhe acontecera parecia irreal, e os Braiths e os eventos da tarde eram o menos real de tudo, e ele se perguntava o que aconteceria se repentinamente ficasse em pé e pulasse da beira do telhado até a rua. Cairia e cairia, pensou, como acontece em um sonho, mas quando se esmagasse nos tijolos de pedrardente escura lá embaixo não haveria dor, apenas o choque de um súbito despertar. E se encontraria em sua cama em Braque, ensopado de suor e rindo dos absurdos desse pesadelo.

Brincou com esse pensamento e outros semelhantes por um tempo que pareceu horas, mas, quando olhou para cima, o Satã Gordo mal tinha se posto completamente. Começou a tremer, então; o frio, disse a si mesmo, o vento frio de Worlorn, mas sabia que aquilo não era o frio, e quanto mais lutava para se controlar, mais tremia, até que os kavalarianos olharam para ele com estranheza. E a espera prosseguiu.

E finalmente os tremores seguiram seu curso, assim como os pensamentos de suicídio e o pânico antes deles, e um estranho tipo de calma caiu sobre ele. Pegou-se pensando novamente, mas pensando coisas sem sentido:

especulava ociosamente, como se tudo aquilo não passasse de uma aposta, se a arraia cinza ou o veículo militar voltariam primeiro, ou em como Jaan ou Garse se arranjariam em um duelo com o Bretan caolho, ou no que aconteceria com os filhos da lesma na distante cidade vinhonegrina. Tais questões pareciam terrivelmente importantes, embora Dirk não soubesse por quê.

Então começou a observar seus captores. Esse era o jogo mais interessante de todos, e servia para passar o tempo tão bem quanto qualquer outro. Enquanto observava, notou algumas coisas.

Os dois kavalarianos mal haviam falado desde que o escoltaram até o telhado. Chell, o alto, sentou-se no muro baixo que circundava a pista de aterrissagem a apenas um metro de Dirk, e, quando começou a estudá-lo, Dirk viu que era um homem realmente velho. A semelhança com Lorimaar Alto-Braith era muito ilusória. Embora Chell andasse e se vestisse como um homem mais jovem, era ao menos vinte anos mais velho do que Lorimaar, Dirk suspeitou. Sentado, seus anos pesavam muito mais. O ventre formava uma proeminência curva sobre o tênue brilho do cinturão de malha de aço, e rugas escavavam profundamente o curtido rosto marrom. Dirk também viu veias azuis e manchas rosáceas nas costas das mãos de Chell enquanto ele as repousava nos joelhos. A longa e inútil espera pelo retorno dos Jadeferros o tocara também, e era mais do que tédio. Suas bochechas pareciam ceder, e seus largos ombros haviam inconscientemente caído em um cansaço desleixado.

Ele se moveu uma vez, suspirando, e esticou-se enquanto apertava as mãos nos joelhos para uni-los com força. Foi quando Dirk viu os braceletes dele. No braço direito tinha ferro-e-pedrardente, gêmeo daquele que era exibido tão orgulhosamente pelo caolho Bretan, e o esquerdo tinha prata. Mas faltava o jade. Havia estado ali em algum momento, mas as pedras haviam sido arrancadas e agora o bracelete prateado estava repleto de orifícios.

Enquanto o velho e cansado Chell (repentinamente parecia difícil para Dirk vê-lo como a ameaçadora figura marcial que fora havia algum tempo) sentou-se e esperou que algo acontecesse, Bretan (ou Bretan Braith, como exigira ser chamado) caminhou horas a fio. Era todo incansável energia,

pior do que qualquer um que Dirk já vira, mesmo Jenny, que fora bem inquieta em seu tempo. Mantinha as mãos enfiadas profundamente nos bolsos do curto casaco branco e andava de um lado para o outro pelo telhado, indo e voltando, indo e voltando. A cada três voltas, olhava para cima impacientemente, como se estivesse reprovando o céu crepuscular por não lhe trazer Jaan Vikary.

Eram um par estranho, Dirk decidiu enquanto os observava. Bretan Braith era tão jovem quanto Chell era velho - certamente não mais velho do que Garse Janacek e provavelmente mais jovem do que Gwen, Jaan, ou ele mesmo. Como viera a se tornar teyn de um kavalariano tão mais idoso do que ele? Tampouco era um alto-senhor, nem dera uma betheyn para Braith; seu braço esquerdo, coberto com uma fina camada de pelos ruivos que brilhavam quando estava bem perto de Dirk e refletiam a luz solar, não tinha nenhum bracelete de jade-e-prata.

Seu rosto, aquele estranho meio-rosto, era mais feio do que qualquer coisa que Dirk já vira, mas na medida em que o dia minguava e o falso crepúsculo se tornava real, descobriu que já tinha se acostumado com ele. Quando Bretan Braith caminhava em uma direção, parecia completamente normal: um jovem esbelto e ágil, cheio de energia nervosa mantida firmemente sob controle, tão controlada que Bretan parecia prestes a explodir. Seu rosto daquele lado era sem marcas e sereno; tinha curtos cachos negros em volta da orelha e uns poucos lhe caíam pelos ombros, mas não tinha sinal de barba. Mesmo sua sobrancelha era apenas uma suave linha sobre seu grande olho verde. Parecia quase inocente.

Então, chegava até a beira do telhado e voltava pelo mesmo caminho, e tudo mudava. O lado esquerdo de seu rosto era inumano, uma paisagem de planícies retorcidas e ângulos que nenhum rosto devia ter. A carne fora costurada em meia dúzia de lugares, e o resto tinha o brilho liso do esmalte. Desse lado, Bretan não tinha cabelo em lugar algum, nem orelha - apenas um buraco - e a metade esquerda de seu nariz era uma pequena peça de plástico colorido. Sua boca era uma abertura sem lábios e, o pior de tudo, se movia. Ele tinha um tique nervoso grotesco que lhe contraía o rosto, do canto esquerdo da boca seguia ondulando até o couro cabeludo,

sobre montes de tecidos cicatriciais.

Na luz do dia, o olho de pedrardente de Braith era escuro como um pedaço de obsidiana. Mas lentamente a noite chegava, o Olho do Inferno mergulhava no horizonte, e os fogos se destacavam na órbita ocular. Na escuridão total, Bretan seria o Olho do Inferno, não a cansada supergigante de Worlorn; a pedrardente irradiaria um contínuo e inalterável fulgor vermelho, e o meio-rosto ao redor dele se tornaria a negra paródia de um crânio, uma moldura adequada para um olho como esse.

Tudo parecia muito aterrador até que alguém se lembrasse - como Dirk se lembrou - de que tudo era completamente deliberado. Bretan Braith não era obrigado a usar uma pedrardente como olho, ele escolhera isso, por suas próprias razões, e essas razões não eram difíceis de compreender. A mente de Dirk voltou ao momento mais cedo daquela tarde, e ao diálogo junto ao aeromóvel com cabeça de lobo. Bretan era rápido e perspicaz, sem dúvida, mas Chell podia facilmente estar nos primeiros anos da senilidade. Custara-lhe um doloroso esforço compreender a situação, e seu teyn o levava pela mão em cada ponto, Dirk se lembrava. Repentinamente, os dois Braiths pareciam muito menos assustadores, e Dirk podia apenas se perguntar por que ficara tão aterrorizado. Eles eram quase divertidos. O que quer que Jaan Vikary dissesse quando retornasse da Cidade do Tanque sem Estrelas, certamente nada aconteceria; não havia real perigo nesses dois.

Como se estivesse sublinhando isso, Chell começou a murmurar, falando consigo sem perceber, e Dirk olhou-o de relance e tentou escutar. O velho ria um pouco enquanto falava, os olhos encarando o vazio. Suas palavras não faziam nenhum sentido. Dirk levou vários minutos para compreender, mas finalmente percebeu que Chell estava falando em antigo kavalariano. Uma língua que evoluiu em Alto Kavalaan durante os longos séculos do interregno, quando os kavalarianos sobreviventes não tiveram contato com outros idiomas humanos, uma linguagem que rapidamente voltara aos padrões terráqueos, embora enriquecendo a língua materna com palavras que não tinham equivalentes. Quase ninguém falava antigo kavalariano atualmente, Garse Janacek lhe dissera, e mesmo assim aqui estava Chell,

um homem mais velho do mais tradicional grupo-coalizão, murmurando coisas que sem dúvida ouvira em sua juventude.

E Bretan, que batera sonoramente em Dirk por usar a forma errada para interpelá-lo, uma forma permitida apenas para seus kethi. Outro costume moribundo, Garse dissera; até mesmo os altos-senhores estavam ficando mais relaxados. Mas não Bretan Braith, jovem e sem altos-títulos, que se aferrava a tradições que homens de gerações mais antigas já haviam descartado como disfuncionais.

Dirk quase sentiu pena deles. Eram anômalos, decidiu, mais marginais e mais sozinhos do que o próprio Dirk, sem mundo em certo sentido, porque Alto Kavalaan já estava além de tudo aquilo e não podia mais ser o mundo deles. Não era de se admirar que tivessem vindo a Worlorn e permanecido ali. Eles e seus costumes estavam morrendo.

Bretan, em particular, era digno de pena; Bretan, que tentava tanto ser uma figura assustadora. Era jovem, talvez o último crente verdadeiro, e viveria para ver um tempo em que ninguém compartilharia seus costumes. Era por isso que ele era teyn de Chell? Porque seus pares o rejeitavam e a seus valores antiquados? Provavelmente, imaginou Dirk, e aquilo era cruel e triste.

Um sol amarelo ainda brilhava no oeste. O Cubo era uma vaga lembrança vermelha no horizonte, e Dirk estava pensativo e controlado, já tendo superado seus medos, quando ouviu os aeromóveis se aproximando.

Bretan Braith congelou, olhou para cima, e tirou as mãos dos bolsos. Uma delas foi descansar, quase automaticamente, no coldre da pistola laser. Chell, pestanejando, levantou-se lentamente e de repente pareceu ficar uma década mais jovem. Dirk ergueu-se também.

Os veículos desceram. Os dois juntos, o cinzento e o verde-oliva, voando com uma precisão quase militar, lado a lado.

- Venha aqui. - Bretan grunhiu, e Dirk obedeceu. Chell juntou-se a eles, então estavam os três juntos, com Dirk no centro como um prisioneiro. O vento era cortante. Ao redor deles, as pedrar-dentes da cidade de Larteyn irradiavam um fulgor sangrento, e o olho de Bretan brilhava selvagememente em seu ninho de cicatrizes. As contrações haviam parado por alguma

razão; seu rosto estava rígido.

Jaan Vikary manobrou a arraia cinzenta e aterrissou gentilmente, então desceu pelo lado do veículo e se aproximou deles a passos largos. A quadrada e feia máquina militar, cujo teto blindado impedia de ver o piloto, aterrissou quase ao mesmo tempo, e Garse Janacek saiu dela, erguendo a cabeça e olhando ao redor para ver qual era o problema. Viu, fechou a porta do veículo com força, se aproximou e ficou à direita de Vikary.

Vikary cumprimentou Dirk primeiro, com um aceno rápido e um vago sorriso. Então olhou para Chell.

- Chell Nim Ventofrio Fre-Braith Daveson - disse, formalmente. - Honras ao seu grupo, honras ao seu teyn.

- É para os seus - o velho Braith disse. - Meu novo teyn está ao meu lado, você não o conhece. - Indicou Bretan. Jaan se virou e mediu o jovem marcado por cicatrizes rapidamente com os olhos.

- Sou Jaan Vikary - disse -, do grupo Jadeferro.

Bretan fez seu ruído, aquele mesmo ruído peculiar. Seguiu-se um estranho silêncio.

- Mais propriamente - Janacek falou -, meu teyn é Jaantony Riv Lobo Alto-Jadeferro Vikary. E eu sou Garse Jadeferro Janacek.

Agora Bretan respondeu.

- Honras ao seu grupo, honras ao seu teyn. Sou Bretan Braith Lantry.

- Eu deveria saber - Janacek disse com um leve sinal de sorriso. - Ouvimos falar de você.

Jaan Vikary lhe deu uma olhada de advertência. Parecia haver algo de errado com o rosto de Jaan. No início, Dirk pensou que era impressão sua, por causa da pouca luz - a escuridão chegava rapidamente mas então viu que a mandíbula de Vikary estava levemente inchada em um lado, dando a seu perfil um aspecto deformado.

- Viemos até vocês em alto agravo - disse Bretan Braith Lantry.

Vikary olhou para Chell.

- É isso mesmo?

- E isso mesmo, Jaantony Alto-Jadeferro.

- Lamento que haja discórdia entre nós - Vikary respondeu. - Qual é o problema?

- Precisamos fazer uma pergunta para você - Bretan falou. Colocou a mão no ombro de Dirk. - Este aqui, Jaantony Alto-Jadeferro. Diga-me, ele é korariel de Jadeferro ou não?

Agora Garse Janacek sorria abertamente com ironia, e seus olhos azuis encontraram os de Dirk, com ar zombeteiro em suas profundezas geladas, como se dissesse, "Bem, bem, o que você fez agora?"

Jaan Vikary apenas franziu o cenho.

- Por quê?

- Por acaso sua resposta depende de nossos motivos, alto-senhor? - Bretan perguntou asperamente. Sua bochecha marcada por cicatrizes se contorceu violentamente. Vikary olhou para Dirk. Claramente não estava satisfeito com aquela situação.

- Não há motivos para que você demore ou nos negue sua resposta, Jaantony Alto-Jadeferro - Chell Daveson falou. - A verdade é sim ou a verdade é não; não pode ser mais do que isso.

A voz do velho era serena; ele, ao menos, não tinha tensões para ocultar, e seu código lhe ditava cada palavra que dizia.

- Antigamente você estaria certo, Chell Fre-Braith. - Vikary começou. - Nos tempos antigos dos grupos, a verdade era uma coisa simples, mas estes são novos tempos, repletos de coisas novas. Somos um povo de muitos mundos, agora, não de um único, e então nossas verdades são mais complexas.

- Não - replicou Chell. - Este quase-homem é korariel ou este quase-homem não é korariel. Isso não é complexo.

- Meu teyn fala a verdade - Bretan completou. - A questão que coloquei para você é bem simples, alto-senhor. Exijo sua resposta.

Vikary não seria pressionado.

- Dirk t'Larien é um homem do distante mundo de Ávalon, de dentro do Véu do Tentador, um mundo humano onde estudei antigamente. Eu o nomeei korariel, dei a ele minha proteção e a proteção de Jadeferro contra aqueles que quisessem causar-lhe algum mal. Mas eu o protejo como um

amigo, como protegeria um irmão de Jadeferro, como um teyn protege um teyn. Ele não é minha propriedade. Não me pertence. Entende, Chell Fre-Braith?

Chell não entendia. O velho apertou os lábios sob o pequeno bigode e murmurou algo em antigo kavalariano. Então falou em voz alta. Bem alta, de fato, quase gritando.

- Que disparate é esse? Seu teyn é Garse Jadeferro, não este estranho. Como pode protegê-lo como a um teyn? Ele é de Jade-ferro? Ele nem está armado! Ele é um homem, afinal de contas? Por que, se é, não pode ser korariel; e se ele não é, e ele é korariel, então você deve ser o dono dele. Não vi nenhum sentido em suas palavras de quase-homem.

- Sinto por isso, Chell Fre-Braith - Vikary respondeu -, mas são seus ouvidos que falham, não minhas palavras. Tento respeitar sua honra, mas você não facilita as coisas.

- Você está brincando comigo! - Chell falou, acusadoramente.

-Não.

- Está, sim!

Bretan Braith falou então, e sua voz não tinha nada da raiva de Chell, mas era bastante dura.

- Dirk t'Larien, como ele chama a si mesmo e você o chama, nos ofendeu. Este é o centro da questão, Jaantony Alto-Jadeferro. Ele colocou as mãos em uma propriedade de Braith sem a permissão de Braith. Agora, quem pagará por isso? Se ele é um quase-homem e seu korariel, então aqui e agora eu o desafio. Jadeferro ofendeu Braith. Se ele não é korariel, então, bem...

- Entendo - Jaan Vikary falou. - Dirk?

- Antes de mais nada, tudo o que fiz foi sentar no maldito aeromóvel por um segundo - Dirk disse inquieto. - Estava procurando um veículo abandonado, alguma coisa que ainda funcionasse. Gwen e eu encontramos um assim em Kryne Lamiya, e eu pensei que talvez pudesse encontrar outro.

Vikary deu de ombros e olhou para os dois Braiths.

- Parece que a ofensa cometida, se é que houve ofensa, não foi grave. Nada

foi roubado.

- Nosso carro foi tocado! - o velho Chell berrou. - Por ele, por um quase-homem; ele não tinha o direito! Você chama isso de ofensa pequena? Ele poderia ter levado o veículo. Quer que eu feche os olhos como um quase-homem e fique grato por ele ter feito tão pouco? - Virou-se para Bretan, seu teyn. - Os Jadefer-ros brincam conosco, nos insultam - disse. - Talvez não sejam homens verdadeiros, mas também sejam quase-homens. Estão cheios de palavras de quase-homens.

Garse Janacek respondeu imediatamente.

- Sou teyn de Jaantony Riv Lobo Alto-Jadeferro e respondo por ele. Ele não é quase-homem. - As palavras saíram rapidamente, uma fórmula habitual. Do jeito que Janacek olhou para Vikary, ficou claro para Dirk que ele esperava que seu teyn repetisse as mesmas palavras. Em vez disso, Jaan balançou a cabeça e disse:

- Ah, Chell. Quase-homens não existem.

Soou imensamente cansado, como se um fardo estivesse sobre seus ombros largos.

O Braith mais alto e mais velho olhou como se Jaan tivesse lhe dado um golpe. Novamente murmurou algo em antigo kavalariano.

- Isso não pode ser - Bretan Braith falou. - Não vamos a lugar algum assim. Você nomeia este homem korariel, Jaantony Alto-Jadeferro?

- Sim.

- Eu rejeito o nome - Dirk falou tranqüilamente. Sentia-se obrigado a isso, e o momento parecia oportuno. Bretan virou-se para olhá-lo de relance, e o olho verde do Braith parecia irradiar tanto quanto seu parceiro de pedrardente.

- Ele rejeita apenas a sugestão de propriedade - Vikary disse muito rapidamente. - Meu amigo reafirmou sua condição humana, mas ainda usa o escudo de minha proteção.

Garse Janacek sorriu ironicamente e balançou a cabeça.

- Não, Jaan. Você não estava em casa esta manhã. t'Larien não quer nenhuma proteção nossa. Ele disse isso.

Vikary olhou para ele, furioso.

- Garse! Isso não é hora para brincadeiras.

- Não estou brincando - disse Janacek.

- É verdade - admitiu Dirk. - Eu disse que posso cuidar de mim mesmo.

- Dirk, você não sabe o que está falando! - Vikary advertiu.

- Pois para variar um pouco, acho que sei.

Bretan Braith Lantry fez seu ruído, bem alto e repentino, enquanto Dirk e os dois Jadeferros discutiam, e seu teyn Chell permanecia rígido em fúria.

- Silêncio! - A voz ríspida exigiu, e todos ficaram quietos. - Isso não tem importância. As coisas continuam iguais. Você diz que ele é humano, Jadeferro. Se é isso mesmo, ele não pode ser korariel e você não pode protegê-lo. Quer ele queira quer não, você não pode protegê-lo. Meus kethi garantirão que você não fará isso. - Girou sobre os calcanhares para encarar Dirk de frente. - Eu desafio você, Dirk t'Larien. - Todos estavam em silêncio. Larteyn resplandecia ao redor, e o vento estava muito gelado.

- Não quis insultar - Dirk falou, lembrando-se das palavras que os Jadeferros usaram outras vezes. - Posso me desculpar, ou o quê? - Ofereceu a palma de suas mãos para Bretan Braith, abertas e vazias.

O rosto coberto de cicatrizes se contorceu.

- O insulto foi cometido.

- Você tem que duelar com ele - Janacek falou.

As mãos de Dirk se abaixaram lentamente. Cerrou os punhos ao lado do corpo. Não disse nada.

Jaan Vikary encarava o chão, mortificado, mas Janacek ainda estava animado.

- Dirk t'Larien não conhece os costumes do duelo - contou para os dois Braiths. - Tais costumes não existem em Ávalon. Vocês me permitem instruí-lo?

Bretan Braith assentiu, o mesmo movimento desajeitado e curioso de cabeça e ombros que Dirk notara naquela tarde na garagem. Chell não pareceu nem escutar; o velho Braith ainda encarava Vikary, murmurando, com olhar penetrante.

- Há quatro escolhas a se fazer, t'Larien - Janacek disse para Dirk. - Como desafiado, você faz a primeira. Sugiro que faça a escolha das armas, e

escolha espadas.

- Espadas - Dirk disse, sem convicção.

- Eu faço a escolha do modo - Bretan rugiu - e escolho o quadrado da morte.

Janacek assentiu.

- Você faz a terceira escolha, t'Larien. Já que você não tem teyn, a escolha dos números é imposta. Será uma luta individual. Você pode dizer isso, ou você pode escolher o lugar.

- Na Antiga Terra? - Dirk disse, esperançoso.

Janacek sorriu.

- Não. Só neste mundo, temo. Outras escolhas não estão disponíveis.

Dirk deu de ombros.

- Aqui, então.

- Faço a escolha dos números - Bretan disse. Estava completamente escuro agora, e apenas as dispersas estrelas dos mundos exteriores brilhavam no negro céu sobre eles. O olho do Braith reluzia, e um estranho reflexo parecia umedecer suas cicatrizes.

- Escolho combate singular, como deve ser.

- Está acertado, então - Janacek falou. - Vocês dois devem chegar a um acordo sobre um árbitro, e então...

Jaan Vikary ergueu a cabeça. Suas feições estavam opacas e sombrias, e apenas a pálida luz das pedrardentes brilhava nelas, mas sua mandíbula inchada lhe dava uma estranha silhueta.

- Chell - disse muito calmo, em um tom deliberadamente inexpressivo.

- Sim - o velho Braith respondeu.

- Você é um tolo de acreditar em quase-homens - Vikary lhe disse. - Todos vocês que acreditam nisso são tolos.

Dirk ainda estava encarando Bretan Braith quando Vikary falou. O rosto marcado se contorceu uma, duas, três vezes.

Chell soava como se estivesse em transe.

- Tomo isso como insulto, Jaantony Alto-Jadeferro, falso kavalariano, quase-homem. Exijo desafio.

Bretan se virou e tentou gritar. Sua voz não foi capaz disso, e ele cuspiu e

engasgou em vez disso.

- Você... infrator de duelos! Jadeferro... eu...

- Está dentro do código - Vikary respondeu sem muito entusiasmo. - Embora, se Bretan Braith puder sobrelevar a pequena transgressão de um ignorante de outro mundo, então talvez eu possa pedir perdão para Chell Fre-Braith.

- Não - Janacek disse sombriamente. - Não é honroso pedir perdão.

- Não - Bretan ecoou. Seu rosto era uma caveira agora. Seu olho de pedra reluzia e sua face estava contorcida em fúria. - Tolerei o máximo que pude de você, falso kavalariano. Não vou brincar com a sabedoria do meu grupo. Meu teyn tem mais direito do que eu. Na verdade, cometi um amargo erro ao tentar evitar um duelo com você, mentiroso. Quase-homem. Foi vergonhoso, mas agora posso limpar meu nome. Mataremos você, Chell e eu. Mataremos vocês três.

- Talvez isso seja verdade - Vikary falou. - Logo saberemos.

- E sua cadela-betheyn também - Bretan disse. Não conseguiu gritar; sua voz falhou quando tentou. Então falou baixo como sempre, e a aspereza pegou sua garganta, fazendo-o engasgar.

- Quando tivermos terminado com vocês, acordaremos nossos cães e caçaremos ela e o kimdissiano gordo através das florestas que eles conhecem tão bem.

Jaan Vikary o ignorou.

- Fui desafiado - disse para Chell Fre-Braith. - A primeira das quatro escolhas é minha. Faço a escolha dos números. Lutaremos teyn-e-teyn.

- Faço a escolha das armas - Chell respondeu. - Escolho pistolas.

- Faço a escolha do modo - disse Vikary. - Escolho o quadrado da morte.

- Por último, a escolha do lugar - Chell falou. - Aqui, então.

- O árbitro marcará um único quadrado - Janacek disse. Dos cinco homens no telhado, era o único que ainda sorria. - Ainda precisamos de um árbitro. O mesmo para os dois duelos?

- Um homem servirá - Chell concordou. - Sugiro Lorimaar Alto-Braith.

- Não - respondeu Janacek. - Ele veio até nós em alto agravo ainda ontem. Kirak Açorrubro Cavis.

- Não - Bretan falou. - Ele escreve belas poesias, mas não tenho outro uso para Kirak Açorrubro.

- Há dois do grupo Shanagate. - Janacek lembrou. - Não estou seguro dos nomes deles.

- Nós preferimos um Braith - Bretan disse, contorcendo o rosto. - Um Braith comandará bem, respeitará a honra do código.

Janacek olhou de relance para Vikary; Vikary deu de ombros.

- De acordo - Janacek respondeu, encarando Bretan novamente. - Um Braith, então. Pyr Braith Oryan.

- Pyr Braith não. - Bretan recusou.

- Você não é fácil de agradar. - Janacek comentou secamente. - Ele é um dos seus kethi.

- Tenho atritos com Pyr Braith - Bretan respondeu.

- Um alto-senhor seria uma escolha melhor - o velho Chell falou. - Um homem de estatura e sabedoria. Roseph Lant Banshee Alto-Braith Kelcek. Janacek deu de ombros.

- De acordo.

- Falarei com ele - disse Chell. Os outros assentiram.

- Amanhã, então - falou Janacek.

- Tudo está acertado - concordou Chell.

E enquanto Dirk ficava só observando, sentindo-se perdido e fora de lugar, os quatro kavalarianos se despediram. E, estranhamente, antes de partir, cada um deles beijou os dois inimigos suavemente nos lábios.

E Bretan Braith Lantry, coberto de cicatrizes e caolho, sem metade do lábio, beijou Dirk.

Quando os Braiths se foram, os outros desceram pela escada. Vikary abriu a porta de seu apartamento e acendeu as luzes. Então, em um silêncio metódico, começou a acender o fogo da grande lareira sob a cornija, pegando toras de madeira negra retorcida de um gabinete oculto na parede próxima. Dirk sentou-se na ponta do sofá, franzindo o cenho. Garse Janacek sentou-se na outra ponta, com um sorriso vago no rosto, os dedos remexendo na barba ruiva com ar distraído. Ninguém falou.

O fogo ganhou vida, pontudas línguas laranja e azuis lambendo as toras, e

Dirk sentiu um súbito calor no rosto e nas mãos. Um cheiro que parecia canela encheu o aposento. Vikary se levantou e saiu da sala.

Voltou com três taças de licor negras como obsidiana. Uma garrafa estava sob o seu braço. Deu um copo para Dirk e outro para Garse, colocou o terceiro em uma mesa próxima e tirou a rolha da garrafa com os dentes. O vinho era vermelho-escuro, muito pungente. Vikary encheu as três taças até a borda, e Dirk passou a dele sob o nariz. Os vapores queimavam, mas lhe pareceram estranhamente agradáveis.

- Agora - Vikary disse, antes que qualquer um deles provasse o vinho. Colocou a garrafa na mesa e ergueu a própria taça. - Agora vou dizer algo muito difícil para vocês dois. Pedirei para cada um de vocês ir além de sua própria cultura por um tempo e ser algo que nunca foi antes, algo estranho a vocês. Garse, pedirei a você, pelo bem de cada um de nós, que seja amigo de Dirk t'Larien. Não há palavra para isso em antigo kavalariano, eu sei. Isso não é necessário em Alto Kavalaan, onde um homem tem seu grupo e seus kethi e a maioria tem seu teyn. Mas estamos todos em Worlorn, e amanhã duelaremos. Talvez não duelemos todos juntos, mesmo assim temos inimigos em comum. Então, peço a você, como meu teyn, para tomar o nome e os laços de amigo com t'Larien.

- Você pede demais de mim - Janacek respondeu, segurando seu vinho na frente do rosto e observando as chamas dançarem no vidro negro. - t'Larien nos espionou, tentou roubar minha cro-betheyn e seu nome, e agora nos envolveu nessa disputa com Bretan Braith. Tenho vontade de desafiá-lo eu mesmo por tudo o que tem feito. E você, meu teyn, pede que, em vez disso, eu o tome como amigo.

- Peço - Vikary concordou.

Janacek olhou para Dirk, então provou seu vinho.

- Você é meu teyn - disse. - Eu me rendo aos seus desejos. Que obrigações exige o vínculo de amigo?

- Trate um amigo como faria com um keth - Vikary explicou. Virou-se para encarar Dirk. - E você, t'Larien, você foi a causa de um problema muito grave, e não estou certo de quanto realmente isso é sua culpa. Peço algo para você também. Que seja irmão de grupo, por um tempo, de Garse

Jadeferro Janacek.

Dirk não teve chance de responder; Janacek o impediu.

- Você não pode fazer isso. Quem é ele, esse t'Larien? Como você pode pensar que seja digno de pertencer a Jadeferro? Ele será desleal, Jaan. Não manterá os laços, não defenderá a fortaleza, não retornará conosco para o grupo. Eu me oponho.

- Se ele aceitar, acho que manterá os laços por um tempo - Vikary falou.

- Por um tempo? Kethi são ligados para sempre!

- Então essa será uma coisa nova, um novo tipo de keth, um amigo por um tempo.

- Isso é mais do que novo. - Janacek retrucou. - Não permitirei isso.

- Garse - disse Jaan Vikary - Dirk t'Larien é seu amigo agora. Ou você esqueceu tão rápido assim? Você faz mal em tentar impedir minha oferta. Rompe os laços que acabou de tomar. Não faria isso com um keth.

- Você não convidaria um keth a ser um keth - Janacek grunhiu. - Ele já seria isso, então a coisa toda não faz sentido. Os vínculos do grupo não têm nada a ver com ele. O conselho de altos-senhores impugnaria você, Jaan. Isso está claramente errado.

- O conselho de altos-senhores está sentado em Alto Kavalaan, e aqui é Worlorn - Vikary o lembrou. - Apenas você está aqui para falar por Jadeferro. Você machucaria seu amigo?

Janacek não respondeu.

Vikary voltou-se novamente para Dirk.

- Bem, t'Larien?

- Não sei - Dirk falou. - Acho que sei o que isso significa, ser um irmão de grupo, e acho que apreciaria a honra, ou o que quer que fosse. Mas há muitas coisas entre nós, Jaan.

- Você está falando de Gwen - Vikary disse. - Ela realmente está entre nós. Mas, Dirk, estou pedindo que seja um tipo novo e especial de irmão de grupo. Apenas enquanto permanecer em Worlorn, e apenas com Garse, não comigo ou com qualquer outro Jadeferro. Entende?

- Sim. Isso torna mais fácil. - Olhou de relance para Janacek. - Mesmo com Garse, contudo, tive problemas. Ele foi um que tentou me tornar

propriedade, e agora há pouco não estava exatamente tentando me tirar daquele duelo.

- Eu só falei a verdade - Janacek respondeu, mas Vikary acenou para que silenciasse.

- Essas coisas posso perdoar, acho - Dirk continuou. - Mas não a questão com Gwen.

- Esse assunto será resolvido entre mim, você e Gwen Delvano - Vikary falou calmamente. - Garse não tem voz nisso, embora possa lhe dizer que tem.

- Ela é minha cro-betheyn. - Garse reclamou. - Tenho direito de falar e agir. Tenho a obrigação de fazer isso.

- Estou falando sobre a noite passada. - Dirk explicou. - Eu estava na porta. Eu ouvi. Janacek bateu nela, e desde esse momento vocês dois a afastaram de mim.

Vikary sorriu.

- Ele bateu nela?

Dirk assentiu.

- Eu escutei.

- Você ouviu uma discussão e um golpe, disso não tenho dúvida - Vikary disse. Tocou seu queixo inchado. - De onde você acha que isso veio?

Dirk ficou olhando e, repentinamente, se sentiu confuso.

- Eu... eu pensei... não sei. Os filhos da lesma.

- Garse bateu em mim, não em Gwen - Vikary respondeu.

- E faria novamente - Janacek acrescentou com aspereza.

- Mas - disse Dirk - mas, então, o que estava acontecendo? Noite passada? Esta manhã?

Janacek se levantou, deu alguns passos até onde Dirk estava sentado e ficou parado diante dele:

- Amigo Dirk - disse em um tom ligeiramente venenoso - esta manhã, eu lhe disse a verdade. Gwen saiu com Arkin Ruark, para trabalhar. Ontem o kimdissiano ligou para ela o dia todo. Estava frenético. A história que me contou era que uma coluna de escaravelhos-encouraçados estava começando a migrar, sem dúvida em resposta ao frio crescente. Dizem que

isso é muito raro, até mesmo em Eshellin. Em Worlorn, é claro, é um evento único e não pode ser recriado, e Ruark achava que devia ser estudado imediatamente. Agora você entende, meu amigo Dirk t'Larien?

- Oh - disse Dirk. - Ela teria dito alguma coisa.

Janacek voltou para seu assento com o rosto anguloso retorcido em desprezo.

- Meu amigo me chama de mentiroso - disse.

- Garse diz a verdade - Vikary falou. - Gwen disse que deixaria notícias para você, um bilhete ou um recado. Talvez, na excitação dos preparativos, ela tenha se esquecido. Essas coisas acontecem. Ela é muito envolvida no trabalho dela, Dirk. E uma boa ecologista.

Dirk olhou para Garse Janacek.

- Espere um pouco - disse. - Nesta manhã você disse que estava mantendo-a afastada de mim. Você admitiu isso.

Vikary pareceu intrigado também.

- Garse?

- É verdade - Janacek confessou, entredentes. - Ele veio aqui, pressionou e pressionou, forçou sua entrada com uma mentira clara. Mais do que isso, ele claramente queria acreditar que Gwen estava sendo mantida cativa pelos cruéis Jadeferros. Duvido que acreditasse em qualquer outra coisa. - Bebeu cautelosamente o vinho.

- Isso - Jaan Vikary falou - não foi sábio, Garse.

- Mentira dada, mentira devolvida - Janacek respondeu, parecendo todo cheio de si.

- Você não está sendo um bom amigo.

- Farei o possível para melhorar - disse Janacek.

- Isso me agrada - Vikary falou. - Agora, t'Larien, você será keth de Garse?

Dirk pensou por um longo momento.

- Acho que sim - finalmente decidiu.

- Bebamos, então - Vikary disse. Os três homens ergueram as taças simultaneamente (a de Janacek já estava pela metade) e o vinho escorreu quente e um pouco amargo pela língua de Dirk. Não era o melhor vinho que já provara. Mas era bom o suficiente.

Janacek terminou sua taça e se levantou.

- Precisamos conversar sobre os duelos.

- Sim - Vikary concordou. - Este foi um dia nefasto. Nenhum de vocês demonstrou prudência.

Janacek inclinou-se contra a cornija embaixo de uma das gárgulas.

- A imprudência maior foi sua, Jaan. Entenda-me, não tenho medo de duelar com Bretan Braith e Chell Braços-Vazios, mas isso não era necessário. Você deliberadamente provocou isso. O Braith tinha que desafiá-lo depois do que você falou, ou então seu próprio teyn teria cuspidado nele.

- Não saiu como eu esperei - Vikary confessou. - Pensei que talvez Bretan nos temesse, que deixaria para lá o duelo com t'Larien a fim de evitar a briga conosco. Ele não fez isso.

- Não - falou Janacek -, ele não fez isso. Eu poderia ter dito isso para você, se tivesse perguntado. Você o pressionou demais e chegou muito perto de romper o duelo.

- Está dentro do código.

- Talvez. Mesmo assim, Bretan estava certo; teria sido uma grande vergonha para ele se ignorasse a transgressão de t'Larien por medo de você.

- Não - discordou Vikary. - É onde você e todo nosso povo estão errados. Não teria sido uma vergonha evitar o duelo. Se queremos alcançar nosso destino, precisamos aprender isso. Ainda que, em certo sentido, você tenha razão. Considerando quem e o que ele era, não haveria outra resposta. Eu fiz um mau julgamento.

- Um sério erro de julgamento - Janacek comentou. Um sorriso separou sua barba ruiva. - Teria sido melhor deixar t'Larien duelar. Garanti que lutassem com espadas, não garanti? O Braith não o teria matado por uma ofensa tão insignificante. Um homem como Dirk, ah, não haveria honra nisso. Um golpe apenas, eu diria. Um corte faria bem a t'Larien. Uma lição para ele, uma lição sobre erros. Acrescentaria caráter ao seu rosto, um corte pequeno. - Olhou para Dirk. - Agora, é claro, Bretan Braith matará você.

Estava sorrindo e fez esse último comentário com um ar casual. Dirk

tentou não engasgar com seu vinho.

- O quê?

Janacek deu de ombros.

- Como primeiro desafiado, você deve duelar primeiro, então não pode esperar que Jaan e eu o matemos antes que ele chegue até você. Bretan Braith Lantry é largamente conhecido por sua habilidade em duelar, tanto quanto pelo rosto sedutor que tem. Na verdade, isso é notório. Suponho que esteja aqui caçando quase-homens com Chell, mas ele na verdade não é muito dado a caçadas. Fica mais confortável no quadrado da morte do que nos bosques, por tudo o que ouvi. Mesmo seus próprios kethi acham que ele é de difícil trato. Além de ser feio, tomou Chell Fre-Braith como teyn. Chell já foi um alto-senhor de grande poder e honra. Sobreviveu à sua betheyn e ao seu teyn original. Hoje é um tagarela supersticioso, com um cérebro pequeno e grande riqueza. Os rumores do grupo dizem que a riqueza fez Bretan Braith vestir o ferro-e-fogo de Chell. Ninguém diz isso abertamente para Bretan, é claro. Ele tem fama de ser muito suscetível. E agora Jaan o deixou zangado e talvez um pouco assustado. Ele não terá misericórdia de você. Espero que você consiga cortá-lo um pouco antes de morrer. Isso tornará nosso duelo com ele mais fácil.

Dirk se lembrava da confiança que tomara conta dele no telhado; tinha certeza de que nenhum dos dois Braiths representava perigo real. Ele os entendia; sentia pena deles. Agora começava a ter pena de si mesmo.

- Ele está certo? - perguntou para Vikary.

- Garse brinca e exagera - Vikary ponderou mesmo assim, você está em perigo. Sem dúvida, Bretan tentará matá-lo, se você deixar. Mas não precisa acontecer. As regras impostas por essas armas e por esse modo são muito simples. O árbitro desenhará um quadrado na rua, de cinco metros por cinco metros, e você e seu oponente começarão em cantos opostos. A uma palavra do árbitro, cada um de vocês avançará para o centro com sua espada. Quando se encontrarem, lutarão. Para satisfazer as exigências da honra, você deve dar apenas um golpe e receber um. Eu o aconselharia a feri-lo no pé ou na perna, já que isso indicará que você não deseja um duelo de morte. Então, se não conseguir detê-lo com sua espada e receber

o primeiro golpe dele, você pode caminhar até o perímetro do quadrado. Não corra. Não há honra em correr, e nesse caso o árbitro decretará que o duelo foi vitória de morte para Bretan, e Bretan o matará. Você deve andar calmamente. Uma vez que ultrapassar a linha do perímetro, estará a salvo.

- Para conseguir essa segurança, você deve alcançar a linha do perímetro - Janacek disse. - Bretan matará você antes disso.

- Se eu der meu golpe e receber um, então posso baixar a espada e ir embora? - Dirk perguntou.

- Nesse caso, Bretan o matará com um olhar intrigado no rosto, ou no que resta dele - Janacek comentou.

- Eu não faria isso - Vikary advertiu.

- As sugestões de Jaan são tolice - Janacek falou. Andou lentamente de volta ao sofá, pegou sua taça e serviu-se de mais vinho.

- Você tem que manter sua espada e lutar com ele. Considere, o homem é cego de um lado. Certamente é vulnerável ali! E veja como ele mexe e vira a cabeça de modo estranho.

A taça de Dirk estava vazia. Estendeu-a e Janacek a encheu de vinho.

- Como vocês duelarão? - Dirk perguntou.

- As regras das nossas armas e do nosso modo são diferentes das suas - Vikary comentou. - Nós quatro ficaremos nos quatro cantos do quadrado da morte com lasers de duelo ou outro tipo de pistola. Não podemos nos mover exceto para trás, para fora do quadrado, para nos colocarmos a salvo. E não podemos fazer isso até que cada homem dentro do quadrado tenha feito um disparo. Feito isso, a escolha é nossa. Aqueles que permanecerem dentro, se continuarem em pé, devem continuar a atirar. Pode ser um modo inofensivo ou mortal, dependendo daqueles que participam.

- Amanhã - Janacek prometeu deve ser mortal. - Bebeu novamente.

- Eu desejaria que fosse de outro jeito - Vikary disse meneando a cabeça consternadamente mas temo que você fale a verdade. Os Braiths estão com muita raiva de nós para atirar para o ar.

- Sem dúvida - Janacek concordou com um pequeno sorriso.

- Tomaram o insulto muito profundamente. Chell Braços-Vazios, pelo

menos, não esquecerá.

- Vocês não podem atirar para ferir? - Dirk sugeriu. - Para desarmá-los? - As palavras vieram com facilidade, mas era estranho ouvi-lo dizer isso. A situação era tão completamente fora de sua experiência, e mesmo assim ele se surpreendeu aceitando-a, sentindo-se estranhamente confortável com os dois kavalarianos, seu vinho e sua tranqüila conversa sobre morte e mutilações. Talvez significasse alguma coisa ser um dos kethi; talvez fosse por isso que sua inquietude estivesse desaparecendo. Tudo o que Dirk sabia era que se sentia em paz, e em casa.

Vikary parecia preocupado.

- Feri-los? Eu desejaria isso também, mas não pode ser. Os caçadores nos temem agora. Eles poupam os korariel de Jadeferro por causa desse temor. Salvamos vidas. Isso não será possível se formos brandos com os Braiths amanhã. Os outros não vão se privar de sua caça se pensarem que tudo o que arriscam é um pequeno ferimento. Não, infelizmente, acho que devemos matar Chell e Bretan se pudermos.

- Podemos - Janacek afirmou, confiante. - E, amigo t'Larien, não é tão fácil ou tão prudente ferir um inimigo em duelo como você pensa. Desarmá-los, então, bem, você está brincando conosco. Isso é virtualmente impossível. Lutamos com lasers de duelo, amigo, não com armas de guerra. Tais pistolas disparam em pulsos de meio segundo e exigem quinze segundos completos para recarregar entre os tiros. Você entende? Um homem que apressa seu tiro, ou busca dificuldades desnecessárias, um homem que atira para desarmar, é logo morto. Mesmo a cinco metros de distância você ainda pode errar, e seu inimigo o matará antes que seu laser esteja pronto para um segundo disparo.

- Então não pode ser feito? - Dirk perguntou.

- Muitas pessoas são apenas feridas em duelo - Vikary lhe contou. - Muitas mais do que são mortas, na verdade. Mesmo assim, na maioria dos casos, esse não é o resultado pretendido. Algumas vezes, sim. Quando um homem atira para o ar, e seu inimigo decide puni-lo, então cicatrizes horríveis podem ser infligidas. Mas isso não acontece com frequência.

- Poderíamos ferir Chell - Janacek falou. - Ele é velho e lento, não sacará

com rapidez. Mas Bretan Braith é outra coisa. Dizem que já matou meia dúzia.

- Eu me encarrego dele - disse Vikary. - Assegure-se de deixar o laser de Chell fora de combate, Garse, e será suficiente.

- Talvez. - Janacek olhou para Dirk. - Se você pudesse ferir Bretan só um pouco, t'Larien, no braço, na mão ou no ombro...

apenas um talho, mas que doa e tire velocidade. Isso faria diferença. - Sorriu.

Apesar de si mesmo, Dirk descobriu que estava retribuindo o sorriso.

- Posso tentar - disse mas, lembre-se, sei muito pouco sobre duelar e menos ainda sobre espadas, e minha primeira preocupação é permanecer vivo.

- Não se preocupe com o impossível - Janacek falou, ainda sorrindo. - Apenas faça o maior estrago que puder.

A porta se abriu. Dirk se virou e levantou os olhos, e Janacek ficou em silêncio. Gwen Delvano estava em pé no umbral, o rosto e a roupa manchados de pó. Correu os olhos, incerta, de um rosto para o seguinte, então entrou lentamente na sala. Um pacote de sensores estava pendurado em um de seus ombros. Arkin Ruark a seguiu, carregando duas pesadas caixas de instrumentos sob os braços. Estava suado e ofegante, vestido em grossas calças verdes e jaqueta com capuz, e parecia muito menos afetado do que o usual.

Gwen colocou o pacote de sensores no chão gentilmente, mas sem soltar as alças.

- Estrago? - ela disse. - O que é isso? Quem vai fazer estrago em quem?

- Gwen - Dirk começou.

- Não - Janacek o interrompeu. Estava em pé muito rígido. - O kimdissiano deve sair.

Ruark olhou ao redor, pálido e intrigado. Baixou o capuz e começou a secar a testa sob o cabelo loiro platinado.

- Quanta bobagem, Garsinho - disse. - O que é isso, um grande segredo kavalariano, é? Uma guerra, uma caçada, um duelo, alguma violência? Não vou me intrometer nessas coisas, não, não eu. Darei privacidade para vocês. - Começou a se dirigir para a porta.

- Ruark - Jaan Vikary falou. - Espere.

O kimdissiano parou.

Vikary encarou seu teyn.

- Temos que dizer para ele. Se falharmos...

- Não falharemos!

- Se falharmos, eles prometeram caçá-los. Garse, o kimdissiano também está envolvido. Devemos contar para ele.

- Você sabe o que vai acontecer. Em Tober, em Tocadolobo, em Eshellin, por toda a Orla. Ele e seus parentes vão espalhar mentiras, e todos os kavalarianos serão Braiths. Assim agem esses manipuladores, esses quase-homens. - A voz de Janacek não tinha nada do humor selvagem que costumava usar com Dirk; estava fria e séria agora.

- A vida dele está em jogo, e a de Gwen também - Vikary lembrou. - Devemos contar para eles.

- Tudo?

- As adivinhações acabaram - Vikary falou.

Ruark e Gwen falaram ao mesmo tempo.

- Jaan, o que... - ela começou.

- Adivinhações, vida, caça, o que é tudo isso? Diga-me!

Jaan Vikary se virou e contou para ele.

Capítulo 7

- Dirk, Dirk, você não pode estar falando sério. Não, não acredito nisso. Todo este tempo pensei, bem, sim, que você era melhor do que eles. E você diz isso para mim? Não, estou sonhando. Isso é uma completa loucura! - Ruark se recuperara de alguma maneira. Em sua longa bata de seda sintética bordada com corujas, parecia mais consigo mesmo, embora estivesse lamentavelmente fora de lugar em meio à desordem da sala de trabalho. Estava sentado em um banco alto, de costas para as escuras telas retangulares do console de computadores; os pés calçados em chinelos estavam cruzados na altura dos tornozelos, e as mãos rechonchudas seguravam uma taça alta de gelado vinho verde kimdissiano. A garrafa estava atrás dele, perto de duas taças vazias.

Dirk estava sentado em uma larga mesa de plástico, as pernas cruzadas e o cotovelo apoiado em um pacote de sensores. Abrira um espaço para sentar empurrando o pacote para um lado e uma pilha de diapositivos e papéis para o outro. A sala estava incrivelmente desordenada.

- Não vejo onde está a loucura - disse, teimosamente. Mesmo enquanto falava, seus olhos vagavam pelo recinto. Nunca vira a sala de trabalho antes. Era quase do mesmo tamanho da sala de estar do apartamento kavalariano, mas parecia muito maior. Um conjunto de pequenos computadores alinhados ocupava uma parede. Em frente, havia um imenso mapa de Worlorn em uma dúzia de cores diferentes, cheio de alfinetes e marcadores. Entre eles estavam as mesas de trabalho. Era aqui que Gwen e Ruark juntavam os dados de conhecimento que conseguiam coletar nos bosques do moribundo mundo do Festival, mas parecia mais um quartel-general aos olhos de Dirk.

Ainda não entendia por que estavam ali. Depois da longa explanação de Vikary e da agressiva discussão que se seguiu entre Ruark e os dois kavalarianos, o kimdissiano descera para o próprio apartamento, levando Dirk consigo. O momento não parecia adequado para conversar com

Gwen. Mas nem bem trocara de roupa e acalmara os nervos com um gole de vinho, Ruark insistiu que Dirk o acompanhasse alguns andares acima, até a sala de trabalho. Trouxera consigo três taças, mas o próprio Ruark era o único que estava bebendo. Dirk ainda se lembrava da última vez, e tinha de levar o dia seguinte em consideração; precisava permanecer lúcido. Além disso, se o vinho kimdissiano se misturasse com o kavalariano da mesma maneira que kimdissianos se davam com kavalarianos, seria um completo suicídio beber um depois do outro. Então Ruark bebeu sozinho.

- A loucura - o kimdissiano disse, depois de um gole da bebida verde - é você duelar como um kavalariano. Eu digo que escutei com meus ouvidos, mas ainda não posso crer! Jaantony, sim, Garsinho, naturalmente, e, é claro, aqueles Braiths. Animais xenofóbicos, povo violento. Mas você, ah! Dirk, você, um homem de Ávalon, não pode se rebaixar a isso. Pense, eu lhe imploro, sim, eu imploro, por mim, por Gwen, por você mesmo. Como pode levar isso a sério? Diga-me, preciso saber. De Ávalon! Você cresceu na Academia do Conhecimento Humano, sim, no Instituto de Estudos de Inteligência Não Humana de Ávalon, também. O mundo de Tomas Chung, a base de operações da Inspeção Kleronomas, toda aquela história e conhecimento ao seu redor, mais do que existe em qualquer lugar, exceto talvez na Antiga Terra ou em Nova Holme. Você é viajado, culto, viu mundos diferentes, muitos povos espalhados. Sim! Você tem discernimento. Tem, não? Sim!

Dirk franziu o cenho.

- Arkin, você não entende. Eu não busquei essa briga. Foi algum tipo de engano. Tentei me desculpar, mas Bretan não me ouviu. O que mais eu devia fazer?

- Fazer? Ora, partir, é claro. Pegar a doce Gwen e partir; deixar Worlorn o mais rápido possível. Você deve isso a ela, Dirk, sabe isso. Ela precisa de você, sim, ninguém mais pode ajudar. Como vai ajudá-la? Tornando-se tão mau quanto Jaan? Se matando? Hein? Diga-me, Dirk, diga-me.

Estava ficando tudo confuso novamente. Quando estava bebendo com Janacek e Vikary, tudo parecia muito claro, muito fácil de aceitar. Mas agora Ruark dizia que estava tudo errado.

- Não sei. - Dirk respondeu. - Quero dizer, recusei a proteção de Jaan. Então tenho que me proteger sozinho, não tenho? Quem mais é responsável? Fiz as escolhas e tudo aquilo; o duelo está acertado. Não posso dar para trás agora.

- É claro que pode - Ruark falou. - Quem vai impedi-lo? Que lei, hein? Não há leis em Worlorn, não, nenhuma. Completa verdade! Esses animais poderiam nos caçar com uma lei? Não, mas não há lei, então todo mundo tem problemas, mas você não tem que duelar a menos que queira.

A porta se abriu, e Dirk se virou a tempo de ver Gwen entrar. Os olhos dele se estreitaram enquanto Ruark pareceu ficar feliz.

- Ah, Gwen - o kimdissiano disse venha aqui, convença t'Larien. Esse completo tolo pretende duelar, verdade, como se fosse o próprio Garsinho! Gwen adiantou-se e ficou parada entre eles. Vestia calça de tecido-camaleão agora cinza-escuro e um pulôver negro, com uma tiara verde para prender o cabelo. Seu rosto recém-lavado estava sério.

- Disse para eles que tinha que descer para verificar alguns dados - disse, passando a ponta da língua nervosamente pelos lábios. - Não sei o que dizer. Perguntei a Garse sobre Bretan Braith Lantry. Dirk, as chances de que ele mate você são muito grandes.

As palavras dela o deixaram gelado. De alguma forma, ouvir isso de Gwen tornava tudo diferente.

- Eu sei - ele respondeu. - Isso não muda nada, Gwen. Quero dizer, se eu quisesse estar seguro, era só me tornar korariel de Jadeferro, certo?

Ela assentiu.

- Sim, mas você se recusou. Por quê?

- O que você disse na floresta? E depois de novo? Sobre nomes? Não queria me tornar propriedade de ninguém, Gwen. Não sou korariel.

Ele a observou. Por um breve instante, o rosto dela ficou sombrio, e seus olhos deram uma rápida olhada para o jade-e-prata.

- Entendo - ela disse, em uma voz que era quase um sussurro.

- Eu não - Ruark bufou. - Seja korariel. O que é isso? Apenas uma palavra! Mas você ficará vivo, hein?

Gwen olhou para o kimdissiano empoleirado no banco. Ele parecia

vagamente cômico em sua túnica longa, agarrado à sua taça e carrancudo.

- Não, Arkin - ela disse. - Esse foi meu erro. Eu pensei que betheyn era só uma palavra.

Ele corou.

- Tudo bem, então! Então Dirk não é korariel, muito bem, ele não é propriedade de ninguém. Isso não significa que tenha que duelar, não, absolutamente não. O código de honra kavalariano é um disparate, uma grandíssima estupidez na verdade. Então, você é obrigado a ser estúpido, Dirk? A morrer e ser estúpido?

- Não - Dirk respondeu. As palavras de Ruark o incomodavam. Dirk não acreditava no código de Alto Kavalaan. Então por quê? Estava longe de saber. Para provar algo, pensou, mas não sabia o quê, ou para quem. - Tenho que fazer, é tudo. É a coisa certa a ser feita.

- Palavras! - Ruark disse.

- Dirk, não quero vê-lo morto - Gwen falou. - Por favor. Não me faça passar por isso.

O kimdissiano gorducho riu.

- Não, nós o convenceremos, nós dois, hein? - Bebeu seu vinho. - Ouça-me, Dirk, pode fazer isso ao menos?

Dirk assentiu carrancudo.

- Bom. Primeiro, me responda: você acredita no código de honra? Como uma instituição social? Como uma coisa moral? Diga-me, de verdade, acredita?

- Não - Dirk respondeu. - Mas não acho que Jaan acredite tampouco, por alguns comentários que fez. Mesmo assim, ele duela quando precisa. De outro modo seria covardia.

- Não, ninguém pensa que você é um covarde, ou mesmo ele. Jaantony pode ser kavalariano, com tudo de mau que existe nisso, mas nem mesmo eu digo que seja covarde. Mas há tipos diferentes de coragem, não? Se esta torre pegasse fogo, você arriscaria a vida para salvar Gwen e talvez a mim? Garse também, talvez?

- Acredito que sim - Dirk falou.

Ruark assentiu.

- Veja, então, você é um homem corajoso. Não é necessário um suicídio para provar isso.

Gwen assentiu.

- Lembre-se do que você disse naquela noite em Kryne Lamiya, Dirk, sobre vida e morte. Você não pode sair e se matar depois daquilo, pode?

Ele franziu o cenho.

- Mas que maldição, isso não é suicídio!

Ruark riu.

- Não? É quase a mesma coisa. Por acaso acha que pode derrotá-lo?

- Bem, não, mas...

- Se o suor fizer a espada escorregar da mão dele, ou algo assim, você o matará?

- Não - Dirk assegurou. - Eu...

- Isso seria errado, não é? Sim! Bem, deixá-lo matar você também é errado. Mesmo dar a ele a chance de fazer isso. É estúpido. Além disso, você não é kavalariano, então nem me mencione Jaantony. Descrente ou não, ele ainda é um matador. Você é melhor do que isso, Dirk. E ele tem uma desculpa, ele pensa que luta para, talvez, mudar o próprio povo. Jaan tem um grande complexo de salvador, mas não zombemos dele, não. Mas você, Dirk, você não tem nenhum motivo para fazer isso. Tem?

- Acho que não. Mas, que maldição, Ruark, ele está fazendo a coisa certa. Você não parecia tão desenvolto quando ele lhe disse como os Braiths teriam caçado você se não fosse pela proteção dele.

- Não, não me senti nada bem, de verdade. Isso não muda nada. Então eu sou korariel, talvez, então os Braiths são piores do que os Jadeferros, então Jaan usa violência para impedir violência pior, talvez. Isso é certo? Ah, não posso dizer. É realmente uma difícil questão moral! Talvez os duelos de Jaan sirvam para algum propósito, sim, para seu povo, para nós. Mas seu duelo é uma completa tolice, não serve para nada, apenas para que morra. E para que Gwen fique com Jaan e Garse para sempre, até que eles percam um duelo, quem sabe, e isso não será agradável para ela.

Ruark fez uma pausa e terminou seu vinho, então virou-se sobre o banco para servir-se de outra taça. Dirk permaneceu sentado muito rígido, com

os olhos de Gwen sobre si, um olhar tão pesado que quase podia ser sentido. A cabeça dele latejava. Ruark estava confundindo tudo, pensou novamente. Tinha de fazer a coisa certa, mas qual era? Repentinamente todas as suas percepções e decisões tinham evaporado. O silêncio caiu pesado sobre a sala de trabalho.

- Não fugirei - Dirk falou finalmente. - Não fugirei. Mas tampouco vou duelar. Irei até lá e direi minha decisão para eles, que me recuso a lutar.

O kimdissiano girou o vinho na taça e riu.

- Bem, há uma certa coragem moral nisso. Realmente. Jesus Cristo, Sócrates, Erika Stormjones e, agora, Dirk t'Larien, grandes mártires da história, sim. Talvez o poeta Açorrubro escreva alguma coisa sobre você.

Gwen lhe respondeu mais seriamente.

- Eles são Braiths, Dirk, altos-senhores de Braith da velha guarda. Em Alto Kavalaan talvez você jamais fosse desafiado para um duelo. Os conselhos de altos-senhores reconhecem que pessoas de outros mundos não aderem ao código. Mas isso é diferente. O árbitro se pronunciará contra você, e Bretan Braith e seus irmãos de grupo o matarão ou o caçarão. Ao recusar um duelo, aos olhos deles, você prova ser um quase-homem.

- Não posso fugir! - Dirk repetiu. Todos os seus argumentos sumiram de repente; ele não tinha nada além da emoção, uma determinação de encarar o que estava por vir.

- Você afasta sua sanidade, sim, na verdade. Não é covardia, Dirk. É a escolha mais valente de todas, pense dessa maneira, arriscar-se ao desprezo deles por fugir. Mesmo então, você corre perigo. Provavelmente eles o caçarão, Bretan Braith, se ele viver, os outros do grupo se ele morrer, sabe? Mas você viverá, talvez consiga evitá-los e ajudará Gwen.

- Não posso - Dirk falou. - Prometi para eles, para Jaan e Garse.

- Prometeu? O quê? Que morreria?

- Não. Sim. Quero dizer, Jaan me fez prometer que seria um irmão para Janacek. Eles não estariam neste duelo se Vikary não estivesse tentando me tirar da encrenca.

- Depois que Garse a empurrou para ela - Gwen disse amargamente, e Dirk notou o súbito veneno no tom tranquilo dela.

- Eles podem morrer amanhã também - Dirk falou, incerto. - E eu sou responsável por isso. Agora você diz que devo abandoná-los.

Gwen chegou bem perto dele e levantou as mãos. Os dedos dela passaram suavemente pelo rosto dele enquanto ela afastava mechas do cabelo castanho-cinza da testa, e os grandes olhos verdes o encararam. De repente, ele se lembrou de outras promessas: a jóia-sussurrante. E tempos havia muito passados voltaram novamente, e o mundo girou, e certo e errado se fundiram irremediavelmente.

- Dirk, me escute - Gwen disse lentamente. - Jaan já esteve em seis duelos por minha causa. Garse, que nem me ama, esteve com ele em quatro. Eles mataram por mim, por meu orgulho, minha honra. Não pedi isso, não mais do que você pediu pela proteção deles. Era a concepção que eles tinham da minha honra, não a minha. Mesmo assim, aqueles duelos foram para mim o mesmo que este é para você. Apesar disso, você me pediu para deixá-los, para voltar para você, para amá-lo novamente.

- Sim - Dirk respondeu. - Mas... não sei. Deixei um rastro de promessas não cumpridas. - A voz dele estava angustiada. - Jaan me nomeou keth.

Ruark bufou.

- Se ele o nomeasse jantar, você pularia para dentro da panela, hein?

Gwen apenas sacudiu a cabeça tristemente.

- E você sente isso como? Um dever? Uma obrigação?

- Acho que sim - ele disse, relutante.

- Então já respondeu a si mesmo, Dirk. Você me disse qual deve ser minha resposta para você. Se sente tão fortemente que tem que cumprir os deveres de um keth de curta duração, um laço que nem mesmo existe em Alto Kavalaan, como pode me pedir para descartar o jade-e-prata? Bethelyn significa mais do que keth.

Gwen tirou as mãos do rosto dele e deu um passo para trás.

Dirk esticou a mão bruscamente e pegou o pulso dela. O pulso esquerdo. Fechou o punho ao redor do frio metal e do jade polido.

- Não - ele disse.

Gwen não disse nada. Apenas esperou.

Para Dirk, Ruark estava esquecido e a sala de trabalho desaparecera na

escuridão. Havia apenas Gwen, encarando-o, com olhos verdes, grandes e cheios de... de quê? Promessas? Ameaças? Sonhos perdidos? Ela esperou em silêncio, e ele tropeçou nas palavras, sem saber o que dizer a seguir. E o jade-e-prata estava frio em sua mão, e ele começou a se lembrar...

Lembrou das lágrimas vermelhas cheias de amor, embrulhadas em prata e veludo, queimando intensas e frias. Do rosto de Jaan, com pomos altos, a mandíbula lisa e quadrada, o cabelo negro e ralo, e o sorriso fácil. A voz, calma como aço, sempre imperturbável: Mas eu existo.

As torres brancas fantasmagóricas de Kryne Lamiya vieram a sua mente, gemendo, zombando, cantando o desespero enquanto um tambor distante soava sem significado. No meio de tudo isso, desafio, decisão. Por um breve momento, soubera o que dizer.

Recordou-se do rosto de Garse Janacek, distante (os olhos azuis esfumados, a cabeça sempre erguida, a boca severa), hostil (o olhar gelado, o sorriso selvagem que brincava por trás de sua barba), cheio de humor amargo (os olhos crepitando, os dentes arreganhados em um sorriso da própria morte).

Pensou em Bretan Braith Lantry, o tique e o olho de pedrardente, uma figura que inspirava medo e pena com um beijo frio e assustador.

Vinho tinto em taças de obsidiana, vapores que irritavam os olhos, bebido em uma sala cheia de canela e de estranha camaradagem.

Palavras. Um tipo novo e especial e irmão de grupo, Jaan falou.

Palavras. Ele será desleal, Garse prometeu.

O rosto de Gwen, uma Gwen mais jovem, mais espigada, com olhos de alguma maneira maiores. Gwen rindo. Gwen chorando. Gwen tendo um orgasmo. Abraçando-o, seus seios soltos e vermelhos, o rubor se espalhando por todo seu corpo. Gwen sussurrando para ele, Eu te amo, eu te amo. Jenny!

Uma sombra negra e solitária remando uma barcaça baixa pelo escuro canal sem fim.

Recordações.

A mão que segurava o braço de Gwen tremia.

- Se eu não duelar - ele disse -, você deixará Jaan? E virá comigo?

O aceno de resposta dela foi dolorosamente lento.

- Sim. Pensei nisso o dia todo, conversei sobre isso com Arkin. Planejamos que ele o trouxesse aqui em cima, e que eu diria a Jaan e Garse que tinha que trabalhar.

Dirk descruzou as pernas, que formigavam como se tivessem sido atacadas por uma centena de pequenas facas, enquanto a dormência e a rigidez saíam. Levantou-se e estava decidido.

- Você ia fazer isso de qualquer jeito, então? Não é só por causa do duelo?

Ela balançou a cabeça.

- Então eu irei. Quando podemos deixar Worlorn?

- Duas semanas e três dias - Ruark falou. - Não há naves até lá.

- Teremos que nos esconder - Gwen disse. - Considerando as circunstâncias, é o único caminho seguro. Não sabia nesta tarde se diria minha decisão para Jaan ou simplesmente partiria. Pensei que talvez pudéssemos conversar, e juntos o encararíamos. Mas essa história de duelo define tudo. Você não teria permissão para partir agora.

Ruark saltou de seu banco.

- Vão, então - falou. - Eu ficarei aqui, vigiarei, vocês podem ligar e eu contarei o que aconteceu. É seguro o suficiente para mim, a menos que Garsinho e Jaantony percam o duelo deles. Então, eu iria rapidamente me unir a vocês, hein?

Dirk pegou as mãos de Gwen.

- Eu amo você. - Disse. - Ainda te amo.

Ela sorriu gravemente.

- Sim. Estou feliz, Dirk. Talvez dê certo desta vez. Mas temos que nos mexer rápido, desaparecer completamente. De agora em diante, todos os kavalarianos são veneno para nós.

- Tudo bem - ele concordou. - Para onde vamos?

- Desça e pegue suas coisas. Precisarás de roupas quentes. Depois me encontre no telhado. Pegaremos o aeromóvel e depois decidiremos para onde vamos.

Dirk assentiu e beijou-a rapidamente.

Voavam sobre os rios escuros e as colinas ondulantes da Comuna quando

as primeiras luzes do amanhecer tocaram o céu, um baixo brilho carmesim no leste. Logo o primeiro sol amarelo nasceu, e a escuridão se transformou em uma cinzenta névoa matutina que rapidamente se dissolveu. O aeromóvel em forma de arraia estava aberto, como sempre, e Gwen o conduzia em velocidade máxima, então o vento frio corria ao redor deles com um ruído alto, tornando impossível conversar. Enquanto ela dirigia, Dirk dormia ao seu lado, embrulhado em um sobretudo de retalhos marrons que Ruark lhe dera antes de partir.

Ela o despertou quando a lança brilhante de Desafio apareceu diante deles, sacudindo gentilmente seu ombro. O sono dele era leve, inquieto. Ele imediatamente se endireitou e bocejou.

- Estamos aqui. - Dirk comentou, desnecessariamente.

Gwen não respondeu. A arraia perdeu velocidade conforme a cidade emereliana ficava maior e mais próxima.

Dirk olhou para fora, na direção do amanhecer.

- Dois sóis já nasceram - falou - e, olhe, já dá quase para ver o Satã Gordo. Acho que agora já sabem que partimos. - Pensou em Vikary e em Janacek, aguardando por ele no quadrado da morte desenhado na rua, acompanhados pelos Braiths. Bretan teria caminhado impacientemente, sem dúvida, e feito seu estranho ruído. Seu olho estaria opaco e frio na manhã, como uma brasa morta em seu rosto marcado. Talvez estivesse morto agora, ou Jaan, ou Garse Janacek. Por um breve instante, Dirk corou de vergonha. Aproximou-se de Gwen e passou um braço ao redor dela.

Desafio cresceu diante deles. Gwen guiou o aeromóvel em uma brusca descida através de nuvens brancas desfeitas. A entrada negra de uma pista de aterrissagem se iluminou com a aproximação deles e Dirk viu os números enquanto Gwen entrava nela. Era o 520º andar, uma pista vasta, imaculada e deserta.

- Bem-vindos - uma voz familiar disse enquanto a arraia pairava e mergulhava no piso. - Sou a Voz de Desafio. Posso ajudá-los?

Gwen desligou o aeromóvel e desceu pela asa.

- Queremos nos tornar residentes temporários.

- A tarifa é muito razoável - a Voz falou.

- Leve-nos para um apartamento, então.

Uma parede se abriu, e outro dos carros com pneus-balão foi ao encontro deles. Em tudo, exceto na cor, era gêmeo do que os levara durante a última visita. Gwen entrou, e Dirk começou a carregar o veículo com a bagagem que estava no banco de trás do aeromóvel: o pacote de sensores que Gwen trouxera consigo, três malas cheias de roupas, um pacote de suprimentos de campo para caminhar no interior do bosque. Os dois aeropatinetes, completos, com botas de voo, estavam no topo da pilha, mas Dirk os deixou no aeromóvel.

O veículo partiu, e a Voz começou a contar para eles os vários tipos de instalações disponíveis. Desafio tinha quartos mobiliados em uma centena de estilos, para fazer as pessoas de outros mundos sentirem-se em casa, embora o gosto de di-Emerel fosse o predominante.

- Algo simples e barato - Dirk pediu. - Uma cama de casal, cozinha e chuveiro.

A Voz os conduziu até um pequeno cubículo com paredes azuis pastel, dois níveis acima. Tinha cama de casal, que preenchia a maior parte do quarto, além de uma quitinete construída dentro de uma das paredes e uma enorme tela de parede colorida que ocupava três quartos de outra.

- Genuíno esplendor emereliano. - Gwen comentou sarcasticamente quando entraram. Ela colocou o pacote de sensores e a mala de roupas no chão e jogou-se aliviada sobre a cama. Dirk acomodou as malas que estava carregando atrás de um armário de porta deslizante e sentou-se aos pés de Gwen, na ponta da cama, e olhou a tela.

- Uma grande seleção de vídeos está disponível para seu entretenimento - a Voz disse. - Lamento informar que toda a programação regular do Festival foi encerrada.

- Você nunca vai embora? - Dirk reclamou.

- Funções básicas de monitoramento continuam o tempo todo, para sua segurança e proteção; mas, se desejar, minha função de serviço pode ser temporariamente desativada na sua vizinhança. Alguns moradores preferem assim.

- Incluindo eu - Dirk falou. - Desative-se.

- Se mudar de idéia ou precisar de algum serviço - disse a Voz -, simplesmente aperte o botão marcado com uma estrela em qualquer painel de parede próximo, e estarei novamente às suas ordens. - Então ficou em silêncio.

Dirk esperou por um momento.

- Voz? - chamou. Ninguém respondeu. Assentiu com satisfação e voltou a inspecionar a tela. Gwen, atrás dele, já estava adormecida, a cabeça apoiada nas mãos e o corpo encolhido de lado.

Queria ligar para Ruark desesperadamente, para descobrir o que acontecera no duelo, quem vivera e quem morrera. Mas não achava que já fosse seguro. Um dos kavalarianos - ou mais do que um - podia estar fazendo companhia a Ruark em seus aposentos ou na sala de trabalho, e uma ligação delataria a posição deles. Tinha que esperar. Antes de partirem, o kimdissiano lhes dera o número de um apartamento deserto dois andares acima do seu, e dissera para Dirk ligar naquele número assim que anoitecesse. Se fosse seguro, prometia estar ali para atender a ligação. Caso contrário, não haveria resposta. De qualquer maneira, Ruark não sabia para onde os dois fugitivos haviam ido, então os kavalarianos não poderiam arrancar essa informação dele.

Dirk estava muito cansado. Apesar de seu cochilo no aeromóvel, durante a viagem, a exaustão pesava sobre ele, misturada com as escuras cores da culpa. Finalmente tinha Gwen ao seu lado, mas não se sentia exultante. Talvez ficasse assim mais tarde, quando suas outras preocupações tivessem desaparecido e eles comesçassem a se conhecer novamente, como era em Ávalon, sete anos atrás. Mas isso não seria possível até que estivessem em segurança, fora de Worlorn, longe de Jaan Vikary, Garse Janacek e de todos os outros kavalarianos, longe das cidades mortas e das florestas moribundas. Voltariam para dentro do Véu do Tentador, Dirk pensou olhando ausente para a tela em branco, deixando a Orla para sempre. Iriam para Tara, Braque ou outro planeta saudável, talvez de volta a Ávalon, talvez para mais longe, até Gulliver, Vagabundo ou Velho Poseidon. Havia centenas de mundos que nunca vira, milhares, mais - mundos de humanos, não humanos e alienígenas, todos os tipos de distantes lugares

românticos onde ninguém ouvira falar em Alto Kavalaan ou Worlorn. Ele e Gwen poderiam ver esses mundos juntos agora.

Cansado demais para dormir, inquieto e pouco à vontade, Dirk começou a brincar com a tela, testando suas capacidades sem objetivo definido. Ligou-a e apertou o botão marcado com um ponto de interrogação, como fizera no dia anterior no apartamento de Ruark em Larteyn, e a mesma lista de serviços piscou diante dele em tamanho triplicado. Estudou-a cuidadosamente, para aprender todo o possível. Talvez conseguisse algum conhecimento útil, averiguar algo que pudesse ajudá-los.

A lista incluía um número de chamadas para receber notícias planetárias. Digitou, esperando que o duelo do amanhecer tivesse sido noticiado, talvez como obituário. Mas a tela ficou cinza novamente, com letras brancas piscando "Serviço encerrado", até que ele a apagou.

Franzindo o cenho, Dirk tentou outra seqüência, para obter informações do porto espacial e checar os dados de Ruark sobre a nave. Dessa vez, teve melhor sorte. Três naves pousariam no planeta nos próximos dois meses-padrão. A primeira delas, como o kimdissiano dissera, chegaria em pouco mais de duas semanas, uma nave da Orla chamada Teric neDahlir. O que Ruark não mencionara, contudo, era que a nave iria para os mundos exteriores, partindo de Kimdiss e dirigindo-se para Eshellin, depois para o Mundo do Oceano Vinhonegro e, finalmente, para di-Emerel, seu ponto de origem. Uma semana depois, um navio de suprimentos chegaria de Alto Kavalaan. Então, não haveria nada até o Tremor dos Inimigos Esquecidos, retornando, com destino ao Véu.

Mas não seria possível esperar tanto tempo; ele e Gwen teriam simplesmente que pegar o Teric neDahlir e trocar de nave em algum dos mundos um pouco além. Embarcar seria o maior risco que teriam de enfrentar, Dirk refletiu. Era praticamente impossível que os kavalarianos os encontrassem em Desafio, com um planeta inteiro para procurar, mas Jaan Vikary certamente adivinharia que tentariam deixar o planeta assim que possível. Isso significava que ele deveria esperar por eles no porto espacial quando chegasse o momento. Dirk não sabia como lidariam com isso. Apenas podia esperar que não fosse necessário.

Dirk limpou a tela e tentou outros números, para saber quais funções haviam sido desligadas completamente, quais funcionavam precariamente - o serviço de emergência médica, entre eles - e os que ainda estavam ativos como nos tempos do Festival. Viu várias imagens das outras cidades, o que o convenceu de que haviam escolhido corretamente ao vir para Desafio. Os emerelianos tinham se determinado a fazer uma torre-cidade imortal e a mantiveram em funcionamento, apesar do frio, da escuridão e do gelo que chegava. Esse era um local cômodo para se viver. As outras cidades estavam comparativamente em piores condições. Quatro das catorze estavam completamente escuras e sem energia, e uma delas sofreria tanta erosão do vento e do clima que estava quase desmoronando em ruínas empoeiradas.

Por um tempo, Dirk continuou a apertar botões, mas finalmente a brincadeira o cansou e sentiu-se entediado e inquieto. Gwen dormia. Ainda era manhã, impossível ligar para Ruark. Desligou a tela, lavou-se rapidamente no minúsculo banheiro e voltou para a cama, apagando as luzes. Levou algum tempo até dormir. Ficou deitado na morna escuridão, encarando o teto e ouvindo a suave respiração de Gwen, mas sua mente estava distante e preocupada.

Logo tudo ficará bem novamente, disse para si mesmo, do jeito que era em Ávalon. Mesmo assim, não conseguiu acreditar. Ele não se sentia como o velho Dirk t'Larien, o Dirk da Gwen, aquele que prometera a si mesmo que voltaria novamente. Sentiu, em vez disso, como se nada tivesse mudado; continuava tão cansado, tão sem esperanças como estivera em Braque e nos mundos antes desse. Sua Jenny estava com ele novamente, deveria estar transbordando de alegria, mas sentia apenas uma triste sensação de cansaço. Como se tivesse falhado com ela novamente.

Dirk colocou os pensamentos de lado e fechou os olhos.

Quando acordou, era tarde. Gwen já havia se levantado. Dirk tomou um banho e vestiu trajes de tela sintética de Ávalon, de cores suaves. Então os dois saíram para o corredor, para explorar o 522º andar de Desafio. Andavam de mãos dadas.

O apartamento deles era um dos milhares do setor residencial do edifício. Ao redor havia outros, idênticos ao deles, exceto pelos números nas portas negras. Os pisos, as paredes e os tetos dos corredores que atravessaram eram todos acarpetados em ricos tons de cobalto, e as luzes que pendiam em cada cruzamento, em globos pálidos e opacos, repousantes para os olhos, faziam jogo com esses tons.

- Isso é chato - Gwen disse, depois que andaram por alguns minutos. - A uniformidade é muito deprimente. E não vejo nenhum mapa. Fico surpresa que as pessoas não se percam.

- Acho que perguntam o caminho para a Voz - Dirk falou.

- Sim. Esqueci disso. - Ela franziu o cenho. - O que aconteceu com a Voz? Não a ouvi muito ultimamente.

- Eu a desliguei - Dirk contou. - Mas ainda está nos observando.

- Pode colocá-la em funcionamento de novo?

Ele assentiu, parou e então a levou até a porta negra mais próxima. O apartamento, como imaginara, estava desocupado e abriu facilmente ao seu toque. Dentro, a cama, a decoração, a tela de parede, era tudo igual. Dirk ligou a tela, apertou o botão marcado com uma estrela e desligou o aparelho novamente.

- Posso ajudá-los? - perguntou a Voz.

Gwen sorriu para Dirk; um sorriso leve e tenso. Parecia tão cansada quanto ele. Havia linhas de preocupação nos cantos de sua boca.

- Sim - ela respondeu. - Queremos fazer algo. Divirta-nos. Mantenha-nos ocupados. Mostre-nos a cidade. - Dirk achou que ela falava muito rápido, como alguém que ansiava por distração para afastar a mente de algum assunto desagradável. Ele se perguntou se temia pela segurança deles, ou se eram possíveis preocupações com Jaan Vikary.

- Entendo - a Voz respondeu. - Deixe-me ser seu guia, então, pelas maravilhas de Desafio, a glória de di-Emerel renascida na distante Worlorn. - Então começou a dar-lhes instruções, e foram até os elevadores mais próximos, para sair desse reino sem-fim de retos corredores cobalto, para regiões mais coloridas e divertidas.

Subiram ao Olimpo, um salão luxuoso no alto da cidade, e ficaram parados

em um carpete negro que chegava aos tornozelos, enquanto olhavam para fora através da única janela de Desafio. Um quilômetro abaixo deslizavam fileiras de nuvens escuras, empurradas por um vento cortante que não podiam sentir. O dia estava escuro e sombrio; o Olho do Inferno queimava e brilhava como sempre, mas seus companheiros amarelos estavam escondidos atrás de uma bruma cinzenta que embaçava o céu. Podiam ver as distantes montanhas e o fraco verde-escuro da Comuna muito abaixo deles. Um robô-garçom serviu-lhes bebidas geladas.

Caminharam até o espigão central, um vão cilíndrico que atravessava a torre-cidade do topo à base. De pé no balcão mais alto, deram as mãos e olharam juntos para baixo, por outros balcões em fileiras sem-fim que se perdiam em um abismo pouco iluminado. Então abriram a porta de ferro fundido, saltaram e, ainda de mãos dadas, caíram flutuando envoltos na corrente morna. O espigão central era uma instalação recreativa que mantinha um traço de gravidade que dificilmente era grande o suficiente para ser chamada de gravidade - menos de 0,01 por cento da gravidade em di-Emerel.

Foram até a galeria externa, um amplo corredor que descia em espiral pela borda da cidade, como um imenso parafuso, para que um turista mais ativo pudesse fazer o percurso da base até o topo. Restaurantes, museus e lojas alinhavam-se dos dois lados da galeria. No meio havia corredores de tráfego, agora vazios, destinados aos carros com rodas-balão e a veículos mais velozes. Uma dúzia de esteiras rolantes - seis para cima, seis para baixo - integravam o centro da galeria gentilmente curva. Quando seus pés ficaram cansados, subiram em uma esteira, depois em uma mais rápida, e então em outra mais rápida ainda. Enquanto o cenário passava por eles, a Voz apontava itens de mais interesse, mas nenhum deles chamou particularmente sua atenção.

Nadaram nus no Oceano Emereliano, um pseudomar de água doce que ocupava a maior parte do 231º e do 232º andares. A água era verde, brilhante e cristalina, tão limpa que podiam ver algas balançando sinuosamente no fundo. Sobre eles, painéis luminosos criavam a ilusão de um brilhante sol. Pequenos peixes necrófagos nadavam de um lado para o

outro nas zonas mais baixas do oceano; na superfície, plantas flutuantes balançavam e seguiam à deriva como cogumelos gigantes feitos de feltro verde.

Usaram esquis-elétricos para descer a rampa, em um quase-vôo sobre o plástico de baixo atrito que os levou do centésimo andar até o primeiro. Dirk desceu duas vezes, mal chegando ao final do percurso para subir novamente.

Visitaram um ginásio de queda-livre.

Olharam os auditórios na penumbra, construídos para receber milhares de pessoas, e se recusaram a assistir aos holodramas que a Voz lhes ofereceu.

Comeram, rapidamente e sem apreciar, em um café no meio de um shopping antigamente cheio de gente.

Vagaram por uma selva de árvores retorcidas e musgo amarelo, onde os sons dos animais eram todos gravados e ecoavam estranhamente pelas paredes do quente e vaporoso parque.

Finalmente, ainda inquietos e preocupados, e apenas um pouco distraídos por tudo aquilo, deixaram que a Voz os conduzisse de volta aos seus aposentos. Do lado de fora - a Voz informou -, o verdadeiro crepúsculo caía sobre Worlorn.

Dirk ficou em pé no estreito espaço entre a cama e a parede enquanto apertava os botões em sequência. Gwen sentou-se atrás dele.

Ruark levou um longo tempo para responder, longo demais. Dirk se perguntava, apreensivo, se algo terrível ocorrera. Mas nem bem pensara isso, o latejante sinal azul de chamada sumiu, e o rosto gorducho do ecologista kimdissiano encheu a tela. Atrás dele, em uma penumbra cinzenta, estava um apartamento abandonado e sujo.

- Tudo bem? - Dirk perguntou. Olhou de relance para Gwen. Ela estava mordendo o lábio, e sua mão direita estava apoiada no bracelete de jade-e-prata que ainda usava no antebraço esquerdo.

- Dirk? Gwen? São vocês? Não consigo vê-los. Minha tela está escura... - Os olhos claros de Ruark piscaram, inquietos sob mechas de cabelo ainda mais claro.

- Claro que somos nós! - Dirk exclamou. - Quem mais ligaria neste

número?

- Não consigo vê-los... - Ruark repetiu.

- Arkin - Gwen disse, ainda sentada na cama -, se você nos visse, saberia onde estamos.

A cabeça de Ruark balançou. Uma papada dupla apenas se insinuou em seu pescoço.

- Sim, não pensei nisso, você está certa. É melhor que eu não saiba, sim.

- O duelo - Dirk quis saber. - Nesta manhã. O que aconteceu?

- Jaan está bem? - Gwen perguntou.

- Não teve duelo... - Ruark contou para eles. Seus olhos ainda piscavam, procurando por algo para olhar, Dirk supôs. Ou talvez temesse que os kavalarianos invadissem o apartamento vazio. - Fui ver, mas não houve duelo, essa é a completa verdade.

Gwen suspirou audivelmente.

- Então estão todos bem? Jaan?

- Jaantony está vivo e bem, e Garsinho e os Braiths - Ruark falou. - Não houve tiros ou mortes, mas quando Dirk não apareceu para morrer no horário marcado, todos enlouqueceram, sim.

- Conte-me. - Dirk pediu calmamente.

- Sim, bem, você foi a causa do outro duelo ter sido adiado.

- Adiado? - perguntou Gwen.

- Adiado - Ruark respondeu. - Eles ainda lutarão, mesmo modo e armas, mas não agora. Bretan Braith apelou para o árbitro. Disse que tinha o direito de encarar Dirk primeiro, uma vez que podia morrer no duelo com Jaan e Garsinho, e seu agravo contra Dirk ficaria sem ser resolvido. Exigiu que o segundo duelo fosse adiado até que Dirk pudesse ser encontrado. O árbitro disse sim para ele. Uma ferramenta dos Braiths, esse árbitro, sim, concordou com tudo o que o animal propôs. Roseph Alto-Braith, eles o chamaram, um homenzinho completamente maligno.

- Os Jadeferros - Dirk falou. - Jaan e Garse. Não falaram nada?

- Jaantony não. Não disse absolutamente nada, apenas ficou parado muito ereto em um canto do quadrado da morte. Todos os demais rugiam por todos os lados, gritando, uivando e se comportando como kavalarianos.

Ninguém mais estava no quadrado além de Jaan, não, mas ele ficou ali parado, olhando ao redor, como se esperasse que o duelo começasse a qualquer momento. Já Garsinho ficou muito bravo. Primeiro, quando você não apareceu, fez piadas sobre você estar doente, depois ficou muito frio e silencioso por um tempo, quieto como Jaan, mas mais tarde estava um pouco menos bravo, acho, então começou a discutir com Bretan Braith, com o árbitro e com o outro participante do duelo, Chell. Todos os Braiths estavam ali, para testemunhar, talvez. Não sabia que tínhamos tanta companhia em Larteyn, não. Bem, eu imaginava, sim, mas é diferente quando estão todos juntos no mesmo lugar. Um par de Shanagates também apareceu, embora não o poeta Açorrubro, então só faltavam três pessoas lá: vocês dois e ele. Do contrário, teria sido como uma reunião do conselho da cidade, com todos vestidos formalmente. - Riu.

- Você sabe o que está acontecendo agora?

- Não se preocupem - Ruark falou. - Vocês dois fiquem escondidos e peguem a nave, sim. Eles não podem rastreá-los, com todo o planeta para caçar! Os Braiths, eu acho, nem vão olhar. Verdade, eles o nomearam quase-homem. Bretan Braith exigiu isso, e seu parceiro falou sobre as antigas tradições, e outros Braiths também, e o árbitro concordou que, se não aparecesse para duelar, você não seria um homem verdadeiro. Então eles o caçarão, talvez, mas não com um propósito especial. Você é agora apenas um animal para ser morto, como qualquer outro.

- Quase-homem - Dirk disse com voz cavernosa. Estranhamente, sentia como se tivesse perdido alguma coisa.

- Para Bretan Braith e os demais, sim. Garse, eu acho, vai tentar seriamente encontrá-lo, mas não caçará você como a um animal. Ele jurou que você duelaria, duelaria com Bretan Braith e então com ele, ou talvez com ele primeiro.

- E quanto a Vikary? - Dirk perguntou.

- Já lhe disse, ele não falou absolutamente nada, nada.

Gwen se levantou da cama.

- Você só está falando sobre Dirk - disse para Ruark. - E quanto a mim?

- Você? - os olhos claros de Ruark piscaram. - Os Braiths disseram que você

é quase-homem também, mas Garse não permitiu isso. Ameaçou duelar com qualquer um que tocasse em você. Roseph Alto-Braith protestou. Queria nomeá-la como quase-homem também, como Dirk, mas Garsinho estava muito bravo, e, pelo que entendi, kavalarianos que participam de duelos podem desafiar árbitros que tomam decisões erradas, embora ainda sejam obrigados a seguir essas decisões. Então, doce Gwen, você ainda é betheyn e protegida, e eles só a trarão de volta se a capturarem. Depois você será punida, mas será punida pelos Jadeferros. Na verdade, não falaram muito de você, a maior parte do tempo a conversa girou em torno de Dirk. Afinal, você é apenas uma mulher, hein?

Gwen não respondeu.

- Ligaremos novamente em alguns dias - Dirk falou.

- Dirk, temos que marcar uma data, não? Não estou sempre neste buraco empoeirado. - Ruark deu outra risadinha ao falar aquilo.

- Em três dias, ao pôr do sol. Temos que combinar como vamos pegar aquela nave. Imagino que Jaan e Garse estarão no porto espacial quando chegar o momento.

Ruark assentiu.

- Pensarei nisso.

- Você pode nos conseguir armas? - Gwen perguntou repentinamente.

- Armas? - O kimdissiano fez um barulho de cacarejo. - Verdade, Gwen, os kavalarianos se infiltraram em seu sangue. Eu sou de Kimdiss. O que sei de lasers e coisas afins, tão violentas?

Posso tentar, no entanto, por você e por meu amigo Dirk. Falaremos sobre isso quando conversarmos novamente; agora preciso ir.

Seu rosto se dissolveu, e Dirk apagou a tela antes de virar-se para encarar Gwen.

- Quer lutar contra eles? Isso é prudente?

- Não sei - ela respondeu. Andou até a porta lentamente, virou-se, andou de volta. Então parou de novo; o apartamento era tão pequeno que era impossível caminhar com real veemência.

- Voz! - Dirk chamou, em uma súbita inspiração. - Há alguma loja de armas em Desafio? Um lugar onde possamos comprar lasers e outras armas?

- Lamento informar que as normas de di-Emerel proíbem o porte de armas pessoais - a Voz respondeu.

- E armas esportivas? - Dirk sugeriu. - Para caçadas e tiro ao alvo?

- Lamento informar que as normas de di-Emerel proíbem todos os esportes sangrentos e jogos baseados em violência subliminar. Se você é membro de uma cultura onde tais costumes são apreciados, por favor, tenha em conta que isso não implica insulto ao seu planeta natal. Essas formas de recreação estão indisponíveis por toda Worlorn.

- Esqueça - Gwen falou. - Era uma péssima idéia de qualquer modo.

Dirk colocou as mãos nos ombros dela.

- Não precisaremos de armas em todo caso - disse com um sorriso embora admita que me sentiria um pouco melhor se carregasse uma. Mas duvido que saiba como usá-la se o momento chegar.

- Eu sei - ela falou. Seus olhos, seus grandes olhos verdes, tinham uma dureza que Dirk nunca vira. Por um estranho segundo, ele se lembrou de Garse Janacek e seu olhar azul gélido e desdenhoso.

- Como? - ele perguntou.

Ela gesticulou com impaciência e deu de ombros, então as mãos dele saíram de seus ombros e ela se virou de costas para ele.

- No campo, Arkin e eu usamos armas com projéteis. Para disparar agulhas de rastreamento quando estamos tentando seguir um animal, estudar seus padrões de migração. Dardos soníferos também. E há implantes de sensores do tamanho de uma unha, capazes de lhe dizer tudo o que quiser saber sobre uma forma de vida: como caça, o que come, hábitos de reprodução, padrões cerebrais durante vários estágios do ciclo da vida. Com pistas suficientes, você pode deduzir o funcionamento de todo o ecossistema, a partir dos dados que diferentes espécies nos dão. Mas você tem que implantar seus espiões primeiro, e faz isso imobilizando os sujeitos com dardos. Atirei em milhares deles. Sou boa nisso. Só queria ter trazido uma dessas armas conosco.

- Isso é diferente. - Dirk comentou. - Usar uma arma para algo assim e atirar em um homem com um laser. Nunca fiz nenhum dos dois, mas não acho que dê para comparar.

Gwen inclinou-se contra a porta e olhou para ele com azedume a vários metros de distância.

- Você não acredita que eu possa matar um homem?

- Não.

Ela sorriu.

- Dirk, não sou a garotinha que você conheceu em Ávalon. De lá para cá, passei vários anos em Alto Kavalaan. Não foram anos fáceis. Outras mulheres cuspiram no meu rosto. Ouvi Garse Janacek fazer mil sermões sobre as obrigações de jade-e-prata. Fui chamada de quase-homem e de cadela betheyn por outros homens kavalarianos tantas vezes que ocasionalmente me pegava respondendo. - Meneou a cabeça. Sob a larga tiara colocada apertada ao redor da testa, seus olhos eram duras pedras verdes. Jade, Dirk pensou vagamente, jade como o bracelete que ela ainda usava.

- Você está zangada - ele disse. - É fácil ficar zangada. Mas conheço você, amor, e você é essencialmente uma pessoa gentil.

- Eu era. Tentei ser. Mas já se passou muito tempo, Dirk, muito, muito tempo, e isso foi sendo construído, e Jaan Vikary tem sido a única parte boa de tudo isso. Disse para Arkin; ele sabe como me sinto, o que senti. Houve vezes em que estive tão perto... tão perto... Com Garse, especialmente, porque, de um jeito muito estranho, ele é parte de mim, e uma parte ainda maior de Jaan, e machuca mais quando é alguém com quem você se importa, alguém que poderia amar se não fosse por...

Parou de falar. Seus braços estavam cruzados com força sobre o peito e estava franzindo o cenho, mas parou de falar. Ela devia ter visto a expressão no rosto dele, Dirk pensou. Ele se perguntava o que tinha acontecido.

- Talvez você esteja certo - ela disse depois de um instante, descruzando os braços. - Talvez eu não possa matar ninguém. Mas, sabe, algumas vezes sinto como se pudesse. E bem agora, Dirk, eu gostaria muito de ter uma arma. - Deu um risinho sem graça. - Em Alto Kavalaan, é claro, eu não tinha permissão para andar armada. Por que uma betheyn precisaria de uma pistola? Seu alto-senhor e seu teyn a protegem. E uma mulher com

uma arma pode atirar em si mesma. Jaan... bem, Jaan tem lutado para mudar várias coisas. Ele tenta. Estou aqui, afinal de contas. A maioria das mulheres nunca deixa a segurança da rocha da fortaleza de seu grupo uma vez que veste o jade-e-prata. Mas, apesar de todas as tentativas, e eu as respeito, Jaan não entende. Ele é um alto-senhor, afinal de contas, e está lutando contra outras coisas também, e para tudo que digo, Garse diz algo diferente. Algumas vezes Jaan nem percebe. E as coisas pequenas, como eu andar armada, ele diz que não são importantes. Falei com ele sobre isso uma vez, e ele me lembrou que sou contra toda essa coisa de andar armada e todo o grande artifício do código de honra, o que é verdade. E, mesmo assim, Dirk, eu sei, eu entendo o que você estava dizendo para Arkin noite passada, sobre querer enfrentar Bretan mesmo sem se sentir ligado pelo código. Senti o mesmo muitas vezes.

As luzes do quarto brilharam por um instante, diminuindo e então recuperando a intensidade.

- O que foi isso? - Dirk perguntou, levantando os olhos.

- Os residentes não devem se alarmar - a Voz disse em seu tom grave e inalterável. - Uma falha temporária do suprimento de energia afetou o andar, mas já foi consertada.

- Falha de energia! - Uma imagem se formou repentinamente na mente de Dirk, a imagem de Desafio (hermética, sem janelas, totalmente fechada) sem energia. Não gostou da idéia. - O que está acontecendo?

- Por favor, não fique alarmado - a Voz repetiu, mas as luzes sobre suas cabeças desmentiram suas palavras. Elas se apagaram completamente e, por um breve segundo, Gwen e Dirk ficaram parados em uma escuridão total e assustadora.

- Acho que é melhor irmos embora - Gwen falou, quando as luzes voltaram. Virou-se, abriu o painel deslizante da parede e começou a tirar as malas. Dirk foi ajudá-la.

- Por favor, não entrem em pânico - a Voz disse. - Para sua própria segurança, insisto que permaneçam em seu apartamento. A situação está sob controle. Desafio tem muitas instalações de segurança, assim como redundância para todos os sistemas importantes.

Terminaram de fazer as malas. Gwen foi para a porta.

- Você está usando a energia secundária agora? - ela perguntou.

- Do primeiro andar até o quinquagésimo, do 251° até o 300°, do 351° até o 451°, e do 500° até o 550° estão usando energia secundária no presente momento - a Voz admitiu. - Isso não é motivo para alarme. Robôs-técnicos estão reparando a energia principal o mais rápido possível, e outros sistemas de reserva existem no caso improvável da energia secundária falhar.

- Não entendo - Dirk falou. - Por quê? Qual é a causa destas falhas?

- Por favor, não fiquem alarmados - a Voz respondeu.

- Dirk - Gwen falou calmamente. - Vamos. - Ela saiu do apartamento, uma mala na mão direita e o pacote de sensores pendurado por uma alça no ombro esquerdo. Dirk pegou as outras duas malas e a seguiu pelos corredores azul-cobalto. Correram na direção dos elevadores, Gwen dois passos adiante, os carpetes abafando os sons dos passos.

- Residentes que entram em pânico são mais propensos a se ferir do que aqueles que permanecem na segurança dos apartamentos enquanto durar esta pequena inconveniência - a Voz os reprimou.

- Diga-nos o que está acontecendo e podemos reconsiderar. - Dirk respondeu. Não pararam nem reduziram o passo.

- Os regulamentos de emergência já estão em vigor - a Voz insistiu. - Guardiões foram enviados para conduzi-los de volta ao apartamento. Isso é para sua própria proteção. Repito, guardiões foram enviados para conduzi-los de volta ao apartamento. As normas de di-Emerel proíbem... - As palavras começaram repentinamente a ficar confusas, e a voz baixa se ergueu até se converter em um gemido rouco que arranhou seus ouvidos. Parou em um silêncio assustador.

As luzes se apagaram.

Dirk parou um instante, então deu dois passos adiante na espessa escuridão e trombou em Gwen.

- O quê? - ele disse. - Me desculpe.

- Quietos - Gwen sussurrou e começou a contar os segundos. No treze, os globos pendurados nos cruzamentos dos corredores acenderam

novamente. Mas a luz azul era pálida e espectral, pouco mais que suficiente para que pudessem enxergar alguma coisa.

- Vamos - Gwen falou. Começou a andar de novo, mais lentamente dessa vez, avançando com cautela na penumbra azulada. Os elevadores não estavam muito longe.

Quando as paredes falaram com eles, a voz não era a Voz.

- Esta é uma cidade grande - disse -, mesmo assim, não é grande o suficiente para escondê-lo, t'Larien. Estou esperando nos sótãos mais profundos dos emerelianos, no quinquagésimo segundo subsolo. A cidade é minha. Venha até mim, agora, ou toda a luz se apagará ao seu redor, e, na escuridão, meu teyn e eu vamos caçá-lo.

Dirk reconheceu a voz que falava. Era inconfundível. Em Worlorn, ou em qualquer outro lugar, não seria fácil reproduzir a voz sibilante e rouca de Bretan Braith Lantry.

Capítulo 8

Ficaram parados no corredor sombrio como se estivessem paralisados. Gwen era uma obscura silhueta azul, seus olhos eram fossos negros. Sua boca contorcia-se no canto, fazendo Dirk se lembrar horivelmente de Bretan e seu tique nervoso.

- Eles nos encontraram - ela disse.

- Sim. - Dirk concordou. Os dois estavam sussurrando, por medo de que Bretan Braith, como nova Voz de Desafio, pudesse ouvi-los se falassem algo. Dirk tinha a aguda impressão de que falantes os cercavam, e orelhas também, e talvez olhos: todos invisíveis atrás das paredes acarpetadas.

- Como? - perguntou Gwen. - Eles não tinham como. É impossível.

- Mas conseguiram. Devia ser possível. Mas o que fazemos agora? Vou até eles? O que há lá embaixo, no quinquagésimo segundo subsolo, de qualquer modo?

Gwen franziu o cenho.

- Não sei. Desafio não era minha cidade. Só sei que os subsolos não são residenciais.

- Máquinas. - Dirk sugeriu. - Energia. Suporte à vida.

- Computadores - acrescentou Gwen, em um pequeno sussurro cavernoso.

Dirk colocou as malas no chão. Parecia bobagem apegar-se a roupas e pertences a esta altura.

- Mataram a Voz - ele comentou.

- Talvez. Se é que ela pode ser morta. Pensei que fosse toda uma rede de computadores espalhada pela torre. Não sei. Talvez fosse apenas uma grande instalação.

- De qualquer modo, chegaram ao cérebro central, ao nervo central, o que quer que seja. Não teremos mais avisos gentis das paredes. E, provavelmente, Bretan nos vê bem agora.

- Não - Gwen falou.

- Por que não? A Voz podia.

- Sim, talvez, embora não ache que as instalações da Voz incluíam sensores visuais. Quero dizer, não eram necessários. Ela tinha outros sentidos, coisas que humanos não têm. Mas esse não é o ponto. A Voz era um supercomputador, construído para lidar com bilhões de bits de informação simultaneamente. Bretan não pode fazer isso. Nenhum humano pode. Além disso, a forma de recepção dos dados não foi criada para fazer sentido para ele, para você ou para mim. Apenas para a Voz. Mesmo se Bretan conseguir acesso a todos os dados que a Voz recolhia, a maioria será ininteligível para ele, ou ele receberá os dados tão rapidamente que serão inúteis. Talvez um especialista em cibernética pudesse tirar algo disso, embora eu duvide. Mas não Bretan. Não, a menos que ele conheça algum segredo que nós desconhecemos.

- Ele soube como nos encontrar - Dirk comentou. - E soube onde o cérebro de Desafio estava e como provocar um curto-circuito.

- Não sei como nos encontrou - Gwen respondeu -, mas não era tão difícil chegar à Voz. O último subsolo, Dirk! Foi só uma suposição da parte dele, tinha de ser. Kavalarianos constroem suas fortalezas na profundidade da rocha, e os níveis inferiores são sempre os mais seguros, os mais resguardados. E onde mantêm as mulheres e outros tesouros do grupo.

Dirk estava pensativo.

- Espere um minuto. Ele não pode saber exatamente onde estamos. Caso contrário, por que tentaria nos atrair para o porão ou ameaçaria nos caçar? Gwen assentiu.

- Ele está no centro de computadores, no entanto. - Dirk prosseguiu. - Temos que ser cuidadosos. Ele pode ser capaz de nos encontrar.

- Alguns dos computadores ainda devem estar funcionando - Gwen falou, olhando de relance na direção do opaco globo azul a alguns metros. - A cidade ainda está viva, mais ou menos.

- Ele pode perguntar à Voz onde estamos? Se a conectar novamente?

- Talvez, mas a Voz lhe diria? Acho que não. Somos residentes legais, desarmados, e ele é um intruso perigoso violando as normas de di-Emerel.

- Ele? Você quer dizer eles. Chell está com ele. Talvez outros também.

- Um grupo de intrusos, então.

- Mas não podem ser mais do que... quantos? Vinte? Menos? Como vão vasculhar uma cidade deste tamanho?

- di-Emerel é um mundo totalmente desprovido de violência, Dirk. E este é um mundo de Festival. Duvido que Desafio tenha muitas defesas. Os guardiões...

Dirk olhou ao redor repentinamente.

- Sim, guardiões. A Voz os mencionou. Estava mandando um atrás de nós. - Quase esperava ver uma silhueta enorme e ameaçadora rodando em direção a eles por algum corredor transversal. Mas não havia nada. Sombras, globos cobalto e um silêncio azul.

- Não podemos ficar parados aqui - Gwen falou. Deixara de sussurrar. Então ele também parou. Ambos perceberam que se Bretan Braith e seus companheiros pudessem ouvir cada palavra que falavam, também poderiam localizá-los de uma dúzia de outros jeitos também. Se fosse assim, o caso deles era sem esperança. Sussurrar era um gesto inútil. - O aeromóvel está só a dois andares daqui - ela lembrou.

- Os Braiths podem estar a dois andares daqui também - Dirk respondeu. - Mesmo se não estiverem, temos que evitar o aeromóvel. Eles devem saber que temos um, e estarão esperando que tentemos fugir. Talvez seja por isso que Bretan fez seu pequeno discurso, para nos fazer decolar, onde seríamos presas fáceis. Seus irmãos de grupo estão provavelmente esperando para nos abater com lasers. - Fez uma pausa, pensativo. - Mas tampouco podemos simplesmente ficar aqui.

- Não perto do nosso apartamento - ela disse. - A Voz sabe onde estamos, e Bretan Braith pode ser capaz de descobrir. Mas temos que permanecer na cidade; você está certo sobre isso.

- Vamos nos esconder, então - Dirk falou. - Onde?

Gwen deu de ombros.

- Aqui, ali, em qualquer lugar. É uma cidade grande, como Bretan Braith disse.

Gwen rapidamente se ajoelhou sobre sua mala, descartando todas as roupas pesadas, mas mantendo os suprimentos de campo e o pacote de sensores. Dirk vestiu o pesado sobretudo que Ruark lhe dera e abandonou todo o

resto. Caminharam até a galeria exterior; Gwen estava ansiosa para ficar o mais longe possível do apartamento, e nenhum dos dois queria se arriscar a usar os elevadores.

As luzes sobre a ampla galeria ainda irradiavam brilhantes e brancas, e as esteiras rolantes cantarolavam uniformemente; o caminho em espiral parecia ter uma fonte de energia independente.

- Para cima ou para baixo? - Dirk perguntou.

Gwen não pareceu escutá-lo; estava ouvindo outra coisa.

- Quietos - ela disse. Sua boca se contorceu. Por cima do zumbido constante das esteiras rolantes, Dirk ouviu outro barulho, fraco, mas inconfundível. Um uivo.

Vinha do corredor embaixo deles, Dirk tinha certeza. Era como um sopro frio estremecendo a cálida quietude azul, e parecia permanecer no ar por mais tempo do que devia. Gritos indistintos e distantes vieram na sequência.

Houve um curto silêncio. Gwen e Dirk olharam um para o outro e ficaram parados muito rígidos, ouvindo. O uivo veio novamente, mais alto, mais distinto, ecoando por um momento, dessa vez. Era um grito furioso em forma de uivo, longo e agudo.

- Cães de caça dos Braiths - Gwen falou, em uma voz muito mais estável do que podia se esperar.

Dirk se lembrou da besta que encontrara enquanto caminhava pelas ruas de Larteyn - o cão do tamanho de um cavalo que rosnara à sua aproximação, a criatura com cara de rato, sem pelos e com pequenos olhos vermelhos. Olhou pelo corredor atrás deles com apreensão, mas nada se movia nas sombras cobalto.

Os sons estavam ficando mais altos, mais próximos.

- Para baixo - Gwen falou. - E rápido.

Dirk não precisou que ela falasse duas vezes. Correram para a faixa central da galeria, atravessando o caminho silencioso, e subiram na primeira e mais lenta das esteiras rolantes que desciam. Então começaram a se mover, passando de esteira em esteira até que chegaram a mais rápida delas. Gwen tirou os suprimentos de campo do ombro e abriu a bolsa, vasculhando o

conteúdo enquanto Dirk permanecia em pé ao seu lado, uma mão pousada em seu ombro, observando os números dos andares passarem, negros sentinelas montados sobre as bocas cobertas de sombras crepusculares que levavam aos corredores interiores de Desafio. Os números piscavam a intervalos regulares, ficando cada vez menores.

Haviam acabado de passar pelo 490º andar quando Gwen ficou em pé, segurando uma curta vara de metal negro-azulada na mão direita.

- Tire as roupas - ela disse.

- O quê?

- Tire as roupas - ela repetiu. Como Dirk continuava olhando para ela, sem agir, ela sacudiu a cabeça impacientemente e bateu no peito dele com a ponta da vara. - Anulador de odores - disse-lhe. - Arkin e eu usamos no bosque. Vamos jogar em nós mesmos antes de sairmos. Vai matar o cheiro do nosso corpo por quatro horas e, espero, tirar os cães do nosso rastro.

Dirk assentiu e começou a se despir. Quando ficou nu, Gwen o fez ficar parado com as pernas afastadas e os braços erguidos sobre a cabeça. Pressionou uma ponta da vara metálica, e da outra saiu uma fina bruma cinzenta, que tocou levemente a pele desnuda de Dirk. Sentia-se gelado, tolo e muito vulnerável enquanto ela jogava o spray nele, na frente e atrás, da cabeça aos pés. Então Gwen se ajoelhou e cobriu as roupas dele com a névoa também, do lado de dentro e do lado de fora, tudo, exceto o grande sobretudo que Arkin lhe dera, que ela cuidadosamente deixou de lado. Quando terminou, Dirk se vestiu novamente - suas roupas estavam secas e cobertas por um pó fino e cinzento -, enquanto Gwen se despia e passava o spray para ele.

- E o sobretudo? - ele disse, quando ela se voltou para as próprias roupas. Jogou o spray em tudo: no pacote de sensores, nos suprimentos de campo, em seu bracelete jade-e-prata, em tudo, exceto no sobretudo de retalhos marrom de Arkin. Dirk o empurrou com a ponta da bota.

Gwen pegou o casaco e o jogou por sobre o parapeito, até uma das esteiras rolantes ascendentes. Ficaram observando enquanto a peça de roupa se afastava deles, até sair de vista.

- Você não precisa disso - Gwen falou quando o sobretudo se foi. - Talvez

leve a matilha na direção errada. Certamente nos seguiram até a galeria.

Dirk parecia em dúvida.

- Talvez - disse, com um olhar de soslaio para a parede interna. O andar 472 veio e se foi. - Acho que devemos sair - disse repentinamente. - Sair da galeria.

Gwen olhou para ele interrogativamente.

- Você mesma acaba de dizer - ele explicou. - Quem quer que esteja atrás de nós, chegou até a galeria. Se já começaram a descer, meu casaco não os enganará muito. Eles o verão passar e rirão.

Ela sorriu.

- Você está certo. Mas valia a pena tentar.

- Então, presumindo que estejam descendo atrás de nós...

- Já teremos conseguido uma boa vantagem - ela interrompeu. - Nunca colocarão uma matilha de cães da caça em uma esteira rolante, o que quer dizer que estão a pé.

- E daí? A galeria ainda não é segura, Gwen. Olha, não é Bretan que está lá em cima, ele está lá embaixo, no subsolo. E provavelmente tampouco é Chell, não é?

- Não. Um kavalariano caça com seu teyn. Eles não se separam.

- Imaginei isso. Então temos um par brincando com a energia embaixo de nós, e outro par em nossos calcanhares. Quantos outros estão atrás de nós? Você pode responder isso?

-Não.

- Eu diria que uns poucos, ao menos; e mesmo se não for, é melhor presumir o pior e trabalhar com isso. Se há outros Braiths soltos pela cidade, e se estiverem em contato com os caçadores atrás de nós, os que estão em cima dirão para os outros fecharem a galeria.

Os olhos dela se estreitaram.

- Talvez não. As duplas de caça dificilmente trabalham juntas. Cada par quer a presa para si. Maldição, como eu queria uma arma!

Dirk ignorou o comentário final.

- Não podemos correr nenhum risco - ele falou.

Nesse momento, as brilhantes luzes sobre a cabeça deles começaram a

pisar, diminuindo abruptamente para uma pálida penumbra cinzenta, e simultaneamente a esteira rolante sob seus pés deu um tranco e começou a ir mais devagar. Gwen tropeçou, mas Dirk a segurou pelo braço. A esteira mais lenta parou primeiro, depois a seguinte e, finalmente, a esteira em que estavam.

Gwen estremeceu e ergueu os olhos para Dirk, e ele a abraçou apertado, tirando desesperadamente a confiança que precisava do calor e da proximidade do corpo dela.

De baixo deles - Dirk jurava que o som vinha de baixo deles, da direção para onde a esteira rolante os levava - veio um grito áspero e não muito distante.

Gwen soltou-se dele. Não falaram nada. Moveram-se de uma esteira para outra, pelas linhas de tráfico sombrias e vazias, em direção à passagem que os tiraria da perigosa galeria e para dentro dos corredores novamente. Dirk olhou de relance para os números enquanto passavam da penumbra cinzenta para a azul: andar 468. Quando os carpetes engoliram seus passos novamente, começaram a correr, atravessando rapidamente o primeiro longo corredor, então viraram uma e outra vez, algumas vezes para a direita, outras para a esquerda, escolhendo ao acaso as direções. Correram até ficarem sem fôlego, então pararam e se jogaram no carpete sob a luz de um globo pálido e azulado.

- O que foi isso? - ele finalmente falou, quando retomou o fôlego.

Gwen ainda estava ofegante, arfando pelo esforço da corrida. Havia percorrido um longo trecho. Ela lutava para recuperar o fôlego. Lágrimas silenciosas escorriam por seu rosto sob a luz azul.

- O que você acha que era? - disse, finalmente, com a voz crispada. - Era um quase-homem, gritando.

Dirk abriu a boca e sentiu gosto de sal. Tocou a umidade em seu rosto e se perguntou havia quanto tempo estava chorando.

- Mais Braiths, então - respondeu.

- Embaixo de nós - ela concordou. - E encontraram uma vítima. Maldição, maldição, maldição! Nós os trouxemos até aqui, é nossa culpa. Como pudemos ser tão estúpidos? Jaan sempre temeu que eles comessem a

caçar nas cidades.

- Eles começaram ontem - Dirk falou - com os filhos da lesma vinhonegrinos. Era só uma questão de tempo até chegarem aqui. Não carregue...

Ela virou o rosto para ele, com as feições desfiguradas pela raiva e as faces marcadas pelas lágrimas.

- O quê? - cuspiu. - Você não acha que somos responsáveis? Quem mais, então? Bretan Braith seguiu você, Dirk. Por que viriam até aqui? Devíamos ter ido para Décimo-Segundo Sonho, para Musquel, para Esvoch. Cidades vazias. Ninguém seria machucado. Agora os emerelianos serão... Quantos residentes a Voz falou que ainda restavam?

- Não me lembro. Quatrocentos, acho. Algo assim. - Tentou colocar o braço ao redor dela e puxá-la em sua direção, mas ela se encolheu e olhou furiosa para ele.

- É nossa culpa - disse. - Temos que fazer alguma coisa.

- Tudo o que podemos fazer é tentar permanecer vivos - ele respondeu. - Estão atrás de nós, lembra? Não podemos nos preocupar com os demais. - Gwen o encarava, seu rosto duro de... de quê? Talvez desprezo, Dirk pensou. O rosto dela o sobressaltou.

- Não acredito no que está dizendo - ela falou. - Você não consegue pensar em ninguém além de si mesmo? Maldição, Dirk, nós ao menos contamos com o anulador de odores. Os emerelianos não têm absolutamente nada. Nenhuma arma, nenhuma proteção. Eles são quase-homens, presas apenas. Temos que fazer alguma coisa!

- O quê? Cometer suicídio? É isso? Você não queria que eu fosse contra Bretan esta manhã, em duelo, mas agora você...

- Sim! Temos que fazer isso. Você não teria falado assim em Ávalon - ela o reprimou, sua voz ficando cada vez mais alta até quase tornar-se um grito. - Você era diferente naquela época. Jaan não teria...

Parou, repentinamente ciente das próprias palavras, e desviou o olhar dele. Então, começou a soluçar. Dirk permaneceu sentado, imóvel.

- Então é isso - ele disse, depois de um tempo, com a voz tranqüila. - Jaan não teria pensado em si mesmo, certo? Jaan teria bancado o herói.

Gwen olhou para ele novamente.

- Teria, você sabe.

Ele assentiu.

- Teria. Talvez eu também tivesse, antigamente. Talvez você esteja certa. Talvez eu tenha mudado. Não sei mais nada. -

Sentia-se enjoado, cansado e derrotado, e muito envergonhado. Seus pensamentos iam de um lado para o outro e davam voltas sem parar. Os dois estavam certos, pensou. Eles haviam trazido os Braiths até Desafio, até centenas de vítimas inocentes. A culpa era deles; Gwen estava certa. E sim, ele estava certo também, não podiam fazer nada agora, nada. Aquilo podia ser egoísmo, mas não deixava de ser verdade.

Gwen chorava abertamente. Dirk esticou o braço novamente, e dessa vez ela deixou que ele a abraçasse e tentasse confortá-la com seus carinhos. Mas enquanto alisava os longos cabelos negros dela e lutava para conter as próprias lágrimas, ele compreendeu que aquilo era inútil, que não mudava nada. Os Braiths estavam caçando, matando - e ele não podia impedi-los. Dificilmente conseguiria salvar a si mesmo. Não era o antigo Dirk, no final das contas, o Dirk de Ávalon, não. E a mulher em seus braços não era Jenny. Ambos eram apenas presas.

Então repentinamente teve uma idéia.

- Sim - disse em voz alta.

Gwen olhou para ele, e Dirk ficou imediatamente em pé, ajudando-a a se levantar em seguida.

- Dirk? - ela perguntou.

- Podemos fazer alguma coisa - ele falou, e a levou até a porta do apartamento mais próximo. Abriu-a com facilidade e foi até a tela na parede ao lado da cama. As luzes do quarto estavam apagadas; a única iluminação era o comprido retângulo azul opaco que vinha da porta aberta. Gwen ficou parada no vão da porta, incerta, uma silhueta lúgubre e escura. Dirk ligou a tela, sendo obrigado a esperar, e quando ela se iluminou, respirou mais aliviado. Virou-se para Gwen.

- O que você vai fazer? - ela lhe perguntou.

- Diga-me o número da sua casa - ele respondeu.

Ela compreendeu. Assentiu lentamente e ditou-lhe os números. Ele teclou um por um e esperou. O sinal intermitente de chamada iluminou o quarto. Quando se dissipou, os padrões de luz se redesenharam formando as feições de Jaan Vikary.

Ninguém falou. Gwen se adiantou para ficar atrás de Dirk, uma mão no ombro dele. Vikary olhou para eles em silêncio, e Dirk temeu, por um longo momento, que desligasse a tela e os deixasse à própria sorte.

Ele não fez isso. Em vez disso, falou para Dirk:

- Você era um irmão de grupo. Confiei em você. - Então seus olhos foram para Gwen. - E eu amei você.

- Jaan - ela disse, rápida e suavemente, em uma voz que era quase um sussurro, e Dirk duvidou que Jaan a tivesse ouvido. Então ela não aguentou, virou-se e saiu rapidamente do quarto.

Mesmo assim, Vikary não interrompeu a comunicação.

- Vejo que estão em Desafio. Por que ligou, t'Larien? Sabe o que temos que fazer com você, meu teyn e eu?

- Sei - Dirk falou. - Correrei o risco. Tenho que contar para você. Os Braiths nos seguiram. De algum modo, não sei como, nunca pensamos que pudessem nos rastrear. Mas estão aqui. Bretan Braith Lantry desligou o computador da cidade e parece controlar grande parte da energia restante. Os outros... estão com matilhas de caça aqui. Estão pelos corredores.

- Entendo. - Vikary comentou. Uma emoção ilegível e estranha cruzou seu rosto. - Os residentes?

Dirk assentiu.

- Vocês virão?

Vikary sorriu muito de leve, e não havia alegria naquele sorriso.

- Está pedindo minha ajuda, Dirk t'Larien? - Sacudiu a cabeça. - Não, não devo brincar, não é você quem pede, não é para você. Entendo isso. Para os outros, os emerelianos, sim, Garse e eu iremos. Levaremos nossos broches e faremos korariel de Jadeferro aqueles que encontrarmos antes dos caçadores. Mesmo assim, isso levará tempo, talvez tempo demais. Muitos morrerão. Ontem, na Cidade do Tanque sem Estrelas, uma criatura chamada Mãe sofreu uma morte súbita. Os filhos da lesma... você conhece

os filhos da lesma vinhonegrinos, t'Larien?

- Sim. Bastante.

- Eles saíram da Mãe para encontrar outra, e não acharam nenhuma. Durante décadas, viveram dentro desse enorme hospedeiro, outros de seu mundo capturaram a criatura no Mundo do Oceano Vinhonegro e a trouxeram para Worlorn, e depois a abandonaram. As relações entre os filhos da lesma e outros vinhonegrinos que não participam do culto não são boas. De modo que saíram aos montes, uma centena deles ou mais, e percorreram a cidade, enchendo-a com súbita vida, sem saber onde estavam ou por quê. A maioria era velha, muito velha. Em pânico, começaram a despertar a cidade morta, então Roseph Alto-Braith os encontrou. Fiz o que pude, protegi alguns. Os Braiths encontraram muitos outros, porque levou tempo. Farei o mesmo em Desafio. Os que saírem correndo pelos corredores serão caçados e mortos, muito antes que meu teyn e eu possamos ajudar. Entendeu?

Dirk assentiu.

- Não é o suficiente me ligar. - Vikary prosseguiu. - Você deve agir por conta própria. Bretan Braith Lantry quer você, e ninguém mais. Ele pode até permitir que você duele. Os outros querem apenas caçá-lo, como um quase-homem, mas ainda assim o cobiçam como presa mais valiosa. Mostre-se, t'Larien, e irão atrás de você. Para os emerelianos escondidos ao seu redor, esse tempo será importante.

- Entendo. - Dirk falou. - Você quer que Gwen e eu...

Vikary ficou visivelmente contrariado.

- Não, Gwen não.

- Eu, então. Você quer que eu chame a atenção deles? Sem uma arma?

- Você tem uma arma - Vikary falou. - Você mesmo a roubou, insultando Jadeferro. Se vai usá-la ou não é uma decisão que apenas você pode tomar. Não confiarei em você para fazer a escolha correta. Já fiz isso uma vez. Simplesmente o informo. Outra coisa, t'Larien. O que quer que faça ou deixe de fazer, isso não muda nada entre mim e você. Esta chamada não muda nada. Você sabe o que temos que fazer.

- Você já me disse. - Dirk respondeu.

- Digo uma segunda vez. Quero que se lembre. - Vikary franziu o cenho. - E agora partirei. É um longo voo para Desafio, um longo e frio vôo.

A tela ficou escura antes que Dirk pudesse pensar em uma resposta.

Gwen estava esperando do lado de fora da porta, inclinada contra a parede acarpetada, o rosto escondido entre as mãos. Endireitou-se quando Dirk saiu.

- Estão vindo? - perguntou.

- Sim.

- Sinto muito, eu... saí. Não pude encará-lo.

- Não importa.

- Importa.

- Não - ele disse terminantemente. Seu estômago doía. Ficava imaginando gritos distantes. - Não importa. Você deixou claro antes... como se sente.

- Deixei? - ela riu. - Se sabe como me sinto, você me conhece melhor do que eu mesma, Dirk.

- Gwen, eu não... não, escute, não importa. Você tinha razão. Temos que... Jaan disse que temos uma arma.

Ela franziu o cenho.

- Temos? Ele acha que eu trouxe a arma de dardos? Ou o quê?

- Não, não acho. Ele só disse que temos uma arma, que a roubamos nós mesmos e insultamos Jadeferro.

Ela fechou os olhos.

- O quê? - disse. - É claro. - Abriu os olhos novamente. - O aeromóvel. É armado com canhões de laser. Deve ser o que ele quis dizer. Mas não estão carregados. Acho que nem estão conectados. Era eu quem usava esse aeromóvel a maior parte do tempo, e Garse...

- Entendo. Mas acha que os lasers podem ser consertados? Eles podem funcionar?

- Talvez. Não sei. Mas o que mais Jaan podia querer dizer?

- Os Braiths devem ter encontrado o carro, é claro. - Dirk comentou. Sua voz era fria e calma. - Teremos que nos arriscar. Vamos nos esconder... não podemos nos esconder, eles nos encontrarão. Bretan pode estar a caminho bem agora, se minha transmissão para Larteyn foi registrada em algum

lugar lá embaixo. Não, vamos voltar para o aeromóvel. Eles não vão esperar por isso, se sabem que estávamos descendo pela galeria.

- O aeromóvel está a cinquenta e dois andares acima - Gwen lembrou. - Como vamos chegar lá? Se Bretan tem tanto controle sobre a energia quanto achamos que tem, certamente desligou os elevadores. Ele parou as esteiras rolantes.

- Ele sabia que estávamos usando as esteiras rolantes - Dirk falou. - Ou pelo menos que estávamos na galeria. Os que estavam nos rastreando falaram para ele. Eles estão em contato, Gwen. Os Braiths. Têm que estar. As esteiras pararam de modo muito conveniente. Mas isso facilita as coisas.

- Facilita? O quê?

- Chamar a atenção deles - ele falou. - Para que venham atrás de nós, para salvar os benditos emerelianos. E isso o que Jaan quer que façamos. Não é o que você quer? - sua voz era cortante.

Gwen empalideceu visivelmente.

- Bem - disse. - Sim.

- Então você venceu. Vamos fazer isso.

Ela olhou pensativa.

- Os elevadores, então? Se ainda estiverem funcionando?

- Não podemos confiar nos elevadores - Dirk falou. - Mesmo se estiverem funcionando, Bretan pode pará-los quando estivermos dentro de um deles.

- Não sei se há escadas - ela disse. - E nunca encontraremos sem a Voz, mesmo se existirem. Podemos andar pela galeria, mas...

- Sabemos que pelo menos dois pares de Braiths estão percorrendo a galeria. Deve haver mais. Não.

- Então como?

- O que nos resta? - Dirk franziu o cenho. - O espigão central.

Dirk se inclinou por sobre a grade de ferro fundido, olhando para cima e para baixo, e ficou tonto. O espigão central parecia seguir infinitamente em ambas as direções. Eram apenas dois quilômetros do topo até a base, ele sabia, mas tudo ali dava a sensação de distância infinita. As correntes ascendentes de ar quente que divertiam os visitantes com a flutuabilidade de uma pena também enchiam o espaço com uma névoa branco-

acinzentada, e os balcões que se alinhavam pela circunferência, andar após andar, eram todos idênticos, dando a ilusão de uma repetição sem-fim.

Gwen pegou algo de seu pacote de sensores, um instrumento metálico prateado do tamanho da palma de sua mão. Ficou parada perto de Dirk e o jogou suavemente no vão do espigão central. Os dois o observaram flutuar, girando mais e mais, piscando com a luz refletida. Flutuou até metade do diâmetro do grande cilindro antes que começasse a cair lentamente, gentilmente, meio suportado pelo ar ascendente, um grão de poeira metálica dançando na luz solar artificial. Observaram por uma eternidade, até que desaparecesse no abismo cinza embaixo deles.

- Bem - Gwen falou, depois que perderam o instrumento de vista -, a gravidade artificial ainda está funcionando.

- Sim. Bretan não conhece a cidade. Não o suficiente. - Dirk olhou de relance para cima, novamente. - Acho que devemos começar. Quem vai primeiro?

- Os homens primeiro - ela disse.

Dirk abriu o portão do balcão e retrocedeu até a parede. Tirou uma mecha de cabelo dos olhos impacientemente, deu de ombros e saiu correndo, dando o maior impulso que conseguiu quando chegou na beirada.

O impulso o levou para cima e ainda mais para cima. Por um segundo, era como se caísse, e o estômago de Dirk se contraiu, mas então olhou, viu e sentiu que não estava caindo, estava voando, subindo. Riu alto, repentinamente exultante, levou os braços adiante e começou a dar fortes braçadas, nadando mais alto e mais rápido. As fileiras de balcões vazios passavam por ele: um andar, dois, cinco. Cedo ou tarde, começaria a cair, uma lenta curva descendente até a distância envolta de cinza, mas dificilmente teria tempo de descer muito. O outro lado do espigão central estava a apenas trinta metros de distância, uma distância fácil de atravessar com a gravidade artificial do vão.

Finalmente, aproximou-se de uma parede curva e ricocheteou em um corrimão de ferro negro, girando sobre si mesmo e rodando absurdamente antes de alcançar e agarrar uma barra do balcão bem acima do corrimão em que batera. Foi fácil entrar. Viera sem problemas pelo espigão central e

estava onze andares acima. Sorrindo e sentindo-se estranhamente animado, sentou-se e reuniu forças para um segundo salto enquanto observava Gwen vindo atrás dele. Voava como algum gracioso pássaro fabuloso, seu cabelo negro ondulando enquanto ela flutuava. Parou dois andares acima dele.

Quando chegaram ao 520º andar, Dirk tinha hematomas em meia dúzia de lugares em que batera contra varandas de ferro, mas sentia-se quase bem. Ao final de seu sexto salto vertiginoso pelo vão do espigão, estava quase relutante em chegar ao seu destino e retornar à gravidade normal. Mas chegou. Gwen já estava ali, esperando por ele, com o pacote de sensores e os suprimentos de campo presos às costas, entre as omoplatas. Ela lhe estendeu a mão e o ajudou a entrar no balcão.

Seguiram pelo amplo corredor que circundava o espigão central, até as já familiares sombras azuis.

Os globos brilhavam fracamente nos cruzamentos em cada lado deles, onde compridas passagens retas se afastavam do centro da cidade como raios em uma roda enorme. Escolheram um ao acaso e avançaram rapidamente em direção ao perímetro. Era uma caminhada mais longa do que Dirk imaginara, passando por vários outros cruzamentos (ele perdera a conta em quarenta), cada um como os demais, passando por portas negras que diferiam umas das outras apenas pela numeração. Nem ele nem Gwen falavam. A sensação agradável que o tocara por um breve tempo, a alegria de voar sem asas, deixou-o tão subitamente quanto viera enquanto ele caminhava pela meia-luz turva. No lugar dela, assaltou-o uma fraca sensação de medo. Ruídos imaginários atazanavam seus ouvidos: uivos distantes e as suaves pegadas de seus perseguidores. Seus olhos transformavam os globos de luz mais distantes em algo estranho e terrível, e Dirk via formas nos cantos cobalto onde só havia escuridão. Mas não encontraram nada, ninguém; era apenas sua mente pregando peças.

Contudo, os Braiths tinham estado ali. Perto do perímetro de Desafio, onde o corredor transversal cruzava com a galeria exterior, encontraram um dos veículos de roda-balão que a Voz usava para levar os visitantes de um lado para outro. Estava vazio e virado, parte no carpete azul, parte no

limpo e frio plástico que cobria o chão da galeria. Quando chegaram lá, pararam, e os olhos de Gwen encontraram os de Dirk em um comentário sem palavras. Os carros de roda-balão, ele se lembrou, não eram controlados pelos passageiros; a Voz os dirigia. E apenas um estava caído desse lado, sem energia ou movimento. Também notou outra coisa. Perto de uma roda traseira o carpete azul estava úmido e malcheiroso.

- Vamos - Gwen sussurrou, e voltaram a percorrer a galeria silenciosa, esperando que os Braiths que tinham estado por ali tivessem partido ou que não pudessem ouvi-los. A pista de aterrissagem e o carro deles estavam muito próximos agora; seria uma ironia cruel se não conseguissem alcançá-los. Mas parecia para Dirk que seus passos ecoavam horivelmente altos na superfície não acarpetada da galeria. Certamente o prédio inteiro podia ouvi-los, mesmo Bretan Braith nos sótãos profundos, quilômetros abaixo. Quando chegaram à passarela de pedestres que passava por sobre as esteiras rolantes, começaram a correr. Ele não saberia dizer quem começou, se Gwen ou ele. Em um momento caminhavam lado a lado, tentando mover-se o mais rápido possível, com menos barulho que conseguissem fazer; então, repentinamente, estavam correndo.

Depois da galeria não acarpetada, passaram por duas voltas e uma porta larga que parecia relutante em abrir. Finalmente Dirk a empurrou com seu ombro coberto de hematomas, e ambos gemeram em protesto, mas a porta se abriu. Finalmente estavam novamente na pista de aterrissagem do 520º andar de Desafio.

A noite estava fria e escura. Podiam ouvir o eterno vento de Worlorn choramingando contra a torre emereliana, e uma única estrela brilhando no comprido e baixo retângulo que demarcava o céu do mundo exterior. Do lado de dentro, a pista de aterrissagem estava igualmente escura.

Nenhuma luz se acendeu quando entraram.

Mas o aeromóvel ainda estava lá, encurvado na escuridão como uma coisa viva, como o banshee que pretendia retratar, e nenhum Braith estava de guarda.

Aproximaram-se do veículo. Gwen pegou o pacote de sensores e os suprimentos de campo e colocou-os no banco traseiro, onde os

aeropatinetes ainda estavam guardados. Dirk ficou observando-a, tremendo; o sobretudo de Ruark se fora, e o ar estava gélido naquela noite. Gwen tocou em um controle do painel de instrumentos, e uma fenda escura se abriu no centro da parte superior da arraia. Painéis de metal correram para trás e para cima, e as entranhas da máquina kavalariana estavam diante deles. Ela se aproximou da dianteira e acendeu uma luz na parte inferior de um dos painéis. O outro painel, Dirk viu, estava coberto de ferramentas de metal presas em cliques.

Gwen, de pé em uma pequena área iluminada com luz amarela, estudava o intrincado mecanismo. Dirk se aproximou. Finalmente, ela balançou a cabeça.

- Não - disse, em uma voz cansada. - Não funciona.

- Podemos tirar energia do controle de gravidade - Dirk sugeriu. - Você tem as ferramentas - apontou.

- Não tenho conhecimento suficiente para isso - ela disse. - Um pouco, sim. Esperava ser capaz de descobrir... você sabe. Não posso. É mais do que apenas uma questão de energia. Os lasers das asas não estão nem conectados. Pelo que podem nos servir, daria no mesmo se fossem de enfeite. - Voltou-se para Dirk. - Imagino que você não...

- Não - ele confirmou.

Ela assentiu.

- Não temos armas, então.

Dirk parou e olhou para além da arraia, na direção do céu vazio de Worlorn.

- Podíamos voar para fora daqui.

Gwen puxou os painéis, um com cada mão, e os fechou novamente, e mais uma vez o escuro banshee estava inteiro e feroz. Sua voz estava inexpressiva.

- Não. Lembre-se do que você disse. Os Braiths estarão lá fora. Os carros deles estarão armados. Não teríamos chance. Não. - Passou por Dirk e entrou no aeromóvel.

Depois de um tempo, ele a seguiu. Sentou-se meio torto no assento, para que pudesse olhar a solitária estrela no frio céu noturno. Sabia que estava

muito cansado, e também que esse esgotamento era mais do que físico. Desde que chegara a Desafio, suas emoções o castigaram como ondas sobre uma praia, uma após a outra, mas repentinamente parecia que o oceano se fora. Não sobraram mais ondas.

- Suponho que você estava certa, antes, no corredor - ele disse, em uma voz introspectiva. Não estava olhando para Gwen.

- Certa? - ela perguntou.

- Sobre ser egoísta. Sobre... você sabe... sobre não ser um cavaleiro branco.

- Um cavaleiro branco?

- Como Jaan. Talvez eu nunca tenha sido um cavaleiro branco, mas, em Avalon, eu gostava de pensar que era. Eu acreditava em coisas. Agora, nem consigo lembrar o que eram. Exceto você, Jenny. De você, eu me lembrei. Foi por isso, bem, você entende. Nos últimos sete anos, fiz coisas, nada terrível, você sabe, mesmo assim, coisas que não teria feito em Avalon. Coisas cínicas, coisas egoístas. Mas até agora ninguém morreu por minha culpa.

- Não se faça de vítima, Dirk - ela disse. Sua voz estava exausta também. - Não é atraente.

- Quero fazer alguma coisa. - Dirk prosseguiu. - Tenho que fazer. Eu só... você sabe. Você estava certa.

- Não podemos fazer nada, exceto fugir e morrer, e isso não vai ajudar em nada. Não temos uma arma.

Dirk riu amargamente.

- Então vamos esperar que Jaan e Garse venham nos salvar, e então... nosso reencontro teve uma vida terrivelmente curta, não foi?

Ela se inclinou para a frente sem responder e apoiou a cabeça no antebraço sobre o painel de instrumentos. Dirk olhou para ela de relance e depois para fora novamente. Ainda estava com frio, com aquelas roupas finas, mas de algum modo isso não parecia importante.

Ficaram sentados em silêncio na arraia.

Até que finalmente Dirk se virou e colocou uma mão no ombro de Gwen.

- A arma - disse, em uma voz estranhamente animada. - Jaan disse que tínhamos uma arma.

- Os lasers no aeromóvel - Gwen respondeu. - Mas...

- Não. - Dirk a interrompeu com um sorriso súbito. - Não, não, não!

- O que mais ele poderia querer dizer?

Em resposta, Dirk estendeu o braço e ligou os ascensores do aeromóvel. O banshee de metal cinza voltou à vida e se elevou ligeiramente do solo.

- O carro - ele disse. - O próprio carro.

- Os Braiths lá fora têm carros - ela lembrou. - Carros armados.

- Sim - Dirk respondeu. - Mas Jaan e eu não estávamos falando sobre os Braiths lá fora. Estávamos falando sobre as duplas de caça aqui dentro, as que estavam percorrendo as galerias e matando pessoas!

A compreensão iluminou o rosto de Gwen como a luz do sol. Ela sorriu.

- Sim - disse com entusiasmo; tocou nos controles e a arraia rosnou, e de algum lugar sob o capô colunas brilhantes de luz branca se espalharam para perseguir a escuridão diante deles.

Enquanto ela manobrava a meio metro do chão, Dirk desceu pelas asas, correu até a porta maltratada e usou seu ombro igualmente castigado para abrir um segundo painel, amplo o suficiente para que o aeromóvel saísse. Então Gwen moveu a arraia na direção dele, e ele subiu novamente.

Algum tempo depois, flutuavam pela galeria, perto de onde o carro de rodas-balão estava virado. Os feixes luminosos dos faróis oscilaram pelas esteiras rolantes e pelas lojas havia muito desertas e apontaram para a frente, iluminando o caminho que os conduziria para baixo, em espiral, pela alta torre de Desafio, até finalmente chegar ao térreo.

- Você percebeu - Gwen comentou antes de saírem - que estamos na mão errada? O tráfego de descida deveria estar do outro lado do corredor central.

- Isso é proibido, sem dúvida, pelas normas de di-Emerel - Dirk sorriu. - Mas não acho que a Voz vá se incomodar.

Gwen devolveu o sorriso, tocou nos instrumentos, e a arraia sob eles arrancou e acelerou. Então, por um longo tempo, fizeram vento enquanto deslizavam pela penumbra cinzenta, cada vez mais rápido. Gwen estava nos controles, pálida e com os lábios apertados, e Dirk, ao seu lado, observava de braços cruzados os números dos andares, enquanto corredor

após corredor passava por eles.

Ouviram os Braiths muito antes de vê-los - os uivos novamente, os latidos selvagens que eram diferentes de qualquer som canino que Dirk já ouvira, ainda mais selvagens pelos ecos que reverberavam na galeria. Quando ouviu a matilha, Dirk estendeu a mão e apagou os faróis do aeromóvel.

Gwen olhou para ele interrogativamente.

- Não fazemos muito barulho - ele disse. - Nunca nos ouvirão com os uivos e seus próprios gritos. Mas podem ver as luzes chegando por trás. Certo?

- Certo - ela respondeu. Nada mais. Estava concentrada no aeromóvel. Dirk a observou sob a luz pálida e cinzenta que restava para eles. Seus olhos eram jade novamente, duros e polidos, tão zangados quanto os de Garse Janacek ficavam algumas vezes. Ela tinha sua arma finalmente, e os caçadores kavalarianos estavam em algum lugar adiante.

Perto do andar 497, passaram por uma área repleta de panos rasgados que esvoaçavam e se agitaram com sua descida. Um pedaço maior do que os outros permaneceu parado no meio da galeria. Os restos de um sobretudo de retalhos marrom, feito em tiras.

Adiante, os uivos ficavam mais fortes e mais altos.

Um sorriso passou brevemente pelos lábios de Gwen. Dirk viu e recordou, intrigado, sua gentil Jenny de Ávalon. Então viram as figuras, pequenas formas negras na galeria sombria, formas que se transformaram rapidamente em homens e cães conforme a arraia corria na direção deles. Cinco dos grandes cães de caça corriam livremente pela galeria, nos calcanhares de um sexto, maior do que todos eles, preso na extremidade de duas pesadas correntes negras. Dois homens estavam na outra ponta das correntes, tropeçando atrás da matilha enquanto o imenso cão líder os levava adiante.

Ficavam cada vez maiores. Como cresciam rápido!

Os cães foram os primeiros a ouvir o aeromóvel. O líder lutou para se virar, e uma das correntes foi arrancada da mão do caçador. Três dos cães soltos deram a volta, rosnando, e um quarto começou a correr para cima, ao encontro do veículo que descia em alta velocidade. Os homens pareceram confusos por um instante. Um estava enroscado na corrente que

segurava quando o cão líder mudou de direção. O outro, de mãos vazias, bateu o quadril em busca de algo.

Gwen acendeu as luzes. Na semiescuridão, os olhos da arraia eram cegantes.

O aeromóvel os alcançou.

As impressões rolaram sobre Dirk uma após a outra. Um uivo persistente que abruptamente se transformou em um grito de dor; o impacto sacudiu a arraia. Selvagens olhos vermelhos brilhando horivelmente perto, uma cara de rato e dentes amarelos cheios de baba, então o impacto novamente, outra sacudida, um estalo. Mais impactos, ruídos repugnantes de carne, um, dois, três. Um grito, um grito bem humano, e então o perfil de um homem contra a luz dos faróis. Pareceu que levou uma hora até alcançá-lo. Era um homem robusto e maciço, ninguém que Dirk conhecesse, vestido com calças grossas e jaqueta de tecido-camaleão que parecia mudar de cor enquanto se aproximavam. Suas mãos estavam na frente dos olhos, uma delas segurando um inútil laser de duelo, e Dirk pode ver o brilho do metal do bracelete sobre a manga do homem. Cabelos brancos caíam até os ombros.

Então, repentinamente, depois de uma eternidade em câmara lenta, o homem se foi. A arraia sacudiu novamente. Dirk saltou no assento.

Na frente estava uma vastidão cinzenta, a comprida galeria curva.

Atrás - Dirk se virou para olhar -, um cão de caça os perseguia, arrastando duas correntes barulhentas enquanto corria. Mas foi ficando cada vez menor e menor. Formas escuras enchiam a fria rua de plástico. Nem bem Dirk começara a contá-los e já estavam fora de sua vista. Um pulso de luz brilhou brevemente sobre suas cabeças, vindo de algum lugar distante.

Em pouco tempo, ele e Gwen estavam sozinhos novamente e não havia outro ruído que não o sussurro de sua descida. O rosto dela estava rígido, as mãos firmes. As dele, não.

- Acho que os matamos - ele disse.

- Sim - ela respondeu. - Matamos. Alguns cães também. - Ficou em silêncio por um instante. Então, disse. - O nome dele, se me lembro bem, era Teraan Braith alguma coisa.

Ambos ficaram em silêncio. Gwen desligou os faróis mais uma vez.

- O que está fazendo? - Dirk perguntou.

- Há mais adiante - ela respondeu. - Lembre-se do grito que ouvimos.

- Sim. - Ele pensou por um tempo. - O carro agüenta mais batidas?

Ela sorriu de leve.

- Ah - disse. - O código de honra kavalariano tem vários modos aéreos. Aeromóveis são freqüentemente escolhidos como armas. São aparatos muito fortes. Este carro é construído para agüentar tiros a laser o máximo de tempo possível. A blindagem... Precisa que continue?

- Não. - Ele fez uma pausa. - Gwen.

- Sim?

- Não mate mais ninguém.

Ela olhou de relance para ele.

- Eles estão caçando os emerelianos - disse - e quem quer que teve o azar de ficar em Desafio. Eles nos caçariam sem o menor pudor.

- Mesmo assim - ele pediu. - Podemos afugentá-los, ganhar algum tempo para os demais. Jaan estará aqui logo. Ninguém precisa ser morto.

Ela suspirou e reduziu a velocidade do aeromóvel.

- Dirk - começou a dizer. Então viu alguma coisa no caminho e reduziu a velocidade ao mínimo. - Ali. Olhe - apontou.

A luz estava tão fraca que era difícil ver as coisas com clareza até que se aproximassem, e então... uma carcaça de algum tipo, ou o que restara dela. No centro da galeria, rígida e ensangüentada. Pedacos de carne estavam espalhados por todo lado. Havia sangue seco escuro no plástico.

- Deve ser a vítima que ouvimos mais cedo. - Gwen supôs em um tom coloquial. - Caçadores de quase-homens não comem sua presa, você sabe. Não pensam duas vezes antes de dizer que as criaturas não são humanas, apenas algum tipo de animal semi-senciente, e acreditam nisso. Mesmo assim, o fedor de canibalismo é muito forte, mesmo para eles, então não ousam. Mesmo antigamente, em Alto Kavalaan, durante a era da escuridão, os grupos de caçadores nunca comeram a carne dos quase-humanos que abatiam. Deixavam para os deuses, para as mariposas carniceiras, para os besouros da areia. Depois de ter dado um pedaço para os cães provarem, é

claro, como recompensa. Os caçadores tinham seus troféus, no entanto. A cabeça. Vê o torso ali? Mostre-me a cabeça.

Dirk se sentiu enjoado.

- A pele também. - Gwen continuou. - Eles levam facas de esfola. Ou levavam. Lembre-se, a caça de quase-homens está banida em Alto Kavalaan há gerações. Até o conselho de altos-senhores de Braith se pronunciou contra. Tais matanças que esses caçadores remanescentes fazem são sub-reptícias. Eles têm que esconder seus troféus, exceto entre eles mesmos. Aqui, no entanto, bem, deixe-me dizer que Jaan espera que os Braiths permaneçam em Worlorn o máximo que puderem. Segundo me disse, falam de renunciar a Braith, de trazer suas betheyn das fortalezas no planeta natal e formar uma nova coalizão aqui, um grupo que trará de volta os velhos tempos, todas as mortes e as tradições mais sanguinárias. Por um tempo, um ano, dois ou dez, enquanto o estratoescudo toberiano mantiver o calor. Lorimaar Alto-Larteyn e os seus, sem ninguém para restringi-los.

- Isso seria insano!

- Talvez. Isso não os parará. Se Jaantony e Garse partissem amanhã, seria feito. A presença dos Jadeferros os detém. Temem que se eles e os outros Braiths tradicionalistas formassem um contingente para vir para cá, então a facção progressista de Jadeferro também mandaria um contingente. Não teriam nada para caçar, então, e eles e seus filhos encarariam uma vida dura e curta em um mundo moribundo, sem sequer gozar seus prazeres preferidos, as alegrias da alta-caça. Não. - Ela deu de ombros. - Mas há salas de troféus em Larteyn mesmo agora. Lorimaar sozinho gaba-se de ter cinco cabeças, e dizem que tem duas jaquetas feitas de pele de quase-homem. Ele não as usa. Jaan o mataria.

Colocou o aeromóvel em movimento novamente, e mais uma vez começaram a ganhar velocidade.

-Agora - ela continuou -, ainda quer que eu desvie da próxima vez que encontrarmos alguns deles? Agora que sabe o que são?

Dirk não respondeu.

Pouco depois, os barulhos começaram novamente, abaixo de onde

estavam, os uivos e os gritos ecoando pela galeria outrora deserta. Passaram por outro veículo tombado, as enormes rodas-balão desinfladas e rasgadas. Gwen teve de dar a volta ao redor dele. Logo toparam com uma armação de metal negro que bloqueava o caminho, um robô maciço com quatro braços tensos paralisados em grotescas posições sobre a cabeça. A parte de cima do torso era um cilindro escuro cravejado com olhos de vidro; a parte de baixo era uma base do tamanho de um aeromóvel, com rodas.

- Um guardião. - Gwen comentou, enquanto passavam pelo silencioso cadáver mecânico, e Dirk viu que as mãos haviam sido arrancadas dos braços e o corpo estava crivado por disparos de laser.

- Será que lutou contra eles? - ele perguntou.

- Provavelmente - ela respondeu. - O que quer dizer que a Voz ainda vive e controla algumas funções. Talvez seja por isso que não ouvimos mais nada de Bretan Braith. Pode ser que esteja com problemas lá embaixo. A Voz naturalmente deve ter convocado os guardiões para proteger as funções de vida da cidade. - Deu de ombros. - Mas não importa. Os emerelianos não agem com violência. Os guardiões são instrumentos de contenção. Disparam dardos soníferos, e acho que podem jogar gás lacrimogêneo por essas grades na base. Os Braiths vencerão. Sempre.

Atrás deles, o robô já havia sumido, e a galeria estava vazia mais uma vez. Os barulhos adiante aumentavam.

Dessa vez, Dirk não falou nada quando Gwen avançou sobre eles e acendeu as luzes, e os gritos e os impactos se sobrepuseram uns aos outros. Ela acertou os dois caçadores Braiths, embora depois confessasse que não tinha certeza se o segundo tinha morrido. O kavalariano fora atingido por um golpe que o lançou de costas em um dos cães.

E a voz de Dirk sumiu, porque, enquanto o homem estava tropeçando e girando à direita do veículo, soltou alguma coisa que estava carregando. Essa coisa voou pelos ares e se esmagou contra a vitrine de uma loja, deixando um rastro sangrento no vidro quando caiu no chão. Dirk notou que o caçador a estivera segurando pelo cabelo.

O caminho em espiral descia ao redor da torre de Desafio, afundando lenta e progressivamente. Levou mais tempo do que Dirk teria imaginado descer

do 388º andar, onde surpreenderam o segundo grupo de Braiths, até o térreo. Um longo voo em um silêncio cinzento.

Não encontraram mais ninguém, nem kavalariano nem emereliano.

No 120º andar, um guardião solitário bloqueou o caminho deles, encarando-os com seus olhos opacos e ordenando que parassem, no tom de voz sempre uniforme e cordial da Voz de Desafio. Mas Gwen não diminuiu a velocidade, e, quando se aproximou, o guardião rodou para fora do caminho, sem disparar dardos ou exalar gases. Suas ordens retumbantes os perseguiram galeria abaixo.

No 57º andar, as opacas luzes sobre eles piscaram e apagaram, e por um instante voaram na escuridão total. Então Gwen acendeu os faróis e reduziu um pouco a velocidade. Nenhum deles falou nada, mas Dirk pensou em Bretan Braith e se perguntou brevemente se as luzes haviam falhado ou se haviam sido cortadas. Optou pela última alternativa; um sobrevivente acima finalmente tinha se comunicado com seus irmãos de grupo que estavam embaixo.

No térreo, a galeria terminava em um grande centro comercial e uma imensa rotatória. Podiam ver muito pouco; apenas onde os feixes dos faróis tocavam, e formas surpreendentes saltavam do oceano de piche que os cercava. No meio do centro comercial parecia haver uma árvore ou algo do tipo. Dirk entreviu um tronco maciço e retorcido, uma parede virtual de madeira, e ouviu folhas farfalhando acima deles. O caminho dava uma volta ao redor da árvore e encontrava-se consigo mesmo. Gwen percorreu todo o amplo círculo.

No outro extremo da árvore, havia uma porta larga que se abria para a noite, e Dirk sentiu o toque do vento no rosto dele e percebeu por que as folhas estavam farfalhando. Quando passaram pela porta, permanecendo no círculo, deu uma espiada para fora. Além da porta, uma estrada branca se afastava de Desafio.

E um aeromóvel movia-se velozmente por esse caminho, em direção à cidade. Em direção a eles. Dirk vislumbrou-o apenas por um instante. Era escuro - mas tudo era escuro sob as fracas luzes das estrelas dos mundos exteriores - e metálico, alguma disforme besta kavalariana que não era

capaz nem de começar a identificar.
Mas, sem dúvida, não eram os Jadeferros.

Capítulo 9

- Conseguimos - Gwen disse secamente, depois que passaram diante da porta. - Estão atrás de nós.

- Eles nos viram?

- Devem ter visto nossa luz, quando passamos pela porta aberta. Não iam deixar de ver.

Uma espessa escuridão os rodeava por todos os lados, e as folhas ainda farfalhavam sobre a cabeça deles.

- Fugimos? - Dirk perguntou.

- O carro deles deve ter lasers que funcionam, e o nosso não tem. A galeria externa é a única saída. O aeromóvel dos Braiths vai nos perseguir e, em algum lugar lá em cima, os caçadores estarão esperando. Só matamos dois, talvez três. Deve ter mais. Estamos presos.

Dirk estava pensativo.

- Podemos dar outra volta na árvore e sair pela porta depois que entrarem.

- Sim, é uma alternativa óbvia. Óbvia demais, no entanto. Deve ter outro aeromóvel do lado de fora esperando por nós, imagino. Tenho uma idéia melhor. - Enquanto falava, Gwen diminuía a velocidade da arraia até pará-la completamente. Bem na frente deles, o caminho se bifurcava, banhado pela brilhante luz dos faróis. A esquerda, estava a curva que terminava em si mesma; à direita, a galeria exterior, que começava sua subida de dois quilômetros.

Gwen desligou as luzes e a escuridão os engoliu. Quando Dirk começou a falar, ela o silenciou com um áspero "ssshh".

O mundo estava muito negro. Dirk se sentia cego. Gwen, o aeromóvel, Desafio - tudo desaparecera. Ele ouvia o murmúrio das folhas, e pensou ter escutado o outro aeromóvel, os Braiths, vindo até eles, mas aquilo devia estar só em sua mente, pois certamente veriam primeiro os faróis.

Sentia um suave movimento de balanço, como se estivesse sentado em um pequeno bote. Algo tocou seu braço, e Dirk se sobressaltou, e então outras

coisas roçaram em seu rosto. Folhas.

Estavam se elevando em direção à densa folhagem da copa ampla e baixa da árvore emereliana.

Um galho, empurrado e depois solto, chicoteou dolorosamente a sua bochecha, arrancando sangue. As folhas estavam por todos os lados, apertando-o. Finalmente um ruído seco anunciou que as asas da arraia haviam acertado um tronco mais grosso. Não puderam subir mais. Flutuavam às cegas, envoltos pela escuridão e pela folhagem invisível.

Pouco depois, um borrão de luz passou sobre eles, virando para a direita, em direção à galeria. Nem bem havia partido e outro carro apareceu - pela esquerda - e virou bruscamente na bifurcação, seguindo o primeiro. Dirk estava muito grato por Gwen ter ignorado a sugestão dele.

Flutuaram entre as folhas por um tempo infinito, mas nenhum outro carro apareceu. Finalmente, Gwen os levou de volta à pista.

- Isso não vai despistá-los permanentemente - ela disse. - Quando fecharem o cerco e não nos encontrarem, vão começar a questionar onde estamos.

Dirk secava a bochecha com a barra da camisa. Quando seus dedos finalmente lhe indicaram que a fina camada de sangue estava seca, virou-se na direção da voz de Gwen. Ainda estava cego.

- E aí vão nos perseguir - ele respondeu. - Isso é bom. Enquanto estiverem ocupados tentando descobrir para onde fomos, não estarão matando nenhum emereliano. E Jaan e Garse logo estarão aqui. Agora temos que nos esconder, acho.

- Esconder ou fugir - a resposta de Gwen veio pela escuridão. Ela ainda não acendera os faróis do aeromóvel.

- Tenho uma idéia. - Dirk propôs. Tocou a bochecha novamente. Então, satisfeito, soltou a barra da camisa. - Quando demos a volta na rotatória, notei uma coisa. Uma rampa, com uma placa de sinalização. Vi rapidamente, sob as luzes dos faróis, mas isso me fez lembrar de uma coisa. Worlorn tem uma rede subterrânea, certo? Intercidades?

- É verdade - Gwen respondeu. - Mas está desativada.

- Está? Sei que os trens não funcionam, mas e os túneis? Foram fechados?

- Não sei. Acho que não. - Repentinamente os faróis do aeromóvel se

acenderam novamente e Dirk piscou com a súbita luz.

- Mostre-me essa placa. - Gwen pediu, e novamente começaram o amplo circuito ao redor da árvore central.

Era uma entrada de metrô, como Dirk imaginara. Uma rampa rasa descia para a escuridão. Gwen parou o carro e deixou-o flutuando a alguns metros de distância, enquanto jogava os faróis sobre a placa.

- Isso significa abandonar o aeromóvel - ela disse, finalmente.

- Nossa única arma.

- Sim - Dirk concordou. A entrada era estreita demais para a grande arraia cinzenta de metal; obviamente os construtores do metrô não contavam que alguém quisesse voar pelos túneis. - Mas pode ser melhor. Não podemos deixar Desafio, e dentro da cidade o carro limita muito nossa mobilidade. Certo?

- Quando Gwen não respondeu imediatamente, ele coçou a cabeça, cansado. - Parece o melhor para mim, mas talvez eu não esteja pensando direito. Estou cansado e provavelmente ficaria assustado se parasse para pensar sobre o assunto. Tenho hematomas e cortes e quero dormir um pouco.

- Bem - Gwen falou pode valer a pena tentar. Podemos colocar alguns quilômetros entre nós e Desafio, e dormir. Não acho que os Braiths pensarão em nos caçar aí embaixo, nos túneis.

- Está decidido, então - Dirk respondeu.

Prepararam-se metodicamente. Gwen estacionou o aeromóvel perto da rampa subterrânea e tirou o pacote de sensores e os suprimentos de campo do banco de trás. Pegaram os aeropatinetes também, vestindo as botas de vôo e descartando os próprios sapatos. E, entre as ferramentas guardadas no capô do banshee, estava uma lanterna portátil bem pequena, uma vara de plástico e metal do tamanho do antebraço de um homem que irradiava uma luz pálida e branca.

Quando estavam prontos para partir, Gwen borrifou ambos com o anulador de odores novamente, então fez Dirk esperar na entrada do metrô enquanto levava o aeromóvel até a rotatória e o deixava no meio do caminho, perto de um dos largos corredores do térreo. Os Braiths

pensariam que haviam entrado pelos intrincados labirintos de Desafio; teriam uma bela e longa caçada à espera deles.

Dirk esperava na escuridão, enquanto Gwen andava pelo longo caminho ao redor da árvore, iluminando o percurso com a lanterna de mão. Então, juntos, desceram a rampa até o terminal abandonado. A descida era maior do que Dirk imaginara. Estavam ao menos dois andares sob o térreo, supôs, andando em silêncio enquanto a luz da lanterna refletia nas lisas paredes azul pastel. Pensou em Bretan Braith, a uns cinquenta andares abaixo deles ainda, e por um insano momento teve a esperança que os túneis ainda tivessem energia, sendo no final das contas algo que não pertencia à torre-cidade emereliana e, portanto, fora do alcance de Bretan.

Mas é claro que o sistema de metrô fora desligado muito antes de Bretan e dos outros Braiths chegarem a Worlorn; lá embaixo só encontraram uma plataforma vasta e maciços buracos de minhoca de pedra correndo em direção ao infinito. O infinito parecia muito fácil de ser alcançado na escuridão. O terminal estava em silêncio, e esse silêncio parecia ainda mais fúnebre do que os tranquilos corredores de Desafio. Era como andar por uma tumba. Havia pó por todo lado. A Voz não permitia pó em Desafio, Dirk percebeu, mas o metrô não era de Desafio, não era obra de di-Emerel. Conforme andavam, seus passos soavam horivelmente altos.

Gwen estudou um mapa do sistema muito cuidadosamente antes de entrarem nos túneis.

- Há duas linhas saindo daqui - ela disse, sussurrando por algum motivo. - Uma linha conecta todas as cidades do Festival em um grande circuito. Aparentemente os trens costumavam percorrer as duas direções. A outra linha é um serviço que une Desafio ao porto espacial. Cada cidade tinha seu próprio transporte para o porto espacial. Por qual devemos ir?

Dirk estava exausto e irritável.

- Dá no mesmo - disse. - Que diferença faz? De qualquer modo não podemos andar até a próxima cidade. Mesmo com os aeropatinetes, as distâncias são muito longas.

Gwen assentiu pensativamente, ainda olhando para o mapa.

- Duzentos e trinta quilômetros até Esvoch em uma direção, trezentos e

oitenta para Kryne Lamiya se formos para o outro lado. Mais do que para o porto espacial. Acho que você está certo. - Deu de ombros, virou-se e escolheu uma direção ao acaso. - Por aqui. - disse.

Queriam velocidade e distância. Sentados na borda da plataforma, sobre os trilhos, travaram as botas nas plataformas metálicas dos aeropatinetes, então saíram lentamente na direção que Gwen indicara. Ela foi na frente, voando a vinte centímetros do solo e passando a mão esquerda levemente pela parede do túnel. Levava a lanterna na mão direita. Dirk seguia atrás, voando um pouco mais alto para que pudesse ver por sobre o ombro dela. O túnel que escolheram fazia uma grande curva suave, virando imperceptivelmente para a esquerda. Não havia nada para se ver, nada para chamar a atenção. Logo Dirk perdeu completamente a sensação de movimento, tão constante e sem intercorrências era o voo deles. Tinha a impressão de que ele e Gwen estavam flutuando em algum limbo atemporal, enquanto as paredes deslizavam rapidamente.

Mas finalmente, quando estavam a uns três quilômetros de Desafio, desceram ao solo e pararam. Nenhum dos dois tinha nada para dizer. Gwen apoiou a lanterna contra uma áspera parede de pedra, enquanto se sentava no chão sujo para tirar as botas. Em silêncio, colocou os suprimentos de campo e usou o pacote como travesseiro. Nem bem apoiou a cabeça e estava adormecida, alheia a ele.

E separada dele também.

Apesar do cansaço, Dirk encontrou dificuldades para dormir. Em vez disso, sentou-se na ponta do pequeno círculo de luz da lanterna que Gwen deixara acesa e observou sua companheira, acompanhou sua respiração, viu as sombras brincando em seu rosto e em seu cabelo quando ela se moveu agitada enquanto dormia. Percebeu, então, o quão longe dele ela se deitara, e lembrou-se de que não se tocavam nem se falavam desde Desafio. Não parou para pensar nisso; sua mente estava embaçada demais pelo medo e pela fadiga para pensar. Mas sentia como um peso no peito, e a escuridão o agoniava neste comprido buraco empoeirado nas entranhas do mundo.

Finalmente apagou a lanterna e toda a visão de sua Jenny e tentou dormir.

Conseguiu algum tempo depois, mas os pesadelos não tardaram em aparecer. Sonhou que estava com Gwen, beijando-a, abraçando-a bem apertado. Mas quando seus lábios encontraram os dela, não era Gwen que beijava; era Bretan Braith. Bretan, cujos lábios eram secos e duros, cujo olho de pedrardente flamejava assustadoramente perto na escuridão.

E, depois disso, Dirk estava fugindo novamente, correndo por algum túnel sem-fim para lugar algum. Mas, atrás de si, podia ouvir o barulho da água e, quando olhou sobre o ombro, pensou ter vislumbrado um barqueiro solitário remando uma barça vazia. O barqueiro estava flutuando em um córrego negro e oleoso, e Dirk corria sobre uma pedra seca, mas no sonho tudo parecia fazer sentido. Ele corria e corria, mas a barca se aproximava cada vez mais, e finalmente pôde ver que o barqueiro não tinha rosto.

Veio a calma depois disso, e pelo resto da longa noite Dirk não sonhou.

Uma luz brilhava onde não devia haver luz. Pôde percebê-la através das pálpebras fechadas e do torpor: um resplendor trêmulo e amarelo, que se aproximava e se afastava um pouco. Dirk estava apenas vagamente consciente quando ela se intrometeu pela primeira vez em seu sono duramente conquistado. Resmungou e virou de lado. Vozes murmuravam ali por perto, e alguém deu uma gargalhada breve e áspera. Dirk ignorou.

Então eles o chutaram, com força, no rosto.

Sua cabeça foi de um lado para o outro, e as correntes de sono se dissolveram em um espasmo de dor. Desorientado e aturdido, sem saber onde estava, lutou para se sentar. Sua têmpora latejava. Tudo estava brilhante demais. Levou um braço na frente dos olhos para bloquear a luz e proteger-se de outros chutes. Ouviu outra gargalhada.

Lentamente o mundo tomou forma. Eram os Braiths, é claro.

Um deles, um homem ossudo e desengonçado, de cabelo negro encaracolado, estava parado do outro lado do túnel, segurando Gwen com uma mão e uma pistola laser com a outra. Outro laser, um rifle, estava pendurado em seu ombro por uma alça. As mãos de Gwen estavam amarradas nas costas, e ela permanecia em silêncio, com os olhos baixos.

O Braith que estava sobre Dirk não tinha um laser, mas levava uma poderosa lanterna na mão esquerda que enchia o túnel com luz amarela. O

brilho da lanterna tornava difícil para Dirk ver suas feições, mas percebeu que era alto e corpulento, e parecia ser careca como um ovo.

- Pelo menos conseguimos sua atenção - disse o homem com a luz. O outro gargalhou, a mesma risada que Dirk ouvira antes.

Com dificuldade, Dirk se levantou e deu um passo para trás, afastando-se dos kavalarianos. Inclinou-se contra a parede do túnel e tentou se endireitar, mas seu crânio gritava e o fazia sentir vertigens. O brilho quente da lanterna de mão queimava seus olhos.

- Você machucou a presa, Pyr - o Braith com o laser comentou do outro lado do túnel.

- Espero que não demais - disse o homem corpulento.

- Vão me matar? - Dirk perguntou. As palavras vieram com incrível serenidade, considerando o que perguntava. Estava finalmente começando a se recuperar dos chutes.

Gwen levantou os olhos quando ele falou.

- No final vão matar você - ela disse com voz desolada. - Não será uma morte fácil. Sinto muito, Dirk.

- Silêncio, cadela betheyn - disse o homem corpulento chamado Pyr. Dirk estava vagamente consciente de ter ouvido esse nome antes. O homem olhou de relance para Gwen quando ela falou, e então voltou-se para Dirk.

- O que ela quer dizer? - Dirk perguntou, nervoso. Estava apertando o corpo com força contra a pedra, tentando tensionar os músculos discretamente. Pyr estava a menos de um metro de distância. O Braith parecia arrogante e desprevenido, mas Dirk se perguntava quão verdadeira essa impressão poderia ser. O homem estava segurando a lanterna com a mão esquerda, mas com a direita segurava algo mais - um bastão de um metro de comprimento, de alguma madeira escura, com um punho redondo na ponta e uma lâmina curta na outra. Segurava o bastão descuidadamente entre os dedos da mão, pelo meio do eixo, batendo-o ritmicamente contra a perna.

- Você nos proporcionou uma caçada excitante, quase-homem - Pyr falou. - Não digo isso à toa ou como brincadeira. Poucos se igualam a mim na antiga alta-caça. Ninguém me supera. Até Lorimaar Alto-Braith Arkellor

tem apenas metade dos troféus que já ganhei. Então, quando digo que esta caçada foi extraordinária, você sabe que falo a verdade. Me alegra que não tenha acabado.

- O quê? - Dirk perguntou. - Não acabou? - O homem estava bem perto, e Dirk se perguntava se conseguiria atacá-lo, protegendo-se do laser do outro homem com o corpo de Pyr. Talvez pudesse arrancar o bastão dele, ou até mesmo a pistola que Pyr tinha guardada no coldre na cintura.

- Não há mérito em capturar um quase-homem dormindo, nem há honra nisso. Você vai fugir novamente, Dirk t'Larien.

- Ele o tornará seu korariel pessoal - Gwen falou zangada, olhando para os dois Braiths em desafio calculado. - Ninguém poderá caçá-lo além dele e de seu teyn.

Pyr virou-se na direção dela novamente.

- Eu disse silêncio!

Ela riu para ele.

- Conhecendo Pyr - ela continuou -, ele o caçará pelo método tradicional. Deixará você livre no bosque, provavelmente nu. Eles dois deixarão de lado os lasers e os aeromóveis e irão atrás de você a pé, com facas, espadas de arremesso e cães. Depois que me entregarem aos meus mestres, é claro.

Pyr estava franzindo o cenho. O outro Braith ergueu a pistola e usou-a para dar uma coronhada na boca de Gwen.

Dirk contraiu os músculos, hesitou um instante longo demais e saltou. Mesmo um metro era longe demais; Pyr estava sorrindo quando virou a cabeça. O bastão veio com uma velocidade assustadora, e o punho de madeira afundou na barriga de Dirk. Ele cambaleou, dobrou o corpo e, de alguma forma, tentou seguir adiante. Pyr retrocedeu desdenhosamente e acertou outro golpe na virilha de Dirk. O mundo desapareceu em uma bruma vermelha.

Dirk percebeu vagamente que Pyr se aproximou depois que ele caiu no chão. Então o Braith o acertou uma terceira vez, um golpe quase casual no lado de sua cabeça, e então não viu mais nada.

Dor. Foi a primeira coisa que sentiu. Era tudo o que sentia. Dor. Sua cabeça girava, latejava e estremecia em um tipo estranho de ritmo; seu estômago

doía também, e mais abaixo sentia-se entorpecido. Dor e aturdimento eram os limites do mundo de Dirk. Por um momento muito longo, isso foi tudo.

Gradualmente, no entanto, recobrou uma espécie de consciência turva. Começou a notar coisas. Primeiro, a dor - vinha e ia em ondas, de cima para baixo, de cima para baixo. Ele estava indo para cima e para baixo também, percebeu finalmente, trepidando e saltando. Estava sobre alguma coisa. Sendo arrastado ou carregado. Moveu as mãos, ou pelo menos tentou. Era difícil. A dor parecia varrer todas as sensações normais. Tinha a boca cheia de sangue. Seus ouvidos zumbiam, ardiam, vibravam.

Estava sendo carregado. Havia vozes; podia ouvi-las, falando e zumbindo. As palavras não eram claras. Adiante, em algum lugar, uma luz dançava e vacilava; todo o resto era névoa cinzenta. Pouco a pouco o zumbindo se dissipou. Finalmente as palavras começaram a ficar claras.

- ... não ficará feliz - disse a voz que não conhecia. Não achava que a conheceria, de todo jeito. Era difícil dizer. Tudo era tão terrivelmente distante, e ele estava saltando, e a dor ia e vinha, ia e vinha, ia e vinha.

- Sim - concordou a outra voz, carregada, firme, enérgica.

Mais zumbidos... muitas vozes ao mesmo tempo. Dirk não entendeu nada. Então um homem silenciou os demais.

- Basta - falou. Essa voz estava ainda mais afastada do que as outras duas; vinha de algum lugar adiante, da luz bruxuleante. Pyr? Sim, Pyr.

- Não temo Bretan Braith Lantry, Roseph. Você se esquece quem sou. Já tinha conseguido três cabeças nos bosques quando Bretan Braith ainda sugava as tetas das mulheres. O quase-homem é meu por todos os antigos direitos.

- Verdade - a primeira voz desconhecida respondeu. - Se você o tivesse capturado nos túneis, ninguém negaria seu direito. Mas você não fez isso.

- Desejo uma caçada pura, do jeito mais antigo.

Alguém disse alguma coisa em alto kavalariano. Houve uma gargalhada.

- Mais de uma vez caçamos juntos em sua juventude, Pyr - a voz desconhecida disse. - Se suas opiniões sobre as mulheres tivessem sido outras, poderíamos ter nos tornado teyn-e-teyn, nós dois. Não falarei

contra você. Bretan Braith Lantry quer muito este homem.

- Ele não é um homem, é um quase-homem. Você mesmo decidiu isso, Roseph. E os desejos de Bretan Braith não são nada para mim.

- Realmente afirmei que ele é quase-homem, e ele é. Para você e para mim, ele é apenas isso, um entre muitos. Temos os filhos da lesma para caçar, os emerelianos, e outros. Você não precisa dele, Pyr. Bretan Braith pensa diferente. Ele foi até o quadrado da morte e foi feito de tolo quando o homem que desafiou não era realmente um homem.

- Isso é verdade, mas não é toda ela. t'Larien é um tipo especial de presa. Dois de nossos kethi foram mortos por ele, e Koraat está morrendo com uma espinha quebrada. Nenhum quase-homem fugiu dessa maneira antes. Ficarei com ele, como é meu direito. Eu o encontrei, eu sozinho.

- Sim - disse a segunda voz desconhecida, a carregada e enérgica. - Isso é realmente verdade, Pyr. Como você o descobriu?

Pyr ficou bastante satisfeito com a chance de se gabar.

- Não fui enganado pelo aeromóvel, como vocês dois e até mesmo Lorimaar. Esse quase-homem foi bem esperto, ele e a cadela betheyn que fugia ao seu lado. Não deixaram o carro indicando o lugar por onde haviam partido. Quando vocês reuniram todos os cães e partiram pelo corredor, meu teyn e eu começamos a procurar no centro comercial com uma lanterna, buscando um rastro. Eu sabia que os cães seriam inúteis. Não precisava deles. Sou um rastreador melhor do que qualquer cão ou mestre de canil. Já rastreei quase-homens sobre as pedras nuas das Colinas de Lameraan, nas cidades mortas, até mesmo nas fortalezas abandonadas de Taal, de Punho de Bronze e da Montanha de Pedrar-dente. Esses dois foram ridiculamente fáceis. Verificamos cada corredor por uma distância de vários metros, então seguíamos para olhar o seguinte. Encontramos o rastro. Pegadas no chão do lado de fora da rampa do metrô e depois sinais claros no pó. O rastro desapareceu quando começaram a usar seus brinquedos voadores, é claro, mas então tínhamos apenas duas direções possíveis a considerar. Temi que pudessem tentar voar até Esvoch ou Kryne Lamiya, mas isso não aconteceu. Levou a maior parte do dia e uma longa caminhada, mesmo assim os capturamos.

Dirk estava quase alerta agora, embora tivesse o corpo ainda envolto em uma gaze de dor, e duvidava que responderia muito bem se tentasse se mover. Podia ver com toda a nitidez. Pyr Braith estava andando na frente com a lanterna de mão, conversando com um homem menor vestido de branco e púrpura, que devia ser Roseph, o árbitro dos duelos que nunca ocorreram. Entre eles estava Gwen, andando por conta própria, mas ainda com as mãos amarradas. Ela seguia em silêncio. Dirk se perguntava se eles a tinham amordaçado, mas era impossível dizer, uma vez que só conseguia ver as costas dela.

Ele estava deitado em uma espécie de maca, que sacudia a cada passo. Outro Braith em branco e púrpura, segurava a parte da frente, seus grandes punhos cerrados em volta da barra de madeira. O teyn de Pyr, o das gargalhadas estrondosas, estava provavelmente atrás dele, na outra ponta da maca. Ainda estavam no túnel, andando; o metrô parecia seguir infinitamente, e Dirk não tinha idéia de quanto tempo estivera desmaiado. Por um bom tempo, imaginava; não havia Roseph nem maca quando tentara atacar Pyr, tinha certeza disso. Seus captores provavelmente haviam aguardado no túnel depois de pedir ajuda dos irmãos de grupo.

Ninguém pareceu notar que Dirk estava de olhos abertos. Ou talvez tivessem notado e simplesmente não se importassem. Ele não estava em condições de fazer nada, exceto, talvez, gritar por ajuda.

Pyr e Roseph continuaram a conversar, com os outros dois fazendo comentários de tempos em tempos. Dirk tentou ouvir, mas a dor tornava difícil se concentrar, e o que estavam dizendo não servia muito para Gwen ou para ele. Especialmente Roseph parecia avisar Pyr que Bretan Braith ficaria muito aborrecido se Pyr matasse Dirk, já que Bretan Braith queria ele mesmo matar Dirk. Pyr não se importava; seus comentários deixavam claro que tinha pouco respeito por Bretan, que era duas gerações mais jovem do que o resto deles e, portanto, suspeito. Em nenhum momento da conversa algum dos caçadores mencionou os Jadeferros, o que levou Dirk a concluir que Jaan e Garse ainda não haviam chegado a Desafio, ou esses quatro ainda não estavam cientes disso.

Depois de um tempo, parou de se esforçar para entender o que diziam e se

deixou vencer pelo torpor. As vozes ficaram confusas novamente e continuaram falando por um bom tempo. Finalmente pararam. Uma das extremidades da maca parou abruptamente, e Dirk despertou de novo. Braços fortes o ergueram pelas axilas.

Haviam chegado ao terminal de Desafio, e o teyn de Pyr estava levando Dirk para a plataforma. Ele nem tentou ajudar. Ficou o mais mole que podia e deixou-se ser levado como um pedaço de carne.

Então estava na maca novamente, e eles o carregaram pela rampa que dava na cidade. Não o trataram com gentileza na plataforma; sua cabeça voltara a latejar. Paredes azuis pastel apareceram diante dele, e Dirk se lembrou de quando descera a rampa na noite anterior. Por alguma razão, esconder-se no metrô parecera uma idéia incrivelmente boa naquele momento.

As paredes desapareceram, e estavam em Desafio novamente. Dirk viu a grande árvore emereliana, dessa vez em toda sua imponência. Era um gigante disforme, azul e negro, com os galhos mais baixos pendurados sobre a curva visível da rotatória enquanto os mais altos roçavam contra o teto sombreado. O dia chegara, Dirk percebeu. A porta de entrada permanecia aberta, e, através do arco, pôde ver o Satã Gordo e uma única estrela amarela no horizonte. Estava muito aturdido e cansado para saber se amanhecia ou anoitecia.

Dois maciços aeromóveis kavalarianos estavam estacionados na estrada próxima à rampa do metrô. Pyr parou perto deles, e Dirk foi colocado no chão. Lutou para se sentar, mas foi em vão. Mexeu as pernas debilmente e a dor voltou, até que se rendeu e deitou de costas novamente.

- Reúna os outros - Pyr falou. - Essas questões serão resolvidas aqui e agora, para que meu korariel possa ser preparado para a caçada. - Ficou parado ao lado de Dirk enquanto falava. Estavam todos reunidos ao redor da maca, incluindo Gwen. Mas só ela olhou para baixo, e seus olhos encontraram os dele. Estava amordaçada. E cansada. E desesperada.

Levou quase uma hora para os Braiths se reunirem; para Dirk, foi uma hora em que a luz se dissipou e ele pôde reunir forças. Era pôr do sol, logo percebeu; além da porta de entrada, o Satã Gordo mergulhava lentamente no horizonte. A escuridão se propagava ao redor deles, ficando mais

espessa e mais densa, até que finalmente os kavalarianos foram obrigados a acender os faróis de seus aeromóveis. O aturdimento de Dirk havia passado. Pyr notara isso e fez com que amarrassem as mãos de Dirk nas costas, e o obrigou a se sentar contra a lateral de um aeromóvel. Então colocaram Gwen ao lado dele, mas não tiraram sua mordaça.

Embora não estivesse amordaçado, Dirk não tentou falar. Sentou-se contra o frio metal, as cordas roçando seus punhos, e esperou, observou e escutou. De tempos em tempos olhava de relance para Gwen, mas ela permaneceu com a cabeça baixa e não lhe devolveu o olhar.

Chegaram sozinhos e em pares. Os kethi de Braith. Os caçadores de Worlorn. Vieram das sombras e dos lugares escuros. Como pálidos fantasmas. Um barulho e uma forma vaga no início, até irromperem no pequeno círculo de luz e tornarem-se homens novamente. Ainda assim não eram nada mais que humanos.

O primeiro a chegar trouxe quatro cães altos com cara de rato, e Dirk o reconheceu da selvagem corrida pela galeria exterior. O homem acorrentou os cães no para-choques do aeromóvel de Roseph, cumprimentou Pyr, Roseph e seus teyns, e sentou-se de pernas cruzadas no chão a alguns metros dos prisioneiros. Não falou nem uma vez. Seus olhos estavam fixos em Gwen, sem nunca abandoná-la, e permaneceu absolutamente imóvel. Ali perto, Dirk podia ouvir os cães rosnando nas sombras, suas correntes de ferro se retorcendo e chocalhando.

Então os outros chegaram. Lorimaar Alto-Braith Arkellor, um gigante castanho com um traje de tecido-camaleão negro como piche e botões de ossos claros, chegou em um colossal aeromóvel vermelho abobadado. Com Lorimaar estava outro homem, gordo e quadrado, duas vezes mais corpulento do que Pyr, o corpo sólido e duro como tijolo, o rosto pálido e suíno. Depois deles, sozinho e a pé, veio um velho de aparência frágil, careca, enrugado e quase totalmente banguela, com uma mão de carne e osso e outra com uma garra de três dedos de metal escuro. O velho tinha a cabeça de uma criança pendurada no cinturão; ainda estava sangrando, e uma perna de suas calças brancas estava manchada com compridas faixas marrons do gotejamento.

Finalmente Chell chegou, tão alto quanto Lorimaar, cabelo branco e de bigodes, parecendo muito cansado e trazendo apenas um imenso cão Braith. Parou dentro do círculo de luz e piscou.

- Onde está seu teyn? - Pyr exigiu saber.

- Aqui. - Um grunhido na escuridão. A alguns metros de distância, uma única pedrardente brilhava opaca. Bretan Braith Lantry avançou e parou perto de Chell. Seu rosto se contraiu.

- Estão todos reunidos - Roseph Alto-Braith disse para Pyr.

- Não - alguém objetou. - Falta Koraat.

O caçador silencioso falou do chão.

- Ele não existe mais. Suplicou por seu fim. Eu lhe concedi. Na verdade, estava muito ferido. Foi o segundo keth que vi morrer hoje. O primeiro foi meu teyn, Teraan Braith Nalarys. - Enquanto falava, não desviava os olhos de Gwen. Encerrou com uma longa frase em antigo kavalariano.

- Três de nós se foram - o velho falou.

- Façamos silêncio por eles - Pyr disse. Ainda estava segurando seu bastão, com o punho de madeira e a lâmina curta, e o batia nervosamente contra a perna enquanto falava, exatamente como fizera nos túneis.

Através da mordaca, Gwen tentou gritar. O teyn de Pyr, o kavalariano desengonçado com o cabelo negro desgrehado, aproximou-se dela com uma expressão ameaçadora.

Mas Dirk, sem mordaca, tivera uma idéia.

- Não vou manter silêncio - gritou. Ou pelo menos tentou. Sua voz não estava forte o suficiente para gritar. - Eram assassinos, todos eles. Mereceram morrer.

Todos os Braiths olharam para ele.

- Amordace-o e faça-o parar de gritar. - Pyr mandou. Seu teyn se apressou em cumprir a ordem. Quando terminou, Pyr falou novamente. - Você terá tempo suficiente para gritar, Dirk t'Larien, quando estiver correndo nu pela floresta e ouvir meus cães latindo atrás de você.

A cabeça e os ombros de Bretan se viraram estranhamente. A luz brilhava em suas cicatrizes.

- Não - disse. - A primeira reivindicação é minha.

Pyr o encarou.

- Eu rastreei o quase-homem. Eu o capturei.

Bretan contorceu o rosto. Chell, ainda segurando o grande cão pela corrente enrolada em uma mão imensa, colocou a outra mão no ombro de Bretan.

- Isso não me importa - outra voz falou. Era o Braith sentado no chão, encarando imóvel. - E quanto à cadela?

Os outros se voltaram para ele, inquietos.

- Não podemos dispor dela, Myrik - disse Lorimaar Alto-Braith. - Ela é de Jadeferro.

O homem contraiu ferozmente os lábios; por um instante seu rosto calmo ficou selvagemmente distorcido, um rosto de animal, um ricto de emoção. Então passou. Suas feições assumiram a aparência calma novamente, tudo controlado.

- Eu matarei esta mulher - ele disse. - Teraan era meu teyn. Ela deixou o fantasma dele vagando em um mundo sem almas.

- Ela? - a voz de Lorimaar era incrédula. - Isso é verdade?

- Eu vi - respondeu o homem no chão, aquele chamado Myrik. - Atirei nela quando atropelou Teraan e o deixou agonizando. Isso é verdade, Lorimaar Alto-Braith.

Dirk tentou ficar em pé, mas o kavalariano desengonçado o obrigou a sentar-se novamente, com força, e bateu a cabeça dele contra a lateral de metal do aeromóvel para marcar posição.

O velho frágil, aquele com garras e a cabeça de uma criança pendurada, falou então.

- Pegue-a então como sua presa pessoal - sugeriu, com uma voz fina e cortante como a lâmina da faca de esfolar que levava no cinturão. - A sabedoria dos grupos é antiga e inequívoca, meus irmãos. Ela não é uma mulher verdadeira agora, se é que já foi, nem esposa-escrava ou eyn-keth. Quem pode atestar por ela? Ela deixou a proteção de seu alto-senhor para fugir com um quase-homem! Se alguma vez ela foi carne da carne de um homem, já não é mais. Vocês sabem como agem os quase- homens, as mentiras, as perfídias, os grandes enganos. Sozinho com ela na escuridão,

este quase-homem Dirk certamente a matou e a substituiu por um demônio como ele próprio, feito à imagem dela.

Chell assentiu em concordância e falou gravemente em antigo kavalariano. Os outros Braiths não pareciam tão seguros. Lorimaar trocou olhares sérios com seu teyn, o gordo maciço. O rosto aborrecido de Bretan permaneceu imutável, metade máscara de cicatrizes, metade inocência. Pyr franziu o cenho e continuou a bater com seu bastão.

Foi Roseph quem respondeu.

-Nomeei GwenDelvano humana quando arbitrei no quadrado da morte - disse cuidadosamente.

- Isso é verdade - Pyr falou.

- Talvez ela fosse humana então - o velho disse. - Mesmo assim, ela provou sangue e dormiu com um quase-homem, e quem vai chamá-la humana agora?

Os cães começaram a uivar. Os quatro que Myrik havia acorrentado no aeromóvel começaram a cacofonia, que foi levada adiante pela matilha presa dentro do veículo abobadado de Lorimaar. O maciço cão de Chell rosnou e esticou a corrente, até que o Braith mais velho a puxou para trás com raiva; então a criatura se sentou e juntou-se aos uivos.

A maior parte dos caçadores começou a olhar de soslaio em direção à silenciosa escuridão além do pequeno círculo de luz, e mais do que um levou a mão à pistola. Myrik, rosto impassível e imóvel, era a notável exceção: seus olhos nunca deixavam Gwen Delvano.

Na beira do círculo, além dos aeromóveis e da luz dos faróis, os dois Jadeferros estavam parados lado a lado nas sombras.

A dor de Dirk - sua cabeça latejava - abruptamente pareceu sem importância. Seu corpo tremeu e estremeceu. Olhou para Gwen; ela estava olhando para cima, para eles. Para Jaan especialmente.

Ele caminhou para a luz, e Dirk viu que encarava Gwen quase tão fixamente quanto o homem chamado Myrik. Parecia se mover muito devagar, como uma figura de algum sonho empoeirado, ou como um sonâmbulo. Garse Janacek estava vivo e fluente ao seu lado.

Vikary usava um traje manchado de tecido-camaleão, com sombras cada

vez mais negras, quando entrou no círculo de luz de seus inimigos. Quando os cães silenciaram, sua roupa já tinha mudado para um cinza encardido. As mangas de sua camisa terminavam bem em cima do cotovelo; ferro-e-pedrardente circundavam seu antebraço direito, jade-e-prata, o esquerdo. Por um instante fugaz, sua figura pareceu imensa. Ainda que Chell e Lorimaar fossem ambos uma cabeça mais altos, de algum modo Vikary pareceu superá-los na estatura. Passou entre os Braiths, como um fantasma caminhando a passos largos, quão irreal era, mesmo ali, como se não os visse, e parou perto de Gwen e Dirk.

Mas era tudo ilusão. Os ruídos reiniciaram, os Braiths começaram a falar, e Jaan Vikary era apenas um homem novamente, maior do que muitos mas menor do que alguns.

- Vocês transgridem, Jadeferros - Lorimaar disse, em um tom duro e zangado. - Não foram convidados para este lugar. Não têm o direito de estar aqui.

- Quase-homens - cuspiu Chell. - Falsos kavalarianos.

Bretan Braith Lantry fez seu ruído singular.

- Sua betheyn fica em suas mãos, Jaantony Alto-Jadeferro - Pyr disse com firmeza, embora seu bastão se agitasse nervosamente. - Discipline-a como quiser, como deve. O quase-homem é meu para ser caçado.

Garse Janacek parara a alguns metros de distância. Seus olhos se moviam de um interlocutor para outro, e por duas vezes pareceu prestes a responder. Mas Jaan Vikary ignorou todos eles.

- Remova as mordças das bocas deles - disse, gesticulando em direção aos prisioneiros.

O teyn de Pyr permanecia parado ao lado de Dirk e Gwen, encarando o alto-senhor Jadeferro. Hesitou por um longo momento, então abaixou-se e tirou as mordças.

- Obrigado - falou Dirk.

Gwen balançou a cabeça para tirar o cabelo dos olhos e se levantou com dificuldade, os braços ainda amarrados às costas.

- Jaan - ela disse em voz insegura. - Você ouviu?

- Ouvi - Vikary respondeu. Então, falou para os Braiths. - Soltem os braços

dela.

- Você é presunçoso, Jadeferro. - Lorimaar reclamou.

Pyr, contudo, pareceu curioso. Apoiou-se em seu bastão.

- Solte os braços dela - disse. Seu teyn puxou Gwen rudemente e usou a faca para libertá-la.

- Mostre-me seus braços - Vikary disse para Gwen.

Ela hesitou, então tirou as mãos de trás das costas e as estendeu, palmas para baixo. No seu braço esquerdo o jade-e-prata brilhou. Ela não havia retirado o bracelete.

Dirk olhou, amarrado e desesperado, sentindo um calafrio. Ela não havia retirado o bracelete.

Vikary olhou para Myrik, que ainda estava sentado de pernas cruzadas, com os olhos fixos em Gwen.

- Levante-se.

O homem se ergueu e virou o rosto para o Jadeferro, tirando o olhar de Gwen pela primeira vez desde que chegara. Vikary ia começar a falar, mas Gwen o interrompeu.

- Não - Gwen ainda esfregava os pulsos. Agora parara e pousara a mão direita sobre o bracelete. Sua voz era firme. - Você não entende, Jaan? Não. Se você o desafiar, se você matá-lo, eu vou tirar isso. Eu vou.

Pela primeira vez, uma emoção tomou conta do rosto de Jaan, e seu nome era angústia.

- Você é minha betheyn - ele disse. - Se eu não... Gwen...

- Não - ela insistiu.

Um dos Braiths riu. Ao ouvir, Garse Janacek fez uma careta, e Dirk viu um espasmo selvagem contrair o rosto do homem chamado Myrik.

Se Gwen notou, não se importou. Olhou para Myrik.

- Eu matei seu teyn - afirmou. - Eu. Não Jaan. Nem o pobre Dirk. Eu o matei e admito. Ele estava nos caçando, assim como você. E matando os emerelianos também. - Myrik não disse nada. Todos ficaram em silêncio. - Se tem que duelar, então, se realmente me quer morta, duela comigo - Gwen prosseguiu. - Eu aceito. Lute comigo se sua vingança é tão importante.

Pyr gargalhou alto. Um instante depois, seu teyn se juntou a ele, assim como Roseph e vários dos outros - o companheiro gordo e de rosto severo de Roseph, o ancião de garra. Todos estavam gargalhando.

O rosto de Myrik ficou corado, então branco e corado novamente.

- Cadela betheyn - disse. Seu rosto se crispou novamente, e dessa vez todos viram. - Você zomba de mim. Um duelo é... meu teyn... e você é uma mulher! - Terminou com um grito que sobressaltou os homens e que fez os cães começarem a uivar. Então perdeu o controle.

Ergueu as mãos sobre a cabeça, fechando-as e abrindo-as, e golpeou-a no rosto enquanto ela se esquivava de sua fúria, e de repente estava sobre ela. Seus dedos se fecharam ao redor da garganta de Gwen, e ele avançou, enquanto ela recuava. Estavam rolando uma vez e outra no chão até que bateram contra a lateral de um aeromóvel. Myrik parou firme sobre ela, com Gwen presa por baixo, as mãos dele apertando com força a carne do pescoço dela. Ela bateu nele com força na mandíbula, mas, em sua ira, ele nem pareceu sentir. O kavalariano começou a bater a cabeça dela contra o aeromóvel, uma vez, outra e mais outra, gritando o tempo todo em antigo kavalariano.

Dirk lutou para se levantar apenas para ficar parado, inútil, com as mãos amarradas. Garse deu dois passos rápidos para a frente, e Jaan Vikary finalmente começou a se mexer. Mas foi Bretan Braith Lantry quem os alcançou primeiro e arrancou Myrik de cima de Gwen, agarrando-o pelo pescoço com um braço. Myrik lutou ferozmente, até que Lorimaar se juntou a Bretan, e, entre eles, contiveram o homem.

Gwen jazia inerte, a cabeça apoiada contra a porta de metal onde Myrik a golpeará. Vikary ajoelhou-se ao lado dela e tentou colocar um braço ao redor de seus ombros. A parte de trás da cabeça de Gwen deixou uma mancha de sangue na lateral do aeromóvel.

Janacek se ajoelhou também, rapidamente, e sentiu seu pulso. Satisfeito, levantou-se novamente e se virou para encarar os Braiths, a boca apertada de raiva.

- Ela usava jade-e-prata, Myrik - disse. - Você é um homem morto. Eu o desafio.

Myrik parara de gritar, mas estava ofegante. Um dos cães uivou e ficou em silêncio.

- Ela vive? - Bretan perguntou em sua voz áspera.

Jaan Vikary olhou para ele com uma expressão estranha e consternada como a de Myrik há alguns instantes.

- Ela vive.

- É uma sorte - disse Janacek -, mas não graças a você, Myrik, nem faz diferença. Faça suas escolhas!

- Soltem-me! - Dirk pediu. Ninguém se mexeu. - Soltem-me! - gritou.

Alguém cortou suas cordas.

Foi até Gwen, ajoelhando-se ao lado de Vikary. Os olhos dos dois homens se encontraram rapidamente. Dirk examinou a parte de trás da cabeça de Gwen, onde o cabelo escuro já começava a formar uma crosta com o sangue coagulado.

- Uma concussão, no mínimo - disse. - Talvez uma fratura de crânio, talvez algo pior. Não sei. Existe algum serviço médico? - Olhou para cada um dos kavalarianos. - Existe?

Bretan respondeu.

- Nenhum que funcione em Desafio, t'Larien. A Voz lutou comigo. A cidade não respondia. Tive que matá-la.

Dirk fez uma careta.

- Ela não deve ser movida, então. Talvez seja apenas uma concussão. Acho que ela deve descansar.

Incrivelmente, Jaan Vikary deixou Gwen nos braços de Dirk e se levantou. Gesticulou para Lorimaar e Bretan, que mantinham Myrik preso entre eles.

- Soltem-no.

- Soltar...? - Janacek olhou para Vikary com perplexidade.

- Jaan - Dirk falou -, não se incomode com ele. Gwen...

- Leve-a para o aeromóvel! - Vikary mandou.

- Não acho que devemos movê-la...

- Não é seguro aqui, t'Larien. Coloque-a dentro de um aeromóvel.

Janacek estava franzindo o cenho.

- Meu teyn?

Vikary encarou os Braiths novamente.

- Eu disse para soltar este homem. - Fez uma pausa. - Este quase-homem, como vocês o chamariam. Ele ganhou o nome.

- O que pretende, Alto-Jadeferro? - Lorimaar disse gravemente.

Dirk levantou Gwen e a colocou gentilmente no banco de trás do aeromóvel mais próximo. Ela estava com o corpo totalmente mole, mas a respiração ainda era regular. Então deslizou para o assento do motorista e esperou, massageando o pulso para restaurar a circulação.

Todos pareciam ter se esquecido dele. Lorimaar Alto-Braith ainda estava falando.

- Reconhecemos seu direito de enfrentar Myrik, mas deve ser em combate singular, como Teraan Braith Nalarys morreu. Como seu teyn o desafiou primeiro...

Jaan Vikary tinha a pistola laser na mão.

- Soltem-no e saiam de perto.

Lorimaar, perplexo, soltou o braço de Myrik e se apressou em sair de lado. Bretan hesitou.

- Alto-Jadeferro - disse com a voz raspada -, por sua honra e pela dele, por seu grupo e de seu teyn, abaixe sua arma.

Vikary apontou para o jovem de rosto deformado. Bretan contraiu a boca, soltou Myrik e foi para trás encolhendo-se grotescamente.

- O que está acontecendo? - O velho maneta exigiu saber em uma voz áspera. - O que ele está fazendo? - Todos o ignoraram.

- Jaan - Garse Janacek disse, horrorizado. - Isso perturbou seus pensamentos. Abaixar sua arma, meu teyn. Eu já o desafiei. Eu o matarei para você. - Colocou a mão no braço de Jaan.

E Jaan Vikary sacudiu o braço e apontou a arma para Garse.

- Não. Fique longe. Você não vai interferir, não agora. Isso é por Gwen.

O rosto de Janacek ficou sombrio; nada de risadas agora, nem da ironia implacável. Fechou a mão direita com força e lentamente a levantou. Ferro-e-pedrardente brilhavam no espaço entre os dois Jadeferos.

- Nosso laço - disse Janacek. - Pense, meu teyn. Minha honra e a sua, e a do

nosso grupo. - A voz dele era solene.

- E a honra dela? - Vikary perguntou. Gesticulando impaciente com seu laser, forçou Janacek a se afastar dele e virou-se novamente para Myrik.

Sozinho e confuso, Myrik parecia não saber o que esperar. Sua ira o abandonara, embora ainda tivesse a respiração pesada. Um rastro de saliva, tingida de rosa com sangue, escorria do canto de sua boca. Ele a secou com as costas da mão e olhou inseguro na direção de Garse Janacek.

- A primeira de quatro escolhas - começou com voz trêmula.

- Faço a escolha do modo.

- Não - interrompeu Vikary. - Você não faz escolhas. Me encare, quase-homem.

Myrik olhou de Vikary para Janacek e então para Vikary novamente.

- A escolha do modo - repetiu, aturdido.

- Não - Vikary interrompeu novamente. - Você não deu escolhas a Gwen Delvano, e ela o teria enfrentado limpamente, em duelo.

Uma expressão genuína de perplexidade contorceu o rosto de Myrik.

- Ela? Em duelo? Eu... ela era uma mulher, um quase-homem.

- acenou com a cabeça, como se tivesse esclarecido tudo. - Ela era uma mulher, Jadeferro. Você enlouqueceu? Ela zombou de mim. Uma mulher não duela.

- E você não vai duelar, Myrik. Entendeu? Entendeu? Você... - disparou, e um pulso de luz de meio-segundo atingiu Myrik entre as pernas; ele soltou um grito - ... não... - esperou enquanto o laser recarregava - ... vai... - continuou, quinze segundos depois, e com a palavra brotou uma agulha de luz que queimou o peito da figura que se contorcia, e então Vikary retrocedeu para o aeromóvel -... duelar! - completou, já meio dentro do carro. Com essa última palavra veio um movimento de seu pulso e uma quarta rajada de luz, e Lorimaar Alto-Braith Arkellor estava caindo, sua arma meio desembainhada.

Então Vikary fechou a porta do veículo, Dirk acionou o controle de gravidade, e o aeromóvel arrancou bruscamente. Estavam a meio caminho da saída quando os disparos de laser começaram a acertar a blindagem.

Capítulo 10

Era noite fechada sobre a Comuna. O ar era cristal negro, limpo e frio. Os ventos estavam fortes. Dirk estava grato pelo aeromóvel blindado dos Braiths, com a cabine quente, completamente fechada.

Voavam a uns duzentos metros acima das planícies e das suaves colinas, acelerando o máximo possível. Uma vez, antes que Desafio desaparecesse atrás deles, Dirk olhou para trás para ver se havia sinais de perseguição. Não viu nada, mas a cidade emereliana chamou sua atenção novamente. Aquela alta lança negra, que logo estaria perdida contra o céu mais negro ainda, o fazia se lembrar de uma árvore presa em um incêndio florestal, sem galhos e folhas, nem nada para evocar sua glória passada, além de um tronco carbonizado e escuro. Lembrou-se de Desafio como Gwen lhe mostrara pela primeira vez, quando ele pedira para ver uma cidade com vida: brilhante contra o entardecer, impossivelmente alta e prateada, coroada pelas rajadas ascendentes de luz. Uma casca morta, agora, assim como estavam mortos os sonhos de seus construtores. Os caçadores de Braith matavam mais do que homens e animais.

- Logo estarão atrás de nós, t'Larien - Jaan Vikary falou. - Você não precisa procurar por eles.

Dirk voltou a atenção aos instrumentos.

- Para onde vamos? Não podemos apenas voar sobre a Comuna a noite toda, sem rumo. Larteyn?

- Não podemos voltar para Larteyn agora - Vikary respondeu. Havia embainhado o laser, mas estava com a mesma expressão sombria desde Desafio, quando derrubara Myrik. - Você é tão tolo que não percebe o que eu fiz? Eu rompi o código, t'Larien. Sou um renegado, um criminoso, um

rompe-duelos. Eles virão atrás de mim e me matarão como a um quase-homem. - Entrelaçou as mãos pensativamente sob o queixo. - Nossa única esperança... não sei. Talvez não haja esperança.

- Fale por você. Tenho um pouco mais de esperança agora do que há um minuto, quando estava lál

Vikary olhou para ele e sorriu, apesar de si mesmo.

- E verdade. Embora esse seja um ponto de vista bem egoísta. Não foi por você que fiz o que fiz.

- Por Gwen?

Vikary assentiu.

- Ele... ele nem sequer lhe concedeu a honra de recusar. Como se ela fosse um animal. E mesmo assim... bem, pelo código, ele estava certo. O código pelo qual tenho vivido. Eu poderia tê-lo matado por isso. Garse tentou, como você testemunhou. Ele estava zangado, porque Myrik tinha... tinha danificado sua propriedade e manchado nossa honra. Ele teria vingado essa falta, se eu tivesse permitido. - Suspirou. - Você entende por que não permiti, t'Larien? Entende? Vivi em Ávalon, e amei Gwen Delvano. Ela jazia ali, e continuava viva apenas por um capricho da sorte. Myrik Braith não se importaria se ela morresse, nem os outros. Mas Garse teria garantido ao homem que fez isso uma morte limpa e decente, e teria lhe dado o beijo compartilhado antes de tirar sua vida insignificante. Eu... eu me importo com Garse. Mesmo assim, não podia deixá-lo fazer isso, t'Larien, não vendo Gwen tão... tão desvalida e imóvel. Não pude permitir isso.

Vikary ficou quieto, meditando. Do lado de fora, durante este momento de silêncio, Dirk pôde ouvir o vento feroz de Worlorn sibilando.

- Jaan - Dirk falou depois de um instante -, precisamos decidir para onde ir. Temos de levar Gwen para um abrigo. Algum lugar onde ela possa ficar confortável, onde não seja incomodada. Talvez conseguir um médico para vê-la.

- Não conheço médicos em Worlorn - Vikary respondeu. - Mesmo assim, devemos levar Gwen para uma cidade. - Pensou no assunto. - Esvoch é a mais próxima, mas está em ruínas. Kryne

Lamiya é então nossa melhor opção, acho, já que é a segunda mais perto de Desafio. Vire para o sul.

Dirk virou o aeromóvel em um arco amplo, deslizando para cima e apontando para a distante linha da cadeia de montanhas. Lembrava-se vagamente do caminho que Gwen fizera da torre brilhante de di-Emerel até a cidade desolada de Escuralba, com sua música lúgubre.

Enquanto voavam em direção às montanhas, Vikary ficou pensativo novamente, encarando cegamente a escuridão da noite de Worlorn. Dirk, que compreendia até que ponto o kavalariano estava sofrendo, não tentou interromper sua melancolia, mas mergulhou nos próprios pensamentos em silêncio. Sentia-se muito cansado; a dor na cabeça voltara a incomodá-lo, e de repente ficou ciente de uma secura na garganta e na boca. Tentou se lembrar da última vez que havia comido ou bebido, mas não conseguiu; de algum modo perdera toda a noção de tempo.

Os grandes picos negros de Worlorn se aproximavam deles, e Dirk levou o aeromóvel mais para cima, para sobrevoá-los, e nem assim ele ou Jaan Vikary disseram uma palavra. Foi só quando as montanhas ficaram para trás e os bosques, adiante, que o kavalariano falou novamente, mas foi apenas para dar instruções sobre o percurso correto. Depois voltou a se calar, e foi em silêncio que voaram os solitários quilômetros até seu destino.

Dessa vez Dirk sabia o que esperar, e escutou. A música de Lamiya-Bailis chegou aos seus ouvidos, um tênue gemido do vento, muito antes que a própria cidade se erguesse em meio à floresta. Fora da blindagem em que estavam, não havia nada além de desolação: os intrincados bosques às escuras embaixo deles, o céu quase sem estrelas acima. Mesmo assim, as notas de desespero sombrio vieram, tilintando, e o tocaram onde estava.

Vikary ouviu a música também. Olhou de relance para Dirk.

- Esta é uma cidade adequada para nós agora, t'Larien.

- Não - Dirk respondeu, alto demais, sem querer acreditar naquilo.

- Para mim, então. Todos os meus esforços foram em vão. Os povos que lutei para salvar não permanecerão a salvo por muito tempo. Os Braiths poderão caçá-los agora, korariel de Jadeferro ou não. Não posso impedi-los.

Talvez Garse possa, mas o que um homem sozinho pode fazer? Talvez nem tente. Era minha obsessão, não a dele. Garse está perdido também. Voltará para Alto Kavalaan sozinho, acho, e descera sozinho até a fortaleza Jadeferro, e o conselho de altos-senhores tirará meus nomes. Ele terá que encontrar uma faca para arrancar as pedrardentes de seu bracelete, e usar ferro vazio sobre o braço. Seu teyn está morto.

- Em Alto Kavalaan, talvez. - Dirk concordou. - Mas você viveu em Ávalon também, lembra?

- Sim - Vikary respondeu. - Infelizmente. Infelizmente.

A música crescia e retumbava ao redor deles, e a Cidade Sereia tomava forma embaixo: o círculo exterior de torres, como mãos esqueléticas em gélida agonia, as pontes claras sobre canais escuros, os campos de musgo de brilho opaco, os pináculos que assobiavam ao serem atingidos pelo vento. Uma cidade branca, uma cidade morta, uma floresta de ossos disformes.

Dirk circundou até encontrar o mesmo prédio em que havia pousado com Gwen, e começou a aterrissar. Na pista de pouso, os dois carros abandonados ainda descansavam sem ser perturbados, cobertos de pó. Pareciam, para Dirk, fragmentos de um sonho havia muito esquecido. Em algum momento, por alguma razão, pareceram importantes; mas ele, Gwen e o mundo estavam diferentes agora, e como era difícil lembrar que eventual relevância esses fantasmas metálicos tiveram.

- Vocês estiveram aqui antes - Vikary disse, e Dirk olhou para ele e assentiu. - Mostre o caminho, então - o kavalariano ordenou.

- Eu não...

Mas Vikary já tinha se levantado. Pegou Gwen gentilmente, tomando-a nos braços, e ficou esperando.

- Mostre o caminho - disse novamente.

Então Dirk saiu da pista de aterrissagem e caminhou até os salões onde os murais cinza e brancos dançavam ao som da sinfonia escuralbina, e tentou porta após porta, até encontrar um cômodo ainda mobiliado. Era uma suíte de quatro cômodos, na verdade, todos desertos, de pé-direito alto e longe de estarem limpos. As camas - dois dos aposentos eram quartos - eram buracos circulares no chão; os colchões estavam cobertos com um couro

liso e brilhante que exalava um certo odor desagradável, como leite azedo. Mas eram camas, macias o suficiente, e um lugar para descansar, e Vikary colocou Gwen cuidadosamente em uma delas. Quando ela estava acomodada - parecia quase serena - Jaan deixou Dirk sentado ao seu lado, de pernas cruzadas, e saiu para revistar o aeromóvel que haviam roubado. Voltou pouco tempo depois com uma manta para Gwen e um cantil.

- Beba apenas um gole - disse, dando a água para Dirk.

Dirk pegou o cantil, abriu a tampa, tomou um gole e o devolveu. O líquido estava morno e era ligeiramente amargo, mas aliviou a sequeidão da garganta.

Vikary molhou uma faixa de tecido cinza e começou a limpar o sangue seco da parte de trás da cabeça de Gwen. Esfregou gentilmente a crosta marrom, molhando o trapo novamente e ainda mais uma vez, trabalhando até que o fino cabelo dela estivesse limpo e solto como um reluzente leque no colchão, brilhando sob as luzes vacilantes dos murais. Quando terminou, enfaixou sua cabeça e olhou para Dirk.

- Ficarei de guarda - disse. - Vá para o outro aposento e durma.

- Precisamos conversar - Dirk falou, hesitante.

- Mais tarde. Agora não. Vá dormir.

Dirk não tinha condições de discutir; seu corpo estava exausto e sua cabeça ainda latejava. Foi para o outro quarto e jogou-se desajeitadamente no colchão cheirando a azedo.

Mas, apesar das dores, o sono não veio imediatamente. Talvez fosse a dor de cabeça, ou o movimento inquieto da luz que percorria as paredes e o assombrava mesmo com os olhos fechados. O pior, no entanto, era a música. Não o abandonava, e parecia ecoar mais alto quando seus olhos se fechavam, como se cada acorde estivesse preso dentro de seu crânio: sopros finos, gemidos e assobios, e o incessante bater do tambor solitário.

Sonhos febris povoaram aquela noite interminável - visões intensas, surreais e quentes, cheias de ansiedade. Três vezes Dirk despertou de seu sono inquieto, para sentar-se na cama, tremendo e transpirando, e encarar a canção de Lamiya-Bailis mais uma vez, sem nunca se lembrar do que o acordara. Uma vez pensou ter ouvido vozes no quarto ao lado. Outra vez

teve quase certeza de ter visto Jaan Vikary com as costas apoiadas contra uma parede distante, observando-o. Nenhum deles falou, e Dirk levou quase uma hora para dormir novamente. Apenas para acordar de novo, em um quarto vazio e com luzes inquietas. Perguntou-se se eles o haviam deixado ali sozinho para viver ou morrer; quanto mais pensava nisso, mais o medo crescia, e pior seu tremor ficava. Mas, de algum modo, foi incapaz de se levantar e ir até o quarto adjacente para conferir por si mesmo. Em vez disso, fechou os olhos e tentou afastar qualquer pensamento.

E então amanheceu. O Satã Gordo estava a meio caminho no céu, e sua luz febril, vermelha e fria como os pesadelos de Dirk, atravessava o vitral de uma janela alta (predominantemente claro no centro, mas cercado com um padrão intrincado de arabescos vermelho-acastanhados e cinza-fumo) e acertava seu rosto. Dirk virou de lado e lutou para se sentar, enquanto Jaan Vikary aparecia para lhe oferecer o cantil.

Dirk tomou vários longos goles, quase engasgando com a água fria e deixando um pouco para molhar os lábios rachados e secos e escorrer pelo queixo.

- Você encontrou água - disse.

Vikary fechou o cantil novamente e assentiu.

- As estações de bombeamento estão fechadas por anos, então não há água potável nas torres de Kryne Lamiya. Mesmo assim, os canais ainda estão cheios. Fui até lá noite passada, enquanto você e Gwen dormiam.

Dirk ficou em pé com dificuldade, e Vikary estendeu uma mão para ajudá-lo a sair da cama funda.

- Gwen está...?

- Ela recuperou a consciência no início da noite, t'Larien. Conversamos e contei para ela o que fiz. Acho que se recuperará em breve.

- Posso falar com ela?

- Ela está descansando agora, dormindo normalmente. Mais tarde tenho certeza de que desejará falar com você, mas neste momento não acho que deva acordá-la. Ela tentou se sentar noite passada e se sentiu muito mal e nauseada.

Dirk assentiu.

- Entendo. E quanto a você? Conseguiu dormir? - Enquanto falava, deu uma olhada no quarto. A música escuralbina havia diminuído de algum modo. Ainda tocava, ainda gemia, reclamava e permeava todo o ar de Kryne Lamiya; mas, aos seus ouvidos, parecia mais fraca e mais distante, então talvez estivesse finalmente se acostumando a ela, aprendendo a desligá-la de sua percepção consciente. Os murais iluminados, como as pedrardentes de Larteyn, se desvaneciam e morriam sob a luz solar; as paredes estavam cinzentas e vazias. Os poucos móveis que havia (umas poucas cadeiras de aspecto desconfortável) sobressaíam das paredes e do chão: extrusões retorcidas que combinavam com a cor e o tom do aposento tão bem que eram quase invisíveis.

- Eu dormi o suficiente - Vikary disse. - Isso não é importante. Estive considerando nossa posição. - Fez um gesto. - Venha.

Atravessaram outro aposento, uma sala de jantar vazia, e saíram até um dos muitos balcões que davam para a cidade de Escuralba. De dia, Kryne Lamiya era diferente, menos desesperadora; mesmo o pálido sol de Worlorn era o suficiente para fazer cintilar as águas velozes dos canais, e no dia crepuscular as claras torres pareciam menos sepulcrais.

Dirk estava fraco e muito faminto, mas a dor de cabeça se fora e a sensação do vento frio em seu rosto era agradável. Afastou o cabelo - totalmente emaranhado e imundo - dos olhos e esperou que Jaan começasse a falar.

- Observei daqui durante a noite - Vikary falou, com os cotovelos apoiados nos anteparos frios e os olhos perscrutando o horizonte. - Estão procurando por nós, t'Larien. Duas vezes vislumbrei aeromóveis sobre a cidade. Na primeira vez foi apenas uma luz distante, então talvez estivesse enganado. Mesmo assim, a segunda não era engano. O carro com cabeça de lobo de Chell voava perto do nível do solo sobre os canais, com uma espécie de holofote. Passou bem perto. Levava um cão de caça também. Eu o ouvi uivar, inquieto com a música escuralbina.

- Não nos encontraram. - Dirk comentou.

- É verdade - Vikary respondeu. - Acho que ficaremos seguros aqui por algum tempo. A menos... não sei bem como encontraram vocês em Desafio, e isso me dá um certo temor. Se nos rastrearem até Kryne Lamiya

e vasculharem a cidade com cães de caça Braiths, correremos sério perigo. Não temos o anulador de odores agora. - Olhou para Dirk. - Como souberam que vocês estavam ali? Tem alguma idéia?

Não - Dirk respondeu. - Ninguém sabia. Ninguém nos seguiu. Talvez tenham deduzido. Era a escolha mais lógica, no final das contas. A vida era mais confortável em Desafio do que em qualquer outra cidade. Mais fácil. Você sabe.

- Sim, eu sei. Não aceito sua teoria, contudo. Lembre-se, t'Larien, Garse e eu consideramos este problema também, quando você nos deixou envergonhados e sozinhos no quadrado da morte. Desafio era a escolha mais óbvia e, por isso, a menos lógica, achamos. Parecia mais provável que vocês tivessem ido para Musquel e viver do peixe que conseguissem pescar, ou que Gwen caçasse para vocês dois nos bosques que conhece tão bem. Garse chegou até a sugerir que vocês simplesmente tivessem escondido o aeromóvel e permanecido em outro lado de Larteyn, então poderiam rir de nós enquanto estivéssemos procurando por vocês planeta afora.

Dirk se inquietou.

- Sim. Bem, suponho que nossa escolha tenha sido estúpida.

- Não, t'Larien. Eu não disse isso. A única escolha estúpida, imagino, teria sido voar para a Cidade do Tanque Sem Estrelas, onde os Braiths eram numerosos. Desafio foi uma escolha sutil, talvez involuntariamente sutil. Parecia uma escolha tão errada que era realmente a certa. Entende? Não vejo como os Braiths descobriram vocês, por nenhum processo de dedução.

- Talvez - Dirk falou. Pensou um pouco. - Lembro que soubemos que estavam ali quando Bretan falou conosco. Ele... bem, não estava testando uma teoria. Ele sabia que estávamos ali, em algum lugar.

- Tem alguma idéia de como isso foi possível?

- Não. Nenhuma idéia.

- Teremos que viver com o temor de que nos encontrem aqui, então. Do contrário, a menos que os Braiths possam repetir esse milagre, estamos seguros. Entenda, no entanto, que nossa posição não é menos difícil. Temos abrigo e água à vontade, mas nenhuma comida. Concluí que devemos ir para o porto espacial e deixar Worlorn o mais rápido possível.

Nossa fuga definitiva será muito difícil. Os Braiths nos anteciparão. Tenho minha pistola laser, e dois lasers de caça que encontrei no aeromóvel. Além do próprio veículo, blindado e bem armado, provavelmente pertencente a Roseph Alto-Braith Kelcek...

- Um dos carros abandonados na pista de pouso ainda pode funcionar - Dirk assinalou.

- Então temos dois aeromóveis, se precisarmos deles - Vikary falou. - Contra nós, pelo menos oito caçadores Braiths ainda vivos, provavelmente nove. Não sei o quão seriamente feri Lorimaar Arkellor. É possível que eu o tenha matado, mas estou inclinado a duvidar disso. Os Braiths podem provavelmente colocar oito aeromóveis no céu de uma só vez, se quiserem, embora seja mais tradicional voarem juntos, teyn-e-teyn. Cada carro estará armado. Eles têm suprimentos, energia e comida. Estão em número maior do que nós. Possivelmente, já que sou um renegado rompe-duelos, conseguirão persuadir Kirak Açorrubro Cavis e os dois caçadores do grupo Shanagate a se juntarem a eles na perseguição. Além disso, há Garse Janacek.

- Garse?

- Espero que ele tenha tirado as pedrardentes do braço e voltado para Alto Kavalaan. Ele estará envergonhado, sozinho, vestindo ferro morto. Não é um destino fácil, t'Larien. Eu o desgracei e a Jadeferro. Sinto pela dor dele, mas espero que parta. E rezo por isso. Pois há outra possibilidade, veja bem.

- Outra...?

- Ele pode vir atrás de nós. Não poderá deixar Worlorn até que a nave chegue. Isso levará um tempo. Não sei o que fará.

- Certamente não se juntará aos Braiths. São inimigos, e você é seu teyn e Gwen é sua cro-betheyn. Ele pode querer me matar, não duvido, mas...

- Garse é mais kavalariano do que eu, t'Larien. Sempre foi. E agora mais do que nunca, desde que eu não sou mais kavalariano depois de tudo o que fiz. O antigo costume requer que o teyn de um homem, não menos do que qualquer outro, mate um rompe-duelos. É um costume que apenas os muito fortes conseguem seguir. O laço de ferro-e-fogo é próximo demais

para a maioria, então eles são deixados sozinhos para lamentar. Mas Garse Janacek é um homem muito forte, mais forte do que eu mesmo de muitas maneiras. Não sei. Não sei.

- E se ele vier atrás de nós?

Vikary falou calmamente.

- Não levantarei uma arma contra Garse. Ele é meu teyn, mesmo que eu não seja mais o dele, e já o magoei o bastante, falhei com ele, o envergonhei. Ele convive com uma dolorosa cicatriz a maior parte de sua vida adulta por minha causa. Uma vez, quando éramos jovens, um homem mais velho ficou ofendido com uma de suas brincadeiras e o desafiou. O modo era um disparo, e lutamos teyn-e-teyn. Em minha infinita sabedoria, convenci Garse de que nossa honra estaria satisfeita se atirássemos para o ar. Ele fez isso, lamentavelmente. Os outros decidiram ensinar Garse uma lição sobre humor. Para minha vergonha, permaneci intocado, enquanto ele foi desfigurado por causa da minha tolice. Mesmo assim, nunca me reprovou. Da primeira vez que estive com ele depois do duelo, quando ainda estava se recuperando dos ferimentos, me disse: "Você estava certo, Jaantony, ele atiraram para o ar. Pena que erraram". - Vikary riu, mas Dirk olhou para ele e viu que seus olhos estavam cheios de lágrimas, sua boca apertada de consternação. Não chorou, no entanto; por um supremo esforço de vontade, impediu que as lágrimas caíssem.

Abruptamente, Jaan se virou e entrou no edifício, deixando Dirk sozinho no balcão com o vento, a branca cidade crepuscular e a música de Lamiya-Bailis. Ao longe, as brancas mãos ossudas se erguiam, refreando os bosques invasores. Dirk as estudou, pensativamente, refletindo sobre as palavras de Vikary.

Minutos depois, o kavalariano voltou, de olhos secos e rosto inexpressivo.

- Sinto muito - começou.

- Não precisa...

- Devemos chegar ao cerne, t'Larien. Independentemente se Garse vai nos procurar ou não, enfrentamos riscos formidáveis. Temos armas, se precisarmos lutar, mas ninguém para usá-las. Gwen é uma boa atiradora, e bastante audaz, mas está machucada e instável. E você... posso confiar em

você? Coloco isso sem meias-palavras. Confiei em você uma vez, e você me traiu.

- Como posso responder a essa pergunta? - Dirk falou. - Você não tem que acreditar em nenhuma promessa que eu lhe faça. Mas os Braiths querem me matar também, lembra? E Gwen também. Ou você acha que eu a trairia tão facilmente quanto... - Interrompeu-se, horrorizado com as próprias palavras.

- ... tão facilmente quanto me traiu. - Vikary completou, com um sorriso duro. - Você é bastante franco. Não, t'Larien, não acho que trairia Gwen. Mesmo assim, não achei que nos abandonaria quando o nomeamos keth e você aceitou o nome. Não teríamos que duelar se não fosse por você.

Dirk assentiu.

- Sei disso. Talvez eu tenha cometido um erro. Não sei. Eu teria morrido, no entanto, se tivesse sido leal a vocês.

- Morrido como um keth de Jadeferro, com honra.

Dirk sorriu.

- Gwen me atraía mais do que a morte. Espero que entenda isso.

- Entendo. Em última instância, ela ainda está entre nós. Encare isso, aceite a verdade. Cedo ou tarde, ela escolherá.

- Ela escolheu, Jaan, quando partiu comigo. Você tem que encarar isso - Dirk falou rápida e teimosamente; e se perguntava se ele mesmo acreditava nisso.

- Ela não tirou o jade-e-prata - Vikary respondeu e gesticulou impacientemente. - Isso não importa. Acreditarei em você, por enquanto.

- Bem. O que quer que eu faça?

- Alguém precisa ir a Larteyn.

Dirk franziu o cenho.

- Por que está sempre querendo que eu me suicide, Jaan?

- Não disse que você deve fazer esse voo, t'Larien - Vikary respondeu. - Eu mesmo o farei. Será perigoso, mas deve ser feito.

- Por que?

- O kimdissiano.

- Ruark? - Dirk quase se esquecera de seu ex-anfitrião e cúmplice.

Vikary assentiu.

- Ele tem sido amigo de Gwen desde a época de Ávalon. Embora nunca tenha gostado de mim, ou eu dele, não posso abandoná-lo completamente. Os Braiths...

- Entendo. Mas como chegará até ele?

- Se eu conseguir chegar a Larteyn em segurança, posso chamá-lo pelo painel. É minha esperança, ao menos. - Deu de ombros resignado.

- E eu?

- Fique aqui com Gwen. Cuide dela, proteja-a. Eu deixarei um dos rifles laser de Roseph com você. Se ela se recuperar o suficiente, deixe Gwen usá-lo. Ela provavelmente é mais habilidosa do que você. De acordo?

- De acordo. Não parece muito difícil.

- Não - concordou Vikary. - Espero que vocês permaneçam escondidos em segurança e que, ao regressar com o kimdissiano, eu os encontre como os deixei. Se for necessário fugir, vocês têm o outro aeromóvel; nas proximidades há uma caverna que Gwen conhece. Ela pode lhe mostrar o caminho. Devem ir para essa caverna se tiverem que deixar Kryne Lamiya.

- E se você não voltar? Existe essa possibilidade, você sabe!

- Neste caso, estarão por conta própria novamente, como da primeira vez que fugiram de Larteyn. Vocês tinham planos. Sigam esses planos, se puderem. - Ele sorriu duramente. - Espero retornar, no entanto. Lembre-se disso, t'Larien. Lembre-se disso.

Havia uma crispação férrea na voz de Vikary, um eco que fazia Dirk se lembrar de outra conversa no mesmo vento gelado. Com assombrosa nitidez, as antigas palavras de Jaan voltaram até Dirk: Mas eu existo. Lembre-se disso... Aqui não é Avalon, t'Larien, e hoje não é ontem. Este é um mundo agonizante, um mundo sem códigos, então cada um de nós deve se aferrar a qualquer código que tenha trazido consigo. Mas Jaan Vikary, Dirk pensou irritado, trouxera dois códigos consigo quando veio para Worlorn.

Enquanto Dirk não trouxera nenhum; só seu amor por Gwen Delvano.

Gwen ainda estava dormindo quando os dois homens saíram do balcão. Sem despertá-la, foram juntos até a pista de pouso. Vikary havia esvaziado

o aeromóvel Braith totalmente. Roseph e seu teyn tinham obviamente planejado uma breve excursão de caça nos bosques quando surgiram as novidades. Dirk lamentou que não tivessem planejado uma viagem mais longa.

Dessa maneira, Vikary encontrara apenas quatro barras de proteína, além de dois lasers de caça e algumas roupas que deixara penduradas sobre os assentos. Dirk comeu uma das barras imediatamente - estava faminto - e guardou as outras três no bolso da pesada jaqueta que escolheu. Ficava um pouco folgada, mas não estava de todo mal; o teyn de Roseph tinha quase o mesmo tamanho de Dirk. E era de couro grosso e quente, tingido de púrpura, com a gola, o punho e os acabamentos de pele branca encardida. As duas mangas da jaqueta estavam pintadas com desenhos intrincados e sinuosos; a manga direita era vermelha e negra, a esquerda, prata e verde. Também encontraram uma jaqueta menor (de Roseph, sem dúvida), e Dirk a pegou para Gwen.

Vikary pegou os dois rifles laser, longos tubos de plástico negro com lobos entalhados nas coronhas brancas. Pendurou um no ombro e deu o segundo para Dirk, com instruções resumidas de como utilizá-lo. A arma era muito leve e ligeiramente oleosa ao tato. Dirk a segurou desajeitadamente com uma mão.

As despedidas foram breves e muito formais. Então Vikary se fechou no grande aeromóvel Braith, ergueu-o do chão e disparou pelo ar. Grandes nuvens de poeira se levantaram com sua partida, e Dirk retrocedeu, quase asfixiado, com uma mão sobre a boca e outra no rifle.

Quando voltou à suíte, Gwen acabara de despertar.

- Jaan? - perguntou, levantando a cabeça do colchão de couro para ver quem acabava de entrar. Gemeu e deitou-se rapidamente, e começou a massagear as têmporas com as duas mãos. - Minha cabeça - disse em um choramingo.

Dirk apoiou o laser contra a parede, junto à porta, e sentou-se ao lado da cama.

- Jaan acabou de partir - disse. - Está voando para Larteyn para buscar Ruark.

A única resposta de Gwen foi outro gemido.

- Quer alguma coisa? - Dirk perguntou. - Água? Comida? Temos isso aqui. - Tirou as barras de proteína do bolso da jaqueta e mostrou para ela.

Gwen deu uma olhada de relance e fez uma careta de desgosto.

- Não - disse. - Tire isso daqui. Não estou com fome.

- Você devia comer alguma coisa.

- Eu comi - ela respondeu. - Noite passada. Jaan esmagou umas barras dessas na água e fez um tipo de pasta. - Tirou as mãos das têmporas e se virou para Dirk. - Não consegui mantê-las no estômago - comentou. - Não me sinto muito bem.

- Imagino que sim - Dirk disse. - Não pode esperar se sentir bem depois do que aconteceu. Provavelmente está com uma concussão, e tem sorte de não estar morta.

- Jaan me contou - ela disse, um pouco irritada. - Sobre o que aconteceu depois também... o que ele fez com Myrik. - Franziu o cenho. - Acho que dei um bom golpe nele quando caímos. Você viu, não viu? Senti como se tivesse quebrado a mandíbula dele, ou pelo menos meus dedos. Mas ele nem notou.

- Não - concordou Dirk.

- Conte-me o que aconteceu depois. Jaan foi muito esquemático. Quero saber. - A voz dela estava cansada e cheia de dor, mas falava sério.

Então Dirk lhe contou.

- Ele apontou a arma para Garse? - ela disse em determinado momento. Dirk assentiu, e ela continuou a escutar o relato.

Quando ele terminou, Gwen estava muito silenciosa. Seus olhos se fecharam por um breve momento, abriram novamente, então fecharam e não reabriram. Ficou deitada de lado, imóvel, em posição fetal, as mãos fechadas sob o queixo. Observando-a, os olhos de Dirk foram atraídos para o antebraço esquerdo dela, para o frio lembrete de jade-e-prata que Gwen ainda usava.

- Gwen - ele disse, suavemente. Os olhos dela se abriram novamente, por um breve momento, e ela sacudiu a cabeça violentamente, em um silencioso grito de não! - Ei - ele insistiu, mas ela fechou os olhos com

força e perdeu-se em si mesma. Dirk ficou sozinho com o bracelete dela e os próprios medos.

O quarto estava inundado pela luz do sol, ou pelo que chamavam de luz de sol em Worlorn; os fulgores crepusculares do meio-dia eram filtrados pela janela, e nuvens de poeira vagavam preguiçosamente nos amplos feixes de luz. A luz iluminava metade do colchão; Gwen estava deitada metade na sombra, metade fora dela. Dirk, que não falou novamente com Gwen, nem olhou para ela, ficou observando os desenhos que a luz fazia no chão.

No centro do quarto, tudo estava cálido e vermelho, e a poeira dançava, saindo da escuridão e tingindo-se de carmesim, depois dourado, lançando sombras minúsculas até sair da luz novamente e desaparecer. Dirk levantou a mão e a manteve estendida. Por minutos? Horas? Por um tempo. Sua mão ficava cada vez mais quente; a poeira girava em torno dela; as sombras caíam feito água quando ele retorcia e virava os dedos; o sol era amigável e familiar. Mas, repentinamente, ficou ciente de que os movimentos de sua mão, assim como a infinita dança da poeira, não tinham propósito, nem padrão, nem significado. Era a música que lhe dizia isso; a música de Lamiya-Bailis. Abaixou o braço e franziu o cenho.

Ao redor do grande centro de luz e vida, havia um contorno fino e sinuoso onde o sol brilhava através do batente negro e vermelho da janela. Ou lutava para abrir caminho. Era apenas uma borda pequena, mas colocava um limite preciso no pó que se mexia por todos os lados.

Mais além havia cantos escuros, partes do quarto que o Cubo e os Sóis Troianos nunca alcançavam, onde gordos demônios e as encarnações dos medos de Dirk se debruçavam obscuramente, sempre a salvo de qualquer escrutínio.

Sorrindo e coçando a barba rala que lhe cobria as faces até o queixo (ele as sentia pinicar), Dirk estudou esses cantos e deixou que a música escuralbina entrasse em sua alma. Não sabia como fizera para deixá-la de lado, mas agora ela estava de volta e o cercava completamente.

A torre em que estavam emitiu uma longa nota baixa. A anos ou séculos de distância, um coro respondeu com vibrantes gemidos de viúva. Ouviu soluços trêmulos, o choro de bebês abandonados, e o som escorregadio de

facas deslizando e cortando carne fresca. E o tambor. Como o vento podia bater um tambor?, pensou. Não sabia. Talvez fosse outra coisa. Mas soava como um tambor. Tão terrivelmente longe, pensou, e tão sozinho.

Tão horrível e incessantemente sozinho.

As névoas e as sombras se reuniam no canto mais afastado e mais escuro do quarto, e então começaram a clarear. Dirk viu uma mesa e uma cadeira baixa brotando das paredes e do chão como estranhos vegetais de plástico. Perguntou-se brevemente como os via; o sol se movera um pouco, e apenas um fino feixe de luz penetrava pela janela agora, e finalmente também se dissipou, e o mundo ficou cinza.

Quando o mundo ficava cinza, ele percebeu, a poeira não dançava. Não. Nem um pouco. Sentiu o ar para ter certeza; não havia poeira, nem calor, nem luz do sol. Assentiu sabiamente. Parecia que tinha descoberto alguma grande verdade.

Luzes fracas se moviam pelas paredes, fantasmas despertando para mais uma noite. Fantasmas e vestígios de sonhos antigos. Todos eles eram cinza e branco; a cor era apenas para os vivos, não tinha lugar ali.

Os fantasmas começaram a se mexer. Estavam presos nas paredes, cada um deles; de tempos em tempos, Dirk imaginava ver um deles irromper em dança frenética e bater com impotência e desespero contra as paredes de vidro que o mantinha fora do quarto. Mãos espectrais batiam, batiam, mas o quarto não estremecia. A quietude era parte dessas coisas; os fantasmas eram insubstanciais e, por mais que batessem, só podiam seguir dançando.

A dança - uma dança macabra - de sombras amorfas... Oh, mas era lindo! Movendo-se, afundando, se contorcendo. Paredes de chama cinzenta. Muito melhores do que as nuvens de poeira, aquelas dançarinas; essas seguiam um padrão e acompanhavam a canção da Cidade Sereia.

Desolação. Vazio. Decadência. Um único tambor, batendo devagar. Sozinho. Sozinho. Sozinho. Nada tem sentido.

- Dirk!

Era a voz de Gwen. Ele sacudiu a cabeça, desviou o olhar das paredes, até onde ela estava deitada na escuridão. Era noite. De alguma forma, o dia se fora.

Gwen, que não havia dormido, olhava para ele.

- Sinto muito - ela disse. Estava lhe dizendo algo. Mas ele já sabia, sabia pelo silêncio dela, sabia... pelo tambor, talvez. Por Kryne Lamiya.

Ele sorriu.

- Você nunca esqueceu, não é? Não era uma questão de esquecimento. Havia uma razão para você nunca tirar o... - apontou.

- Sim - ela disse. Sentou-se na cama, a coberta caindo ao redor de sua cintura. Jaan havia desabotoado a frente do traje dela, que agora pendia solto, e as suaves curvas de seus seios eram visíveis. Na luz tremulante, sua carne era pálida e cinzenta. Dirk não sentiu nenhuma excitação. A mão dela foi até o jade-e-prata. Tocou, acariciou, suspirou. - Nunca pensei... não sei... disse o que tinha que dizer, Dirk. Bretan Braith teria matado você.

- Talvez tivesse sido melhor - ele respondeu. Não amargamente, mas em um tom divertido, vagamente distante. - Então você nunca pretendeu deixá-lo?

- Não sei. Como vou saber o que pretendia? Eu ia tentar, Dirk, de verdade que ia. Mas na verdade nunca acreditei. Disse isso para você. Fui honesta. Aqui não é Ávalon, e nós mudamos. Não sou sua Jenny. Nunca fui, e agora menos do que nunca.

- Sim - ele disse, assentindo. - Lembro de você dirigindo. Do jeito que segurava os controles. Seu rosto. Seus olhos. Você tem olhos de jade, Gwen. Olhos de jade e um sorriso de prata. Você me assusta. - Afastou os olhos dela, de volta à parede. Os murais luminosos moviam-se em desenhos caóticos, em compasso com a música selvagem. De alguma forma, os fantasmas haviam partido. Deixara de olhá-los apenas por um instante, mesmo assim haviam evaporado e partido. Como seus antigos sonhos, pensou.

- Olhos de jade? - Gwen estava dizendo.

- Como Garse.

- Garse tem olhos azuis - ela o recordou.

- Mesmo assim. Como Garse.

Ela riu e, em seguida, gemeu.

- Dói quando rio - disse. - Mas é engraçado. Eu, como Garse. Não é de estranhar que Jaan...

- Você vai voltar para ele?

- Talvez. Não sei. Seria muito difícil deixá-lo agora. Você entende? Ele finalmente escolheu. Quando apontou o laser para Garse. Depois disso, depois que ele se virou contra seu teyn, contra o grupo e contra o mundo, não posso simplesmente... Você sabe. Mas não voltarei a ser betheyn dele, nunca mais. Terá que ser mais do que jade-e-prata.

Dirk sentia-se vazio. Deu de ombros.

- E eu?

- Você sabe que não estava dando certo. Sem dúvida. Você tem que ter percebido. Nunca parou de me chamar de Jenny.

Ele sorriu.

- Não parei? Talvez não. Talvez não.

- Nunca - ela disse. Esfregou a cabeça. - Estou me sentindo um pouco melhor agora - disse. - Ainda tem uma daquelas barras de proteína?

Dirk pegou uma do bolso e jogou para ela. Ela a apanhou no ar com a mão esquerda, sorriu para ele, abriu a embalagem e começou a comer.

Ele se levantou abruptamente, enterrando as mãos nos bolsos da jaqueta, e andou até a janela. Os cumes das torres brancas ainda irradiavam um fulgor vago e destingido - talvez o Olho do Inferno e seus assistentes não tivessem sumido totalmente no céu ocidental. Mas, embaixo, nas ruas, a cidade de Escuralba bebia da noite. Os canais eram faixas negras, e a paisagem pingava com o brilho ofuscante púrpura do musgo fosforescente. Através dessa melancolia suave, Dirk vislumbrou o solitário barqueiro, como o vislumbrara antes, sobre essas mesmas águas escuras. Estava apoiado em seu remo, como sempre, deixando que a correnteza o levasse, aproximando-se inexoravelmente. Dirk sorriu.

- Bem-vindo - murmurou. - Bem-vindo.

- Dirk? - Gwen havia terminado de comer. Ajustava seu traje novamente, envolta na luz turva. Atrás dela, as paredes estavam vivas com os dançarinos cinza e brancos. Dirk ouvia tambores, sussurros e promessas. E agora sabia que essas últimas eram mentiras.

- Uma pergunta, Gwen - ele disse, desalentado.

Ela o encarou.

- Por que me chamou? - ele questionou. - Por quê? Se achava que não havia nada entre nós, entre você e mim, por que não me deixou em paz?

O rosto dela estava pálido e perplexo.

- Chamar você?

- Você sabe - ele disse. - A jóia-sussurrante.

- Sim - ela falou, insegura. - Está em Larteyn.

- É claro que está - ele concordou. - Na minha bagagem. Você a mandou para mim.

- Não - ela disse. - Não.

- Você foi ao meu encontro!

- Você anunciou sua chegada da nave. Eu nunca... acredite em mim, foi a primeira vez que soube que estava vindo. Não sabia o que pensar. Achei que fosse me dizer em algum momento, por isso não perguntei.

Dirk falou alguma coisa, mas a torre lançou sua nota baixa e arrebatou suas palavras. Ele meneou a cabeça.

- Você não me chamou?

- Não.

- Mas eu recebi a jóia-sussurrante. Em Braque. A mesma, preparada pelo ésher. Não dá para falsificar. - Ele lembrou de mais alguma coisa. - E Arkin disse...

- Sim - ela falou e mordeu o lábio. - Não entendo. Ele deve ter enviado para você. Mas ele era meu amigo. Alguém com quem falar. Não entendo. - Deu um gemido.

- Sua cabeça? - Dirk perguntou rapidamente.

- Não - ela disse. - Não.

Dirk observou o rosto dela.

- Arkin a enviou?

- Sim. Só pode ser ele. Tem que ser. Nos conhecemos em Áva- lon, bem depois que você e eu... você sabe. Arkin me ajudou. Foi uma época difícil. Ele também estava comigo quando você mandou a jóia para Jenny. Comecei a chorar. Conteí tudo para ele, e conversamos. Mesmo depois,

depois que eu conheci Jaan, Arkin e eu continuamos próximos. Ele era como um irmão!

- Um irmão - Dirk repetiu. - Por que ele...

- Não sei!

Dirk ficou pensativo.

- Quando nos encontramos no porto espacial, Arkin estava com você. Você pediu que ele a acompanhasse? Eu esperava que estivesse sozinha, lembro disso.

- Foi idéia dele - ela falou. - Bem, eu havia dito que estava nervosa. Em encontrá-lo novamente. Ele... ele se ofereceu para ir junto e me dar apoio moral. E disse que queria conhecê-lo também. Você sabe. Depois de tudo o que eu havia contado para ele em Avalon.

- E no dia em que você e ele foram para o bosque? Você sabe, quando tive problemas com Garse e depois com Bretan... o que aconteceu?

- Arkin falou... uma migração de escaravelhos-blindados. Na verdade não era isso, mas tínhamos que checar. Saímos apressadamente.

- Por que não me disse para onde estava indo? Pensei que Jaan e Garse tinham batido em você, que a estavam mantendo afastada de mim. Na noite anterior, você disse que...

- Eu sei, mas Arkin disse que avisaria você.

- E ele me convenceu a fugir - Dirk falou. - E você, suponho que tenha lhe dito que, para me convencer, você devia...

Ela assentiu.

Dirk se virou na direção da janela. A última luz partira do cume das torres. Acima, um punhado de estrelas brilhava.

Dirk as contou. Doze. Exatamente uma dúzia. Ele se perguntava se algumas delas eram galáxias de verdade, nas profundezas do Grande Mar Negro.

- Gwen - falou. - Jaan partiu nesta manhã. Daqui até Larteyn e de volta, de aeromóvel... quanto tempo leva?

Quando ela não respondeu, ele se virou para olhá-la novamente.

As paredes estavam cheia de fantasmas, e Gwen tremia sob as luzes.

- Ele já devia estar de volta, não devia? - Ela assentiu e deitou-se

novamente no colchão claro.

A Cidade Sereia cantava sua canção de ninar, seu hino ao sono final.

Capítulo 11

Dirk atravessou o quarto.

O rifle laser estava apoiado contra a parede. Ele o pegou, sentiu novamente a textura oleosa do plástico negro e liso. Passou o polegar pela cabeça de lobo. Apoiou a arma no ombro, apontou e disparou.

O feixe de luz ficou pelo menos por um segundo no ar. Dirk moveu o rifle ligeiramente, e o raio também se moveu. Quando a luz sumiu, assim como a imagem residual de suas retinas, viu que havia feito um buraco irregular na janela. O vento passava por ali ruidosamente, em dissonância com a música de Lamiya-Bailis.

Gwen saiu meio bamba da cama.

- O quê? Dirk?

Ele deu de ombros e baixou o rifle.

- O quê? - ela repetiu. - O que está fazendo?

- Quero ter certeza de que sei como isso funciona - ele explicou. - Eu... eu vou partir.

Ela franziu o cenho.

- Espere - disse. - Vou pegar minhas botas.

Ele meneou a cabeça.

- Você também? - O rosto dela estava duro, desagradável. - Não preciso que me protejam, malditos sejam...

- Não é isso - ele a interrompeu.

- Se isso é alguma idiotice para se fazer de herói diante dos meus olhos, não está funcionando. - Ela falou, colocando as mãos nos quadris.

Ele sorriu.

- Isso, Gwen, é alguma idiotice para me fazer de herói diante dos meus olhos. Seus olhos... seus olhos não têm mais importância.

- Por quê, então?

Ele ergueu o rifle, incerto.

- Não sei - admitiu. - Talvez porque goste de Jaan e deva isso a ele. Porque

quero reparar o que fiz traindo a confiança dele, depois que me fez keth.

- Dirk... - ela começou.

Ele a interrompeu com um gesto.

- Eu sei... mas isso não é tudo. Talvez eu queira encarar Ruark. Talvez porque em Kryne Lamiya tenha havido mais suicidas do que em todas as outras cidades do Festival, e eu seja um deles. Você pode escolher um motivo, Gwen. Entre todos esses. - Um leve sorriso cruzou seu rosto. - Talvez porque haja apenas doze estrelas, você sabia? Então não faz diferença, faz?

- O que você acha que vai poder fazer de útil?

- Quem sabe? E por que isso importa? Você se importa, Gwen? Realmente?

- Meneou a cabeça, e o movimento fez o cabelo cair em sua testa novamente, então o empurrou para trás. - Eu não me importo se você se importa - disse, com voz forçada. - Você disse, ou insinuou, que eu estava sendo egoísta quando estávamos em Desafio. Bem, talvez eu estivesse. E talvez esteja sendo agora. Vou lhe dizer uma coisa, no entanto. O que quer que eu vá fazer, não estou esperando nada de você, Gwen. Entende o que quero dizer?

Era um bom discurso de despedida, mas, a meio caminho da porta, ele se acalmou, hesitou e virou.

- Fique aqui, Gwen - disse. - Apenas fique. Ainda está ferida. Se tiver que fugir, Jaan disse algo sobre uma caverna. Sabe sobre o que ele estava falando? - Ela assentiu. - Bem, vá para lá se precisar. Caso contrário, fique aqui. - Fez um estranho sinal de despedida com o rifle, girou sobre os calcanhares e saiu apertando o passo.

Na pista de pouso, as paredes eram apenas paredes - sem fantasmas, sem murais, sem luzes. Dirk tropeçou no aeromóvel que procurava na escuridão, então esperou um pouco para que seus olhos se acostumassem. Seu carro abandonado não era produzido em Alto Kavalaan; era um pequeno artefato de dois lugares, uma lágrima negra e prateada de plástico e metal leve. Sem blindagem, é claro, e a única arma que carregava era o rifle laser que acomodou no colo.

O veículo estava apenas um pouco menos morto do que o resto de

Worlorn, mas pouco era o suficiente. Quando ligou a energia, o carro despertou, e os instrumentos iluminaram a cabine com um fulgor pálido. Dirk comeu uma barra de proteína rapidamente e estudou as leituras do painel. O suprimento de energia estava baixo, mas devia conseguir chegar até seu destino. Não usaria os faróis; podia voar com as luzes das estrelas. A calefação podia ser dispensada também, enquanto a jaqueta de couro o mantivesse afastado do frio.

Dirk fechou a portinhola, trancando-se na cabine, e ligou o controle de gravidade. O aeromóvel se elevou, balançando um pouco instável, mas se elevou. Empurrou os controles para frente, e então estava no ar.

Teve apenas um relampejo de terror. Se a gravidade artificial não respondesse bem, sabia, não seria capaz de voar, apenas se chocaria contra o solo recoberto de musgo abaixo. O aeromóvel sacudiu e desceu de forma alarmante quando se afastou da pista, mas apenas por um instante; logo recuperou força e subiu no vento uivante, e a única coisa que continuou revirando foi o estômago de Dirk.

Subiu continuamente, tentando colocar o carrinho o mais alto possível. A cadeia de montanhas estava logo à frente, e tinha que ultrapassá-la. Além disso, não estava nem um pouco a fim de encontrar outros viajantes noturnos. Bem no alto, com as luzes apagadas, podia ver outros aeromóveis que passassem mais embaixo, e as chances dele próprio passar despercebido eram boas.

Não olhou novamente para Kryne Lamiya, mas sentia a cidade atrás de si, impulsionando-o, livrando-o de todos os seus temores. O temor era uma tolice; nada importava, a morte menos ainda. Mesmo quando a Cidade Sereia e suas luzes brancas e cinza desapareceram de vista, a música permaneceu de forma constante mas cada vez mais fraca, sempre com ele, sempre intensa. Uma nota, um silvo trêmulo e agudo se sobressaía ao resto. Dirk estava a trinta quilômetros da cidade, mas ainda ouvia, misturada com o profundo assobio do vento. Finalmente percebeu que o barulho vinha de seus lábios.

Parou de assobiar e tentou se concentrar no vôo.

Depois de quase uma hora, a cadeia de montanhas se ergueu diante dele,

ou melhor, abaixo dele, pois Dirk voava bem alto, e se sentia mais perto das estrelas e das minúsculas galáxias que vislumbrava no céu do que das florestas lá embaixo. O vento ficara mais estridente e furioso ao forçar seu caminho pelas fendas da portinhola, mas Dirk ignorou o som.

Onde as montanhas encontravam os bosques, ele viu uma luz.

Diminuiu a velocidade do aeromóvel, fez um círculo e começou a descer. Nenhuma luz devia iluminar esse lado das montanhas, ele sabia; o que quer que fosse, devia ser investigado.

Fez uma espiral descendente até ficar diretamente sobre a luz, então parou o aeromóvel no ar, manteve-o suspenso por um tempo, e desligou o controle de gravidade. Com lentidão infinita, desceu silenciosamente, balançando para frente e para trás com o vento.

Havia várias luzes sob ele. A principal fonte de iluminação era uma fogueira. Dirk podia afirmar agora, podia vê-la agitando-se e tremeluzindo conforme os ventos jogavam as chamas para um lado e para o outro. Mas havia luzes menores, também, fixas e artificiais, um círculo delas na escuridão, não muito distante da fogueira. Talvez a um quilômetro, calculou, talvez menos.

A temperatura na pequena cabine começou a subir, e Dirk sentia o suor em sua pele, encharcando as roupas sob a pesada jaqueta. A fumaça chegara até ele também; nuvens negras e sujas erguiam-se da fogueira e obscureciam sua visão. Franzindo o cenho, moveu o aeromóvel até sair do caminho da fumaça e continuou a descer.

As chamas se ergueram para saudá-lo, longas línguas laranja, muito brilhantes contra as nuvens de fumaça. Dirk viu fagulhas também, ou cinzas, ou algo do tipo; brotavam da fogueira como estrelas cadentes, brincando na noite e desaparecendo. Quando estava ainda mais baixo, presenciou outro espetáculo, um crepitar furioso de chamas branco-azuladas com um cheiro forte de ozônio, que logo se extinguiram.

Dirk parou o motor do aeromóvel quando o fogo ainda estava a uma distância prudente embaixo dele. Havia outras pessoas ao redor - no círculo de luzes artificiais - e não queria ser visto. Seu aeromóvel negro e prata, imóvel contra o céu negro, não seria facilmente notado, mas seria

uma história diferente se ele se deixasse atingir pelo brilho das chamas. Embora tivesse uma visão clara de onde estava, não podia identificar o que estava queimando; no centro do fogo havia uma forma imprecisa e escura que soltava faíscas de vez em quando. Ao redor, podia ver um denso emaranhado de estranguladores, seus membros de cera brilhando amarelos sob a luz refletida. Vários galhos haviam caído no centro da fogueira e contribuíam para grande parte da fumaça enquanto murchavam e se transformavam em cinzas. Mas o resto, a cerca sinuosa que rodeava o fogo, recusava-se a arder. Em vez de se espalhar, as chamas obviamente se extinguiriam.

Dirk esperou e observou a fogueira se apagar. Tinha quase certeza de estar olhando para um aeromóvel caído; as fagulhas e o cheiro de ozônio lhe diziam isso. Queria saber que carro era.

Depois que as chamas se aplacaram e as faíscas pararam de voar, mas antes ainda que o fogo se extinguísse por completo e se transformasse em uma fumaça gordurosa, Dirk viu um formato. Uma visão sucinta; uma asa que lembrava a de um morcego, retorcida em um ângulo grotesco e apontada para o céu, recortada contra uma lâmina de fogo. Era o suficiente; não era um aeromóvel conhecido, embora fosse claramente um produto kavalariano.

Como um fantasma escuro sobre a floresta, ele se afastou da fogueira moribunda, em direção ao círculo de luzes artificiais. Dessa vez, manteve uma distância maior. Não precisava se aproximar. As luzes eram bem brilhantes, e a cena podia ser vista em detalhes.

Viu uma clareira ampla, cercada por lanternas elétricas, à margem de algum lago extenso; o mesmo trio que estivera sob a árvore emereliana em Desafio quando Myrik Braith atacou Gwen. Um deles, o grande carro abobadado com blindagem vermelha, pertencia a Lorimaar Alto-Braith. Os outros dois eram menores, quase idênticos, exceto que um estava muito avariado, mesmo visto a essa distância. Estava tombado, meio submerso na água, e parte deformado e brilhante. A porta blindada estava aberta.

Figuras delgadas se moviam ao redor do veículo destruído. Dirk mal podia vê-las, exceto pelo movimento, tão bem se camuflavam com a

paisagem. Perto, alguém estava tirando cães de caça Braiths do aeromóvel de Lorimaar.

Franzindo o cenho, Dirk tocou seu controle de gravidade, e elevou o carro, até perder os homens e os aeromóveis de vista e nada restar abaixo além de um ponto de luz na floresta. Dois pontos, na verdade, mas o fogo era uma brasa tênue e alaranjada agora, e logo se apagaria.

Seguro no ventre negro do céu, parou para pensar.

O carro destroçado era de Roseph, o mesmo que haviam roubado em Desafio, o carro que Jaan Vikary usara para voar até Larteyn naquela manhã. Tinha certeza disso. Os Braiths o encontraram, certamente, e o perseguiram até a floresta, derrubando-o. Mas parecia improvável que Jaan estivesse morto; senão, para que os cães? Lorimaar não estava apenas levando a matilha para um passeio. Era mais provável que Jaan tivesse sobrevivido à queda na floresta, e que os Braiths o estivessem caçando.

Dirk considerou a possibilidade de resgatá-lo, mas as perspectivas pareciam sombrias. Não tinha idéia de como encontrar Jaan na floresta tenebrosa. Os Braiths estavam mais bem equipados para isso do que ele.

Retomou seu curso em direção à cadeia de montanhas, e para Larteyn, além dela. Na floresta, armado e sozinho como estava, não podia ajudar Jaan Vikary. Na fortaleza de fogo kavalariana, no entanto, podia ao menos saldar a dívida de Arkin Ruark com Jadeferro.

As montanhas deslizavam sob ele, e Dirk relaxou mais uma vez, embora uma mão estivesse apoiada no rifle laser que ainda estava em seu colo.

O vôo levou cerca de uma hora mais; então Larteyn, vermelha e fumegante, surgiu para fora da montanha. Parecia muito morta, muito vazia, mas Dirk sabia que era mentira. Desceu e não perdeu tempo, sobrevoando pelos baixos telhados quadrados e pelas praças de pedrardente até o prédio que certa vez partilhara com Gwen Delvano, os dois Jadeferros e o mentiroso kimdissiano.

Apenas um aeromóvel esperava no telhado varrido pelo vento - a relíquia militar verde-oliva. Não havia sinal do veículo amarelo de Ruark, e a arraia cinza estava perdida também. Dirk se perguntou brevemente o que teria acontecido com ela, abandonada em Desafio, mas logo deixou o

pensamento de lado e aterrissou.

Empunhou o laser com firmeza e saiu. O mundo estava tranqüilo e carmesim. Dirk andou rapidamente até os elevadores e desceu aos aposentos de Ruark. Estavam vazios.

Revistou-os meticulosamente, derrubando coisas aqui e ali, sem se preocupar com o que bagunçava ou destruía. Todos os pertences do kimdissiano ainda estavam no lugar, mas Ruark não estava ali, e não havia sinal de onde havia ido.

Os pertences de Dirk também estavam ali, as poucas coisas que deixara para trás quando ele e Gwen fugiram, nada além de uma pequena pilha de roupas leves que trouxera de Braque. Inúteis no frio de Worlorn.

Dirk baixou o laser, ajoelhou-se e começou a revirar os bolsos das calças sujas. Só quando a encontrou - ainda enrolada em prata e veludo - soube realmente o que procurava e por que voltara a Larteyn.

No quarto de Ruark encontrou um pequeno cofre com jóias pessoais: anéis, pingentes, intrincados braceletes e coroas, brincos de pedras semipreciosas. Remexeu o conteúdo da caixa até encontrar uma corrente fina com uma coruja prateada incrustada em âmbar e presa por um broche. O broche parecia ter o tamanho adequado. Dirk arrancou o âmbar e a coruja e os substituiu pela jóia-sussurrante.

Então abriu a jaqueta e a pesada camisa e pendurou a corrente no pescoço, e a fria lágrima vermelha ficou próxima de sua pele nua, sussurrando seus sussurros, prometendo suas mentiras. A pequena punhalada de gelo era dolorida contra seu peito, mas estava tudo bem; era Jenny. Em pouco tempo se acostumou, e a joia não o incomodou mais. Lágrimas salgadas corriam por seu rosto. Não notou. Subiu as escadas.

A sala de trabalho que Ruark partilhara com Gwen estava tão desarrumada quanto Dirk se lembrava, mas o kimdissiano não estava ali. Nem foi encontrado no apartamento deserto no andar de cima, para o qual Dirk ligara quando estavam em Desafio. Havia apenas mais um lugar para procurar.

Rapidamente subiu até o topo da torre. A porta estava aberta. Hesitou, e então entrou, segurando o laser, pronto para atirar.

A grande sala de estar era caos e destruição.

A tela de parede havia sido esmagada ou explodida; havia pedaços afiados de vidro por todos os lados. As paredes estavam marcadas por tiros de laser. O sofá havia sido virado e rasgado em uma dúzia de partes, o enchimento arrancado em grandes punhados e espalhado. Alguns punhados haviam sido jogados na lareira, contribuindo para a bagunça encharcada e esfumaçada que sufocou o fogo. Uma das gárgulas, sem cabeça e de pernas para o ar, estava apoiada contra a base da cornija. Sua cabeça, com olhos de pedrardente e tudo mais, havia sido atirada nas cinzas molhadas da lareira. O ar fedia a vinho e vômito.

Garse Janacek dormia no chão, o torso nu, a barba ruiva ainda mais vermelha pelo vinho que escorrera nela, a boca aberta. Tinha o mesmo cheiro do aposento. Roncava alto, e sua pistola laser ainda estava em sua mão. Dirk viu a camisa mergulhada em um charco de vômito que Janacek tentara secar sem muito entusiasmo.

Dirk se aproximou cuidadosamente e tirou o laser dos dedos frouxos de Janacek. O teyn de Vikary não era o ferro kavalariano que Jaan imaginara. O braço direito de Janacek ainda estava envolto em ferro-e- pedrardente. Algumas das jóias negro-avermelhadas haviam sido arrancadas e os buracos vazios pareciam obscenos. Mas a maior parte do bracelete estava intacta, exceto onde se notavam alguns arranhões. O antebraço de Janacek, logo acima do bracelete, também estava arranhado. Os talhos era fundos e, em geral, eram continuação dos sulcos no ferro negro. Tanto braço quanto bracelete tinham crostas de sangue seco.

Perto da bota de Janacek, Dirk viu uma longa faca manchada de sangue. Pode imaginar o resto. Bêbado, sem dúvida, com a mão esquerda desajeitada pelo antigo ferimento, Janacek tentara arrancar as pedrardentes, perdendo a paciência e esfaqueando selvagememente, derrubando a lâmina pela dor e pela cólera.

Dirk retrocedeu rapidamente, desviando da camisa empapada de Janacek. Parou no vão da porta, levantou o rifle e gritou:

-Garse!

Janacek não se moveu. Dirk repetiu o grito. Dessa vez, o volume dos

roncos diminuiu notavelmente. Encorajado, Dirk parou, pegou o objeto mais próximo - uma pedrardente - e o jogou no kavalariano. Acertou Janacek no rosto.

Ele se sentou lentamente, piscando. Viu Dirk e fez uma careta de desprezo.

- Levante-se. - Dirk mandou, gesticulando com o laser.

Janacek ficou em pé com esforço, olhando ao redor em busca da própria arma.

- Você não vai achá-la. - Dirk avisou. - Está comigo.

Os olhos de Janacek estavam turvos e cansados, mas o sono fizera passar grande parte da bebedeira.

- Por que está aqui, t'Larien? - perguntou, lentamente, em uma voz marcada tanto pela exaustão quanto pelo vinho. - Veio zombar de mim?

Dirk negou com a cabeça.

- Não. Sinto por você.

Janacek o encarou com raiva.

- Sente por mim?

- Não acha que merece pena? Olhe ao seu redor!

- Cuidado. - Janacek lhe avisou. - Brinque muito comigo, t'Larien, e descobrirei se você tem aço suficiente para disparar esse laser que segura tão desajeitadamente.

- Não, Garse - Dirk falou. - Por favor. Preciso da sua ajuda.

Janacek gargalhou, jogando a cabeça para trás e rugindo.

Quando parou, Dirk lhe contou tudo o que acontecera desde que Vikary matou Myrik Braith em Desafio. Janacek permaneceu muito tenso enquanto ouvia, os braços cruzados apertados contra o peito nu e marcado por cicatrizes. Riu uma única vez - quando Dirk lhe contou suas conclusões sobre Ruark.

- Os manipuladores de Kimdiss. - Janacek resmungou. Dirk o deixou resmungar, e então terminou a história. - E eu com isso? - quis saber, quando Dirk concluiu o relato. - Por que acha que alguma coisa disso tem alguma importância para mim?

- Achei que você não deixaria os Braiths caçarem Jaan como a um animal. - Dirk respondeu.

- Ele mesmo se fez um animal.

- Aos olhos dos Braiths, imagino - Dirk falou. - Você é um Braith?

- Sou um kavalariano.

- Todos os kavalarianos são iguais agora? - Gesticulou em direção da cabeça de pedra da gárgula, jogada na lareira. - Vejo que você também tem troféus, exatamente como Lorimaar.

Janacek não falou nada. Seus olhos estavam muito duros.

- Talvez eu estivesse errado - Dirk prosseguiu. - Mas quando vim até aqui e vi tudo isso, comecei a pensar. Comecei a pensar que talvez você tivesse algum sentimento humano pelo homem que costumava ser seu teyn. Me lembrei que uma vez você me disse que você e Jaan tinham um laço mais forte do que eu jamais seria capaz de entender. Acho que era uma mentira, no entanto.

- Era verdade. Jaan Vikary rompeu esse laço.

- Gwen rompeu todos os laços entre nós há anos - Dirk falou. - Mas eu vim quando ela precisou de mim. Oh, acontece que ela não precisava realmente de mim, e eu vim por várias razões egoístas. Mas eu vim. Não pode tirar isso de mim, Garse. Cumpri minha promessa. - Fez uma pausa. - E eu não deixaria ninguém caçá-la, se pudesse impedir. Parece que éramos ligados por algo bem mais forte que seu ferro-e-fogo kavalariano.

- Diga o que quiser, t'Larien. Suas palavras não mudam nada. A idéia de você cumprindo promessas é ridícula. E as promessas que fez para Jaan e para mim?

- Eu as traí - Dirk respondeu rapidamente. - Sei disso. Então você e eu estamos quites, Garse.

- Não traí ninguém.

- Está abandonando aqueles que eram mais próximos a você. Gwen, que era sua cro-betheyn, que dormia com você, que o amava e o odiava ao mesmo tempo. E Jaan. Seu precioso teyn.

- Nunca traí nenhum deles. - Janacek garantiu com veemência. - Gwen traiu a mim e ao jade-e-prata que usava no dia em que se juntou a você. Jaan renunciou a tudo o que era decente matando Myrik daquela maneira. Ele me ignorou, ignorou os deveres de ferro-e-fogo. Não devo nada a

nenhum deles.

- Não deve, não é? - Sob a camisa, Dirk podia sentir a jóia-sussurrante dura contra a pele, inundando-o com palavras e memórias, com uma evocação do homem que fora um dia. Estava muito zangado. - E isso é tudo, certo? Não deve nada para eles, então quem se importa? Todos os seus malditos laços kavalarianos, no final das contas, são dívidas e obrigações. Tradições, a antiga sabedoria dos grupos, como o código de honra e a caça aos quase-homens. Não pense nelas, apenas siga-as. Ruark estava certo sobre uma coisa... não há amor em nenhum de vocês, exceto, talvez, em Jaan, e não estou tão seguro disso. Que diabos teria feito se Gwen não estivesse usando o bracelete?

- A mesma coisa!

- Verdade? E você? Você teria desafiado Myrik porque ele machucou Gwen? Ou foi só porque ele danificou seu jade-e-prata? - Dirk bufou. - Talvez Jaan tivesse feito a mesma coisa, mas você não, Janacek. Você é tão kavalariano quanto o próprio Lorimaar, tão insensível quanto Chell ou Bretan. Jaan queria melhorar seu povo, mas acho que você simplesmente estava junto no passeio e não acreditou em nada disso nem por um minuto.

- Tirou o laser de Janacek do cinturão e o jogou no ar com a mão livre. - Tome - gritou, abaixando o rifle. - Vá caçar quase-homens!

Janacek, perplexo, apanhou a arma no ar quase por reflexo. Ficou parado, segurando-a e franziu o cenho.

- Eu podia matá-lo agora, t'Larien - disse.

- Faça isso ou não faça nada - Dirk respondeu. - Dá no mesmo. Se você realmente tivesse amado Jaan...

- Eu não amo Jaan. - Janacek rebateu, com o rosto corado. - Ele é meu teyn! Dirk deixou as palavras do kavalariano penderem no ar por um longo minuto. Coçou o queixo pensativamente.

- E? - perguntou. - Você quer dizer que Jaan era seu teyn, não é isso?

Janacek empalideceu tão repentinamente quanto corara. Debaixo da barba, um canto de sua boca se contorceu de uma maneira que fez Dirk se lembrar de Bretan. Voltou os olhos, quase furtivamente, meio envergonhado, para o pesado bracelete de ferro que ainda estava em seu

antebraço ensangüentado.

- Não conseguiu arrancar todas as pedrardentes, não é mesmo? - Dirk falou gentilmente.

- Não - Janacek respondeu. Sua voz estava estranhamente serena. - Não, não consegui. Mas isso não significa muito, é claro. O ferro físico não é nada quando o outro ferro já desapareceu.

- Mas não desapareceu, Garse - Dirk disse. - Jaan falou sobre você quando estávamos juntos em Kryne Lamiya. Eu sei. Talvez ele se sinta ligado a Gwen por ferro também, e talvez isso seja errado. Não me pergunte. Tudo o que sei é que para Jaan o outro ferro ainda existe. Ele estava com seu bracelete de ferro-e-fogo em Kryne Lamiya. Vai estar com ele quando os cães Braiths o pegarem, imagino.

Janacek sacudiu a cabeça.

- t'Larien - falou -, sua mãe deve ser kimdissiana, posso garantir. Mesmo assim, não posso me opor. Você manipula bem demais - sorriu; era o velho sorriso, aquele que brilhara na manhã em que apontara o laser para Dirk e perguntara se o assustara. - Jaan Vikary é meu teyn - garantiu. - O que quer que eu faça?

A conversão de Janacek, apesar de relutante, foi mais que suficiente. O kavalariano assumiu o controle da situação imediatamente. Dirk pensou que deviam partir logo e discutir os planos no caminho, mas Janacek insistiu que deviam tomar um banho e se vestir antes.

- Se Jaan ainda está vivo, estará seguro até o amanhecer. Os cães têm péssima visão à noite, e os Braiths não vão querer entrar em um bosque de estranguladores sem a luz do dia. Não, t'Larien, eles vão acampar e esperar. Um homem sozinho e a pé não consegue ir muito longe. Então, temos tempo suficiente para ir ao encontro deles como Jadeferros.

Quando ficaram prontos para partir, Janacek já tinha perdido quase todos os sinais de sua bebedeira irada. Estava elegante e imaculado em um traje de tecido-camaleão forrado com pele, a barba limpa e aparada, o escuro cabelo vermelho bem penteado para trás. Apenas seu braço direito - limpo e cuidadosamente enfaixado, mas ainda visível - dava provas contra ele. Mas as feridas não pareciam inibi-lo muito; com movimentos graciosos e

fluidos, carregou e checkou o laser e o colocou no cinturão. Além da pistola, Janacek também levava uma faca longa de fio duplo e um rifle como o de Dirk. Sorriu jovialmente ao empunhá-lo.

Dirk havia se lavado e se barbeado enquanto esperava, e também teve a oportunidade de comer sua primeira refeição completa em dias. Estava se sentindo quase carregado de energia quando foram para o telhado.

O interior do imenso aeromóvel quadrado de Janacek era tão incômodo quanto o pequeno carro abandonado com que Dirk voara de Kryne Lamiya, embora a máquina de Janacek tivesse quatro pequenos assentos no lugar de dois.

- A blindagem. - Garse explicou quando Dirk reparou no limitado espaço interior. Prendeu Dirk com um apertado cinto de segurança de batalha, em um desconfortável assento rígido, fez o mesmo consigo, e depois levantaram voo.

A cabine era mal iluminada e completamente fechada, com indicadores e instrumentos por todos os lados, mesmo sob as portas. Não tinha janelas; um painel de oito pequenas telas davam ao piloto oito visões do lado de fora. Por dentro, o carro não era pintado, não tinha enfeites e era sintético.

- Este veículo é mais velho do que nós dois. - Janacek comentou enquanto subiam. Parecia ansioso por falar, e amigoso, apesar de sua mordacidade habitual. - E já viu mais mundos até do que você. A história dele é fascinante. Este modelo em particular data de uns quatrocentos anos atrás. Foi construído pelos Saberes de Dam Tullian, no Véu do Tentador, e usado na guerra contra Erikan e Esperança do Trapaceiro. Depois de um século, mais ou menos, foi avariado e abandonado. Os erikanos o confiscaram durante a paz e o venderam para os Anjos de Aço de Bastião. Eles o usaram em várias campanhas, até que finalmente o veículo foi capturado pelos prometenses. Um mercador kimdissiano o comprou em Prometeus e o vendeu para mim, e eu o adaptei do código de honra. Ninguém nunca mais me desafiou para um combate aéreo. Veja. - Estendeu a mão e apertou um botão luminoso, e repentinamente o veículo se acelerou de uma tal maneira que Dirk foi pressionado contra o assento. - Tubos de pulso auxiliares para velocidade de emergência. - Janacek explicou com um

sorriso. - Estaremos lá na metade do tempo que você levou, t'Larien.

- Ótimo - Dirk falou. Algo o intrigava, no entanto. - Você disse que conseguiu o veículo com um mercador kimdissiano?

- Sim, é verdade - Janacek falou. - Os pacíficos kimdissianos são grandes mercadores de armas. Tenho pouca consideração por esses manipuladores, como você sabe, mas não vou deixar de aproveitar uma barganha quando ela me é oferecida.

- Arkin fez um grande estardalhaço sobre ser não violento - Dirk comentou. - Suponho que seja outra farsa.

- Não - Janacek respondeu. Olhou de relance para Dirk e sorriu. - Surpreso, t'Larien? A verdade é talvez mais bizarra. Não chamamos os kimdissianos de manipuladores sem um motivo. Você estudou história em Ávalon, imagino...

- Um pouco - Dirk falou. - História da Antiga Terra, do Império Federal, a Guerra Dupla, a Expansão.

- Mas nada da história dos mundos exteriores. - Janacek riu. - Já era de se esperar. Há tantos mundos e culturas no reino humano, tantas histórias. Mesmo os nomes são muitos para se aprender. Escute, e eu lhe explicarei. Quando você chegou a Worlorn, notou o círculo de bandeiras?

Dirk olhou para ele com certa perplexidade.

-Não.

- Talvez não estejam mais lá. Antigamente, no entanto, durante o Festival, a praça do lado de fora do porto espacial tinha catorze bandeiras. Era uma absurda presunção toberiana, mas foi feita, embora dez das catorze bandeira planetárias não representassem nada. Mundos como Eshellin e a Colônia Esquecida nem sabiam o que era uma bandeira, enquanto, no outro extremo, os emerelianos tinham um estandarte diferente para cada uma das cem torres urbanas. Os escuralbinos riram de todos e hastearam um tecido totalmente negro. - Janacek parecia divertir-se muito com tudo isso. - Em Alto Kavalaan, não tínhamos uma bandeira para nosso mundo. Encontramos uma, no entanto. Foi tirada da nossa história. Um retângulo dividido em quatro quadrantes de cores distintas: um banshee verde sobre um fundo negro para Jadeferro, um morcego caçador prateado em

fundo amarelo para Shanagate, espadas cruzadas sobre carmesim para Açorrubro, e um lobo branco em fundo púrpura para Braith. Era o velho estandarte da Liga dos Altos-Senhores. A Liga foi criada na época em que as primeiras naves espaciais voltaram para Alto Kavalaan. Havia um homem, um grande líder, chamado Vikor Alto-Açorrubro Corben. Ele dominava o conselho de altos-senhores de Açorrubro havia gerações, e, quando as pessoas de outros mundos chegaram, ele estava convencido de que todos os kavalarianos deveriam se unir para partilhar conhecimento e riqueza igualmente. Dessa forma, criou a Liga de Altos-Senhores, cuja bandeira descrevi para você. A união, infelizmente, teve vida curta. Mercadores kimdissianos, temerosos do poder de um Alto Kavalaan unificado, se comprometeram a prover apenas os Braiths com modernos armamentos. Os altos-senhores Braiths haviam se juntado à Liga apenas por medo; na verdade, desejavam evitar as estrelas, que, segundo eles, estavam cheias de quase-homens. Mesmo assim, não se esquivaram de aceitar os lasers dos quase-homens. Então tivemos a última alta-guerra. Jadeferro, Açorrubro e Shanagate, juntos, subjugaram Braith, apesar das armas kimdissianas, mas Vikor Alto-Açorrubro foi morto e o custo de vidas foi imenso. A Liga de Altos-Senhores sobreviveu ao seu fundador, apenas por mais alguns anos. Os Braiths, seriamente derrotados, se aterraram à crença de terem sido enganados e usados por quase-homens kimdissianos, e se apegaram às velhas tradições com mais firmeza do que antes. Para selar a paz e fazê-la durar, a Liga (então dominada por altos-senhores de Shaganate) capturou todos os mercadores kimdissianos em Alto Kavalaan, além de uma nave de toberianos, declarou todos eles criminosos de guerra (um termo que aprendemos dos estrangeiros, a propósito), e soltou-os nas planícies, para que fossem caçados como quase-homens. Os banshees mataram muitos deles, outros morreram de fome, mas os caçadores apanharam a maioria e trouxeram suas cabeças para casa como troféus. Dizem que os altos-senhores de Braith tinham uma alegria especial em esfolar os homens que os tinham armado e aconselhado. Não temos orgulho dessa caçada hoje, mas podemos entendê-la. A guerra fora mais longa e mais sangrenta do que qualquer outra em nossa história desde

o Tempo do Fogo e dos Demônios. Foi um tempo de grandes pesares e ódios poderosos, e destruiu a Liga dos Altos-Senhores. O grupo Jadeferro se retirou, em vez de tolerar a caçada, declarando que os kimdissianos eram humanos. Açorrubro logo o seguiu. Os matadores de quase-homens eram todos Braiths e Shanagates, mas o grupo Shanagate também já estava fora da liga. A bandeira de Vikor foi abandonada e esquecida, até que o Festival nos fez recordar dela. - Janacek fez uma pausa e olhou de relance para Dirk. - Entende agora, t'Larien?

- Entendo por que kavalarianos e kimdissianos não gostam muito uns dos outros. - Dirk admitiu.

Janacek deu uma gargalhada.

- Isso vai além da nossa própria história - disse. - Kimdiss não participou de nenhuma guerra, mas o planeta tem as mãos ensangüentadas. Quando Tober-no-Véu atacou Tocadolobo, os manipuladores suprimam os dois lados. Quando a guerra civil explodiu em di-Emerel, entre os urbanitas, cujo universo é uma única construção, e os descontentes observadores de estrelas, que queriam um horizonte mais amplo, Kimdiss esteve profundamente envolvido, dando aos urbanitas os meios para uma vitória decisiva. - Sorriu. - Na verdade, t'Larien, até existem histórias de complôs kimdissianos dentro do Véu do Tentador.

Dizem que foram agentes kimdissianos que colocaram os Anjos de Aço e os Homens Alterados de Prometeus uns contra os outros, que depuseram o Quarto Cuchulainn de Tara porque ele se negou a negociar com eles, que interferiram em Braque para que os sacerdotes impedissem o desenvolvimento tecnológico. Você conhece a antiga religião de Kimdiss?

- Não.

- Você a aprovaria. - Janacek comentou. - É um credo pacífico e civilizado, extremamente complexo. Você pode usá-lo para justificar qualquer coisa, exceto violência pessoal. Mas o grande profeta deles, o Filho do Sonhador, aceito como uma figura mítica, mas que ainda assim é reverenciado, disse certa vez: "Lembre-se: seu inimigo tem um inimigo". Realmente, tem. Esse é o coração da sabedoria kimdissiana.

Dirk se mexeu inquieto no assento.

- Está me dizendo que Ruark...

- Não estou dizendo nada. - Janacek o interrompeu. - Tire suas próprias conclusões. Não precisa aceitar as minhas. Uma vez contei tudo isso para Gwen Delvano, porque ela era minha cro-betheyn e eu me preocupava. Ela pareceu divertir-se muito. A história não queria dizer nada, ela me afirmou. Arkin Ruark era apenas ele mesmo, não algum arquétipo da história dos mundos exteriores. Assim ela me disse. Ele também era amigo dela, ela me falou, e esse laço, essa amizade - a voz dele estava corrosiva ao dizer a palavra - de algum modo transcendia o fato de ele ser um mentiroso e um kimdissiano. Gwen me disse para olhar minha própria história. Se Arkin Ruark era um manipulador pelo simples fato de ter nascido em Kimdiss, então eu era um tomador de cabeças de quase-homens, simplesmente por ser kavalariano.

Dirk considerou aquilo.

- Ela estava certa, você sabe - disse tranqüilamente.

- Oh, estava?

- O argumento dela era correto. - Dirk explicou. - Parece, no entanto, que ela estava errada a respeito de Ruark, mas em geral...

- Em geral, é melhor desconfiar de todos os kimdissianos. - Janacek completou com firmeza. - Você foi enganado e usado, t'Larien, e mesmo assim não aprendeu. Você é muito parecido com Gwen. Chega disso. - Deu uma batidinha em uma das telas com o nó dos dedos. - Estamos perto das montanhas. Não falta muito.

Dirk agarrava o rifle com força. Secou o suor das palmas das mãos nas calças.

- Você tem um plano?

- Sim - disse Janacek, sorrindo. Inclinou-se na direção de Dirk e retirou suavemente o rifle do colo. - Um plano muito simples, na verdade - continuou, colocando a arma cuidadosamente fora de alcance. - Vou entregá-lo para Lorimaar.

Capítulo 12

Dirk não ficou surpreso. Sob sua roupa, a jóia-sussurrante ainda estava fria contra a pele, recordando-o de promessas e traições passadas. Quase não se importava mais. Cruzou os braços e esperou.

Janacek pareceu desapontado.

- Você não parece preocupado - disse.

- Não importa, Garse. - Dirk respondeu. - Quando deixei Kryne Lamiya, esperava morrer. - Suspirou. - Como tudo isso vai ser de alguma utilidade para Jaan?

Janacek não respondeu imediatamente; seus olhos azuis estudaram Dirk cuidadosamente.

- Está mudado, t'Larien - disse finalmente, sem sorrir. - Você realmente se importa mais com o destino de Jaan Vikary do que com o seu próprio?

- Como vou saber? - Dirk falou. - Vamos em frente com seu plano!

Janacek franziu o cenho.

- Tinha imaginado pousar no acampamento Braith e tentar um confronto direto. Mas rejeitei a idéia. Meu desejo de morte não aumentou tanto quanto o seu. Ainda que pudesse desafiar um ou vários caçadores para duelar, seria obviamente em auxílio a um criminoso. Eles nunca aceitariam. Até mesmo minha situação é delicada neste momento; por causa de minhas palavras e ações em Desafio, os Braiths ainda me consideram humano, ainda que em desgraça. Se eu me propuser abertamente a ajudar Jaan, contudo, ficaria manchado aos olhos deles. As cortesias do código não valeriam para mim. Eu me tornaria um criminoso, um provável quase-homem. Uma segunda alternativa seria atacá-los repentinamente, sem aviso, e matar o máximo possível. Mas não sou ainda tão depravado para considerar essa idéia. Mesmo o ato de Jaan contra Myrik seria limpo se comparado a tal crime. Seria melhor, é claro, se pudéssemos voar e localizar Jaan e resgatá-lo com segurança e em segredo. Mas a chance disso acontecer é mínima. Os Braiths têm cães de caça. Nós,

não. Eles têm caçadores e rastreadores experientes, especialmente Pyr Braith Oryan e o próprio Lorimaar Alto-Braith. Sou menos habilidoso, e você é inútil. As chances deles encontrarem Jaan antes de nós são excelentes.

- Sim. - Dirk concordou. - E então?

- Estou sendo um falso kavalariano ao ajudar Jaan nisso tudo - Janacek falou em um voz levemente perturbada. - Então, serei um pouco mais falso. É nossa melhor alternativa. Voaremos abertamente, e eu o entregarei, como disse. Esse ato garantirá a confiança deles até certo ponto. Aí, vou me juntar à caçada e fazer tudo o que puder, exceto cometer assassinato. Talvez possa provocar uma briga e desafiar alguém para um duelo, de modo que não pareça que estou protegendo Jaan Vikary.

- Você pode perder. - Dirk apontou.

Janacek assentiu.

- Verdade, posso perder. Mas não acho que isso vá acontecer. Em um duelo singular, apenas Bretan Braith Lantry é um antagonista realmente perigoso, e ele e seu teyn não estão entre os caçadores, se os aeromóveis que você viu são os únicos. Lorimaar tem suas habilidades, mas Jaan o feriu em Desafio. Pyr é rápido e talentoso com seu bastãozinho, mas não com uma lâmina ou uma pistola. Os outros são velhos e fracotes. Eu não perderia.

- E se não conseguir provocar um duelo?

- Então posso estar por perto quando encontrarem Jaan.

- E aí?

- Não sei. Mas não o capturarão. Prometo isso, t'Larien. Eles não o capturarão.

- E, enquanto isso, o que será de mim?

Janacek olhou sobre o ombro mais uma vez, e novamente seus olhos azuis encararam Dirk pensativamente.

- Você correrá grande perigo - o kavalariano admitiu mas não acho que o matarão imediatamente, e certamente não quando eu o entregar, amarrado e impotente. Vão querer caçar você. Pyr provavelmente vai reivindicá-lo. Espero que o libertem, tirem sua roupa e façam-no correr pela floresta. Se

alguns deles resolverem caçar você, menos estarão atrás de Jaan. Há outra possibilidade também. Em Desafio, Pyr e Bretan estavam prestes a brigar por você. Se Bretan se juntar aos caçadores, é provável que retomem a disputa. Isso só nos beneficiaria.

Dirk sorriu.

- Seu inimigo tem um inimigo - disse, sarcástico.

Janacek fez uma careta.

- Não sou Arkin Ruark - disse. - Eu o ajudarei se puder. Antes de entrarmos no acampamento dos Braiths, vamos aterrissar secretamente, perto do aeromóvel abatido que você viu pegando fogo. Deixaremos um laser nos destroços. Então, depois que o libertarem e o soltarem na floresta, você pode buscar a arma e surpreender seus perseguidores. - Deu de ombros. - Sua vida pode depender do quão rápido e direto você pode correr, e quão boa é sua pontaria com um rifle.

- E quanto estou disposto a matar. - Dirk acrescentou.

- E quanto está disposto a matar. - Janacek reconheceu. - Não posso lhe oferecer mais vantagens, t'Larien.

- Aceito essas que me oferece - Dirk falou. Então voaram em silêncio por um longo tempo. Mas quando as lâminas negras da cadeia de montanhas finalmente apareceram diante deles, e Janacek apagou todas as luzes do aeromóvel e começou sua lenta e cuidadosa descida, Dirk virou-se para falar com ele novamente. - O que você teria feito - perguntou - se eu tivesse me recusado a participar do seu plano?

Janacek se virou no assento e colocou a mão direita no braço de Dirk. As pedrardentes intactas brilhavam debilmente no ferro do bracelete.

- O laço de fogo-e-ferro é mais forte do que qualquer laço que você possa imaginar - o kavalariano disse com voz grave -, e muito mais forte do que qualquer laço de gratidão passageira. Se tivesse se recusado, t'Larien, eu teria arrancado sua língua para que não pudesse contar meus planos aos Braiths e teria seguido adiante. Querendo ou não, você teria desempenhado seu papel. Entenda, t'Larien, eu não o odeio, embora você tenha merecido isso muitas vezes. Algumas vezes me peguei gostando de você, tanto quanto um Jadeferro pode gostar de alguém de fora do grupo.

Não machucaria você por mal. Mesmo assim, tenho que machucar você. Pois considere cuidadosamente, e meu plano é a melhor chance que Jaan Vikary tem.

Enquanto falava, Janacek não esboçou nem o mais leve traço de sorriso. Pela primeira vez, não estava brincando.

Dirk não teve muito tempo para refletir sobre as palavras de Janacek. O veículo começou a descer noite adentro como uma pedra incrivelmente leve, deslizando no ar como um espectro sobre as copas dos estranguladores. O aeromóvel abatido ainda ardia em um escuro tom alaranjado, vindo do núcleo de uma árvore caída e carbonizada, com uma fina camada de fumaça escura ao seu redor. Janacek se aproximou dos destroços, abriu uma das grandes portas blindadas e jogou o rifle no solo da floresta, alguns metros abaixo. Por insistência de Dirk, também jogou a jaqueta dos Braiths que Dirk estava vestindo, pois a pele e o couro grosso seriam uma bênção para um homem que estivesse correndo nu pela floresta.

Depois, voltaram a ganhar altitude, e Garse amarrou Dirk pelas mãos e pelos pés, com cordas apertadas e doloridas que ameaçavam cortar a circulação, e, por isso mesmo, muito autênticas. Então, acendendo os faróis e as luzes laterais, Janacek os levou até o círculo iluminado.

Os cães estavam presos e dormindo ao lado da água, mas acordaram quando o aeromóvel desconhecido desceu, e Janacek aterrissou no meio de ferozes latidos. Apenas um dos Braiths estava à vista, o caçador pele-e-osso cujos cabelos negros despenteados pareciam um novelo de arame queimado. Era teyn de Pyr, Dirk reconheceu, embora não soubesse seu nome. O homem estava sentado ao lado de uma fogueira, perto dos cães, com um rifle laser ao lado. Mas, quando os avistou, ficou em pé rapidamente antes mesmo do veículo descer.

Janacek abriu a pesada porta novamente, empurrando-a para cima e deixando o frio da noite penetrar no calor da cabine. Colocou Dirk em pé com um puxão e o tirou do aeromóvel com violência, forçando-o a ficar de joelhos na areia fria.

- Jadeferro - o homem de guarda disse duramente. Seus kethi já

começavam a se reunir, saindo dos sacos de dormir e dos aeromóveis.

- Tenho um presente para vocês - Janacek falou, com as mãos no quadril. - Uma oferta de Jadeferro para Braith.

Eram seis caçadores, Dirk viu quando, ainda ajoelhado, olhou para cima; todos eles tinham estado em Desafio. O careca e corpulento Pyr, que estava dormindo perto de seu teyn, foi o primeiro a aparecer. Logo depois Roseph Alto-Braith e seu silencioso e musculoso companheiro se juntaram a eles. Também dormiam ao ar livre, perto de seu aeromóvel. Por fim, Lorimaar Alto-Braith Arkellor, com o lado esquerdo do peito enfaixado, veio lentamente do aeromóvel abobadado vermelho, apoiado no braço do gordo que estivera com ele antes. Todos os seis apareceram como estavam dormindo: completamente vestidos e armados.

- O presente - disse Pyr - é apreciado, Jadeferro. - Usava uma pistola em um cinturão metálico preto, mas seu bastão não estava à vista, e era como se estivesse faltando alguma coisa.

- Sua presença não é apreciada - Lorimaar falou, enquanto lutava para se juntar ao círculo. Estava apoiando grande parte de seu peso no teyn, então parecia curvado e derrotado, não mais o gigante que fora. E Dirk, olhando para ele, pensou ter visto novas rugas na escuridão, vincos profundos na pele recém-esculpidos pela dor.

- É óbvio agora que o duelo para o qual fui nomeado árbitro nunca acontecerá - Roseph comentou serenamente, sem nenhum traço da pesada hostilidade que engrossava a voz de Lorimaar

então não tenho nenhum tipo de autoridade, e não pretendo falar por Alto Kavalaan ou por Braith. Mesmo assim, acho que posso falar por todos nós. Não toleraremos sua interferência, Jadeferro. Com ou sem presente de sangue.

- É verdade - concordou Lorimaar.

- Não pretendo interferir. - Janacek explicou. - Pretendo me juntar a vocês.

- Estamos caçando seu teyn - o companheiro de Pyr disse.

- Ele sabe disso - Pyr rebateu.

- Não tenho teyn. - Janacek garantiu. - Um animal ronda a floresta, usando meu ferro-e-fogo. Ajudarei vocês a matá-lo, e reivindico a coisa que é

minha. - Soou muito duro, muito convincente.

Um dos cães andava de um lado para o outro, impaciente na corrente. Rosnou e parou tempo suficiente para enrugar sua cara de rato para Janacek e mostrar uma fileira de dentes amarelados.

- Ele é um mentiroso - Lorimaar Alto-Braith afirmou. - Até nossos cães farejam suas mentiras. Não gostam dele.

- Um quase-homem - acrescentou seu teyn.

Garse Janacek virou a cabeça ligeiramente. A luz trêmula da fogueira dava novos tons vermelhos em sua barba quando sorriu irônica e ameaçadoramente.

- Saanel Braith - disse - seu teyn está ferido e me insulta com impunidade, pois sabe que não posso desafiá-lo a fazer suas escolhas. Você não tem essa mesma proteção.

- Neste momento, ele tem - Roseph falou com aspereza. - Isso é um truque que não vamos permitir que use, Jadeferro. Você não duelará conosco, um a um, e salvará seu teyn renegado.

- Jurei que não tenho desejo de salvá-lo. Não tenho teyn. Você não pode negar meus direitos garantidos pelo código.

O pequeno e encurvado Roseph - o menor dos kavalarianos por meio metro - encarou Janacek e se recusou a ceder.

- Estamos em Worlorn - disse. - E fazemos o que queremos.

Vários dos outros murmuraram em concordância.

- Vocês são kavalarianos - Janacek insistiu, mas uma faísca de dúvida cruzou seu rosto. - Vocês são Braiths e altos-senhores de Braith, ligados ao seu grupo, ao seu conselho e seus costumes.

- Em anos passados - Pyr disse com um sorriso vi muito dos meus kethi e ainda mais homens de outros grupos abandonarem a antiga sabedoria.

"Isso, isso e mais isso está errado", os amaneirados Jadeferros falavam. "Não seguiremos isso." E os cordeiros de Açorrubro faziam coro, assim como os afeminados de Shanagate e, lamentavelmente, muitos Braiths. Minhas lembranças são falsas? Você fica aí parado e prega o código para nós, mas acho que me lembro de Jadeferros na minha juventude dizendo que não eu não podia mais caçar quase-homens. Alguns kavalarianos moles que foram

mandados para Ávalon para aprender sobre naves espaciais, armas e outras coisas úteis não voltaram cheios de mentiras sobre como devíamos mudar nossos costumes, afirmando que nosso código era uma vergonha, o mesmo código que por tanto tempo havia sido motivo de orgulho? Diga-me, Jadeferro, estou errado?

Garse não disse nada. Cruzou os braços sobre o peito.

- Jaan Vikary, certa vez Alto-Jadeferro, era o maior dos reformistas e dos mentirosos. Você não estava muito atrás - Lorimaar falou.

- Nunca estive em Ávalon. - Janacek comentou simplesmente.

- Me responda - Pyr exigiu. - Você e Vikary não queriam mudar os velhos costumes? Vocês não riam das partes do código das quais não gostavam?

- Nunca rompi o código - Janacek falou. - Jaan... Jaan algumas vezes... - titubeou.

- Ele admite - o gordo Saanel apontou.

- Estivemos conversando entre nós - Roseph disse com voz calma. - Se os altos-senhores podem matar fora do código, se as coisas que conhecemos como verdadeiras podem mudar e ser desdenhadas, então também podemos fazer mudanças e descartar falsas sabedorias que não nos interessam. Não temos mais laços com Braith, Jadeferro. E o melhor dos grupos, mas não é bom o suficiente. Nossos antigos kethi foram brandos demais em aceitar muitas mentiras. Não seremos mais deformados, nem brincarão mais conosco. Regressaremos às antigas e verdadeira tradições, para o credo que já era antigo antes da queda do Punho de Bronze, mesmo nos dias em que os altos-senhores de Jadeferro, de Taal e das Moradas do Carvão Profundo lutavam juntos contra os demônios nas Colinas Lameraan.

- Vê, Jadeferro - Pyr falou -, você nos chama por falsos nomes.

- Não sabia - Janacek falou lentamente.

- Chame-nos por nosso nome verdadeiro. Não somos Braiths.

Os olhos do Jadeferro pareciam escuros e sombrios. Seus braços ainda estavam cruzados. Olhou para Lorimaar.

- Vocês criaram um novo grupo - disse.

- Há precedentes - Roseph comentou. - Açorrubro nasceu daqueles que

romperam com Montanha Pedrardente, e Braith saiu de Punho de Bronze.

- Sou Lorimaar Reln Raposadeinverno Alto-Larteyn Arkellor - Lorimaar disse, com a voz dura, cheia de dor.

- Honra ao seu grupo - Janacek respondeu, ficando em pé rigidamente -, honra ao seu teyn.

- Somos todos Larteyns - Roseph falou.

Pyr riu.

- Somos o conselho de altos-senhores de Larteyn e mantemos o código antigo - garantiu.

No silêncio que se seguiu, os olhos de Janacek passaram de um rosto para o seguinte. Dirk, ainda desamparado e de joelhos na areia, observava a cabeça do Jadeferro se mover, virando de um para outro.

- Vocês se nomearam Larteyns - Janacek falou finalmente -, então são Larteyns. Toda a antiga sabedoria concorda com isso. Mesmo assim, lembro que todas as coisas sobre as quais falaram, os homens, os ensinamentos e os grupos que invocaram, todas essas coisas estão mortas. Punho de Bronze e Taal foram destruídos em altas-guerras antes que qualquer um de vocês tivesse nascido, e as Moradas do Carvão Profundo estavam inundadas e vazias até mesmo durante o Tempo do Fogo e dos Demônios.

- A sabedoria deles vive em Larteyn - Saanel garantiu.

- Vocês são apenas seis - Janacek lembrou e Worlorn está morrendo.

- Sob nosso domínio voltará a viver - Roseph falou. - As notícias chegarão a Alto Kavalaan, e outros virão. Nossos filhos nascerão aqui, para caçar nos bosques de estranguladores.

- Como quiserem - falou Janacek. - Isso não me importa. Jadeferro não tem agravo contra Larteyn. Venho até vocês abertamente e peço para me juntar à caçada. - Apoiou a mão no ombro de Dirk. - E trago um presente de sangue para vocês.

- É verdade. - Pyr concordou, e por um momento ficou em silêncio. Então falou para os outros - Digo que ele pode vir.

- Não - discordou Lorimaar. - Não confio nele. Está ansioso demais.

- Por uma razão, Lorimaar Alto-Larteyn - Janacek explicou.

- Uma grande vergonha caiu sobre meu grupo e meu nome. Pretendo limpar minha honra.

- Um homem deve manter seu orgulho, não importa o preço

- Roseph assentiu. - Isso é verdade suficiente para qualquer um.

- Deixem-no caçar - o teyn de Roseph falou. - Somos seis e ele está sozinho. Como pode nos fazer mal?

- Ele é um mentiroso! - Lorimaar insistiu. - Como chegou até nós? Perguntem-se isso! E olhem! - Apontou para o braço direito de Janacek, onde as pedrardentes queimavam como olhos vermelhos. Apenas um punhado faltava.

Janacek colocou a mão esquerda em sua faca e a desembainhou lentamente. Então estendeu a mão direita para Pyr.

- Ajude-me a sustentar o braço com firmeza - disse em um calmo tom de conversa -, e eu arrancarei os falsos fogos de Jaan Vikary.

Pyr fez o que lhe foi pedido. Ninguém falou nada. A mão de Janacek foi segura e rápida. Quando terminou, pedrardentes jaziam na areia como brasas de uma fogueira dispersa. Abaixou-se e recolheu uma, lançando-a levemente no ar e apanhando-a novamente, como se estivesse testando o peso, sorrindo todo o tempo. Então levou o braço para trás e a atirou; a pedra fez uma curva ampla antes de cair na água. No fim de seu arco, afundando, parecia um pouco uma estrela cadente. Dirk quase esperou ouvir um chiado quando ela mergulhou no lago escuro. Mas não houve som, apenas a distante pancada na água.

Janacek pegou todas as pedrardentes, rolou-as na palma da mão rapidamente e as jogou no lago. Quando a última se foi, voltou-se para os caçadores e estendeu o braço direito.

- Ferro vazio - disse. - Olhem. Meu teyn está morto.

Depois disso, não teve mais problema.

- A manhã está quase chegando - Pyr falou. - Coloquemos minha presa para correr.

Então os caçadores voltaram a atenção para Dirk, e tudo aconteceu mais ou menos do jeito que Janacek lhe dissera. Libertaram-no das cordas e o deixaram esfregar os punhos e os tornozelos um pouco para colocar o

sangue em movimento. Então foi empurrado contra um aeromóvel, e Roseph e o gordo Saanel o seguraram enquanto Pyr cortava suas roupas. O caçador careca manejava sua pequena faca tão mortalmente quanto seu bastão, mas não foi gentil; deixou um longo corte na parte de dentro das coxas de Dirk e um mais curto e mais profundo em seu peito.

Dirk estremeceu quando Pyr o cortou, mas não ofereceu resistência. Até que ficou finalmente nu, tremendo ao vento e pressionando as costas com força contra o flanco de metal frio do aeromóvel.

Pyr franziu o cenho repentinamente.

- O que é isso? - disse, e sua pequena mão branca envolveu a jóia-sussurrante pendurada no peito de Dirk.

- Não - Dirk falou.

Pyr torceu e puxou com força. A fina corrente de prata se enterrou dolorosamente na garganta de Dirk; a jóia saltou livre de seu cordão improvisado.

- Não! - Dirk gritou. Atirou-se para frente sem aviso e começou a se debater. Roseph tropeçou, perdeu o controle sobre o braço direito de Dirk e caiu. Saanel se pendurou no outro braço com força. Dirk deu um soco no pescoço grosso como o de um touro do kavalariano, bem abaixo do queixo. O gordo o soltou com um xingamento, e Dirk se voltou para Pyr.

Pyr havia pego seu bastão. Estava sorrindo. Dirk deu um passo rápido na direção dele e parou.

A hesitação foi o suficiente. Saanel deslizou um grosso braço ao redor da cabeça de Dirk por trás e deu-lhe uma chave de pescoço que logo se transformou em estrangulamento.

Pyr observava com desinteresse. Enfiou o bastão na areia e segurou a jóia-sussurrante entre o polegar e o indicador.

- Jóias de quase-homens - disse com desdém. Não significava nada para ele; não havia ressonância na mente dele com os padrões incrustados pelo éesper na gema. Talvez notasse o quão fria a pequena lágrima era ao toque, talvez não. Mas não ouvia os sussurros. Chamou seu teyn, que estava chutando areia no fogo. - Você gostaria de um presente de t'Larien?

Sem dizer nada, o homem se aproximou, pegou a jóia e a segurou

brevemente. Então colocou-a no bolso da jaqueta. Virou-se sem sorrir e começou a andar ao redor do perímetro do acampamento Braith, apagando o círculo de lanternas espetadas na areia. Enquanto as luzes eram desligadas, Dirk viu que o primeiro clarão do amanhecer estava no horizonte ocidental.

Pyr acenou com o bastão para Saanel.

- Solte-o - ordenou, e o gordo desfez o estrangulamento e se afastou. Dirk estava livre novamente. Seu pescoço doía, e a areia seca entre seus dedos era áspera e fria. Sentia-se muito vulnerável. Sem a jóia-sussurrante, estava muito assustado. Procurou por Garse Janacek, mas o Jadeferro estava do outro lado do acampamento, falando seriamente com Lorimaar.

- O amanhecer está quase despontando. - Pyr comentou. - Irei atrás de você logo em seguida, quase-homem. Corra.

Dirk olhou de relance sobre o ombro. Roseph franzira o cenho e massageava o ombro; caíra com força quando Dirk se libertara. Saanel, com um sorriso tolo, estava encostado no aeromóvel. Dirk deu alguns passos hesitantes para longe deles, em direção à floresta.

- Vá, t'Larien, estou certo de que pode correr mais rápido do que isso - Pyr gritou. - Corra rápido o suficiente e poderá viver. Estarei a pé também, assim como meu teyn e nossos cães. - Pegou a pistola e atirou-a no ar, rodopiando, para Saanel, que a pegou com as duas mãos enormes. - Não levarei laser, t'Larien. - Pyr prosseguiu. - Será uma caçada pura e limpa, do tipo mais antigo. Um caçador com faca e lâmina de arremesso, atrás de uma presa nua. Corra, t'Larien, corra!

Seu ossudo companheiro de cabelos negros se juntou a ele.

- Meu teyn - Pyr lhe disse -, solte nossos cães.

Dirk girou sobre os calcanhares e correu até o começo do bosque.

Era como correr em um pesadelo.

Haviam tirado suas botas; nem bem percorrera três metros entre as árvores, cortou o pé em uma pedra afiada na escuridão e começou a mancar. Havia outras pedras e, enquanto corria, parecia encontrar todas elas.

Também haviam tirado suas roupas; era melhor estar abrigado pelas

árvores, onde o vento não era tão forte, mas ainda estava com frio. Muito frio. Tivera arrepios por um tempo, então passaram. Outras dores vieram, e o frio pareceu menos importante. Os bosques do mundo exterior eram ao mesmo tempo muito escuros e muito claros. Escuros demais para ver aonde estava indo. Tropeçava nas raízes, esfolava os joelhos e as palmas das mãos, caía em buracos. Mas era muito iluminado também. A aurora chegava rapidamente, rápido demais, e a luz se espalhava agonizante entre as árvores. Estava perdendo de vista sua estrela-guia. Olhava para cima todas as vezes que alcançava uma clareira, cada vez que podia ver entre a densa folhagem, olhava para cima e a encontrava. Uma única estrela brilhante vermelha, a própria estrela de Alto Kavalaan queimando no céu de Worlorn. Garse a mostrara para ele e lhe dissera que deveria segui-la se perdesse o rumo. Ela o levaria pela floresta até o laser e a jaqueta. Mas a aurora estava chegando, chegando muito rápido; os Braiths haviam demorado demais para soltá-lo. E cada vez que Dirk olhava para cima novamente e tentava ir pelo caminho certo - a floresta era espessa e confusa, os estranguladores formavam muralhas impenetráveis em alguns pontos e o forçavam a fazer desvios, todas as direções pareciam a mesma, e era fácil se perder -, cada vez que buscava por sua estrela-guia, ela estava mais fraca, mais desbotada. A luz ocidental tingia tudo de vermelho; o Satã Gordo erguia-se em algum lugar, e logo a estrela de Alto Kavalaan estaria apagada nesse céu crepuscular. Tentou correr mais rápido.

Tinha que percorrer menos de um quilômetro, menos de um quilômetro. Mas um quilômetro é um longo caminho através da floresta quando se está nu e quase perdido. Correria por dez minutos quando ouviu os cães Braiths latindo selvagememente atrás de si. Depois disso, não pensou nem se preocupou. Correu.

Correu como um animal em pânico, respirando ofegante, sangrando, o corpo todo tremendo e doendo. A corrida tornou-se algo sem-fim, uma coisa além do tempo, um sonho febril de pisadas frenéticas, fragmentos de sensações vividas, e o ruído dos cães cada vez mais próximos - ou assim parecia. Corria, corria e não chegava a lugar algum, corria e corria e não saía do lugar. Colidiu contra uma parede grossa de sarças-de-fogo, e os

espinhos vermelhos entraram em sua carne em uma centena de lugares, mas não gritou; correu e correu. Chegou a um promontório coberto por pedra cinza e lisa e tentou correr mais rapidamente, mas caiu e esmagou o queixo no chão. Sua boca se encheu de sangue e ele cuspiu. Havia sangue na pedra também, não era de estranhar que tivesse escorregado; o sangue que saía de seus cortes nos pés estava por todo lado.

Rastejou pela pedra lisa e chegou às árvores novamente, e correu mais um pouco, frenético, até se lembrar que não estava procurando por sua estrela-guia. Encontrou-a novamente, atrás dele, muito fraca, um pontinho brilhante no céu escarlate. Virou-se e atravessou a pedra de novo, tropeçando em raízes ocultas, afastando as folhagens com mãos nervosas, correndo, correndo. Tropeçou em um galho baixo, caiu de costas, levantou-se segurando a cabeça e correu. Escorregou em uma cama de musgo lisa, negra, cheirando a podre, ergueu-se coberto pelo limo e pelo fedor, e correu, correu. Procurou por sua estrela-guia, e ela havia partido. Seguiu em frente. Tinha que ser a direção certa, tinha que ser. Os cães estavam atrás dele, latindo. Era apenas um quilômetro, era menos de um quilômetro. Estava congelando. Estava pegando fogo. Seu peito estava cheio de facas. Continuou correndo, cambaleando, tropeçando e caindo, se levantando e continuando a correr. Os cães estavam atrás dele, mais perto, mais perto, os cães estavam atrás dele.

E então, repentinamente - não sabia quando, não sabia a quanto tempo estava correndo, não sabia o quão longe fora, não tinha mais sua estrela -, pensou ter sentido um leve cheiro de fumaça no vento que seguia pela floresta. Correu na direção dele e saiu de entre as árvores em uma pequena clareira. Avançou na direção do outro lado do espaço aberto, e estancou.

Os cães estavam na frente dele.

Um deles, pelo menos. Veio se esgueirando por entre as árvores, rosnando, com olhos mortais e o focinho sem pelo retraído para mostrar as feias mandíbulas. Dirk tentou despistá-lo, mas o animal saltou sobre ele, derrubando-o, rolando com ele pelo chão. O cão se levantou de um pulo. Dirk lutou para ficar de joelhos; o animal deu a volta, rosnando ameaçadoramente enquanto ele tentava se levantar. O braço esquerdo de

Dirk tinha sido mordido e sangrava. Mas o cão não o matara, não tentara atacar sua garganta. É treinado, Dirk pensou, é um animal treinado. O cão circulava ao redor dele, circulava, sem nunca afastar os olhos. Pyr enviara-o na frente e estava vindo atrás com seu teyn e os outros cães. Este apenas o manteria preso enquanto os outros chegavam.

Dirk levantou-se repentinamente, mancando em direção às árvores. O cão saltou, derrubando-o mais uma vez, lutando com ele no chão e quase arrancando seu braço. Dessa vez, Dirk não se levantou. O cão se afastou, ficou esperando, alerta, a boca molhada de sangue e saliva. Dirk tentou se apoiar no braço bom. Rastejou meio metro. O cão rosnou. Os outros estavam perto. Podia ouvi-los latindo.

Então, vindo de cima, ouviu algo mais. Olhou sem forças para a pequena fatia de céu coberto de nuvens, mal iluminado pelos raios do alvorecer do Olho do Inferno e seus assistentes. O cão Braith, latindo a um metro dele, olhava para cima também. E o som veio novamente. Era gemido e um grito de guerra, um alarido insistente e ululante, um grito de morte que era quase musical em sua intensidade. Dirk se perguntou se estava morrendo e ouvindo os sons de Kryne Lamiya em sua mente. Mas o cão ouvia também. Estava agachado, paralisado, olhando para cima.

Uma forma escura mergulhou do céu. Dirk a viu cair. Era imensa, muito negra, quase da cor do piche, e a parte inferior era recoberta com mil pequenas bocas vermelhas, e estavam todas abertas, todas cantando, todas entoando aquele gemido ar- repiante. Não tinha cabeça que pudesse ser vista; era uma vela larga, triangular e escura, uma arraia que nadava no vento, uma capa de couro que alguém soltara no céu. Mas era uma capa de couro com bocas e uma longa cauda fina.

Dirk viu a cauda chicotear uma vez, de repente, e acertar o focinho do cão Braith. O animal piscou e retrocedeu. A criatura voadora pairou por um instante, batendo as imensas asas com uma requintada lentidão ondulante, então desceu sobre o cão e o envolveu. Os dois animais ficaram em silêncio. O imenso cão musculoso com cara de rato, que em pé tinha a altura de um homem, sumiu. A outra criatura o cobriu completamente e permaneceu deitada na grama e na terra como uma descomunal salsicha de

couro negro.

Tudo estava em silêncio. O grito do caçador havia silenciado toda a floresta. Dirk não ouvia os outros cães. Cuidadosamente ficou em pé e saiu andando, mancando, ao redor da torpe capa assassina. Parecia totalmente imóvel. Na penumbra da alvorada, parecia um grande tronco disforme.

Em sua mente, Dirk ainda a via como parecia no céu: uma forma negra, uivando, caindo, asas e bocas. Por um instante, reparando apenas na silhueta, pensara que Jaan Vikary viera resgatá-lo, voando no grande aeromóvel em forma de arraia.

Do outro lado da clareira estava um emaranhado de estrangu-ladores, espessos e amarelo-acastanhados. Mas a fumaça vinha de além deles. Cansado, Dirk se esquivou, se espremeu e empurrou os galhos, quebrando-os quando necessário e forçando sua passagem entre as árvores.

O veículo abatido parara de queimar, mas uma nuvem fina de fumaça ainda pairava sobre ele. Uma asa fora arrastada pelo chão, arrancando grandes torrões de terra e derrubando várias árvores antes de parar; a outra apontava para o ar, sua forma de morcego distorcida por sulcos de metal fundido e congelado e buracos feitos por um canhão laser. A cabine estava carbonizada e disforme, aberta com um buraco de largura irregular.

Dirk encontrou o laser ali perto. Também encontrou ossos: dois esqueletos entrelaçados em um abraço da morte, os ossos escuros e molhados, ainda marrons pelo sangue e com pedaços de carne. Um esqueleto era humano, ou fora. Os braços e as pernas estavam quebrados, e a maioria das costelas espalhadas ou perdidas, mas Dirk reconheceu a garra de metal de três pontas no extremo de um braço quebrado duas vezes. Misturado com ele, e tão morto quanto, estavam os restos de qualquer que fosse a criatura que arrastara a carcaça do carro incendiado - algum carniceiro cujos ossos tinham veios negros e aparência emborra-chada, curvados e muito grandes. O banshee o pegara comendo. Não era de admirar que estivesse tão perto.

Não havia sinal da jaqueta de couro e peles que ele e Garse haviam deixado ali. Dirk arrastou-se sobre o casco frio do aeromóvel e subiu no interior sombrio. Cortou-se em uma superfície de metal afiada, mas mal notou; o

que era mais um corte agora? Dispôs-se a esperar, abrigado do vento, e esperando estar escondido do banshee e dos Braiths. A maior parte de seus ferimentos parecia ter fechado, notou sem entusiasmo. Estava sangrando apenas de forma irregular, aqui e ali. Mas as crostas marrons que haviam se formado estavam cheias de sujeira, e ele se perguntou se devia fazer alguma coisa para evitar uma infecção. Não parecia ter importância, no entanto; deixou o pensamento de lado e segurou o laser um pouco mais apertado, esperando que os caçadores chegassem logo.

O que os atrasava? Talvez tivessem ficado com medo de incomodar o banshee; isso fazia muito sentido. Dirk se estendeu nas brasas frias, descansando a cabeça no braço, e tentou não pensar, não sentir. Seus pés estavam em carne viva. Desajeitadamente, tentou colocá-los para cima, para que não tocassem em nada. Isso ajudou um pouco, mas não tinha forças para mantê-los assim por muito tempo. Seu braço latejava onde o cão Braith o mordera. Por um momento, desejou com fervor que suas dores parassem e que sua cabeça parasse de girar. Então mudou de idéia. A dor, pensou, era provavelmente a única coisa que o mantinha consciente. E, se adormecesse agora, de alguma forma achava que nunca mais acordaria.

Viu o Satã Gordo pairando sobre a floresta, seu disco sangrento meio obscurecido por uma tela de galhos negro-azulados. Perto, um único sol amarelo brilhava, uma pequena centelha no Armamento. Piscou para eles. Eram velhos amigos.

O som dos cães Braiths chamou sua atenção. A dez metros, os caçadores emergiram avidamente da folhagem. Não estavam tão perto quanto Dirk esperara. É claro, pensou, haviam dado a volta nos estranguladores em vez de lutar através deles. Pyr Braith estava quase invisível, negro-azulado como as árvores contra as quais estava parado, mas Dirk viu seu movimento, o bastão que carregava em uma mão e a lâmina lustrosa e brilhante que empunhava na outra. Seu teyn estava alguns passos atrás, segurando dois cães em correntes curtas, que latiam selvagememente e puxavam-no para a frente quase trotando. Um terceiro cachorro corria livre ao lado deles, e começou a farejar em direção ao carro abatido assim

que saiu na clareira.

Dirk, deitado de bruços entre as cinzas e os instrumentos destruídos do veículo, repentinamente achou muita graça em tudo aquilo. Pyr ergueu seu eixo de prata sobre a cabeça e começou a correr; tinha certeza de que teria sua presa finalmente. Mas não tinha laser, e Dirk tinha. Engolindo a gargalhada, Dirk ergueu o rifle e mirou cuidadosamente.

Enquanto atirava, uma lembrança o assaltou tão repentina e penetrantemente quanto o pulso de luz que saiu do laser. Janacek, havia poucas horas, com expressão séria e indiferente: Sua vida pode depender do quão rápido e direto você pode correr, e quão boa é sua pontaria. E Dirk acrescentara: E o quanto estou disposto a matar. Isso lhe parecera muito importante no momento; matar era muito mais difícil do que simplesmente correr.

Segurou o riso novamente. A corrida fora muito difícil. Matar foi apenas algo que fez, e foi quase fácil.

O brilhante feixe incandescente do laser ficou no ar por um longo segundo, atravessando o intestino do maciço Pyr enquanto ele corria em direção ao casco do aeromóvel. O Braith tropeçou e caiu de joelhos. Sua boca ficou absurdamente aberta por um segundo, antes que desabasse de cara e sumisse da vista de Dirk. A longa lâmina de prata que carregava permaneceu fincada no chão, balançando com o vento.

O companheiro de cabelos negros de Pyr soltou as correntes que levava e pareceu congelar quando seu teyn tombou. Dirk moveu o laser suavemente e disparou mais uma vez, mas nada aconteceu; a arma ainda estava nos quinze segundos de recarga.

Isso tornava a caçada um esporte, lembrou; dava a chance da presa escapar, se você errasse. Pegou-se segurando o riso novamente.

O caçador voltou a si e jogou-se no chão, rolando pelo solo até a longa vala aberta pela asa do aeromóvel. Entrincheirado e procurando por seu laser, Dirk pensou, mas não o encontrará.

Os cães haviam cercado o veículo, latindo cada vez que Dirk mudava de posição ou levantava a cabeça. Nenhum deles tentou buscar a presa. Essa era tarefa do caçador. Dirk mirou cuidadosamente e atirou na garganta do

mais próximo. O animal caiu como um pedaço de carne, e os outros dois retrocederam. Ajoelhando-se, Dirk rastejou para fora do abrigo. Tentou ficar em pé, apoiando-se com uma mão na asa retorcida. O mundo girava. Horríveis espasmos tomavam suas pernas e ele não conseguia sentir os pés. Mas, de alguma forma, conseguiu manter-se ereto.

Um grito ecoou, algo em antigo kavalariano; Dirk não conhecia a palavra. Os cães imensos atacaram, um após o outro, com a boca vermelha babando e rosnando. Com o canto do olho, viu o caçador saindo de seu esconderijo, a dois metros de distância, com a faca em punho. Agitou o braço e acertou a asa do aeromóvel atrás da qual Dirk se escondia. O homem já tinha se virado e estava correndo, e o cão mais próximo saltou no ar. Dirk se jogou no chão e ergueu o rifle. O animal não conseguiu atacá-lo, mas caiu em cima de seu alvo, rolou com ele pela terra e o prendeu de costas no chão com as patas. De alguma forma, Dirk encontrou o gatilho. Houve uma breve luz, depois o cheiro de pelo queimado e um gemido estranho. O cão caiu de lado, debilmente, engasgando com o próprio sangue. Dirk empurrou a carcaça para longe e lutou para se apoiar em um joelho. O Braith alcançara o corpo de Pyr e agitava a longa lâmina prateada. O outro cão prendera a ponta solta da corrente em uma saliência do carro abatido. Quando Dirk se levantou, o animal uivou e avançou, e a casca do grande veículo pareceu se mexer um pouco, mas o cão continuou preso.

O caçador de cabelos negros estava com a arma prateada. Dirk mirou seu laser e atirou; o raio queimando largo, mas um segundo era tempo suficiente, e Dirk moveu o rifle bruscamente, da direita para a esquerda, da esquerda para a direita.

O homem caiu enquanto soltava a arma. A lâmina voou alguns metros, bateu na asa retorcida e espetou no chão, onde ficou se mexendo para a frente e para trás ao vento. Dirk ainda movia o rifle, esquerda, direita, esquerda, direita, esquerda, direita, muito tempo depois do caçador cair e da luz se extinguir. Finalmente a arma se recarregou e disparou novamente por um segundo, queimando apenas uma fileira de estranguladores, e Dirk, sobressaltado, soltou o gatilho e deixou cair a arma.

O cão, ainda preso, grunhia e avançava. Dirk olhou para ele, de boca

aberta, quase sem entender. Então deu uma risadinha. Ajoelhou-se, pegou o laser e começou a rastejar na direção dos kavalarianos. Levou um tempo muito longo. Seus pés doíam. O ponto onde fora mordido no braço, também. O cão finalmente fez silêncio, mas ainda havia barulho. Dirk ouviu um lamento, um choro contínuo e baixo.

Arrastou-se pela terra e pelas cinzas, sobre o tronco queimado de um represeiro, até onde os caçadores jaziam. Estavam deitados lado a lado. O mais magro, aquele cujo nome nunca soubera, que tentara matá-lo com a faca, os cães e a lâmina prateada, estava rígido, com a boca cheia de sangue. Pyr, deitado de bruços, era a fonte dos lamentos. Dirk ajoelhou-se ao lado dele, colocou as mãos por baixo de seu corpo e o virou com muito esforço. O rosto do kavalariano estava coberto de cinzas e sangue; seu nariz se arrebatara com a queda, e um fio vermelho escorria de uma narina, deixando uma trilha brilhante através de suas bochechas manchadas de fuligem. Seu rosto era velho. Continuou gemendo e não pareceu notar Dirk, e suas mãos agarravam o estômago. Dirk o encarou por um longo momento. Pegou uma das mãos do kavalariano - estranhamente suaves e pequenas, sem outras marcas que não uma cicatriz negra que percorria a palma, quase a mão de uma criança, que não parecia pertencer àquele rosto careca e velho - e levantou-a. Depois fez o mesmo com a outra e olhou o buraco que abrira na barriga de Pyr. Uma barriga grande e um pequeno buraco escuro; não parecia doer tanto. Também não havia sangue visível, exceto pelo nariz. Era quase engraçado, mas Dirk descobriu que não tinha mais vontade de rir.

Pyr abriu a boca, e Dirk se perguntou se o homem estava tentando dizer alguma coisa, algumas palavras finais talvez, algum pedido de perdão. Mas o Braith apenas fez um barulho de engasgar e voltou a gemer.

Seu bastão estava jogado ali perto. Dirk o pegou e envolveu o punho de madeira com as mãos e colocou a pequena lâmina sobre o peito de Pyr, onde o coração devia estar. Apoiou todo o peso do corpo para frente e para baixo, pensando em acabar com a agonia do caçador. O pesado corpo de Pyr teve horríveis espasmos por um instante, e Dirk tirou a lâmina e a enfiou novamente, e então mais uma vez, mas o kavalariano não ficava

quieto. A lâmina era muito curta, Dirk percebeu depois de um tempo, então decidiu usá-la de outro modo. Encontrou uma artéria no pescoço de Pyr, segurou o bastão com firmeza e pressionou a lâmina contra a clara pele gorda. Saiu muito sangue, um jorro que acertou Dirk no rosto, até que soltou o bastão e retrocedeu. O corpo de Pyr se sacudiu e o sangue continuou a jorrar do corte. Dirk observava, mas cada jato era um pouco mais fraco do que o anterior, e, depois de um tempo, a fonte era apenas uma gota, e depois de mais algum tempo pareceu parar. As cinzas e a terra beberam grande parte do sangue, mas ainda assim havia muito espalhado, uma pequena piscina entre os dois. Dirk não sabia que um homem tinha sangue suficiente para formar uma piscina. Sentiu-se enjoado. Mas finalmente Pyr estava quieto, e os gemidos pararam.

Dirk sentou-se sozinho, descansando, sob a pálida luz vermelha. Estava com muito calor e com muito frio ao mesmo tempo, e sabia que precisava pegar algumas roupas dos cadáveres para se cobrir, mas não conseguia forças para isso. Seu pé doía horivelmente, e seu braço inchara até ficar com duas vezes o tamanho normal. Não dormiu, mas quase perdeu a consciência. Observou o Satã Gordo se erguer cada vez mais alto no céu, conforme o meio-dia se aproximava, com os sóis amarelos brilhando dolorosamente ao redor dele. Ouviu o cão Braith uivar muitas vezes, e uma vez escutou o estranho grito de caça do banshee e se perguntou se a criatura voltaria para comê-lo e aos homens que matara. Mas o grito parecia muito distante, e talvez fosse apenas seu estado febril ou o vento.

Quando a película pegajosa e úmida em seu rosto tornou-se uma crosta marrom, e a pequena piscina de sangue na terra se fora, Dirk soube que tinha que sair dali, ou morreria. Considerou por muito tempo a possibilidade de morrer; a idéia parecia muito boa, mas não conseguia fazê-lo. Lembrou-se de Gwen. Rastejou até onde estava o corpo do teyn de Pyr, ignorando a dor o melhor que podia, e vasculhou os bolsos do homem. Encontrou a jóia-sussurrante.

Gelo em seu punho, gelo em sua mente, memórias de promessas, mentiras, amor. Jenny. Sua Guinevere, e ele era Lancelot. Não podia falhar com ela. Não falharia. Apertou a fria e dura lágrima na mão, e o gelo entrou em sua

alma. Obrigou-se a levantar.

Depois foi mais fácil. Lentamente tirou a roupa do homem morto e a vestiu, embora tudo fosse grande demais para ele, e a camisa e a jaqueta de tecido-camaleão estivessem queimadas na frente, e o homem tivesse sujado as calças. Dirk tirou as botas do cadáver também, mas eram pequenas demais para seus pés ensangüentados e cheios de crostas. Então foi obrigado a usar as botas de Pyr. Pyr tinha pés imensos.

Usando o rifle laser e o bastão de Pyr como apoio, dirigiu-se para o bosque. Alguns metros depois, já entre as árvores, parou e olhou para trás rapidamente. O grande cão estava latindo, uivando e debatendo-se para se libertar, e o aeromóvel balançava cada vez que o animal puxava. Dirk podia ver o corpo nu na terra, e além dele a arma prateada ainda balançando ao vento. Já quase não conseguia ver Pyr. Sob as manchas de sangue, o traje do caçador estava tingido de negro e marrom, e algumas partes vermelhas aqui e ali, de modo que o cadáver se confundia com o solo.

Dirk deixou o cão acorrentado e latindo e mancou através dos estranguladores emaranhados.

Capítulo 13

A corrida do acampamento dos caçadores até o aeromóvel abatido cobrira menos de um quilômetro, mas parecera uma eternidade para Dirk. O caminho de volta foi duas vezes mais longo. Depois teve certeza de que não estava inteiramente consciente enquanto andava. Tinha lembranças apenas de fragmentos do percurso. Recordava-se de ter tropeçado e caído, rasgando as calças nos joelhos. De um córrego de águas ligeiras e frias, onde parou, lavou o sangue seco do rosto, tirou as botas e mergulhou os pés na corrente gelada até deixar de senti-los. Da passagem pelo promontório de pedra do qual caíra anteriormente. De uma entrada escura de caverna encarando-o, uma promessa de sono e descanso que recusou. Da perda de orientação, procurando pelo sol, encontrando-o e seguindo-o, e perdendo-se novamente. Dos espectros arbóreos brincando de galho em galho entre os estranguladores, tagarelando com suas pequenas vozes. Das mortas cascas brancas em galhos céreos, olhando para baixo e encarando-o. Do banshee gemendo, sobrevoando, caçando longe dali. De tropeçar novamente, meio sem jeito, meio com medo. Do bastão rolando para longe, descendo uma ladeira curta e inclinada, perdendo-se entre ramas espessas e ele não se incomodando de procurá-la.

Lembrava-se de andar sem parar, colocando um pé na frente do outro, apoiando-se no bastão e depois no laser, quando o bastão se foi, o pé doendo muito. Do banshee novamente, mais perto, quase sobre sua cabeça. De olhar para o céu sombrio através de um emaranhado de galhos, tentando localizá-lo sem sucesso.

De andar, sentindo dor. Lembrava-se de todas essas coisas, e sabia que certamente havia outras coisas entre elas, conectando-as umas às outras, mas não se recordava. Talvez tivesse dormido enquanto caminhava. Mas não parou de andar.

Já era tarde quando chegou à área arenosa próxima ao lago verde. Os aeromóveis ainda estavam ali, um retorcido e tombado na água, os outros

três na areia. O acampamento estava deserto. Um dos carros - o imenso veículo abobadado de Lorimaar - era guardado por um cão de caça, preso à porta por uma longa corrente negra. A criatura estava deitada, mas se levantou com a aproximação de Dirk, rosnou e mostrou os dentes ameaçadoramente. Dirk pegou-se gargalhando descontroladamente, quase de modo insano. Percorrera todo este caminho, andara, andara e andara, e dava de cara com um cão amarrado ao aeromóvel, rosnando para ele. Se era para isso, podia ter ficado onde estava.

Deu a volta cuidadosamente por fora do perímetro da corrente do cão e foi até o carro de Janacek. Subiu e fechou a pesada porta atrás de si. A cabine era escura, abafada e apertada. Depois de congelar por tanto tempo, sentia-se quase desconfortavelmente quente. Queria deitar e dormir. Mas primeiro obrigou-se a procurar o compartimento de suprimentos. Encontrou um kit de primeiros socorros. Estava cheio de pílulas, bandagens e sprays. Desejou ter pedido para Janacek jogar o kit perto do carro abandonado, juntamente com o laser. Sabia que devia ir até o lago e lavar metodicamente todos os ferimentos antes de colocar as bandagens, mas a maciça porta blindada era pesada demais para ser movida nesse momento.

Tirou as botas, a jaqueta e a camisa e pulverizou o pé inchado e o braço esquerdo com um pó que supostamente prevenia infecções, ou as combatia, ou algo do gênero. Estava cansado demais para ler todas as instruções. Em seguida, olhou para as pílulas. Tomou duas para a febre, quatro comprimidos de analgésicos e dois de antibiótico, engolindo em seco, pois não tinha água por perto.

Depois, deitou nas placas metálicas entre os assentos. Dormiu instantaneamente.

Acordou com a boca seca, tremendo e muito nervoso, algum efeito colateral das pílulas. Mas estava raciocinando de novo, e sua testa estava fresca (embora coberta com um suor pegajoso) quando a tocou com as costas da mão, e seus pés estavam menos doloridos do que antes. O inchaço do braço também tinha diminuído um pouco, embora ainda estivesse maior do que o normal e um tanto quanto duro. Vestiu a camisa queimada

e suja de sangue, colocou a jaqueta por cima, pegou o kit de primeiros socorros e saiu do aeromóvel.

Caía a tarde; o céu ocidental estava vermelho e alaranjado, e dois pequenos sóis amarelos brilhavam intensamente contra as nuvens do pôr do sol. Os Braiths não tinham retornado. Jaan Vikary, armado, vestido e experiente, claramente não era tão fácil de se apanhar quando Dirk.

Caminhou até o lago. A água estava gelada, mas ele se acostumou logo, e sentia a lama escorrendo lentamente entre os dedos dos pés. Tirou a roupa, submergiu a cabeça e se lavou, depois pegou o kit de primeiros socorros e fez novamente tudo o que fizera mais cedo, limpando e colocando curativos nos pés antes de calçar as botas de Pyr, limpando os ferimentos com desinfetante e esfregando as marcas inflamadas de mordidas no braço com um unguento que afirmava reduzir reações alérgicas. Engoliu outro punhado de analgésicos, desta vez com a ajuda de um pouco de água fresca do lago.

A noite caía rapidamente quando finalmente ficou pronto e vestido. O cão Braith estava deitado ao lado do aeromóvel de Lorimaar, roendo um pedaço de carne, mas não havia sinais de seus mestres. Dirk caminhou cuidadosamente ao redor da besta até o terceiro veículo, o que pertencia à Pyr e seu teyn. Decidiu que podia ficar com os suprimentos deles com relativa impunidade; os outros Braiths, quando retornassem ao acampamento vazio, jamais saberiam como algo fora levado dali.

Dentro do aeromóvel, Dirk encontrou um compartimento de armas: quatro rifles laser com o familiar brasão com a cabeça de lobo branco, um jogo de espadas de duelo, facas, uma lâmina de arremesso de prata de dois metros e meio de comprimento, e uma bainha vazia ao lado. E duas pistolas jogadas sem cuidado em um assento. Também encontrou um pacote de roupas limpas e se trocou, escondendo os trajes sujos e estragados. A roupa não lhe caiu bem, mas era bem confortável. Vestiu um cinturão de cota de malha de aço e pegou uma pistola e um sobretudo de tecido-camaleão que lhe chegava aos joelhos.

Ao tirar o casaco do lugar em que estava pendurado, Dirk encontrou outro compartimento de suprimentos. Abriu-o. Dentro estavam as quatro botas

familiares e os aeropatinetes de Gwen. Pyr e seu teyn aparentemente tinham reivindicado os apetrechos como recompensa.

Dirk sorriu. Nunca pretendia pegar um aeromóvel; as chances de que os caçadores o vissem imediatamente eram grandes demais, especialmente se fizesse isso durante o dia. Mas tampouco estava animado com a perspectiva de caminhar. Os patinetes eram a resposta perfeita. Não perdeu tempo em colocar o par de botas maior, embora tivesse que deixá-lo desatado por conta da bandagem que tinha no pé.

Havia comida estocada no mesmo compartimento dos patinetes; barras de proteína, pedaços de carne seca, uma pequena porção de queijo duro. Prendeu uma bússola no punho direito, colocou a mochila nas costas e saiu do aeromóvel para colocar a plataforma de metal prateado na areia.

Era noite cerrada. Sua guia da noite anterior, a estrela de Alto Kavalaan, queimava brilhante, vermelha e solitária sobre a floresta. Dirk a viu e sorriu. Esta noite, ela não seria sua guia; apostava que Jaan Vikary iria direto para Kryne Lamiya, na direção oposta. Mas a estrela ainda parecia uma amiga.

Pegou um rifle laser recém-carregado, tocou no controle do patinete que estava na palma de sua mão e saiu voando. Atrás dele, o cão Braith se levantou e começou a uivar.

Voou por toda a noite, mantendo-se a vários metros da copa das árvores, consultando a bússola de tempos em tempos e estudando as estrelas. Havia muito pouco para ver. Abaixo dele, a floresta se estendia infinita, negra e encoberta, sem fogueiras ou luzes para romper a escuridão. De vez em quando, tinha a impressão de que estava parado, e lembrava de sua última viagem de aeropatinete, pelos túneis abandonados de Worlorn.

O vento era sua companhia constante; vinha por trás, atingindo suas costas com força, e Dirk aceitava grato o empurrão extra que recebia. Fazia seu casaco se agitar entre as pernas e, de tempos em tempos, jogava seu cabelo comprido nos olhos. Lá embaixo, podia ouvir o vento movendo as árvores, fazendo as mais flexíveis se curvarem, sacudindo as mais duras com selvagens mãos frias até que suas folhas caíssem. Apenas os estranguladores pareciam intocados, mas eram a maioria. O vento percorria seus galhos

emaranhados com um silvo fino. O som era adequado; este era o vento de Kryne Lamiya, Dirk pensou, nascido nas montanhas e controlado pelas máquinas climáticas de Escuralba, movendo-se em direção ao seu destino. Adiante, as torres brancas esperavam, e as mãos congeladas atraíam o vento em sua direção.

Havia outros barulhos também: movimentos confinados na mata abaixo, os gritos dos caçadores noturnos, o murmúrio de um córrego, o estrondo de uma corredeira. Várias vezes Dirk ouviu o chiado alto dos espectros arbóreos e viu pequenas formas brincando de galho em galho. Seus olhos e ouvidos tornaram-se estranhamente sensíveis. Passou sobre um grande lago e ouviu alguma coisa mergulhando nas águas escuras, então várias coisas mergulharam também. Ao longe, na costa, um grito curto sacudiu a noite. E, logo depois, uma resposta desafiante; um uivo prolongado. O banshee.

Aquele barulho gelou a alma de Dirk na primeira vez que o escutou. Mas o medo passou logo. Quando estava nu na floresta, o banshee era uma ameaça terrível, a morte encarnada em asas. Agora, tinha um rifle e uma pistola, e a criatura dificilmente seria uma ameaça. Na verdade, refletiu, talvez fosse um aliado. Salvara sua vida uma vez. Talvez pudesse fazer isso novamente.

Da segunda vez que o banshee soltou seu grito estridente - ainda atrás dele, mas mais alto agora, ganhando altitude -, Dirk apenas sorriu. Elevou-se ainda mais, para voar sobre a besta, e traçou um lento círculo para tentar avistá-la. Mas o animal ainda estava longe, e era negro como o tecido-camaleão que ele próprio vestia, e tudo o que pôde ver foi uma vaga impressão de movimento contra a floresta, talvez apenas os galhos se movendo ao vento.

Mantendo a altitude, consultou a bússola novamente e completou o círculo para retomar o vôo em direção a Kryne Lamiya. Por duas outras vezes naquela noite pensou ter ouvido o banshee gritando, mas os sons estavam muito distantes e fracos, portanto não teve certeza.

O céu oriental apenas começara a se iluminar quando escutou as primeiras notas musicais flutuando no ar, fragmentos dispersos de desespero,

familiares demais para seu gosto. A cidade escuralbina estava bem perto agora.

Diminuiu a velocidade, preocupado. Voara pelo caminho que imaginara que Jaan Vikary faria em sua fuga, mas não vira nada. Talvez sua conjectura estivesse completamente errada e Vikary tivesse atraído os caçadores para outra direção. Mas Dirk não acreditava nisso. Era mais provável que tivesse passado sobre eles, sem vê-los e sem ser visto, na escuridão da noite.

Começou a refazer o trajeto no sentido oposto, voando a favor do vento desta vez, sentindo os gelados dedos fantasmagóricos de Lamiya-Bailis no rosto. Com a luz do dia, sua tarefa seria mais fácil, esperava. O Olho do Inferno se erguia, assim como os Sóis Troianos, um a um. Nuvens tênues branco-acinzentadas corriam pelo céu melancólico, enquanto as brumas matinais caminhavam no solo da floresta. As árvores lá embaixo passaram de negras para amarelo-acastanhadas; estranguladores se abraçavam por todos os lados como amantes desajeitados, e uma luz vermelha brilhava vagamente dos galhos céreos. Dirk se elevou e seu horizonte se expandiu. Viu rios, o reflexo do sol na água. E lagos, sem reflexo algum, cobertos por uma película flutuante esverdeada. E neve, ou algo que parecia neve, até que se aproximou e viu que era uma área recoberta de fungos branco-encardidos.

Viu uma falha geológica, um corte na rocha que seguia pela floresta de norte a sul, reta como se tivesse sido traçada com uma régua. E planícies lamacentas, negras e marrons, malcheirosas, nos dois lados de um largo e lento curso de água. E um penhasco de pedra cinzenta desgastada, que se erguia inesperadamente no meio da floresta, com estranguladores cobrindo sua base e outros erguendo-se em estranhos ângulos no topo, mas nada na face vertical da rocha além de alguns líquens brancos e da carcaça de um enorme pássaro morto no ninho. E nenhum sinal de Jaan Vikary ou dos caçadores que o perseguiam.

Na metade da manhã, os músculos de Dirk doíam de fadiga, seu braço começava a latejar novamente, e sua esperança diminuía. A floresta parecia não ter fim, quilômetro após quilômetro, um vasto tapete amarelo no qual

procurava uma migalha, em um mundo silencioso coberto pelo crepúsculo. Virou-se na direção de Kryne Lamiya mais uma vez, convencido de que retrocedera demais. Começou a voar a esmo, cobrindo a rota em ziguezague, em vez de seguir em linha reta, procurando, sempre procurando. Estava muito cansado. Perto do meio-dia decidiu voar em círculos sobre a área mais provável, descendo em espiral para tentar investigar todo o território.

E ouviu o banshee gritando.

Dessa vez conseguiu vê-lo. Estava voando baixo, perto do nível das árvores, bem abaixo dele. Parecia incrivelmente lento e quieto. O corpo negro e triangular mal parecia se mover; as asas estavam paradas, muito rígidas, e a criatura parecia flutuar no vento de Escuralba. Quando queria mudar de rumo, pegava uma corrente ascendente e traçava um círculo amplo antes de descer novamente. Dirk, sem nada melhor para fazer, começou a seguir o animal.

O banshee gritou novamente. O som ficou parado no ar.

E então Dirk ouviu uma resposta.

Tocou nos controles na palma da mão e começou a descer rapidamente, ouvindo, repentinamente alerta mais uma vez. O som era fraco mas inconfundível: uma matilha de cães Braiths, latindo freneticamente de raiva e medo. Perdeu o banshee de vista - não importava agora - e perseguiu o som que desaparecia rapidamente. Veio do norte, pensou. Voou naquela direção.

Em algum lugar nas proximidades, um cão começou a uivar.

Dirk ficou um pouco alarmado. Era possível que estivesse voando muito baixo, e que os cães estivessem latindo para ele, em vez de para o banshee. Era uma situação perigosa de qualquer jeito. Seu casaco fazia o melhor possível para adaptar-se às cores do céu de Worlorn, mas o tom prateado do aeropatinete brilhava o suficiente para ser visto por qualquer um que olhasse para cima. E com um banshee nos arredores, todos estariam olhando para cima.

Mas se queria ajudar Jaan Vikary e sua Jenny, não tinha outra alternativa. Segurou a arma com força e continuou a descer. Sob ele, cortando a

floresta como uma faca, estava um rio azul-esverdeado que corria rapidamente. Dirk se dirigiu para lá, vasculhando de um lado ao outro sem descanso. Ouviu o ruído de corredeiras, procurou a origem do som e encontrou. Pareciam rápidas e perigosas vistas de cima. Rochas nuas assomavam como dentes podres, marrons e irregulares, com a água a espumar branca e feroz ao redor delas, os estranguladores aglomerando-se em uma margem. Na jusante, o rio aumentava e ficava mais tranquilo. Dirk olhou rapidamente nessa direção, então voltou para a corredeira. Sobrevoou a água, dando uma volta e depois outra.

Um cão latiu alto. Os outros o imitaram.

Dirk voltou novamente a atenção para a jusante. Viu pontos negros na água, avançando onde a corrente parecia mais amigável. Voou naquela direção. Os pontos cresceram, assumindo a forma humana. Um homenzinho corpulento vestido de amarelo-acastanhado, lutando para atravessar o rio. Outro homem estava ali perto, na margem, com seis imensos cães.

O homem na água retrocedeu. Tinha um rifle na mão, Dirk notou. Era baixo e bem corpulento. Rosto pálido, torso amplo, braços e pernas fortes - Saanel Larteyn, o gordo teyn de Lorimaar. E Lorimaar na margem, segurando a matilha. Nenhum deles olhava para cima. Dirk diminuiu a velocidade para manter distância.

Saanel saiu da água. Ainda estava do lado errado do rio, juntamente com Lorimaar, na margem oposta a Kryne Lamiya. Estava tentando atravessar, no entanto. Mas não ali. Agora os dois caçadores começaram a se afastar, descendo mais o rio, movendo-se desajeitadamente entre a relva, as pedras e os estranguladores na margem.

Dirk não os seguiu. Estava com o aeropatinete e sabia para onde estavam indo; podia ir atrás deles mais tarde, se precisasse. Mas onde estavam os outros? Roseph e seu teyn? Garse Janacek? Virou-se e seguiu rio acima, sentindo-se um pouco mais confiante. Se o grupo de caça estava dividido, seria mais fácil lidar com eles. Voou baixo sobre o rio, rapidamente, a água agitando-se a dois metros de seus pés, enquanto seus olhos procuravam nas margens por outro grupo tentando atravessar.

Dois quilômetros a nordeste da correnteza - o canal era mais estreito e rápido ali -, Dirk encontrou Janacek de pé na beira da água com uma expressão perplexa no rosto. Parecia estar sozinho. Dirk gritou para ele. Janacek olhou para cima, sobressaltado, e acenou.

Dirk se aproximou. Mas a aterrissagem não foi muito boa. O penhasco sobre o qual Janacek estava parado era coberto com um musgo verde escorregadio, e um dos lados do aeropatinete de Dirk deslizou, quase fazendo-o ser arremessado no rio. Janacek o segurou pelo braço. Dirk desligou o controle de gravidade.

- Obrigado - murmurou. - Não parece muito fácil nadar aqui.

- Era exatamente o que eu estava pensando enquanto estava parado aqui - Janacek respondeu. Parecia abatido. Seu rosto e roupas estavam sujos, e a barba ruiva estava úmida de suor. Uma mecha de cabelo desgrenhada e gordurosa caía por sua testa. - Estava tentando decidir se corria o risco de enfrentar a correnteza ou se perdia tempo continuando rio abaixo, na vaga esperança de encontrar um lugar mais seguro para atravessar. - Um sorriso tênue iluminou seu rosto. - Mas você resolveu esse problema com o brinquedo de Gwen. Onde...?

- Pyr - Dirk respondeu. Começou a contar para Janacek sua fuga até o aeromóvel abatido.

- Você está vivo - o Jadeferro disse rapidamente. - Posso ficar sem os detalhes tediosos, t'Larien. Muita coisa aconteceu desde ontem de manhã. Você viu os Braiths?

- Lorimaar e seu teyn estavam seguindo rio abaixo - falou Dirk.

- Sei disso - Janacek interrompeu. - Eles cruzaram?

- Não, ainda não.

- Isso é bom. Jaan está muito perto agora, talvez apenas a meia hora na nossa frente. Eles não podem alcançá-lo primeiro. - Seus olhos percorreram a outra margem do rio, e ele suspirou. - Você tem o outro patinete, ou tenho que pegar o seu?

Dirk deixou o rifle na rocha e começou a tirar a mochila das costas.

- Estou com o outro aqui - falou. - Onde está Roseph? O que está acontecendo?

-Jaan fugiu magnificamente até agora. - Janacek comentou.

-Ninguém esperava que pudesse cobrir tanto terreno tão rápido. Os Braiths não imaginavam, na verdade. E ele fez mais do que simplesmente fugir. Também montou algumas armadilhas.

-Jogou o cabelo que caía na testa para trás, com as costas da mão.

-Ele acampou noite passada. Estava bem na nossa frente. Encontramos as cinzas da fogueira dele. Roseph caiu em um fosso oculto e enterrou o pé em uma estaca enterrada. - Janacek sorriu.

- Está voltando para os veículos, com a ajuda de seu teyn. E você diz que Pyr e Arris estão mortos? - Dirk assentiu. Tirou as botas e o segundo patinete da mochila. Janacek aceitou-os sem fazer comentários. - Os caçadores estão em número cada vez menor. Acho que vencemos, t'Larien. Jaan Vikary deve estar cansado. Fugiu sem dormir por um dia e duas noites. Mas sabemos que não está ferido, que está armado e que é de Jadeferro. Lorimaar e aquele imbecil que mantém como teyn não encontrarão uma presa fácil. - Ajoelhou-se e começou a desamarrar as botas, sem parar de falar. - A vaidade louca de criar um novo grupo não irá muito longe. Lorimaar é insano só de sonhar com isso. Acho que ficou com alguma coisa solta naquela cabeça quando o laser de Jaan o acertou em Desafio. - Tirou uma das botas. - Sabe por que Chell e Bretan não estão entre eles, t'Larien? Porque aquela dupla tem sanidade demais para esse projeto de Alto-Larteyn! Roseph me disse isso enquanto caçávamos. A verdade, segundo ele, é esta: Lorimaar anunciou a loucura quando os Braiths retornaram para Larteyn depois que Myrik foi morto. Os seis que encontramos na floresta estavam lá, além do velho Raymaar. Bretan Braith Lantry e Chell Fre-Braith não estavam. Eles tentaram perseguir você e Jaantony e depois sobrevoaram algumas das cidades que consideravam prováveis refúgios. Então, Lorimaar estava essencialmente sem oposição. Ele sempre intimidou os outros, exceto, talvez, Pyr, e Pyr nunca esteve interessado em outra coisa que não fosse tirar cabeças de quase-homens. - Janacek estava com dificuldades para colocar as estreitas botas de Gwen. Fez uma careta e puxou com força, obrigando a bota a entrar. - Quando Chell retornou, ficou furioso. Não deixaria isso seguir adiante. Não quis

nem ouvir. Bretan tentou acalmá-lo, Roseph afirmou, mas não conseguiu. O velho Chell é um Braith, e o novo grupo de Lorimaar era uma traição para ele. Desafiou-o para um duelo. Lorimaar estava imune ao duelo, na verdade, já que estava ferido, mas aceitou mesmo assim. Chell era muito velho. Como desafiado, Lorimaar fez a primeira das quatro escolhas, a escolha dos números. - Janacek se levantou e pisou com força na rocha escorregadia para acomodar melhor a bota apertada. - Preciso dizer que ele escolheu combate singular? Teria sido um duelo muito diferente se Bretan Braith se confrontasse juntamente com Chell Braços-Vazios. Lorimaar, mesmo ferido, venceu o velho com relativa facilidade. Lutaram no quadrado da morte, com espadas. Chell recebeu vários golpes, golpes demais, talvez. Roseph acredita que ele deve estar agonizando em Larteyn. Bretan Braith ficou com ele e, mais importante ainda, continua sendo Bretan Braith. - Janacek colocou o patinete no chão.

- Descobriu alguma coisa sobre Ruark? - Dirk lhe perguntou.

O kavalariano deu de ombros.

- Em geral o que já suspeitávamos. Ruark contactou Lorimaar Alto-Braith pela tela, e se ofereceu para revelar onde Jaan estava escondido, se Lorimaar o nomeasse korariel e lhe garantisse proteção. Lorimaar concordou alegremente. Ninguém parece saber onde o kimdissiano está agora. Jaan teve sorte de estar no aeromóvel quando eles chegaram. Ele simplesmente levantou voo e fugiu. Eles o perseguiram e finalmente Raymaar o alcançou um pouco além das montanhas, mas era outro velho e nem de perto o piloto que Jaan Vikary é. - Havia uma nota de orgulho satisfeito na voz de Janacek, como um pai se gabando do filho. - O Braith foi abatido em combate, mas o veículo de Jaan também ficou danificado, então ele foi forçado a pousar e fugir. Já havia partido quando os altos-senhores de Larteyn descobriram o lugar em que caíra. Haviam perdido tempo tentando ajudar Raymaar. - Fez um gesto impaciente com a mão.

- Por que você se separou de Lorimaar? - Dirk perguntou.

- Por que você acha? Jaan está perto agora. Preciso alcançá-lo antes deles. Saanel insistiu que cruzar rio abaixo seria mais fácil, e eu aproveitei para discordar. Lorimaar está cansado demais para suspeitar de qualquer coisa.

Pensa apenas na presa. Seu ferimento ainda queima, t'Larien! É como se visse Jaan Vikary sangrando aos seus pés e se esquecesse de quem está perseguindo. Então, me afastei deles, rio acima, e por algum tempo temi ter cometido um erro. A travessia era mais fácil rio abaixo, não era?

- Dirk assentiu novamente e Janacek sorriu. - Então sua chegada foi uma sorte, na verdade.

- Você vai precisar de mais do que sorte para encontrar Jaan.

- Dirk o avisou. - Os Braiths provavelmente já cruzaram o rio agora, e eles têm cães.

- Isso não me preocupa muito - Janacek falou. - Jaan está fugindo em linha reta, agora, e sei algo que Lorimaar não sabe. Sei para onde ele está indo. Para uma caverna, t'Larien! Meu teyn sempre foi fascinado por cavernas. Quando éramos meninos, em Jadeferro, ele sempre me levava para explorar sob a terra. Levou-me a mais minas abandonadas do que jamais desejei ver, e várias vezes percorremos os subterrâneos das antigas cidades, as ruínas assombradas pelos demônios. - Sorriu. - Fortalezas devastadas também, lareiras enegrecidas em antigas altas-guerras e ainda repletas de almas penadas. Jaan Vikary conhecia todos esses lugares. Costumava me guiar por ali, contando infinitas histórias sobre Aryn Alto-Pedrardente e Jamis-Leão Taal e sobre os canibais das Moradas do Carvão Profundo. Sempre foi um contador de histórias. Fazia os antigos heróis ganharem vida novamente, assim como todos os horrores vividos nos tempos passados.

Dirk não pôde deixar de sorrir.

- Ele o assustava, Garse?

O outro gargalhou.

- Me assustar? Sim! Ele me aterrorizava, mas me acostumei com o tempo. Éramos ambos jovens, t'Larien. Mais tarde, muito mais tarde, foi nas cavernas sob as Colinas de Lameraan que ele e eu fizemos nosso juramento de ferro-e-fogo.

- Tudo bem - Dirk falou. - Então Jaan gosta de cavernas...

- Um sistema de cavernas fica bem perto de Kryne Lamiya - Janacek falou, voltando às preocupações mais imediatas -, com uma segunda entrada

perto de onde estamos. Nós três o exploramos durante nosso primeiro ano em Worlorn. Agora, acho que Jaan completará sua fuga pelo subterrâneo, se puder. Portanto, podemos interceptá-lo. - Levantou seu rifle.

Dirk também pegou sua arma.

- Você nunca o encontrará na floresta - falou. - Os estranguladores dão muita cobertura.

- Eu o encontrarei - Janacek respondeu asperamente. - Lembre-se de nosso laço, t'Larien. Ferro-e-fogo.

- Ferro vazio agora. - Dirk comentou, assinalando com os olhos o pulso direito de Janacek.

O Jadeferro esboçou seu sorriso típico.

- Não. - discordou. Levou a mão ao bolso, tirou-a e abriu. Tinha uma pedrardente na palma estendida. Uma única joia, redonda e toscamente facetada, quase duas vezes o tamanho da joia-sussurrante de Dirk, negra e quase opaca na luz avermelhada da manhã.

Dirk a encarou, então tocou-a suavemente com a ponta do dedo e moveu-a levemente na mão de Janacek.

- Parece... fria - disse.

Janacek franziu o cenho.

- Não - replicou. - Ao contrário, arde como fogo. - A pedrardente voltou para seu bolso. - Há histórias, t'Larien, poemas em antigo kavalariano, contos que as crianças escutam na creche do grupo. Até as eyn-kethi conhecem as histórias. Elas as contam em suas vozes femininas, mas Jaan Vikary as conta melhor. Pergunte para ele algum dia. Sobre as coisas que um teyn já chegou a fazer por seu teyn. Ele lhe falará sobre grandes mágicas e heroísmos ainda maiores, e sobre glórias impossíveis. Não sou um contador de histórias, ou eu mesmo contaria para você. Talvez então você consiga entender um pouco do significado de ser teyn de um homem e partilhar o laço de ferro.

- Talvez eu já entenda. - Dirk comentou.

Um longo silêncio caiu entre eles enquanto permaneceram em pé na pedra coberta de musgo, a meio metro de distância, frente a frente, Janacek sorrindo levemente enquanto olhava Dirk. Embaixo deles, o rio corria

incessante, o ruído das águas apressando-os a partir.

- Você não é um homem tão mau, t'Larien - Janacek falou finalmente. - E fraco, eu sei, mas talvez porque nunca ninguém tenha lhe dito que é forte. Inicialmente aquilo pareceu um insulto, mas o kavalariano não parecia ter essa intenção. Dirk parou para pensar naquilo e descobriu outro significado.

- Dar um nome a alguma coisa? - perguntou, sorrindo.

Janacek assentiu.

- Me escute, Dirk. Não falarei duas vezes. Lembro, quando eu ainda era criança em Jadeferro, da primeira vez que fui prevenido contra os quase-homens. Uma mulher, uma eyn-kethi, que você chamaria de minha mãe, embora essas distinções não tenham sentido no meu mundo, me contou a lenda. Mesmo assim, me contou de um jeito diferente. Os quase-homens contra os quais ela me preveniu não eram os demônios sobre os quais eu aprenderia mais tarde dos lábios dos altos-senhores. Eram apenas homens, ela disse, não títeres de outro mundo, nem parentes dos sugadores de almas. Mesmo assim eram transmorfo, de certo modo, porque não tinham formas reais. Eram homens nos quais não se podia confiar, homens que haviam esquecido seus códigos, homens sem laços. Não eram reais; eram uma ilusão da humanidade, sem substância. Entende? A substância da humanidade... um nome, um laço, uma promessa. Está dentro de nós, ainda que a usemos em nossos braços. Assim ela me disse. É por isso que os kavalarianos têm teyn, ela disse, e saem aos pares, porque... porque a ilusão pode endurecer até se tornar um fato, se você a ligar ao ferro.

- Um belo discurso, Garse - Dirk comentou quando o outro terminou. - Mas que efeitos têm a prata na alma de um quase-homem?

A raiva passou rapidamente pelo rosto de Janacek, como a sombra de uma tempestade. Então ele sorriu.

- Esqueci sua sabedoria kimdissiana - falou. - Outra coisa que aprendi na juventude foi a nunca discutir com um manipulador. - Deu uma gargalhada, estendeu o braço, pegou a mão de Dirk e a apertou com firmeza. - Basta. Nunca nos entenderemos completamente, ainda assim posso ser seu amigo, se você puder ser meu keth.

Dirk deu de ombros, sentindo-se estranhamente comovido.

- Tudo bem - concordou.

Mas Garse já estava pronto para partir. Soltou o braço de Dirk, tocou os controles do patinete e elevou-se a um metro de altura. Voltou-se para a água, avançando rapidamente, de um modo ligeiro e gracioso no ar. A luz do sol brilhava em seus longos cabelos ruivos, e suas roupas pareciam tremeluzir e mudar de cor. Na metade do rio, virou a cabeça para trás e gritou algo para Dirk, mas o barulho da correnteza levou suas palavras, e Dirk percebeu apenas o tom exultante e selvagem.

Observou até que Janacek chegasse ao outro lado do córrego, de algum modo cansado demais acompanhá-lo. Colocou a mão livre no bolso da jaqueta e tocou a jóia-sussurrante. Não parecia tão fria quanto antes, e as promessas - oh, Jenny - ressoavam debilmente.

Janacek sobrevoava as árvores amarelas, subindo em direção a um céu cinza e carmesim, sua silhueta diminuindo rapidamente. Exausto, Dirk o seguiu.

Janacek podia desdenhar os aeropatinetes, chamando-os de "brinquedos", mas sem dúvida sabia como usá-los. Logo estava bem distante de Dirk, aproveitando as correntes de vento para subir até chegar a quase vinte metros de altura da floresta. A distância entre os dois parecia aumentar progressivamente; ao contrário de Gwen, Janacek não estava disposto a parar e esperar que Dirk o alcançasse.

Dirk se contentou com o papel de perseguidor. O Jadeferro era fácil de ser visto - estavam sozinhos no céu lúgubre -, então não havia perigo de ficar perdido. Voou impulsionado pelos ventos escuralbinos novamente, aceitando o empurrão nas costas enquanto se abandonava a divagações sem objetivo. Mesmo desperto, teve estranhos sonhos com Jaan e Garse, com laços de ferro e jóias-sussurrantes, com Guinevere e Lancelote, os quais - percebeu repentinamente - também haviam quebrado suas promessas.

O rio desapareceu. Os tranquilos lagos vieram e se foram, assim como a colônia de fungos brancos que formava uma crosta sobre o bosque. Dirk ouviu os latidos da matilha de Lorimaar uma vez, bem atrás dele, os ruídos trazidos pelo vento. Não se preocupou com isso.

Viraram para sul. Janacek era um pontinho negro, brilhando em tons de prata quando um raio de sol capturava a plataforma do aeropatinete. Ficava cada vez menor. Dirk ia atrás, um pássaro manco. Finalmente Janacek começou a fazer uma espiral para baixo, até o nível das copas das árvores.

Era uma região inóspita. Rochosa, em grande parte, com algumas colinas ondulantes e afloramentos de pedra negra com estrias de ouro e prata. Havia estranguladores por toda parte, estranguladores e mais estranguladores. Dirk olhava de um lado para o outro, procurando por uma única árvore-prata, por um viúvo azul, ou uma escura e sombria árvore fantasma. Um labirinto amarelo se estendia ininterruptamente, para todos os lados que sua vista alcançava. Dirk ouvia os barulhos frenéticos dos espectros arbóreos e os viu embaixo de seus pés, voando trechos curtos com suas pequenas asas. O ar ao redor de Dirk estremeceu com o grito de um banshee, e um arrepio cruzou sua espinha sem qualquer razão aparente. Olhou para cima rapidamente, ao longe, e viu um pulso de luz.

Breve e intenso, irritando seus olhos cansados, o repentino feixe de luz que apareceu em sua frente não pertencia a este lugar, não aqui, não a este mundo cinza e crepuscular. Não pertencia, mas estava ali. Irrompando do bosque abaixo, o selvagem feixe de fogo logo se perdeu no céu.

Janacek era um pequeno boneco de trapo diante dele, perto da luz. O tênue fio escarlata o alcançou e passou por ele, tocando rápida e fugazmente a plataforma prateada. A imagem ficou congelada diante dos olhos de Dirk. Absurdamente, Janacek começou a cair, agitando os braços. Era como uma vara negra deslizando e desaparecendo entre os estranguladores, chocando-se contra os galhos entrelaçados.

Barulhos. Dirk ouviu barulhos. A música desse infinito vento de inverno. Madeira estalando, seguida de gritos de dor e raiva, animal e humano, humano e animal, ambos e nenhum deles. As torres de Kryne Lamiya fulguravam no horizonte, nebulosas e translúcidas, e cantavam um canto de morte.

Os gritos pararam repentinamente; as torres brancas se diluíram no ar, e o vento que empurrava Dirk varreu todos os pedaços para longe. Dirk mergulhou em direção ao bosque e empunhou o laser.

Havia um buraco escuro no topo da folhagem por onde Garse Janacek atravessara durante sua queda: galhos amarelos retorcidos e quebrados, uma cavidade grande o suficiente para o corpo de um homem. Escuridão. Dirk deu uma volta ao redor do buraco e não pôde ver Janacek no chão da floresta, de tão espessas que eram as sombras. Mas, no galho superior, viu um pedaço de tecido rasgado tremendo ao vento e mudando de cor. Em cima, um pequeno fantasma montava guarda solenemente.

- Garse! - gritou, sem se preocupar com o inimigo embaixo, o homem com o laser. Os espectros arbóreos responderam com um coro de chiados.

Ouviu ruído entre as árvores; a luz do laser cintilou novamente. Não para cima, desta vez, mas na horizontal, um impossível raio de sol na penumbra da floresta. Dirk voava em círculos, indeciso. Um espectro arbóreo apareceu no galho bem embaixo dele, estranhamente destemido, seus olhos líquidos encarando-o, as asas abertas tremendo ao vento. Dirk apontou o laser e disparou, até que a pequena criatura se reduziu a uma mancha escura na árvore amarela.

Então moveu-se novamente, circulando em espiral até que encontrou uma abertura entre os estranguladores, larga o suficiente para que pudesse descer. O chão da floresta era lúgubre; os estranguladores, completamente entrelaçados, deixavam passar apenas um décimo da fraca luz do Olho do Inferno. Imensos troncos erguiam-se por todos os lados, com galhos amarelos e disformes, rígidos e nodosos. Dirk se ajoelhou - o musgo espalhado pelo chão estava se decompondo - e soltou as botas da plataforma prateada. Então as sombras se abriram entre os estranguladores e Jaan Vikary apareceu. Dirk olhou para cima.

O rosto de Jaan estava marcado por linhas de expressão. Estava coberto com sangue e, nos braços, carregava um corpo flácido com o mesmo cuidado que uma mãe levaria o filho doente. Garse tinha um olho fechado e o outro estava faltando, arrancado com a metade do rosto. Sua cabeça descansava gentilmente contra o peito de Jaan.

-Jaan...

Vikary estremeceu.

- Atirei nele - disse. Tremendo, derrubou o corpo.

Capítulo 14

Não havia outro som na imensidão da floresta que não o da respiração ofegante de Vikary e os chiados fracos dos espectros arbóreos.

Dirk se aproximou de Janacek e o virou. Pedacos de musgo estavam presos ao corpo, sugando o sangue como esponjas. Os espectros arbóreos haviam despedaçado sua garganta, então a cabeça de Garse pendeu de forma quase obscena quando Dirk o moveu. Suas roupas grossas não forneceram proteção; os animais o morderam por todos os lados, transformando o tecido-camaleão em farrapos encharcados de vermelho. As pernas de Janacek, ainda unidas pela inútil plataforma de metal do aeropatinete, foram quebradas na queda; fragmentos de ossos afiados saíam pelas duas panturrilhas, em fraturas quase idênticas. O rosto, totalmente roído, era o pior. Seu olho direito desaparecera. O sangue que escorria da órbita vazia caía lentamente pela bochecha até o chão.

Não havia nada a ser feito. Dirk ficou olhando, impotente. Deslizou discretamente a mão pelo bolso da jaqueta de Janacek e envolveu a pedrardente na mão, depois se levantou para encarar Vikary.

- Você disse...

- Que nunca atiraria nele. - Vikary completou. - Sei o que disse, Dirk t'Larien. E sei o que fiz. - Falou muito lentamente, cada palavra saindo de seus lábios como se fosse chumbo. - Não queria isso. Nunca. Pretendia apenas pará-lo, derrubá-lo do aeropatinete. Ele caiu em um ninho de espectros arbóreos. Um ninho de espectros arbóreos.

A mão de Dirk apertava com força a pedrardente. Não disse nada.

Vikary estremeceu; sua voz ficou mais agitada, e havia um toque desesperado em seu tom.

- Ele estava me caçando. Arkin Ruark me avisou quando falei com ele rapidamente pelo visor em Larteyn. Ele disse que Garse se unira ao Braiths, que jurara me abater. Não acreditei. - Tremeu. - Eu não acreditei! Mesmo assim, era verdade. Ele veio atrás de mim, me caçando com eles,

exatamente como Ruark dissera. Ruark... Ruark não está comigo... nós nunca... os Braiths vieram no lugar dele. Não sei se ele... Ruark... talvez eles o tenham matado. Não sei.

- Parecia confuso e cansado. - Eu tinha que deter Garse, t'Larien. Ele conhecia a caverna. E tenho que pensar em Gwen também. Ruark disse que Garse, em sua loucura, prometera entregá-la para Lorimaar, e eu o chamei de mentiroso, até que vislumbrei Garse atrás de mim. Gwen é minha betheyn, e você é korariel. São minha responsabilidade. Eu tinha que viver. Você entende? Nunca pretendi fazer isso. Fui atrás dele, abrindo caminho com o laser... Os filhotes no ninho estavam todos sobre ele, aquelas coisas brancas, e os adultos também... queimei todos eles, queimei e o tirei de lá.

- O corpo de Vikarry sacudiu com soluços secos, mas nenhuma lágrima surgiu; ele não permitiria isso. - Olhe. Ele estava usando ferro vazio. Veio me caçar. Eu o amava e ele veio me caçar!

A pedrardente era uma dura pepita de indecisão na mão de Dirk. Olhou novamente para Garse Janacek, cuja roupa estava tingida de sangue velho e musgo podre, e então para Jaan Vikary, tão perto de ter um ataque de nervos, parado, pálido, com os grandes ombros trêmulos. Dê um nome a uma coisa, Dirk pensou; e agora precisava dar um nome para Jaantony Alto-Jadeferro.

Deslizou a mão para dentro do bolso de sua jaqueta.

- Você teve que fazer isso - mentiu. - Ele teria matado você, e depois teria ido atrás de Gwen. Ele disse isso. Estou feliz que Arkin tenha conseguido avisá-lo.

As palavras pareceram serenar Vikary. Ele assentiu sem dizer nada.

- Eu vim atrás de você - Dirk prosseguiu - quando você não retornou a tempo. Gwen estava preocupada. Vim para ajudar você. Garse me pegou, me desarmou e me entregou para Lorimaar e Pyr. Disse que eu era um presente de sangue.

- Um presente de sangue - Vikary repetiu. - Ele estava insano, t'Larien. É verdade. Garse Jadeferro Janacek não era assim; ele não era um Braith, não dava presentes de sangue. Você precisa acreditar nisso.

- Sim - Dirk concordou. - Ele estava demente. Você está certo. Dava para perceber na forma que ele falava. Sim. - Sentia-se à beira das lágrimas, e se perguntava se isso era evidente. Era como se pegasse todo o temor e angústia de Jaan para si; o Jadeferro parecia mais forte e mais resoluta a cada segundo, enquanto o pesar invadia os olhos de Dirk.

Vikary olhou para baixo, até o corpo inerte estendido entre as árvores.

- Eu lamentaria por ele, pelas coisas que foi e por tudo o que tivemos, mas não há tempo. Os caçadores estão atrás de nós com os cães. Temos que nos apressar. - Ajoelhou-se diante do cadáver de Janacek por um instante e segurou sua mão por um instante. Então beijou os lábios do morto desfigurado e, com a mão livre, acariciou seus cabelos desganhados.

Mas quando se levantou, segurava o bracelete de ferro negro, e Dirk viu que o braço de Janacek estava nu e sentiu uma pontada de dor. Vikary guardou o bracelete no bolso. Dirk segurou as lágrimas e a língua e não fez comentários.

- Temos de ir.

- Vamos deixá-lo aqui? - Dirk perguntou.

- Deixá-lo? - Vikary franziu o cenho. - Ah, entendo. Os kavalarianos não enterram seus mortos, t'Larien. Nós os abandonamos à intempérie, tradicionalmente, e se os animais devoram o que deixamos, não sentimos vergonha. A vida deve nutrir a vida. Não é preferível que a carne vigorosa de Garse dê forças a um predador ágil e limpo em vez de ser devorada por um monte de vermes em uma tumba?

Então o deixaram onde Vikary soltara o corpo, em uma pequena clareira entre o interminável emaranhado amarelo-acastanhado, e seguiram pela penumbra em direção a Kryne Lamiya. Dirk carregava o aeropatinete e lutava para acompanhar os passos rápidos de Vikary. Depois de um curto trajeto, se depararam com uma encosta de rocha negra e escarpada.

Quando Dirk chegou à barreira, Jaan já estava a meio caminho do topo. O sangue de Janacek secara nas roupas de Jaan, e Dirk podia ver as manchas claramente. De outro modo, as roupas do kavalariano teriam parecido negras. Jaan escalou sem dificuldade, com o rifle preso nas costas, movendo com firmeza as mãos fortes de um apoio até o seguinte.

Dirk colocou a plataforma prateada no aeropatinete e voou pela crista até o cume.

Acabara de alcançar a altura da copa dos estranguladores quando ouviu o grito do banshee, não muito longe. Escrutou o bosque, buscando o grande predador. A pequena clareira onde deixaram Janacek era facilmente visível dali, um retalho de crepúsculo ao alcance da mão. Mas Dirk não podia ver o cadáver; o centro da clareira era uma massa viva de corpos amarelos que disputavam a presa. Enquanto observava, outras pequenas formas apareceram das árvores ali perto para se juntar ao banquete.

O banshee chegou de surpresa e flutuou imóvel sobre a batalha, dando seu terrível grito, mas os espectros-arbóreos continuaram lutando entre si freneticamente, sem prestar atenção ao barulho, resmungando e arranhando uns aos outros. O banshee mergulhou. Sua sombra os cobriu, as grandes asas ondularam, abrindo e fechando, e então ele estava sozinho, tanto os espectros quanto o cadáver desaparecidos dentro daquele abraço voraz. Dirk sentiu-se estranhamente consolado.

Mas foi apenas por um instante. Enquanto o banshee jazia inerte, ouviu-se um chiado rouco e repentino, e Dirk viu um rápido dardo embaçado caindo sobre o animal. Outro o seguiu. E mais um. E uma dúzia, pelo menos. Em um abrir e fechar de olhos parecia que os espectros arbóreos haviam duplicado. O banshee abriu suas imensas asas triangulares, batendo-as levemente, mas não se elevou. As pequenas criaturas estavam por todos os lados, mordendo-o, arranhando-o, segurando-o ao solo e rasgando sua carne. Preso ao solo, o banshee não conseguia nem dar seu grito angustiante. Morreu silenciosamente, em cima da presa que acabara de pegar.

Quando Dirk desceu do aeropatinete, no topo da encosta, a clareira era uma massa de formas amarelas novamente, da mesma forma que estivera na primeira vez que olhara, e não havia sinal do banshee. A floresta estava muito silenciosa. Esperou que Jaan Vikary o alcançasse. Juntos, retomaram sua marcha silenciosa.

A caverna era fria, escura e infinitamente quieta. As horas transcorriam sob a terra, enquanto Dirk seguia a pequena luz trêmula da lanterna de

mão de Jaan Vikary. A luz o levou por tortuosas galerias subterrâneas, através de câmaras espaçosas onde a escuridão parecia não ter fim, por pequenas passagens claustrofóbicas pelas quais tinham que avançar engatinhando. A luz da lanterna era seu universo, e Dirk perdeu toda a noção de tempo e espaço. Não tinham nada a dizer um ao outro, ele e Jaan, então não falavam nada; os únicos sons eram o roçar de suas botas na pedra empoeirada e os ecos que retumbavam ocasionalmente. Vikary conhecia bem a caverna. Nunca titubeava nem perdia o rumo enquanto mancavam e rastejavam pela alma secreta de Worlorn.

Emergiram em uma ladeira ondulada coberta de estranguladores, em uma noite cheia de fogo e música. Kryne Lamiya estava queimando. As torres ósseas gritavam uma canção aniquilada de angústia.

As chamas varriam todos os cantos da pálida necrópolis, como brilhantes sentinelas vagando pelas ruas de cima a baixo. A cidade cintilava como uma miragem em ondas de calor e luz; parecia um espectro insubstancial laranja. Enquanto observavam, uma das pontes levadiças ruiu e despencou; seu centro enegrecido caiu primeiro, bem no meio das chamas, e o resto foi em seguida. O fogo consumia e se elevava, crepitando e uivando, insaciável. Um edifício próximo implodiu, espalhando uma grande nuvem de fumaça e chamas.

A trezentos metros da colina na qual estavam, erguendo-se sobre os estranguladores, uma das torres brancas como giz permanecia intacta. Mas, perfilada contra esse terrível esplendor, parecia mover-se como se estivesse viva, contorcendo-se de dor. Por cima do bramido do fogo, Dirk podia ouvir a música suave de Lamiya-Bailis. A sinfonia de Escuralba estava entrecortada e transformada; as torres haviam sumido, as notas estavam perdidas, então a música era repleta de misteriosos silêncios, e o crepitar das chamas dava um pungente contraponto para os gemidos, sibilos e lamentos. Os ventos dos escuralbinos que sopravam sem fim das montanhas, fazendo a Cidade Sereia cantar, aqueles mesmos ventos alimentavam as grandes chamas que devoravam Kryne Lamiya, enegrecendo a máscara mortuária com cinzas antes de finalmente calá-la.

Jaan Vikary empunhou o rifle laser. Seu rosto estava inexpressivo e

estranho, banhado pelos reflexos do incêndio.

- Como...?

- O carro-lobo - Gwen falou.

Estava parada a alguns metros de distância, mais abaixo da ladeira. Olharam para ela sem assombro. Atrás de Gwen, sob a sombra de um viúvo azul tombado na base na colina, Dirk vislumbrou o pequeno aeromóvel amarelo de Ruark.

- Bretan Braith - Vikary falou.

Gwen se juntou a eles perto da entrada da caverna e assentiu.

- Sim. O carro sobrevoou a cidade várias vezes, disparando os lasers.

- Chell está morto - Vikary disse.

- Mas você está vivo - Gwen replicou. - Estava começando a me preocupar.

- Estamos vivos - admitiu Jaan. Deixou o rifle escorregar por entre os dedos. - Gwen, matei meu teyn.

- Garse? - ela exclamou, perplexa. Franziu o cenho.

- Ele me entregou aos Braiths - Dirk acrescentou rapidamente. Seus olhos se encontraram com os de Gwen. - E ele estava caçando Jaan, juntamente com Lorimaar. Teve de ser feito.

Ela se voltou novamente para Jaan.

- Isso é verdade? Arkin me disse algo do tipo. Não acreditei nele.

- É verdade - Vikary falou.

- Arkin está aqui? - Dirk perguntou.

Gwen assentiu.

- Dentro do aeromóvel. Ele fugiu de Larteyn. Você deve ter falado para ele onde eu estava. Tentou me contar outras mentiras. Eu o nocauteei. Está indefeso agora.

- Gwen - Dirk falou -, nós julgamos Arkin muito mal. - E o fundo de sua garganta parecia se encher de bile. - Não entende, Gwen? Arkin avisou Jaan que Garse ia traí-lo. Sem esse aviso, Jaan nunca saberia. Teria confiado em Janacek, e talvez não tivesse disparado nele. E teria sido capturado, morto. - A voz dele estava rouca e imperativa. - Você não entende? Arkin...

O fogo refletia nos olhos de Gwen enquanto ela observava Dirk.

- Entendo - disse com uma voz sufocada e trêmula. Voltou-se para Vikary.

- Oh, Jaan - exclamou e abriu os braços para ele.

Ele se aproximou e apoiou a cabeça no ombro dela, e a envolveu apertado em seus braços. E então começou a chorar.

Dirk os deixou sozinhos e foi até o aeromóvel.

Arkin Ruark estava amarrado em um dos assentos. Estava vestido com pesadas roupas de campo e mantinha a cabeça baixa, com o queixo encostado no peito. Quando Dirk entrou, olhou para cima com esforço. Todo o lado direito de seu rosto era um inchado hematoma púrpura.

- Dirk - murmurou.

Dirk tirou a pesada mochila das costas e a colocou no chão. Reclinou-se contra o painel de instrumentos.

- Arkin - disse inexpressivamente.

- Ajude-me - Ruark pediu.

- Janacek está morto - Dirk lhe contou. - Jaan atirou nele e o derrubou em um ninho de espectros arbóreos.

- Garsinho - Ruark falou, com alguma dificuldade. Seus lábios estavam inchados e ensangüentados, e sua voz tremia. - Ele teria matado todos vocês. Essa é a verdade completa. Eu avisei Jaan, avisei, avisei, sim. Acredite em mim, Dirk.

- Eu acredito em você - Dirk respondeu, assentindo.

- Tentei ajudar, sim. Gwen, ela ficou louca. Eu disse que os Braiths pegaram Jaan, eu ia me juntar a ele, mas eles chegaram primeiro. Estava com medo por ela, estava. Vim ajudar. Ela me bateu, disse que eu era um mentiroso, me amarrou e voamos para cá. Ela está louca, Dirk, amigo Dirk, completamente louca, uma louca kavalariana. Quase como Garse, não mais como a doce Gwen. Acho que pretende me matar. Você também, talvez, não sei. Ela vai voltar para Jaan, sei disso. Ajude-me, você tem que me ajudar. Detenha-a - choramingou.

- Ela não vai matar ninguém - Dirk afirmou. - Jaan está aqui agora, e eu também. Você está a salvo, Arkin, não se preocupe. Vamos acertar as coisas. Temos muito o que agradecer a você, não é? Especialmente Jaan. Sem seus avisos, ninguém sabe o que teria acontecido.

- Sim - Ruark concordou. Sorriu. - Sim, verdade, completa verdade.

Gwen apareceu repentinamente, no marco da porta.

- Dirk - falou, ignorando Ruark.

Ele se virou para ela.

- Sim?

- Fiz Jaan se deitar um pouco. Ele está muito cansado. Venha aqui fora, onde podemos falar.

- Espere - Ruark pediu. - Solte-me primeiro, hein? Por favor. Meus braços, Dirk, meus braços...

Dirk saiu. Jaan estava deitado ali perto, com a cabeça apoiada em uma árvore, encarando o incêndio sem vê-lo. Afastaram-se dele, até a escuridão dos estranguladores. Finalmente Gwen parou e se virou para encará-lo.

- Jaan nunca deve saber - disse, e afastou uma mecha do cabelo negro para trás, com a mão direita.

Dirk a encarou.

- Seu braço - disse. Ao redor de seu antebraço direito, Gwen usava ferro, negro e vazio.

- Sim - confirmou. - As pedrardentes virão depois.

- Entendo - Dirk falou. - Tanto teyn quanto betheyn.

Gwen assentiu. Estendeu o braço e pegou as mãos de Dirk entre as suas. A pele dela estava fria e seca.

- Fique feliz por mim, Dirk - disse, em uma voz apagada e triste. - Por favor.

Ele apertou as mãos dela, tentando ser compreensivo.

- Estou feliz - disse, sem muita convicção. Um longo e amargo silêncio se impôs entre eles.

- Você está acabado - Gwen falou finalmente, forçando um pequeno sorriso. - Arranhado por todo lado. O jeito que está seu braço. O jeito que caminha. Você está bem?

Ele deu de ombros.

- Os Braiths não são jogadores gentis - disse. - Sobreviverei. - Soltou uma das mãos para colocá-la no bolso. - Gwen, tenho uma coisa para você.

Dentro de seu punho: duas gemas. A pedrardente redonda e rudemente

facetada, com um leve brilho interior, palpitando na palma de sua mão. E a jóia-sussurrante, menor, mais escura; morta e fria.

Gwen as pegou em silêncio. Rodou-as na mão por um momento, franzindo o cenho. Então guardou a pedrardente e devolveu a jóia-sussurrante para Dirk. Ele a aceitou.

- O único que tenho de Jenny - disse, enquanto sua mão se fechava ao redor da lágrima de gelo e desaparecia novamente no bolso.

- Eu sei - ela respondeu. - Obrigada por me oferecer. Mas, verdade seja dita, ela não fala mais comigo. Acho que mudei demais. Não ouço um sussurro há anos.

- Sim - ele falou. - Suspeitei disso. Mas tinha que oferecê-la para você... e a promessa também. A promessa ainda é sua, Gwen, se algum dia precisar dela. Chame isso de meu ferro-e-fogo. Você não quer me transformar em um quase-homem, quer?

- Não - ela respondeu. - A outra...

- Garse a guardou, quando teve de jogar as outras fora. Pensei que talvez você quisesse colocá-la novamente no bracelete, com as novas. Jaan nunca verá a diferença.

Gwen suspirou.

- Tudo bem - disse. - Descobri que sinto muito sobre Garse, no final das contas. Não é curioso? Todos os anos que passamos juntos, mal passou um dia em que não quiséssemos pular um na garganta do outro, com o pobre Jaan preso no meio, amando a nós dois. Algumas vezes tive quase certeza de que a única coisa que estava entre mim e a felicidade era Garse Jadeferro Janacek. Só que agora ele se foi, e é muito duro acreditar nisso. Fico esperando que apareça em seu aeromóvel, armado até os dentes e sorrindo, pronto para acabar comigo e me colocar no meu lugar. Acho que quando realmente me convencer de que é verdade, então talvez eu chore. Não é curioso?

- Não - Dirk falou. - Não.

- Quase podia chorar por Arkin também - ela prosseguiu. - Sabe o que ele disse? Quando foi me procurar em Kryne Lamiya? Depois que eu o chamei de mentiroso, bati nele e o derrubei, sabe o que ele disse?

Dirk negou com a cabeça, esperando.

- Disse que me amava - Gwen continuou, sorrindo amargamente. - Disse que sempre me amou, desde o momento em que nos conhecemos em Ávalon. Não posso jurar que estivesse dizendo a verdade. Garse sempre disse que os manipuladores eram espertos, e Arkin não precisava ser um gênio para ver como essa revelação me afetava. Eu quase o libertei quando me disse isso. Ele parecia tão pequeno e digno de pena, e estava soluçando. Em vez disso... viu o rosto dele? - Ela hesitou.

- Vi - Dirk falou. - Feio.

- Em vez de soltá-lo, fiz aquilo - Gwen confessou. - Mas acho que acredito nele agora. De uma maneira doentia, ele me amava.

E via o que eu estava fazendo comigo mesma; e sabia que, deixada aos meus próprios meios, eu nunca deixaria Jaan. Então decidiu usar você, usar todas as coisas que eu lhe contara, por confiar nele, para me afastar de Jaan. Suponho que tenha imaginado que você e eu nos separaríamos quando estivéssemos novamente em Ávalon, e eu me voltaria para ele. Ou talvez não. Não sei. Ele afirmou que estava apenas pensando em mim, na minha felicidade, que não podia me ver usando jade-e-prata. Que não pensava em si mesmo. Disse que é meu amigo - ela suspirou, consternada. - Meu amigo - repetiu.

- Não se sinta mal por ele, Gwen. - Dirk advertiu. - Ele teria me enviado para a morte, e Jaan também, sem um momento de hesitação. Garse Janacek está morto, assim como vários dos Braiths e emereelianos inocentes em Desafio... e tudo isso pelo amigo Arkin. Ou não?

- Agora é você quem fala como Garse - ela disse. - O que você me disse? Que eu tinha olhos de jade? Olhe para você mesmo, Dirk! Bem, suponho que esteja certo.

- O que faremos com ele agora?

- Vamos libertá-lo - ela respondeu. - Pelo menos por enquanto. Jaan não deve suspeitar do que aconteceu de verdade. Isso o destruiria, Dirk. Então Arkin Ruark será nosso amigo novamente. De acordo?

- Sim - ele concordou. O rugido do fogo se transformara em um estalar suave, Dirk percebeu; estava quase em silêncio. Olhando de relance na

direção do aeromóvel, viu que o inferno estava se apagando. Alguns focos de incêndio dispersos tremulavam fracamente entre as ruínas, jogando uma luz imprecisa sobre a cidade desfeita e fumegante. A maior parte das torres havia caído, e as que permaneceram estavam completamente em silêncio. O vento era somente vento.

- O amanhecer chegará logo - Gwen observou. - Precisamos partir.

- Partir?

- De volta a Larteyn, se Bretan não a destruiu também.

- Ele tem um jeito violento de lamentar - Dirk concordou. - Mas Larteyn é seguro?

- E hora de acabar com o esconde-esconde - Gwen falou. - Não sou inconsciente agora, e não sou uma betheyn indefesa que precisa ser protegida - ergueu o braço direito; os distantes fogos iluminaram o ferro opaco. - Sou teyn de Jaan Vikary, batizada em sangue, e tenho minha arma. E você... você mudou também, Dirk. Você não é mais korariel, sabe disso. Você é um keth. Estamos juntos neste momento. Somos jovens e fortes, e sabemos quem são nossos inimigos e como encontrá-los. E nenhum de nós pode ser Jadeferro novamente... sou uma mulher, Jaan é um renegado e você é um quase-homem. Garse era o último Jadeferro. Garse está morto. Os acertos e erros de Alto Kavalaan e do grupo Jadeferro morreram com ele, creio, pelo menos neste mundo. Não há códigos em Worlorn, lembra? Nem Braiths ou Jadeferros, apenas animais tentando matar uns aos outros.

- O que está dizendo? - Dirk perguntou, embora a entendesse.

- Estou dizendo que estou cansada de ser caçada, perseguida e ameaçada - Gwen explicou. Seu rosto sombrio era ferro negro; seus olhos queimavam ardentes e ferozes. - Estou dizendo que é hora de nós sermos os caçadores! Dirk a contemplou em silêncio por um longo tempo. Ela estava muito bonita, ele pensou, bonita do mesmo jeito que Garse Janacek fora bonito. Estava um pouco como o banshee... e lamentou secretamente por sua Jenny, sua Guinevere que nunca existiu.

- Você está certa - disse lentamente.

Ela se aproximou e o envolveu com os braços antes que ele pudesse reagir.

Abraçou-o com toda sua força. As mãos dele se ergueram lentamente para abraçá-la também, e ficaram assim por uns bons dez minutos, esmagados um contra o outro, o suave rosto dela contra a barba por fazer dele. Quando Gwen finalmente se afastou, levantou o rosto, esperando que ele a beijasse, então ele a beijou. Fechou os olhos; os lábios dela eram secos e duros.

A Fortaleza de Fogo estava fria ao amanhecer. O vento rodopiava em violentas rajadas; o céu estava cinza e nebuloso.

No telhado do edifício deles encontraram um cadáver.

Jaan Vikary desceu cuidadosamente, de rifle na mão, enquanto Gwen e Dirk davam cobertura da relativa segurança do aeromóvel. Ruark ficou sentado em silêncio no assento de trás, aterrorizado. Eles o haviam libertado antes de deixar as cercanias de Kryne Lamiya, e todo o caminho de volta estivera ora emburrado, ora exultante, sem saber o que pensar.

Vikary inspecionou o corpo, que jazia em frente aos elevadores, e voltou ao veículo.

- Roseph Alto-Braith Kelcek - informou.

- Alto-Larteyn - Dirk lhe recordou.

- É verdade - ele concordou, franzindo o cenho.

- Alto-Larteyn. Está morto há várias horas, pelo que percebi. Quase metade de seu peito foi arrebatada por um projétil. Sua própria pistola está embainhada.

- Um projétil? - Dirk perguntou.

Vikary assentiu.

- Bretan Braith Lantry é conhecido por usar armas assim em duelo. É um notável duelista, mas acho que escolheu a pistola de projétil apenas duas vezes, nas raras vezes em que não bastava apenas ferir o adversário. Um laser de duelo é um instrumento limpo e preciso. Essa arma de Bretan Braith, não. Uma arma dessas é concebida para matar, mesmo que o alvo não seja perfeitamente atingido. É uma coisa descomunal e malfeita, para duelos curtos e mortais.

Gwen olhava fixamente para onde Roseph jazia como uma pilha de trapos. Suas roupas tinham a cor empoeirada do telhado, e agitavam-se

erraticamente ao vento.

- Isso não foi um duelo - ela falou.

- Não - Vikary concordou.

- Mas, por quê? - Dirk questionou. - Roseph não era ameaça para Bretan Braith, era? Além disso, o código de honra... Bretan ainda é um Braith, não é? Então ele ainda é sujeito ao código, certo?

- Bretan sem dúvida é um Braith, e esse é o motivo que você busca, Dirk t'Larien - Vikary disse. - Isso não é duelo. Isso é alta-guerra, Braith contra Larteyn. Há poucas regras na alta-guerra; qualquer adulto do sexo masculino do grupo inimigo é uma presa justa, até que a paz venha.

- Uma Cruzada - Gwen comparou, rindo. - Isso não se parece muito com Bretan, Jaan.

- Mas é muito típico do velho Chell - Vikary replicou. - Suspeito que seu teyn jurou fazer isso, enquanto o velho morria. Se for verdade, Bretan mata sob juramento, não simplesmente pela dor. E terá pouca misericórdia. No assento de trás, Arkin Ruark inclinou-se para a frente com avidez.

- Mas isso é magnífico! - exclamou. - Sim, escutem-me, isso é ótimo. Gwen, Dirk, Jaan, meu amigo, escutem. Bretan matará todos eles para nós, não é? Matará um após o outro, sim. Ele é inimigo dos nossos inimigos, tivemos muita sorte, completa verdade.

- Seu provérbio kimdissiano não se aplica neste caso - Vikary explicou. - A alta-guerra entre Bretan Braith e os Larteyns não o torna nosso amigo, exceto por acidente. Sangue e alto agravo não são esquecidos com tanta facilidade, Arkin.

- Sim - Gwen concordou. - Não era Lorimaar que ele suspeitava estar escondido em Kryne Lamiya, você sabe. Ele queimou aquela cidade no esforço de nos capturar.

- Um palpite, um mero palpite - Ruark resmungou. - Talvez tivesse outros motivos, razões próprias, quem sabe? Talvez estivesse louco, enfurecido de dor, sim.

- Vou lhe propor uma coisa, Arkin - Dirk falou. - Deixaremos você em campo aberto, e se Bretan aparecer, você perguntará para ele.

O kimdissiano recostou-se e olhou para ele com estranheza.

- Não - disse. - Não. É mais seguro ficar com vocês, meus amigos, vocês me protegerão.

- Nós o protegeremos - Jaan Vikary confirmou. - Você fez muito por nós. Dirk e Gwen trocaram olhares.

Viraky colocou o aeromóvel em súbito movimento. Levantaram vôo e se afastaram do telhado, sobre as ruas opacas de Larteyn.

- Onde...? - Dirk perguntou.

- Roseph está morto - Vikary falou. - Mas ele não era o único caçador. Faremos um censo, meus amigos, faremos um censo.

O edifício que Roseph Alto-Braith Kelcek partilhava com seu teyn não ficava muito longe da residência dos Jadeferros, e era muito próximo aos elevadores subterrâneos. Era uma grande estrutura quadrada com um telhado abobadado metálico e um pórtico suportado por colunas de ferro negro. Aterrissaram nas proximidades e se aproximaram sigilosamente.

Dois cães Braiths estavam acorrentados às colunas, na frente da casa. Ambos mortos. Vikary examinou-os.

- Suas gargantas foram queimadas com um laser de caça disparado a alguma distância - informou. - Uma morte segura e silenciosa.

Manteve-se do lado de fora, empunhando o rifle laser, alerta, montando guarda. Ruark permaneceu ao seu lado. Gwen e Dirk foram enviados para fazer uma busca no edifício.

Encontraram numerosas câmaras vazias, e uma pequena sala de troféus com quatro cabeças; três delas eram antigas e secas, com a pele esticada como couro, as feições quase animais. A quarta, Gwen afirmou, era um filho da lesma vinhonegrino, recém-caçado, pela aparência. Dirk tocou o couro que cobria alguns móveis com suspeita, mas Gwen sacudiu a cabeça negativamente.

Outro aposento, ali perto, estava cheio de miniaturas: banshees e matilhas de lobos, soldados lutando com espadas e facas, homens enfrentando monstros grotescos em estranhos combates. Todas as cenas eram detalhadamente representadas em ferro, cobre e bronze.

- Trabalho de Roseph - Gwen disse com indiferença quando Dirk parou e pegou uma das figuras para examinar mais de perto. Ela fez sinal para que

seguissem em frente.

O teyn de Roseph estivera comendo. Encontraram seu cadáver na sala de jantar. Sua refeição - um grosso ensopado de carne e vegetais em um caldo sanguinolento e pedaços de pão preto ao lado - estava fria e consumida só pela metade. Uma caneca de estanho cheia de cerveja escura repousava ao lado na comprida mesa de madeira. O corpo do kavalariano estava a quase um metro de distância, ainda na cadeira. Mas a cadeira estava tombada para trás, e havia uma mancha escura na parede atrás dela. O homem não tinha mais rosto.

Gwen parou sobre ele, franzindo o cenho, o rifle pendurado casualmente embaixo de um braço, apontando para o chão. Pegou a cerveja e tomou um gole antes de passar a caneca para Dirk. A bebida estava tépida e rançosa, há tempos sem espuma.

- Lorimaar e Saanel? - Gwen perguntou quando estavam novamente do lado de fora, sob as colunas de ferro.

- Duvido que já tenham retornado da floresta - Vikary comentou. - Talvez Bretan Braith esteja em algum lugar de Larteyn esperando por eles. Sem dúvida, viu Roseph e Chaalyn chegando ontem. Talvez esteja à espreita aqui por perto, esperando apanhar seu inimigos um a um, conforme retornam para a cidade. Mas acho que não.

- Por quê? - quis saber Dirk.

- Lembre-se, t'Larien, nós chegamos ao amanhecer, e em um carro sem blindagem. Ele não nos atacou. Ou estava dormindo, ou não está mais por aqui.

- Onde você acha que ele está?

- No bosque, caçando os caçadores - Vikary respondeu. - Apenas dois Larteyns permanecem vivos para encará-lo, mas Bretan Braith não tem como saber isso. Até onde ele sabe, Pyr, Arris e até mesmo o velho Raymaar Uma-Mão estão vivos, e serão contados como inimigos. Meu palpite é que ele pretende atacá-los de surpresa, talvez temendo que, de outro modo, possam voltar à cidade em grupo e, ao descobrir seus kethi assassinados, se dar conta de suas intenções.

- Então devíamos fugir, sim, antes que ele volte - afirmou Arkin Ruark. - Ir

para algum lugar seguro, longe dessa loucura kavalariana. Décimo-Segundo Sonho, sim! Para Décimo-Segundo Sonho! Ou para Musquel, ou Desafio, qualquer lugar. Chegará uma nave em breve, e então estaremos a salvo. O que me dizem?

- Digo que não - Dirk discordou. - Bretan nos encontrará. Lembra da maneira quase sobrenatural que encontrou Gwen e eu em Desafio? - olhou fixo para o kimdissiano, que empalideceu visivelmente.

- Ficaremos em Larteyn - Vikary decidiu com firmeza. - Bretan Braith Lantry é um único homem. Somos quatro, e três de nós, armados. Se ficarmos juntos, estaremos a salvo. Montaremos guarda. Estaremos prontos.

Gwen assentiu, tomando Jaan pelo braço.

- Concordo - disse. - Bretan pode não sobreviver a Lorimaar.

- Não - o kavalariano discordou. - Não, Gwen. Acho que está errada. Bretan Braith sobreviverá a Lorimaar. Disso tenho certeza.

Por insistência de Vikary, fizeram uma busca pela grande garagem subterrânea antes de deixar os arredores da residência de Roseph. Sua aposta valeu a pena. Com seu próprio aeromóvel roubado em Desafio, e logo depois destruído, Roseph e seu teyn haviam tomado emprestado o veículo de Pyr para retornar da floresta; o carro estava estacionado ali embaixo. Jaan o pegou. Não chegava nem perto da maciça relíquia de guerra verde-oliva de Janacek, mas ainda era muito mais formidável do que o carrinho de Ruark.

Depois buscaram abrigo. Ao longo das muralhas da cidade de Larteyn, sobre a empinada parede rochosa que descia até a distante Comuna, havia uma série de torres de vigilância com postos de guarda na parte de cima e alojamentos na parte de baixo, dentro das próprias muralhas. As torres, cada uma com uma grande gárgula de pedra empoleirada no topo, eram estritamente ornamentais, um adorno que dava um ar de autenticidade à cidade kavalariana do Festival. Mas eram facilmente defensáveis e davam uma excelente visão de Larteyn. Gwen escolheu uma aleatoriamente e foram para lá, passando antes no antigo apartamento em busca de objetos pessoais, comida e da documentação quase esquecida (pelo menos por

Dirk) sobre as pesquisas ecológicas que ela e Ruark conduziram nos bosques de Worlorn. Uma vez em segurança, se dispuseram a esperar.

Dirk percebeu mais tarde que aquilo foi a pior coisa que podiam ter feito. Sob a pressão da inatividade, todas as fissuras começaram a aparecer.

Organizaram um sistema de turnos, de modo que duas pessoas estavam sempre de guarda na torre, armadas com lasers e com os binóculos de campo de Gwen. Larteyn estava cinzenta, vazia e desolada. Havia pouco para os observadores fazerem, exceto estudar o lento fluir das luzes nas ruas de pedrardente, e conversar. Em geral, conversavam.

Arkin Ruark compartilhava os turnos de guarda com os outros, e aceitara o rifle laser que Vikary lhe empurrara, ainda que com certa relutância. Mais de uma vez argumentou que a violência o repugnava, que nunca poderia disparar o laser, não importava a circunstância. Mas concordou em ficar com a arma, sob o pedido de Jaan Vikary. Suas relações com todos mudara radicalmente. Permanecia perto de Jaan o mais que podia, reconhecendo que o kavalariano era seu real protetor agora. Era cordial com Gwen. Ela lhe pedira perdão pelo que acontecera em Kryne Lamiya, afirmando que o medo e a dor a levaram temporariamente à paranóia. Mas não era mais a "doce Gwen" para Ruark; a cada dia a amargura entre eles vinha mais à tona. Em relação a Dirk, o kimdissiano mantinha uma atitude inquieta e suspeita, alternadamente afogando-o em companheirismo e depois recuando à normalidade quando ficava claro que Dirk se mostrava reticente. Os comentários de Ruark durante a primeira guarda que fizeram juntos indicaram para Dirk que o ecologista esperava desesperadamente pela nave da Orla, Teric neDahlir, que chegaria na semana seguinte. Parecia não querer outra coisa além de permanecer em segurança e escondido e fugir do planeta assim que possível.

Gwen Delvano esperava por algo completamente diferente, Dirk pensou. Enquanto Ruark perscrutava o horizonte com apreensão, Gwen estava tensa de tanta ansiedade. Ele se lembrava das palavras que ela havia dito quando conversaram nas sombras da Kryne Lamiya destruída pelo fogo. "É hora de nós nos tornarmos os caçadores", afirmara. Ainda pretendia isso. Quando ela e Dirk partilhavam a vigia, Gwen fazia todo o trabalho.

Sentava-se ao lado da estreita janela do posto de vigilância com uma paciência quase infinita, os binóculos pendurados entre os seios, os braços descansando no peitoril, jade-e-prata perto de ferro vazio. Conversava com Dirk sem olhar para ele; toda sua atenção estava direcionada para o lado de fora. Exceto quando tinha de ir ao banheiro, Gwen se recusava a sair da janela. De tempos em tempos, pegava os binóculos e estudava algum edifício distante onde vislumbrara movimento, e com menos frequência pedia uma escova para Dirk e começava a alisar o longo cabelo negro, que estava constantemente emaranhado pelo vento.

- Espero que Jaan esteja errado - disse certa vez, enquanto escovava o cabelo. - Eu prefiro encarar Lorimaar e seu teyn, em vez de Bretan.

Dirk murmurou alguma coisa concordando, pois Lorimaar, muito mais velho e ferido, seria bem menos perigoso do que o duelista de um olho que o caçava. Mas quando disse isso, Gwen apenas abaixou a escova e o encarou com curiosidade.

- Não - ela falou. - Não, não é por isso, em absoluto.

Mas o mais afetado pela espera era Jaantony Riv Lobo Alto-Jadeferro Vikary. Enquanto estivera em ação e a situação exigia dele, permanecera o velho Jaan Vikary - forte, decidido, um líder. No ócio, era um homem diferente. Não tinha função a cumprir; em vez disso, tinha tempo ilimitado para cismar. Isso não era bom. Embora Garse Janacek fosse mencionado raramente naqueles dias, era claro que Jaan era assombrado pelo espectro de seu teyn de barba ruiva, pois estava sempre sério, e começou a cair em silêncios obstinados que podiam durar por horas.

No princípio, Jaan havia insistido para que todos permanecessem do lado de dentro da torre o tempo todo; depois, ele mesmo começara a dar longas caminhadas ao amanhecer e ao pôr do sol, quando não estava de vigia. Durante suas horas na torre de vigilância, a maior parte de suas conversas era preenchida com divagações de sua infância na fortaleza do grupo Jadeferro e relatos históricos de heróis martirizados, como Vikor Alto-Açorrubro e Aryn Alto-Pedrardente. Nunca falava sobre o futuro, e apenas raramente sobre as circunstâncias presentes. Observando-o, Dirk quase podia entrever o tumulto interior do homem. Em questão de dias, Jaan

Vikary perdera tudo: seu teyn, seu planeta natal e seu povo, até mesmo o código pelo qual vivera. Estava lutando contra tudo isso - já adotara Gwen como teyn, aceitando-a com uma dependência plena que nunca demonstrara antes em relação a ela ou mesmo a Garse. Parecia a Dirk que Jaan estava tentando manter seu código, agarrando-se desesperadamente a qualquer parte da honra kavalariana que lhe fora deixada. Era Gwen, não Jaan, quem falava de caçar os caçadores, de animais matando uns aos outros depois que todos os códigos haviam se perdido. Parecia falar por seu teyn e por si mesma, mas Dirk não achava que isso fosse compartilhado por Vikary, que quando falava das lutas iminentes, sempre deixava implícito que duelaria com Bretan Braith. Em suas longas caminhadas pela cidade levava tanto o rifle quanto a pistola.

- Se encontrar Bretan, preciso estar pronto - tinha dito e, como um autômato, praticava diariamente, em geral à vista da torre, preparando-se para cada um dos modos de duelo kavalariano. Um dia, praticava o quadrado da morte e o tiro de dez passos, acertando antagonistas imaginários. No dia seguinte era estilo livre e andar na linha, e então tiro único e quadrado da morte novamente. Os que estavam de guarda davam cobertura para ele, e rezavam para que nenhum inimigo visse os insistentes pulsos de luz. Dirk tinha medo. Jaan era a força do grupo, e estava perdido nessa ilusão marcial, na presunção de que Bretan Braith retornaria e lhe garantiria a cortesia do código, apesar de tudo. Mesmo com toda a destreza de Vikary em duelos, apesar de seu ritual diário de treino, parecia para Dirk cada vez mais improvável que o Jadeferro pudesse triunfar sobre Bretan no combate singular.

Até mesmo o sono de Dirk era atormentado por pesadelos recorrentes do rosto desforme do Braith: Bretan, com sua voz estranha, o olho brilhante e seu tique grotesco; Bretan delgado, de rosto suave e inocente; Bretan, o destruidor de cidades. Dirk despertava desses sonhos suado e exausto, enrascado nas roupas de cama, lembrando-se dos gritos de Gwen, lamentos ásperos e agudos como as torres de Kryne Lamiya, e do jeito que Bretan olhava para ele. Para banir essas visões, contava apenas com Jaan, e Jaan era vítima de um exausto fatalismo, ainda que conservasse uma certa força.

Era a morte de Janacek, Dirk disse para si mesmo - e, mais do que isso, as circunstâncias da morte. Se Garse tivesse morrido de maneira mais normal, Vikary seria um vingador mais feroz, mais implacável e mais invencível do que Myrik e Bretan combinados. Mas, pelo contrário, Jaan estava convencido de que seu teyn o traíra, que o caçara como a um animal ou um quase- -homem, e a convicção o estava destruindo. Mais do que uma vez, sentado com o Jadeferro na pequena sala de vigia, Dirk sentiu vontade de lhe dizer a verdade, de pular sobre ele e gritar: Não, não! Garse era inocente, Garse amava você, Garse teria morrido por você! Ainda assim, não disse nada. Se Vikary estava morrendo daquela maneira, consumido por sua melancolia, pelo sentimento de traição e pela perda definitiva da fé, dizer a verdade o teria matado imediatamente.

Então os dias passavam e as fissuras aumentavam, e Dirk observava seus três companheiros com apreensão crescente. Enquanto Ruark esperava a fuga; Gwen, a vingança; e Jaan Vikary, a morte.

Capítulo 15

No primeiro dia de vigília, choveu quase a tarde toda. As nuvens se apinharam à leste durante toda a manhã, ficando cada vez mais espessas e mais ameaçadoras, obscurecendo o Satã Gordo e seus filhos, de modo que o dia estava mais lúgubre do que o usual. Perto do meio-dia, a tempestade começou. O ruído era ensurdecedor. Os ventos sopravam do lado de fora tão alto que a torre de vigilância parecia sacudir, e rios de água marrom corriam selvagememente pelas ruas de pedrardente. Quando os sóis finalmente apareceram - um pouco antes do entardecer -, Larteyn brilhou, suas muralhas e construções resplandecendo úmidas pareciam mais limpas do que Dirk jamais vira. A Fortaleza de Fogo aparentava estar quase esperançosa. Mas esse foi o primeiro dia de vigília.

No segundo dia, as coisas voltaram ao normal. O Olho do Inferno percorreu o lento caminho vermelho pelo céu, Larteyn brilhou pálida e negra, e o vento trouxe de volta a poeira da Comuna que a chuva do dia anterior havia lavado. No crepúsculo da tarde, Dirk viu um aeromóvel. O veículo se materializou sobre as montanhas, um ponto negro, e sobrevoou a Comuna antes de começar a descer. Dirk observou cuidadosamente, pelos binóculos, os cotovelos repousando no parapeito de pedra da estreita janela. Não era nenhum carro que conhecesse - uma coisa morta e negra, um pequeno morcego estilizado com amplas asas e enormes faróis que faziam as vezes de olhos. Vikary partilhava a guarda com ele. Dirk o chamou, e Jaan olhou com desinteresse.

- Sim, conheço esse veículo - Jaan afirmou. - Não nos interessa, t'Larien, são apenas os caçadores do grupo Shanagate. Gwen informou tê-los visto partir esta manhã.

O aeromóvel desaparecera, então, perdido entre os edifícios de Larteyn, e Vikary voltou para seu assento, deixando Dirk com suas reflexões.

Nos dias que se seguiram, viu os Shanagates várias vezes, e nunca deixaram

de parecer irreais. Era estranho pensar que iam e vinham, intocados por tudo o que acontecera, vivendo sua vida como se Larteyn ainda fosse a pacífica cidade moribunda que aparentava, como se ninguém tivesse perecido ali. Estavam tão perto de tudo aquilo e, ainda assim, tão distantes e não envolvidos; Dirk podia imaginá-los retornando ao seu grupo em Alto Kavalaan e contando quão monótona e aborrecida era a vida em Worlorn. Para eles, nada mudara; Kryne Lamiya ainda cantava seu fúnebre lamento, e Desafio era um local fervilhante de vida e promessas. Ele os invejava.

No terceiro dia, Dirk despertou de um pesadelo particularmente virulento, no qual estava lutando sozinho contra Bretan, e foi incapaz de voltar a dormir depois disso. Gwen, descansando da guarda, andava de um lado para o outro na cozinha. Dirk serviu-se de uma caneca da cerveja dela e escutou-a por um momento.

- Eles deviam estar aqui - ela ficava reclamando. - Não posso acreditar que ainda estejam procurando por Jaan. Certamente já devem ter percebido o que aconteceu! Por que não estão aqui?

Dirk apenas deu de ombros e disse que desejava que nunca aparecessem; o Teric neDahlir não demoraria a chegar. Quando falou isso, ela se virou para ele com raiva:

- Não me importa! - rebateu; e então, envergonhada, corou, se aproximou da mesa e sentou. Sob uma larga tiara verde, seus olhos estavam fundos. Segurou a mão dele e lhe contou, hesitante, que Vikary não a tocara desde a morte de Janacek. Dirk disse que as coisas melhorariam quando a nave espacial viesse e estivessem longe de Worlorn. Gwen sorriu e concordou com ele, e depois de um tempo começou a chorar. Quando finalmente o deixou, Dirk foi em busca da jóia-sussurrante e a apertou com força na mão, lembrando.

No quarto dia, enquanto Vikary estava fora em uma de suas perigosas caminhadas matinais, Gwen e Arkin Ruark brigaram durante a guarda, e ela bateu com a culatra do rifle no rosto dele, que só recentemente começara a desinchar com compressas de gelo e unguentos. Ruark desceu da sala de vigilância resmungando que ela estava louca novamente, que tentara matá-lo. Dirk, despertado de um profundo sono, estava de pé na

sala comum, e o kimdissiano parou, petrificado, ao vê-lo. Nenhum dos dois disse nada, mas depois desse episódio Ruark perdeu peso rapidamente, e Dirk tinha certeza de que Arkin sabia o que, até o momento, só havia suspeitado.

Na manhã do sexto dia, Ruark e Dirk compartilhavam a guarda em silêncio, quando o kimdissiano, em um acesso de fúria, repentinamente disparou o laser pela sala.

- Coisas imundas! - exclamou. - Braiths, Jadeferros, não me importa... animais kavalarianos é o que são, sim. E você, um homem fino de Ávalon, é? Ha! Você não é melhor do que eles, de jeito nenhum, olhe para você. Eu devia ter deixado você morrer, matar ou ser morto, como você queria. Isso o teria feito feliz, né? Sem dúvida, sem dúvida. Amei a doce Gwen e fiz de você um amigo, e onde está a gratidão, onde, onde? - suas bochechas gordas estavam ocas e fundas; seus olhos claros se moviam incessantemente.

Dirk o ignorou, e Ruark logo ficou em silêncio. Mas, mais tarde, naquela mesma manhã, depois de pegar seu laser e ficar sentado por horas encarando a parede, o kimdissiano se virou para Dirk novamente.

- Eu fui amante dela também, você sabe - ele disse. - Ela não lhe contou isso, eu sei, eu sei, mas é a verdade, a completa verdade. Em Ávalon, muito antes de ela conhecer Jaantony e aceitar o maldito jade-e-prata, na noite em que você mandou a joia - sussurrante. Ela estava tão bêbada, sabe... Conversamos e conversamos, e ela bebeu; mais tarde me levou para a cama, e no dia seguinte nem se lembrava, acredita? Nem se lembrava. Mas não importa, é a verdade, fui amante dela também - estremeceu. - Nunca contei para ela, t'Larien, ou tentei reviver o episódio. Não sou tão tolo quanto você, sei o que sou e que foi só uma coisa do momento. Mesmo assim aconteceu, e eu ensinei muito para ela, e era amigo dela, e sou muito bom no que faço, sim, eu sou. - Parou, respirou profundamente e, silenciosamente, deixou a torre, ainda que faltasse mais de uma hora para que Gwen o substituísse.

Quando ela finalmente apareceu, a primeira coisa que fez foi perguntar para Dirk o que dissera para Arkin.

- Nada - ele replicou, sinceramente. Depois lhe perguntou por que, e ela lhe disse que Ruark a despertara, chorando, e lhe dissera várias vezes que não importava o que acontecesse, que ela devia ter certeza de que o trabalho deles seria publicado e que o nome dele devia aparecer, não importava o que ele fizera, o nome dele devia aparecer também. Dirk assentiu, deu os binóculos e o posto na janela para Gwen, e logo estavam falando de outras coisas.

No sétimo dia, Dirk e Jaan Vikary compartilharam o turno da noite. A cidade kavalariana refulgia opaca, as avenidas de pedrardente pareciam lâminas de cristal negro sob as quais chamas vermelhas queimavam tênues. Perto da meia-noite, uma luz apareceu sobre as montanhas. Dirk a estudou, enquanto voava em direção à cidade.

- Não sei - disse, olhando pelos binóculos. - Está escuro, é difícil dizer. Acho que consigo ver uma vaga forma abobadada - abaixou as lentes. - Lorimaar?

Vikary se aproximou. O aeromóvel se aproximou. Deslizava em silêncio sobre a cidade, e a silhueta era nítida.

- É o carro dele - confirmou Jaan.

Observaram o veículo sobrevoar a Comuna e logo virar novamente na direção da parede rochosa, e para a entrada da garagem subterrânea. Vikary olhava, pensativo.

- Nunca teria acreditado nisso - afirmou.

Desceram para despertar os demais.

O homem emergiu da escuridão dos elevadores subterrâneos para dar de cara com dois lasers. Gwen apontava a pistola para ele quase casualmente. Dirk, armado com um dos rifles de caça, mirara nas portas dos elevadores e agora apertava a arma contra o rosto, pronto para atirar. Apenas Jaan Vikary não tinha arma apontada; segurava seu rifle entre os dedos, e a pistola estava no coldre.

As portas dos elevadores se fecharam atrás dele, e o homem ficou rígido, compreensivelmente assustado. Não era Lorimaar. Não era ninguém que Dirk conhecesse. Abaixou o rifle.

Os olhos do homem passaram por um deles de cada vez, e finalmente

pararam em Vikary.

- Alto-Jadeferro - disse, em voz baixa. - Por que me aborda?

Era um homem de estatura mediana, com cara de cavalo e barbudo, longos cabelos loiros e magricelo. Estava vestido com tecido-camaleão que naquele momento era vermelho- -acinzentado, corado e febril como os blocos de pedrardente do pavimento.

Vikary estendeu o braço e empurrou gentilmente a pistola de Gwen para o lado. O ato pareceu despertá-la. Ela franziu o cenho e guardou a arma.

- Estávamos esperando Lorimaar Alto-Braith - ela explicou.

- É verdade - Vikary afirmou. - Não quisemos insultá-lo, Shanagate. Honra ao seu grupo, honra ao seu teyn.

O homem com cara de cavalo assentiu e pareceu aliviado.

- E aos seus, Alto-Jadeferro - respondeu -, nenhum insulto foi cometido - coçou nervosamente o nariz.

- Você voa em propriedade Braith, não é?

Ele assentiu.

- É verdade, é nosso por direito de pilhagem. Meu teyn e eu o encontramos na floresta, enquanto perseguíamos um cornoferro em voo. A criatura parou para beber, e lá estava o carro, abandonado ao lado do lago.

- Abandonado? Tem certeza disso?

O homem gargalhou.

- Conheço Lorimaar Alto-Braith e o gordo Saanel bem demais, e não correria o risco de iniciar um alto agravo por uma coisa dessas. Não, encontramos os corpos deles também. Algum inimigo ficou esperando por eles no acampamento, acreditamos que dentro do aeromóvel, e quando retornaram da caçada... - gesticulou. - Não pegarão mais cabeças, seja de quase-homens ou não.

- Mortos? - Gwen tinha a boca apertada.

- Completamente mortos, há vários dias - o kavalariano respondeu. - Carniceiros haviam atacado os cadáveres, é claro, mas ainda havia o suficiente para determinar quem eram. Encontramos outro aeromóvel nas proximidades, no próprio lago, na verdade, abatido e inútil, e também marcas na areia que indicavam que outros veículos estiveram por lá e

partiram. O aeromóvel de Lorimaar ainda estava funcionando, embora estivesse cheio de cães Braiths mortos. Nós o limpamos e o reivindicamos. Meu teyn está vindo logo atrás, com nosso próprio carro - Vikary assentiu. - Esses são eventos bastante incomuns - o homem prosseguiu. Examinava os três astutamente, com indisfarçado interesse. Seu olhar permaneceu por um tempo desconfortavelmente longo em Dirk, e então no bracelete de ferro negro de Gwen, mas não fez comentários. - Poucos Braiths são vistos ultimamente, menos do que o normal, e agora encontramos dois deles assassinados.

- Se procurar um pouco, encontrará outros - Gwen comentou.

- Estão começando um novo grupo - Dirk acrescentou - no inferno.

Quando o homem se foi, os três voltaram lentamente para a torre de vigilância. Ninguém falou nada. Longas sombras estendiam-se a partir de seus pés e os seguiam pelas ruas escuras e carmesins. Gwen caminhava como se estivesse exausta. Vikary estava quase exultante; carregava seu rifle com cuidado, pronto para empunhar e atirar se Bretan Braith repentinamente cruzasse seu caminho, e seus olhos examinavam cada beco e canto escuro pelos quais passavam.

De volta à claridade da sala comum, Gwen e Dirk se largaram no chão, enquanto Jaan permaneceu um momento parado na porta, o rosto pensativo. Então deixou as armas de lado e abriu uma garrafa de vinho, o mesmo licor envelhecido e pungente que partilhara com Garse e Dirk na noite anterior ao duelo que nunca aconteceu. Serviu três taças e as distribuiu.

- Bebamos - disse, erguendo sua taça em um brinde. - O círculo se fecha. Agora só sobra Bretan Braith. Logo ele estará com seu Chell, ou eu estarei com Garse, e em ambos os casos teremos paz - bebeu rapidamente. Os outros deram um gole. - Ruark devia beber conosco - Vikary anunciou abruptamente, enquanto enchia sua taça novamente.

O kimdissiano não os acompanhara em seu encontro noturno. Mas sua relutância não parecia ser causada pelo medo; pelo menos Dirk não achou isso no momento. Jaan o despertara e Ruark estava vestido com o resto deles, usando seu melhor traje de seda sintética e uma boina vermelha, mas

quando Vikary lhe estendeu um rifle, ele apenas olhara com um sorriso curioso e devolvera a arma. Então dissera:

- Tenho meu próprio código, Jaantony, e você precisa respeitar isso. Obrigado, mas acho que ficarei aqui - falara com dignidade serena; sob os cabelos loiro-platinados, seus olhos pareciam quase alegres. Jaan lhe dissera, então, que continuasse vigiando da torre, e Ruark consentiu.

- Arkin odeia vinho kavalariano - Gwen disse, cansada, diante da sugestão de Jaan.

- Isso não importa - Jaan respondeu. - Isso é um laço entre kethi, não uma festa. Ele deveria beber conosco - deixou a taça de lado e subiu a escada para a torre com entusiasmo.

Quando voltou um pouco mais tarde, o entusiasmo se fora. Desceu o último metro de uma só vez, e ficou olhando para Gwen e Dirk.

- Ruark não beberá conosco - declarou. - Ele se enforcou.

Naquele amanhecer, o oitavo da vigília deles, foi Dirk quem saiu para caminhar.

Não percorreu as ruas de Larteyn. Em vez disso, andou pelas muralhas da cidade. Tinham três metros de largura e eram de pedra negra revestidas por grossas placas de pedrardente, então não havia perigo de cair. Como Gwen levara Jaan para a cama depois de cortar a corda que prendia o corpo de Ruark, Dirk estava sozinho de guarda, contemplando as muralhas com o laser inutilmente nas mãos e os binóculos pendurados no pescoço, quando o primeiro dos sóis amarelos apareceu e os fogos da noite começaram a se apagar. A necessidade de sair caíra sobre ele repentinamente. Sabia que Bretan Braith não voltaria à cidade; a guarda era uma formalidade agora. Deixou o rifle apoiado contra a parede, perto da janela, vestiu algo mais quente e saiu.

Caminhou um longo trecho. Outras torres de vigilância muito parecidas com a que ocupavam se erguiam em intervalos regulares. Passou por seis delas e estimou a distância entre uma torre e outra como sendo de aproximadamente trezentos metros. Cada torre tinha sua gárgula, e nenhuma delas era igual à outra, percebeu. Agora, depois de tudo o que acontecera, repentinamente os reconheceu. Essas gárgulas não eram

tradicionais, como aquelas feitas na Antiga Terra; eram os demônios do mito kavalariano, versões grotescamente míticas dos dactiloides, dos Hruun e dos sugadores de almas githyanki. Todos reais, em certo sentido. Em algum lugar entre as estrelas, cada uma daquelas raças ainda vivia.

As estrelas. Dirk parou para olhar o céu. O Olho do Inferno começara a se erguer no horizonte; a maioria das estrelas já se fora. Viu apenas uma, muito fraca, um pequeno ponto vermelho emoldurado por tufo de nuvens cinzentas. Observou-a desaparecer. A estrela de Alto Kavalaan, pensou. Garse Janacek a mostrara para ele, uma guia durante sua fuga.

Havia poucas estrelas neste mundo, de qualquer modo. Esses não eram lugares para os homens viverem, esses mundos como Worlorn, Alto Kavalaan, Escuralba... esses mundos exteriores. O Grande Mar Negro estava perto demais, e o Véu do Tentador ocultava a maior parte da galáxia, e os céus eram tristes e vazios. Um céu tinha que ter estrelas.

Um homem tinha que ter um código também. Um amigo, um teyn, uma causa - algo além de si mesmo.

Dirk caminhou para a borda externa da muralha e ficou olhando para baixo. Era uma longa, longa queda. Da primeira vez que voara sobre a muralha, em um aeropatinete, perdera o equilíbrio só de olhar para ela. As muralhas desciam por um trecho, e embaixo delas o penhasco descia eternamente. Muito ao longe, um rio corria entre a relva e a neblina matinal.

Ficou parado com as mãos nos bolsos, os ventos soprando no cabelo, bagunçando-o um pouco. Ficou parado, olhando. Então pegou a jóia-sussurrante. Esfregou-a entre o polegar e o indicador, como se fosse um amuleto da sorte. Jenny, pensou. Para onde ela se fora? Nem mesmo a joia podia trazê-la de volta.

Passos soaram nas proximidades, e então uma voz.

- Honra ao seu grupo, honra ao seu teyn.

Dirk se virou, com a joia-sussurrante ainda na mão. Um velho estava parado perto dele. Mais alto do que Jaan e tão velho quanto o pobre falecido Chell. Era maciço e leonino, com uma grande cabeleira selvagem, branca como a neve, que se misturava a uma barba igualmente

emaranhada, formando uma magnífica juba. Mesmo assim, seu rosto era cansado e fraco, como se tivesse séculos. Apenas seus olhos se sobressaíam, olhos incrivelmente azuis, como os de Garse Janacek, ardendo gelidamente sob grossas sobancelhas.

- Não tenho grupo - Dirk respondeu - e não tenho teyn.

- Sinto muito - o homem falou. - Você vem de outros mundos?

Dirk assentiu.

O velho riu.

- Bem, está assombrando a cidade errada, fantasma.

- Fantasma?

- Um fantasma do Festival - o velho explicou. - O que mais poderia ser? Estamos em Worlorn, e todos os vivos foram para casa - vestia uma capa de lã negra com imensos bolsos, sobre um traje azul-claro. Um pesado medalhão de inox pendia sob sua barba, preso por uma longa corrente de couro. Quando tirou as mãos dos bolsos da capa, Dirk viu que não tinha um dos dedos. Não usava braceletes.

- Você não tem teyn - Dirk comentou.

O velho bufou.

- E claro que tive um teyn, fantasma. Eu era um poeta, não um sacerdote. Que tipo de pergunta é essa? Cuidado. Posso tomar como insulto.

- Você não usa ferro-e-fogo - Dirk assinalou.

- Verdade, mas que importa? Fantasmas não precisam de jóias. Meu teyn está morto há trinta anos, assombrando alguma fortaleza em Açorrubro, imagino, e eu estou aqui assombrando Worlorn. Bem, apenas Larteyn, verdade seja dita. Assombrar um planeta inteiro seria muito exaustivo.

- Oh - Dirk sorriu. - Então você é um fantasma também?

- Bem, sim - o velho respondeu. - Aqui estou, falando com você na falta de uma boa corrente para arrastar. O que você acha que sou?

- Acho - falou Dirk -, acho que você pode ser Kirak Açorrubro Cavis.

- Kirak Açorrubro Cavis - o velho repetiu de modo rude e monótono. - Eu o conheço. Esse sim é um fantasma. Seu destino é assombrar o cadáver da poesia kavalariana. Passa a noite gemendo e recitando versos dos lamentos de Jamis-Leão Taal e alguns dos melhores sonetos de Erik Alto-Jadeferro

Devlin. Durante a lua cheia, entoava cânticos das batalhas Braith e, algumas vezes, o hino fúnebre dos antigos canibais das Moradas do Carvão Profundo. Um fantasma, na verdade, e um muito patético. Quando realmente quer atormentar suas vítimas, recita alguns de seus próprios versos. Eu lhe asseguro que assim que ouvir Kirak Açorrubro recitar, você rezará por correntes arrastando.

- Verdade? - Dirk perguntou. - Não entendo por que ser um poeta é algo tão fantasmagórico.

- Kirak Açorrubro escreve poesias em antigo kavalariano - o homem disse franzindo o cenho. - E isso é o suficiente. É uma língua morta. Então, quem vai ler o que ele escreve? Em seu próprio grupo, os homens crescem falando apenas a língua-padrão. Talvez traduzam sua poesia, mas dificilmente valerá o esforço, você sabe. Na tradução, a rima se perde, e a métrica manca como um quase-homem com dor nas costas. Nada fica bom em uma tradução, nem um pouco. As sonoras cadências de Galen Pedrardente, os doces hinos de Laaris-Cego Alto-Kenn, todos aqueles tristes pequenos Shanagates exaltando o ferro-e-fogo, mesmo as canções das eyn-kethi, que dificilmente podem ser consideradas poesia. Tudo morto, cada pedaço, sobrevivendo apenas em Kirak Açorrubro. Sim, o homem é um fantasma. Por que ele veio para Worlorn? Este é um mundo de fantasmas - o velho alisou a barba enquanto observava Dirk. - Você é o fantasma de algum turista, eu diria. Sem dúvida se perdeu enquanto procurava um banheiro, e está vagando desde a época do Festival.

- Não - Dirk respondeu. - Não. Eu estava procurando por outra coisa - sorriu e mostrou a jóia-sussurrante.

O velho estudou a pedra, apertando os duros olhos azuis, enquanto o vento agitava sua capa.

- O que quer que seja, provavelmente está morto - concluiu.

Muito abaixo deles, perto do rio que corria cintilante pela Comuna, veio um som: o fraco e distante grito do banshee. Dirk virou a cabeça para ver de onde vinha o som. Não havia nada, nada. Apenas os dois homens parados na muralha, o vento soprando com força, e o Olho do Inferno alto no céu crepuscular. Nenhum banshee. O tempo dos banshees passara em

Worlorn. Estavam todos extintos.

- Morto? - Dirk perguntou.

- Worlorn está cheio de coisas mortas - o velho comentou pessoas procurando por coisas mortas e fantasmas - murmurou algo em antigo kavalariano, algo que Dirk não compreendeu, e começou a se afastar lentamente.

Dirk o observou partir. Olhou de relance para o horizonte distante, obscurecido por um banco de nuvens azul-acinzentadas. Em algum lugar naquela direção estava o porto espacial, e - tinha certeza disso - Bretan Braith.

- Ah, Jenny - falou, conversando com a joia-sussurrante; atirou-a ao ar, como um menino joga uma pedra. A joia voou um pouco e logo começou a cair.

Pensou por um instante em Gwen e Jaan, e por vários instantes em Garse. Voltou-se para o velho e o chamou, gritando:

- Fantasma! Espere. Preciso de um favor, de um fantasma para outro!

O velho parou.

Epílogo

Era um local plano e gramado no centro da Comuna, não muito distante do porto espacial. Antigamente, nos dias do Festival, jogos eram disputados ali, e atletas de onze dos catorze mundos exteriores competiam por coroas de ferro cristalino.

Dirk e Kirak Açorrubro chegaram muito antes da hora combinada e ficaram esperando.

Quando o horário marcado se aproximou, Dirk começou a se preocupar. Mas não era necessário. O aeromóvel com cabeça de lobo apareceu no céu como previsto. Primeiro sobrevoou a área com os tubos de pulsos esfriando, a pouca altura, para se assegurar de que estavam ali. Logo em seguida aterrissou.

Bretan Braith caminhou na direção deles pisando na grama morta, as botas negras esmagando um punhado de flores murchas. A tarde caía. Seus olhos começavam a brilhar.

- Me falaram a verdade, então - Bretan disse para Dirk, com um toque de assombro na voz áspera, a mesma voz que Dirk ouvira tantas vezes em seus pesadelos, uma voz várias oitavas abaixo e muito tortuosa para alguém tão esbelto e delgado quanto Bretan. - Você está realmente aqui - o Braith ficou a vários metros de distância, olhando para eles, infinitamente puro, vestido em um traje de duelo branco com uma máscara de lobo púrpura bordada embaixo do coração. Seu cinturão negro levava duas armas: um laser do lado esquerdo e uma enorme pistola automática de metal azul-acinzentado do lado direito. Seu bracelete de ferro estava sem as pedrardentes. - Não acreditei que o velho Açorrubro dissesse a verdade - confessou. - Mesmo assim, pensei, o lugar é bem perto e não fará mal conferir. Posso retornar ao porto rapidamente se for mentira.

Kirak Açorrubro ajoelhou-se e começou a riscar um quadrado na grama.

- Você presume que eu o honrarei com um duelo - Bretan falou. - Não tenho motivo para fazer isso - moveu a mão direita, e repentinamente Dirk

estava encarando o cano da pistola automática. - Por que não o mataria? Aqui e agora?

Dirk deu de ombros.

- Mate-me se quiser - disse - mas me responda algumas questões primeiro.

Bretan o encarou sem dizer nada.

- Se eu tivesse ido até você em Desafio - Dirk prosseguiu - se tivesse ido até os porões, como você queria, você teria duelado comigo, então? Ou me matado como um quase-homem?

Bretan guardou a arma no coldre.

- Eu teria duelado com você. Em Larteyn, em Desafio, aqui... não faz diferença. Eu teria duelado com você. Eu não acredito em quase-homens, t'Larien. Nunca acreditei em quase-homens. Apenas em Chell, que usava meu laço e que, de algum modo, não se incomodava com meu rosto.

- Sim - Dirk falou. Kirak Açorrubro tinha desenhado metade do quadrado. Dirk olhou de relance para o céu e se perguntou quanto tempo tinha. - E uma outra coisa, Bretan Braith. Como sabia que devia nos procurar em Desafio, naquela cidade entre tantas outras?

Bretan deu de ombros do modo estranho que lhe era característico.

- O kimdissiano me falou, por um preço. Todos os kimdissia- nos podem ser comprados. Ele havia colocado um rastreador no casaco que deu para você. Acho que usava esses equipamentos no trabalho que fazia.

- Qual foi o preço? - Dirk perguntou. Três lados do quadrado estavam desenhados, linhas brancas na grama.

- Jurei por minha honra que não causaria danos a Gwen Del- vano, e que a protegeria contra os demais. - Os últimos raios de sol sumiam; o último sol amarelo se juntava aos outros atrás da montanha.

- Agora - Bretan prosseguiu - tenho uma pergunta para você, t'Larien. Por que veio até mim?

Dirk sorriu.

- Porque gosto de você, Bretan Braith. Você incendiou Kryne Lamiya, não foi?

- E verdade - Bretan admitiu. - Esperava queimá-lo também, e a Jaantony Alto-Jadeferro, o renegado. Ele ainda vive?

Dirk não respondeu aquela questão.

Kirak Açorrubro se levantou e limpou o giz das mãos. O quadrado estava completo. Pegou o jogo de espadas; sabres retos de aço kavalariano, com pedrardentes e jade nas empunhaduras. Bretan escolheu um e o experimentou - a arma moveu-se pelo ar com uma canção e um guincho -, então foi para trás, satisfeito, na direção de um canto do quadrado. Estava muito tranqüilo enquanto esperava; por um instante, pareceu quase sereno, uma delgada figura negra inclinando-se ligeiramente sobre a espada. Como o barqueiro, Dirk pensou, e involuntariamente olhou de relance para o carro-lobo, para ter certeza de que não tinha se transformado em uma barça. Seu coração palpitava com força.

Deixou o pensamento de lado, pegou a outra espada e retrocedeu para seu lugar. Kirak Açorrubro sorriu para ele. Será fácil, Dirk disse a si mesmo. Tentou se lembrar dos avisos que Garse Jadeferro lhe dera havia muito tempo. Receber um golpe e dar um golpe, e é tudo, disse a si mesmo. Estava muito assustado.

Bretan jogou suas pistolas no chão, fora do quadrado da morte, e moveu o sabre para frente e para trás, soltando os músculos do braço. Ainda que sete metros os separassem, Dirk podia ver as contrações em seu rosto.

Por cima do ombro direito de Bretan, uma estrela estava subindo. Azul-esbranquiçada, enorme e muito próxima, subia pelo veludo azul-escuro do céu até o zênite. E, além do zênite, Dirk pensou, para Eshellin, depois di-Emerel e para o Mundo do Oceano de Vinhonegro. Desejou-lhes sorte.

Kirak Cavis saiu do quadrado da morte e disse uma palavra em antigo kavalariano. Bretan avançou, movendo-se graciosamente e com leveza, muito branco, o olho brilhando.

Dirk sorriu do jeito que Garse teria sorrido, afastou o cabelo negro dos olhos e foi de encontro ao seu adversário. Nenhuma estrela iluminou sua lâmina quando ele a ergueu para atingir a de Bretan. O vento soprava. Estava muito frio.

Glossário

Açorrubro. Um dos quatro grupos-coalizão modernos de Alto Kavalaan. Açorrubro é considerado um dos dois grupos mais progressistas do planeta. O termo é usado também para designar qualquer membro do grupo Açorrubro.

Alto Kavalaan. Mundo humano na Orla, colonizado durante a Guerra Dupla por refugiados e mineiros de Tara. Invasões dos hranganos destruíram a maior parte da colônia original; os sobreviventes desenvolveram a moderna civilização de grupos kavalariana. A sociedade kavalariana é ao mesmo tempo regimentada e individualista; a cultura enfatiza tanto a lealdade quanto a honra pessoal. Quase em estado de barbárie quando redescobertos por mercadores em tempos mais recentes, os kavalarianos se industrializaram muito rapidamente, educaram os jovens e adquiriram a própria frota de naves estelares. Alto Kavalaan, que reivindica jurisdição legal sobre o planeta errante Worlorn, era uma das forças condutoras do Festival da Orla.

Anjos de Aço. Apelido popular para designar os membros de um poderoso e difundido movimento militar-religioso que nasceu entre os soldados do Império Federal durante a Guerra Dupla e que, desde essa época, tem persistido e crescido. Os Anjos de Aço acreditam que apenas os humanos (a semente da Terra) têm alma, que a sobrevivência da raça é o principal objetivo a ser alcançado, que a força é a única virtude verdadeira. Atualmente, a partir de sua capital em Bastião, os Anjos governam uma dúzia de planetas e têm colônias, missões e postos avançados em centenas mais. Os membros do culto se autodenominam Filhos de Bakkalon. As

exatas origens do movimento são temas de controvérsias. Os Anjos passaram por dois grandes cismas e empreenderam várias guerras, em geral contra não humanos sencientes.

Antiga Hranga. Planeta natal da raça hrangana, e um dos poucos lugares em que as Mentes Hranganas sobrevivem em número considerável.

Antiga Poseidon. Mundo humano de terceira geração colonizado na primeira época do período Federal. Um planeta de mares turbulentos e riquezas insuspeitadas, Antiga Poseidon em pouco tempo se tornou um importante centro comercial e zona estratégica. Em menos de um século, os possidônios estavam construindo as próprias naves estelares e enviando colonos a outros mundos; colonizaram mais de vinte planetas, incluindo o Mundo de Jamison.

Antiga Terra. Planeta natal da raça humana, antigamente a capital do Império Federal. Durante o interregno, e depois da revolta de boa parte de suas forças armadas, a Antiga Terra ordenou o regresso de seus destacamentos militares e se exilou do resto da humanidade. O embargo segue vigente, com apenas algumas exceções. Há muitas lendas e conjecturas sobre a vida da Antiga Terra atualmente, mas poucos fatos concretos. É também conhecida como Terra ou Lar.

Ávalon. Mundo humano dos devascados, colonizado por Nova Holme durante o primeiro século do Império Federal. Zona estratégica durante a Guerra Dupla, Ávalon nunca abandonou as viagens estelares e desempenhou um papel importante no fim do interregno, por meio de um vigoroso programa de exploração, comércio e reeducação. Depois disso, tornou-se centro de aprendizagem. A Academia de Conhecimentos Humanos e os muitos institutos a ela associados se localizam em Ávalon. O planeta é também um importante centro comercial, com a maior frota mercantil das devascadas. Naves de Ávalon freqüentemente comercializam conhecimento, tanto quanto mercadorias.

Bakkalon. Deidade adorada pelos Anjos de Aço, freqüentemente descrita

como um menino nu segurando uma espada negra; é conhecida também como o menino pálido.

Baldur. Colônia humana de primeira geração, com colonos que partiram diretamente da Terra nos primeiros anos dos voos espaciais. Região estratégica durante a Guerra Dupla, é atualmente um importante centro comercial.

Banshee. Também conhecido como banshee negro, é um predador aéreo, nativo de Alto Kavalaan.

Bastião. Mundo humano nas devascadas, ignoram-se os detalhes de sua colonização. Sabe-se que Bastião foi, antigamente, uma colônia humana, depois tomado pelos hranganos durante a Guerra Dupla. Foi retomado pelos humanos posteriormente e hoje é governado pelos Anjos de Aço, que tornaram o mundo sua capital.

Betheyn. Termo kavalariano para mulher ligada a um homem e sob sua proteção; literalmente, esposa-escrava.

Braith. Um dos quatro grupos-coalizão modernos de Alto Kavalaan, Braith é geralmente considerado o mais tradicional. O termo também é usado para designar qualquer membro do grupo Braith.

Braque. Mundo humano perto do Véu do Tentador, no limite das devascadas. Braque é primitivo e supersticioso, governado por uma casta sacerdotal que controla estritamente o desenvolvimento tecnológico.

Cidade de Haapala. Cidade do Festival construída por Tocadelobo. Recebeu o nome como homenagem a Ingo Haapala, o astrônomo lupino que descobriu que Worlorn passaria através da Roda de Fogo.

Cidade do Tanque sem Estrelas. Cidade do Festival construída em Worlorn, sob as águas de um lago artificial, pelo Mundo do Oceano

Vinhonegro.

Colapso. Período em que o Império Federal da Antiga Terra se desintegrou e ruiu. É difícil precisar a data do Colapso; a guerra tornou a comunicação entre os mundos mais caóticas do que o usual, e cada planeta experimentou o Colapso de maneira própria e em seu próprio tempo. A maioria dos historiadores cita a revolta em Thor e a destruição de Wellington como os eventos-chave da queda do Império Federal, mas assinalam que, nas colônias mais afastadas, o Império já era apenas uma ficção séculos antes disso.

Coroa do Inferno. Um dos nomes do conjunto de seis estrelas amarelas que circunda a supergigante vermelha chamada Olho do Inferno e que, junto com ela, formam a Roda de Fogo. Também conhecidas como Filhos de Satã e Sóis Troianos, as seis estrelas são praticamente idênticas e posicionam-se como os vértices de um hexágono imaginário.

Cro-betheyn. Termo kavalariano para o laço da betheyn com o teyn do alto-senhor; literalmente, esposa-escrava partilhada.

Cubo. Ver Satã Gordo.

Dactiloides. Termo humano para designar uma raça-escrava hrangana empregada como tropa de choque durante a Guerra Dupla. O nome provém de uma vaga semelhança com os pterodátiles da pré-história da Antiga Terra. Os dactiloides eram selvagens, mas dotados de pouca inteligência e apenas semi-sencientes.

Daronne. Mundo humano nas devascadas, perto do Véu do Tentador. Colonizado pelo menos três vezes por alienígenas e duas vezes por humanos, Daronne é uma colcha de retalhos de culturas esotéricas.

Décimo-Segundo Sonho. Cidade do Festival construída em Worlorn por Kimdiss. Décimo-Segundo Sonho era considerada, pelos visitantes mais

sofisticados, a mais estética das catorze cidades erigidas para o Festival da Orla. Seu nome vem da religião kimdissiana: o universo, e tudo o que nele existe, foi criado pelo Sonhador, cujo décimo-segundo sonho era a Beleza Insuperada.

Desafio. Cidade do Festival construída em Worlorn por di-Emerel. Desafio é uma arcologia automática e autossuficiente, operada por computador.

Devascadas. Gíria lupina, agora comum entre os mundos exteriores, para indicar a área espacial entre a Orla e os mundos altamente civilizados da Antiga Terra. O Império Hrangano ocupou um grande pedaço do que agora é conhecido como devascadas. A região foi palco dos episódios mais terríveis da Guerra Dupla, deixando muitos planetas arruinados e muitas civilizações "devastadas", de onde derivou o termo. Notáveis mundos humanos estão nas devascadas, incluindo Ávalon, Bastião, Prometeus e o Mundo de Jamison.

di. Depois do Interregno.

di-Emerel. Mundo humano na Orla, colonizado logo após o interregno (por isso o di-) por arcologitas de Daronne. A civilização emereliana é tecnologicamente avançada, culta, pacífica, mas estática e um tanto quanto regimentada. Os cidadãos vivem em torres-cidades de quilômetros de altura (arcologias) cercadas por fazendas e florestas, mas nunca deixam os edifícios em que nascem. Os descontentes podem servir na frota estelar mercantil de di-Emerel, mas não podem retornar às suas torres natais.

Emereliano. Nativos de di-Emerel.

Erikan. Mundo humano cujo nome vem da líder religiosa Erika Storm-jones, colonizado por seus seguidores e dedicados aos preceitos que ela pregou, especialmente a imortalidade por meio da clonagem.

Escuralba. Mundo humano na Orla, perto da borda do espaço inter-

galáctico. Depois de Escuralba não há nada; os céus de inverno são vazios, com exceção da luz de galáxias distantes. O mundo é pouco povoado, solitário e tem vários cultos religiosos estranhos. O controle do clima é uma arte aperfeiçoada ao longo do tempo, mas, fora isso, a tecnologia não é enfatizada.

Escuralbinos. Residentes de Escuralba.

Eshellin. Mundo humano na Orla, colonizado por imigrantes de Daronne. Relativamente primitivo e esparsamente povoado.

Esperança do Trapaceiro. Mundo humano na região celiana, antigamente capital desta zona.

Espetros arbóreos. Pequenos roedores predatórios nativos de Kimdiss, chamados assim porque trocam de pele várias vezes antes da maturidade e deixam as "cascas" transparentes ao redor do ninho para espantar os inimigos.

Estarrocha. Mundo artificial entre Prometeus e Rhiannon criado pelo Império Federal para ser usado como base operacional durante a Guerra Dupla. Estarrocha está localizada no meio do espaço, não orbita nenhuma estrela e é bem pequena. De certo modo, parece mais com uma enorme nave espacial estacionária do que com um planeta de verdade. Atualmente é dominada por Prometeus.

Estranguladores. Espécie comum de árvore toberiana.

Esvoch. Cidade do Festival construída por Eshellin.

Eyn-kethi. Termo kavalariano para mulher parideira do grupo, sexualmente disponível para todos os homens; literalmente, ligada aos irmãos do grupo.

Filho do Sonhador. Líder religioso que viveu em Deirdre em meados do período Federal. O Filho do Sonhador pregava um credo de pacifismo físico e agressão psicológica e dizia a seus seguidores para resistir aos seus inimigos com esperteza, em vez de força. Hoje, seus ensinamentos são influentes em Kimdiss, Kayan, Tamber e em vários outros mundos. Filhos de Satã. Ver Coroa do Inferno.

Fyndii. Raça alienígena e primeiros extraterrestres sencientes a fazer contato com a humanidade. Os fyndii foram um dos inimigos que o Império Federal enfrentou na Guerra Dupla. Nenhum tipo de lealdade de raça parece unir os fyndii; sua sociedade é baseada em "hordas" empaticamente ligadas, e cada horda é uma rival ferrenha de todas as outras. Insensíveis e incapazes de estabelecer laços duradouros, são párias sem amigos. Os fyndii governam aproximadamente noventa mundos, geralmente perto dos mundos colonizados pelos homens.

Githyanki. Raça-escrava hrangana, freqüentemente chamada de sugadores de almas pelos humanos. Quase não sencientes, malévolos e telepatas potentes, os githyanki eram capazes de alterar e controlar mentes humanas, criando falsas visões, alucinações e sonhos, fortalecendo o lado animal do homem e entortando juízo e raciocínio, com o propósito final de colocar irmãos contra irmãs.

Grande Mar Negro. Termo dos mundos exteriores que designa o espaço entre as galáxias, onde não há estrelas.

Grupo Jadeferro. Um dos quatro grupos-coalizão modernos de Alto Kavalaan. O grupo Jadeferro é um dos dois grupos kavalarianos mais progressistas.

Grupo Shanagate. Um dos quatro grupos-coalizão modernos de Alto Kavalaan.

Grupo. Unidade social básica de Alto Kavalaan. O termo também é utilizado para designar uma câmara subterrânea ou uma série de câmaras, facilmente defensáveis contra ataques, que abriga de seis a uma centena de pessoas. Antigamente, cada grupo era uma entidade independente, uma combinação de família e nação. Em pouco tempo, no entanto, os grupos começaram a fazer alianças e a se fundir com outros grupos, e até mesmo fazer passagens subterrâneas; esses grupos são chamados grupos-coalizão. Em tempos modernos, o termo grupo é usado com mais liberdade para designar o que seria mais adequadamente chamado grupo-coalizão.

Guerra Dupla. Conflito com séculos de duração entre o Império Federal e duas raças alienígenas, os fyndii e os hranganos. É também conhecida como Grande Guerra, Guerra Fyndii, Conflito Hrangano, Guerra dos Mil Anos ou simplesmente A Guerra. Em muitos sentidos, a Guerra Dupla foi, na verdade, dois conflitos; os inimigos nunca tiveram contato uns com os outros e jamais chegaram a ser aliados, ainda que ambos estivessem engajados em uma guerra contra a humanidade. O Império Federal ocupou o espaço entre os dois inimigos e, por isso, lutou em duas frentes; enquanto as hordas fyndii se dirigiam para o Centro, o então chamado Império Hrangano atacava a orla da galáxia. A guerra contra os fyndii começou primeiro e foi, de modo geral, um conflito mais curto e mais leal, finalmente resolvido através de negociações e pela intervenção de uma terceira raça alienígena, os Damoosh. Os hranganos eram consideravelmente menos compreensíveis e muito mais inflamados. As hostilidades nunca terminaram oficialmente entre Hranga e a Terra; as duas civilizações sofreram um colapso. A humanidade passou pelo interregno e se recuperou, embora nunca mais como uma única unidade política. Os hranganos sofreram genocídio virtual nas mãos de suas próprias raças-escravos e dos colonizadores humanos.

Homens alterados. Humanos geneticamente alterados do mundo de Prometeus. Os cirurgiões prometenses fazem experiências constantes, por isso há muitas variedades de Homens Alterados. Na linguagem comum, o

termo costuma designar todos os prometenses.

Hranganos. Grandes inimigos da humanidade durante a Guerra Dupla, os hranganos eram talvez os alienígenas mais estranhos já encontrados. Seu sistema social era estruturado a partir de uma série de castas biológicas que, em sua maioria, pareciam pertencer a espécies diferentes, de tão distintas que eram. Entre os milhões de hranganos, apenas os chamados Mentos eram realmente inteligentes, e a humanidade nunca se comunicou com êxito nem mesmo com eles. Os hranganos eram incrivelmente xenófobos. Antes da Guerra Dupla, haviam escravizado uma dúzia de raças menos avançadas, e há evidências de terem exterminado outras completamente. A guerra efetivamente destruiu os hranganos, exceto na Antiga Hrang e em um punhado de suas colônias mais antigas.

Hruun. Raça-escrava hrangana usada freqüentemente em combate na Guerra Dupla. Os hruun eram mais inteligentes do que a maioria dos escravos hranganos. Seu mundo natal era um planeta de alta gravidade (segundo os padrões humanos), por isso eram guerreiros de força descomunal. Entre seus atributos estava a visão infravermelha, o que os tornava especialmente adequados para o combate noturno.

Imperiais da Terra. Originalmente, administradores enviados da Terra durante o apogeu do Império Federal. Depois do interregno, o termo passou a denominar qualquer humano que viveu durante o período do Império.

Império Federal. Unidade política que governou o espaço humano durante os primeiros séculos dos vôos espaciais. Colonizou a maior parte dos mundos de primeira e segunda geração (além de alguns de terceira), empreendeu a Guerra Dupla e colapsou durante o conflito. O termo em si era convenientemente equívoco; o então chamado império era, na verdade, uma burocracia democrática-socialista-cibernética. As decisões finais estavam a cargo de um administrador-chefe, que era eleito e

respondia a uma legislatura tricameral localizada em Genebra, na Antiga Terra. Mas a maioria das decisões cotidianas na própria Terra eram conduzidas por inteligências artificiais, em vastos centros de computação. Nos anos turbulentos da Guerra Dupla, o Império Federal tornou-se cada vez mais repressivo e perdeu contato com as colônias e até mesmo com os braços militares.

Interregno. Período histórico entre o Colapso e a retomada dos voos espaciais. Por sua natureza, o interregno é difícil de ser datado com precisão. Alguns mundos enfrentaram o Colapso mais cedo, outros, mais tarde; alguns ficaram sem voos estelares por cinco anos, alguns por cinquenta, alguns por quinhentos; alguns - como Ávalon, Baldur, Nova Holme e Antiga Terra - nunca ficaram realmente isolados do resto da humanidade, enquanto outros talvez ainda não tenham sido redescobertos. Normalmente, diz-se que o interregno durou "uma geração"; isso é válido como uma aproximação rude, considerando-se apenas os principais mundos humanos.

Jóia-sussurrante. Um cristal "talhado" psionicamente para reter certas emoções ou pensamentos. Essas emoções ou pensamentos só podem ser percebidos quando o cristal é segurado por mentes "ressoantes" ou sensíveis. Qualquer tipo de cristal pode ser transformado em uma jóia-sussurrante, mas certos tipos de gemas retêm os padrões melhor do que outros. A força e a clareza de uma jóia-sussurrante também pode variar com o tempo, e com o grau de habilidade do ésser que a talhou. As jóias-sussurrantes de Ávalon são muito apreciadas; Ávalon tem tanto cristais de excelente qualidade quanto vários éssers com talentos potentes. Alguns mundos menos desenvolvidos são conhecidos por produzir jóias-sussurrantes ainda melhores, mas esses produtos raramente chegam ao mercado interestelar.

Kavalariano. Nativo de Alto Kavalaan.

Kenn. Grupo-coalizão kavalariano extinto.

Keth, kethi. Termos kavalarianos para os homens de qualquer grupo ou grupo-coalizão; literalmente irmão(s) de grupo.

Kimdiss. Mundo humano na Orla, colonizado por um grupo religioso pacifista, é atualmente a maior força comercial dos mundos exteriores. Os kimdissianos são tradicionalmente não violentos e, por isso, hostis ao código de honra de Alto Kavalaan.

Kimdissiano. Nativo de Kimdiss.

Korariel. Termo kavalariano que significa, literalmente, propriedade protegida. Originalmente usado por indivíduos ou grupos para designar certos quase-homens ou grupos de quase-homens como presas particulares; quem não respeitava estava sujeito a desafio e duelo. Mais tarde, passou a ser usado pelos grupos mais progressistas para proteger os primitivos de serem exterminados pelos caçadores kavalarianos tradicionais. A rigor, o termo não pode ser aplicado para humanos reais, apenas para quase-homens ou animais.

Kryne Lamiya. Cidade do Festival construída em Worlorn por Escuralba. Frequentemente chamada de Cidade Sereia, Kryne Lamiya foi projetada para que suas torres fizessem música com os ventos controlados das montanhas. Com isso, tocava ininterruptamente uma sinfonia da principal compositora escuralbina, a niilista Lamiya- Bailis.

Larteyn. Cidade do Festival construída na cadeia de montanhas de Worlorn por Alto Kavalaan. Larteyn, literalmente, significa ligada ao céu, ou teyn do céu. A cidade foi decorada com grandes quantidades de pedrardente e, por isso, é frequentemente chamada de Fortaleza de Fogo.

Leteo. Um dos nomes da primeira colônia humana na Orla. Também

conhecida como Colônia Esquecida ou Colônia Perdida. Todos esses termos têm origem nos mundos das devascadas; o próprio povo perdido chama seu planeta de Terra. Leteo é o mais antigo mundo humano além do Véu do Tentador, tão antigo que todos os detalhes de sua colonização se perderam, restando apenas conjecturas. A população do planeta é em sua maioria formada por pescadores, sem nenhum interesse em outra forma de vida que não a deles mesmos.

Lupino. Um nativo de Tocadelobo.

Montanha Pedrardente. Um dos maiores grupos-coalizão da história kavalariana, finalmente derrotado e destruído por seus inimigos, agora abandonado.

Moradas do Carvão Profundo. Grupo-coalizão mitológico de Alto Kavalaan que, segundo as lendas, existiu em tempos remotos. Os integrantes das Moradas do Carvão Profundo eram canibais que caçavam e comiam membros dos outros grupos, até serem destruídos em guerra. Dizia-se que eram meio humanos, meio demônios.

MRL. Mais Rápido do que a Luz.

Mundo de Jamison. Mundo humano nas devascadas, colonizado principalmente por Antigo Poseidon. Os jamisianos habitam as abundantes ilhas e arquipélagos do planeta; o único continente é ainda inexplorado. O Mundo de Jamison é um centro industrial e comercial regional, e seus comerciantes rivalizam com Ávalon.

Mundo do Oceano Vinhonegro. Mundo humano na Orla, colonizado em di-137 por Antigo Poseidon.

Mundos exteriores. Termo que designa todos os mundos da Orla, ou seja, as catorze colônias humanas entre o Véu do Tentador e o Grande Mar Negro.

Musquel-junto-ao-Mar. Cidade do Festival projetada como as de Leteo e construída em Worlorn por uma coalizão de mundos exteriores para a Colônia Perdida, que não tinha tecnologia para cumprir a tarefa com tanta rapidez. Com um porto pitoresco de madeira e tijolos multicoloridos, Musquel era uma das mais populares atrações do Festival.

Não humano. Seres humanos que evoluíram ou sofreram tantas mutações que não podem mais procriar com o resto da raça.

Nova Holme. Primeira colônia humana interestelar; um mundo urbanizado, superpovoado e altamente tecnológico a apenas 4,3 anos-luz da Antiga Terra. Desde o interregno e o isolamento da Antiga Terra, Nova Holme é normalmente considerada o mundo humano mais avançado e o centro do tráfico comercial interestelar. É também a capital nominal da então chamada União da Humanidade, uma unidade política que reivindica jurisdição sobre toda a raça humana. Apenas três mundos além de Nova Holme reconhecem essa autoridade, no entanto, e a União é essencialmente uma ficção.

Olho do Inferno. Ver Satã Gordo.

Padrão. Unidade monetária largamente utilizada no comércio interestelar e em quase todos os mundos humanos mais importantes. O termo também designa a linguagem desse comércio e da maioria dos viajantes humanos interestelar. É também chamado Terran, Padrão Terran, Tétrico e Comum. Também usado como adjetivo para denotar unidades de tempo correspondentes àsquelas da Antiga Terra. Daí vem hora-padrão, dia-padrão, ano-padrão etc.

Pedrardente. Pedra nativa de Alto Kavalaan, capaz de estocar luz e emití-la na escuridão. A pedrardente é usada tanto em construções quanto na fabricação de jóias e é um importante produto de exportação kavalariano.

Prometeus. Mundo humano nas devascadas, colonizado durante a Guerra Dupla por um destacamento militar do Império Federal chamado Comando da Guerra Ecológica. Localizada bem no centro da zona de guerra e na esfera de influência hrangana, Prometeus foi quartel-general para as naves de guerra biológica que espalhavam doenças, insetos e pragas (animais e vegetais) entre os hranganos. Após o Colapso, Prometeus retomou os voos estelares rapidamente, e também preservou e desenvolveu técnicas de clonagem e manipulação genética que haviam sido guardadas cuidadosamente como segredos do Império Federal. Um dos mundos mais poderosos das devascadas, Prometeus é, de fato, governante de seus vizinhos mais próximos, Rhiannon e Estarrocha, e exerce grande influência em vários outros planetas. Ver também Homens Alterados.

Punho de Bronze. Extinto grupo-coalizão de Alto Kavalaan.

Rhiannon. Mundo humano nas devascadas, colonizado por Deirdre durante o período intermediário do Império Federal. Um mundo rico e bucólico, Rhiannon é tacitamente governado por Prometeus e não tem frota estelar própria.

Roda de Fogo. Nome do sistema estelar de sete sóis localizado na Orla, atrás do Véu do Tentador. A Roda é considerada por alguns um monumento artificial de uma raça desaparecida de supercriaturas. Ver também Satã Gordo, Coroa do Inferno.

Rommel. Mundo frio de alta gravidade colonizado diretamente pela Terra logo no início do período Federal. Rommel e Wellington, um planeta-gêmeo no mesmo sistema, começaram como desagradáveis planetas-prisões para criminosos da Terra, mas durante a Guerra Dupla, os dois se tornaram o que ficou conhecido como Mundos Bélicos, a partir dos quais os Imperiais da Terra enviavam quase todos seus esquadrões de ataque. Os "bélicos" - termo que designava todos os guerreiros das tropas que partiam

de Rommel e Wellington - viviam sua vida sob uma rígida disciplina militar e recebiam drogas e treinamento especial para desenvolver seu poder de luta. No fim, as alterações genéticas transformaram os bélicos em não humanos, incapazes de procriar com outros humanos. Rommel perdeu sua frota estelar durante o Colapso e nunca a recuperou. Comerciantes evitam o planeta; rommelianos são considerados desumanos e perigosos.

Satã Gordo. Supergigante vermelha localizada além do Véu do Tentador, notável pelos seis sóis amarelos que a circundam, formando um hexágono imaginário; o sistema inteiro é chamado Roda de Fogo. Alguns especulam que a Roda foi criada por uma raça desaparecida de supercriaturas, capazes de mover sóis. O Satã Gordo é também conhecido como O Olho do Inferno e O Cubo.

Sóis Troianos. Ver Coroa do Inferno.

Stormjones. Planeta primitivo na região celiana, cujo nome homenageia a líder religiosa Erika Stormjones. Ver também Erikan.

Sugador de alga. Ver githyanki.

Taal. Grupo-coalizão extinto de Alto Kavalaan.

Tara. Mundo humano próximo ao Véu do Tentador, nas fronteiras das devascadas. Tara foi colonizada pelo menos cinco vezes por imigrantes de mundos muito distintos, e também foi repetidamente invadida durante a Guerra Dupla, por isso, atualmente, é lar de muitas culturas estranhas e fragmentadas. As influências dominantes, contudo, estão enraizadas na primeira colonização: a Igreja Católica Romana-Irlandesa Reformada, e o governador-guerreiro hereditário chamado Cuchulainn.

Teyn. Termo kavalariano para um homem ligado a outro homem, normalmente pela vida toda, em uma relação de igual para igual; a relação mais próxima existente entre os kavalarianos; literalmente meu laço, laço-

íntimo ou mantido próximo.

Tober-no-Véu. Mundo humano no limite exterior do Véu do Tentador, geralmente considerado parte da Orla. Tober foi descoberto e colonizado durante o Colapso pela 17ª Frota Humana com base em Ávalon, em rebelião contra o Império Federal. Os toberianos são o mundo exterior mais avançado tecnologicamente, superando até mesmo o Império Federal no desenvolvimento de escudos energéticos e pseudo-matéria. Os toberianos mantêm uma poderosa força militar e exercem influência em vários dos planetas mais primitivos da Orla.

Tocadelobo. Mundo humano na Orla, colonizado durante o Colapso por refugiados de Fenris. A cultura de Tocadelobo é considerada dinâmica e volátil; o planeta é um grande rival econômico de Kimdiss e, militarmente, fica atrás apenas de Tober entre os mundos exteriores.

Véu do Tentador. Nuvem de pó interestelar e gases perto da parte superior da lente galáctica que impede a visão da Roda de Fogo e das estrelas dos outros mundos exteriores; é o limite entre a Orla e as devascadas.

Vinhonegrino. Nativo do Mundo do Oceano Vinhonegro.

Wellington. Mundo quente de alta gravidade colonizado diretamente da Terra no início do período Federal como uma colônia penal. Wellington e seu planeta-irmão, Rommel, mais tarde se tornaram os Mundos Bélicos de onde saíam os ferozes combatentes do Império Federal. Ver também Rommel. Toda a vida em Wellington foi destruída no final da Guerra Dupla, quando a 13ª Frota Humana, sob comando de Stephen Cobalt Northstar, se rebelou contra o Império Federal. O evento é frequentemente citado como o início do Colapso.

Worlorn. Planeta errante descoberto por Célia Marcyan; local do Festival da Orla entre di-589 e di-599, enquanto passava perto da Roda de Fogo.

